



Jeffery Deaver

AUTOR DE O COLECCIONADOR DE OSSOS

CARTE BLANCHE

O NOVO ROMANCE DE JAMES BOND

007



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Jeffery Deaver

CARTE BLANCHE

Tradução de
Ricardo Gomes Quintana



EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO

2012

CIP-Brasil. Catalogação na fonte
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

D329c Deaver, Jeffery
Carte blanche / Jeffery Deaver; tradução de Ricardo Quintana. – Rio de Janeiro:
Record, 2012.

Tradução de: Carte blanche
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-01-40105-2

1. Ficção americana. I. Quintana, Ricardo. II. Título.

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Título original em inglês:
Carte blanche

Copyright © Ian Fleming Publications Ltd 2011

Editoração eletrônica da versão impressa: Ilustrarte Design e Produção Editorial

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de
quaisquer meios. Os direitos morais do autor foram assegurados.

James Bond e 007 são marcas registradas da Danjaq, LLC, licenciados para a Ian Fleming
Publications Ltd.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos
pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 – Rio de Janeiro, RJ – 20921-380 – Tel.: 2585-2000, que se reserva a
propriedade literária desta tradução.

Produzido no Brasil

ISBN 978-85-01-40105-2

Seja um leitor preferencial Record.

Cadastre-se e receba informações sobre nossos lançamentos e nossas promoções.

Atendimento e venda direta ao leitor:

mdireto@record.com.br ou (21) 2585-2002.

*Ao homem que nos ensinou
que ainda podíamos acreditar em heróis,
Ian Fleming*

NOTA DO AUTOR

Esta é uma obra de ficção, embora em busca de autenticidade tenha me referido a lugares reais, personagens históricos e marcas famosas, como Audi, Bentley, InterContinental, iPhone, Mercedes, Maserati e Oakley. Da mesma forma, com algumas poucas exceções, as organizações de espionagem mencionadas são verdadeiras. Em contrapartida, no livro, todos os personagens, suas companhias e ações são puramente ficcionais, e qualquer semelhança com qualquer empresa real ou pessoa viva é mera coincidência.

O mundo da espionagem, contraespionagem e inteligência é cheio de acrônimos e abreviaturas. Já que a sopa de letrinhas das agências de segurança pode tornar-se um pouco intimidadora, achei que um glossário seria de ajuda. Ele encontra-se no final do livro.

J. D.

O que se precisa é de uma organização nova, que coordene, inspire, controle e ajude os habitantes dos países oprimidos (...). Necessitamos de sigilo absoluto, de uma espécie de entusiasmo fanático, de boa vontade para trabalhar com pessoas de nacionalidades diferentes e confiabilidade política total. Essa organização deveria, a meu ver, ser completamente independente da máquina do Ministério da Guerra.

— Hugh Dalton, ministro de Políticas Econômicas em Tempo de Guerra, descrevendo a formação do grupo executivo de Operações Especiais de espionagem e sabotagem do Reino Unido, no início da Segunda Guerra Mundial.

Domingo

O DANÚBIO VERMELHO

1

Com a mão na alavanca do acelerador, o maquinista da locomotiva a diesel das linhas férreas sérvias sentia a emoção de sempre, naquele trecho especial da ferrovia, que ia do norte de Belgrado até as cercanias de Novi Sad.

Era a rota do famoso Expresso do Oriente Arlberg, que saía da Grécia, passava por Belgrado e seguia para o norte, entre as décadas de 1930 e 1960. É claro que não estava pilotando nenhuma reluzente maria-fumaça Pacific 231, nem rebocando elegantes vagões-restaurantes, suítes e dormitórios, de mogno e bronze, onde os passageiros flutuavam num oceano de luxo e expectativa. Ele comandava uma máquina americana combalida, que arrastava material rodante pouco confiável, acondicionado de forma confortável ao lado de uma carga trivial.

Ainda assim, sentia o peso da história a cada paisagem que o trajeto descortinava, em especial quando se aproximava do rio, o *seu* rio.

No entanto, encontrava-se inquieto.

Entre os vagões com destino a Budapeste, carregados de carvão, ferro-velho, bens de consumo e madeira, havia um que o

preocupava muito. Levava tonéis de MIC — metil isocianato — que seriam usados na Hungria, na fabricação de borracha.

O maquinista — homem calvo, gordo, com um boné surrado e macacão cheio de manchas — fora cuidadosamente instruído sobre aquele produto químico mortal pelo supervisor e por um idiota qualquer do ministério sérvio de Transporte Seguro e Bem Estar. Alguns anos antes, aquela substância havia matado 8 mil pessoas em Bhopal, na Índia, poucos dias depois de um vazamento numa fábrica.

Reconhecia o perigo que a carga representava, mas, ferroviário veterano e membro do sindicato, perguntara:

— O que isso significa numa viagem até Budapeste... especificamente?

O chefe e o burocrata trocaram olhares oficiais e, após uma pausa, decidiram responder:

— Apenas tenha cuidado.

As luzes de Novi Sad, segunda maior cidade da Sérvia, começaram a fundir-se a distância e, à frente, na noite que caía, o Danúbio parecia uma faixa pálida. Na história e na música, o rio era celebrado. Na realidade, tinha cor marrom, nenhuma dramaticidade e era povoado por chatas e navios-tanque, em vez de barcos iluminados por velas transportando amantes e orquestras vienenses — não naquele trecho, pelo menos. Ainda assim, era o Danúbio, ícone do orgulho balcânico, e o peito do maquinista sempre se estufava quando conduzia o trem sobre a ponte.

O seu rio...

Ele olhou através do para-brisa sujo e examinou o trilho adiante, à luz do farol da locomotiva a diesel General Electric. Não havia nada com o que se preocupar.

Havia oito posições no acelerador manual, sendo a primeira a mais baixa. A alavanca estava na quinta, e ele reduziu para a terceira, a fim de desacelerar o trem, que estava entrando numa série de curvas. O motor de 4 mil cavalos suavizou-se enquanto diminuía a voltagem da tração.

Quando os vagões entraram na parte reta da ferrovia, que conduzia à ponte, o maquinista recolocou a alavanca na quinta posição e, depois, passou para a sexta. A locomotiva roncou mais alto e acelerou. Ouviu-se uma série de ruídos estridentes, vindos da parte de trás. O som era, como o maquinista sabia, simplesmente resultado do choque entre os encaixes dos vagões, que protestavam contra a mudança de velocidade, uma cacofonia sem importância que já ouvira mais de mil vezes durante o trabalho. No entanto, a imaginação dizia-lhe que o barulho vinha dos tonéis de metal que continham o produto químico mortal no vagão três, batendo uns contra os outros, apresentando o risco de espalhar o veneno.

— Bobagem — disse a si mesmo, e concentrou-se em manter a velocidade estável.

Depois, por nenhuma razão em especial que não fosse o fato de fazê-lo sentir-se melhor, tocou a buzina do trem.

2

Do alto de um morro, cercado pelo mato alto, um homem de rosto sério e aspecto de caçador ouviu uma buzina a quilômetros de distância. Uma espiada mostrou-lhe que o som vinha do sul, de um trem que se aproximava. Chegaria ali em 10 ou 15 minutos. Perguntou-se como o trem afetaria a precária operação que estava para acontecer.

Mudando ligeiramente de posição, examinou a locomotiva a diesel e a longa fileira de vagões a reboque com uma luneta de visão noturna. Achando que o trem não tinha importância para ele e seus planos, James Bond desviou o foco de volta ao restaurante do hotel-spa e, mais uma vez, fixou seu alvo através da janela. O prédio era grande, de estuque amarelo, com ornamentos em marrom. Parecia ser apreciado pelos habitantes locais, em vista do número de Zastavas e Fiat sedã parados no estacionamento.

Eram 20h40, e a noite de domingo estava clara ali, perto de Novi Sad, onde a planície Panônia tornava-se uma paisagem que os sérvios chamavam de "montanhosa", embora Bond achasse que o adjetivo tivesse sido escolhido para atrair turistas; para ele, esquiador experiente, aquelas elevações pareciam meras colinas. O

ar de maio era seco e fresco, os arredores tão silenciosos quanto uma capela funerária.

Bond trocou de posição novamente. Trintão, media 1,82m e pesava 77 quilos. O cabelo negro era partido de lado e uma mecha solta pendia sobre um dos olhos. Uma cicatriz de 7 centímetros estendia-se ao longo da face direita. Naquela noite, havia tomado certos cuidados com seu traje. Usava um casaco verde escuro e calças à prova d'água da marca americana 5.11, fabricante das melhores roupas táticas do mercado. Nos pés, calçava botas de couro já surradas, que haviam sido feitas para perseguir e oferecer firmeza em caso de briga.

À medida que a noite caía, as luzes vindas do lado norte brilhavam com mais intensidade: eram da velha cidade de Novi Sad. Apesar de animada e agradável agora, Bond sabia que o local tinha um passado sombrio. Depois de os húngaros terem massacrado milhares de seus cidadãos, em janeiro de 1942, e atirado os corpos no Danúbio gelado, Novi Sad tornara-se um foco de resistência guerrilheira. Bond estava ali naquela noite para impedir outro horror, de natureza diferente, mas de magnitude semelhante ou pior.

No dia anterior, sábado, um alerta havia circulado pela comunidade da inteligência britânica. O GCHQ, em Cheltenham, decodificara um boato eletrônico sobre um ataque no final daquela semana.

reunião no escritório de noah, confirmar incidente de sexta à noite, dia 20, estimativa inicial de perdas de vidas em torno de milhares, interesses britânicos afetados de forma adversa, transferências de fundos como combinado.

Não muito tempo depois, os espões do governo também decifraram parte de uma segunda mensagem de texto, enviada do mesmo

telefone, com os mesmos algoritmos de codificação, mas para outro número.

me encontre domingo no restaurante rostilj fora de novi sad, 20h. tenho 1,88m, sotaque irlandês.

Então, o irlandês — que, gentilmente, mesmo que de forma inadvertida, fornecera o próprio apelido — destruiu o telefone ou tirou a bateria, do mesmo modo que os destinatários das mensagens.

Em Londres, o Comitê Misto de Inteligência e os membros do COBRA, o organismo para gerenciamento de crises, fizeram uma reunião, até tarde da noite, a fim de calcular os riscos do Incidente Vinte, assim chamado por causa da data de sexta-feira.

Não havia informações confiáveis sobre a origem ou a natureza da ameaça, mas o MI6 supunha que vinha das regiões tribais do Afeganistão, onde a al-Qaeda e suas afiliadas tinham começado a recrutar espiões ocidentais em países europeus. Os agentes do MI6 em Cabul iniciaram um esforço concentrado para saber mais. Era preciso ir atrás da conexão sérvia também. E, assim, às 22h, na noite anterior, os longos tentáculos desses acontecimentos esticaram-se e agarraram Bond, que estava sentado num restaurante exclusivo, na Charing Cross Road, com uma bela mulher, cuja descrição prolixa de sua vida como pintora pouco apreciada tinha-se tornado cansativa. A mensagem no celular de Bond dizia:

NIACT, ligar para COS.

O alerta de ação noturna significava que uma resposta imediata era necessária, independentemente da hora em que fosse recebido. A ligação para o chefe de gabinete tinha felizmente encurtado o

encontro e, pouco depois, Bond já se encontrava a caminho da Sérvia, com ordem de projeto de Nível 2, que o autorizava a identificar e seguir o irlandês, e a plantar rastreadores e outros recursos de vigilância. Se isso fosse impossível, a ordem autorizava Bond a realizar uma rendição extraordinária do irlandês e enviá-lo de volta à Inglaterra, ou para qualquer outra área secreta no Continente, a fim de ser interrogado.

Assim, Bond encontrava-se agora em meio a narcisos brancos, tomando cuidado para evitar as folhas daquela bela, porém venenosa, flor de primavera. Estava concentrado em olhar para a janela da frente do Restoran Roštilj, do outro lado da qual o irlandês encontrava-se sentado, diante de um prato quase intacto, conversando com um parceiro ainda não identificado, de aparência eslava. Talvez nervoso, o contato local estacionara o carro em outro lugar e caminhara até ali, não fornecendo nenhum número de placa que pudesse ser investigado.

O irlandês não fora tão tímido. Seu Mercedes, de modelo inferior, chegara quarenta minutos antes. A placa revelava que o veículo havia sido alugado naquele dia, com pagamento em espécie, sob nome falso, com uma carteira de habilitação e passaporte, ambos britânicos e falsos. O homem tinha mais ou menos a idade de Bond, talvez um pouco mais velho; media 1,88m e era magro. Caminhara em direção ao restaurante de maneira desajeitada, com os pés voltados para fora. Uma franja loura bizarra caía sobre a testa grande, e as maçãs do rosto angulosas contrastavam com o queixo quadrado.

Bond ficou satisfeito que aquele fosse o alvo. Duas horas antes, havia entrado no restaurante para tomar um café e fixar uma escuta no lado de dentro da porta. O homem chegara na hora marcada e

falara com o chefe dos garçons em inglês — devagar e em voz alta, como os estrangeiros muitas vezes fazem quando falam com habitantes locais. Para Bond, que ouviu tudo graças a um aplicativo em seu telefone, a 30 metros de distância, o sotaque era claramente de Ulster — com grande probabilidade de ser de Belfast ou das cercanias. Infelizmente, o encontro entre o irlandês e seu contato local acontecia fora do alcance do microfone implantado.

Pela luneta, Bond estudava o adversário, tomando nota de cada detalhe.

“Pequenas pistas podem salvar e pequenos erros, matar”, era algo que os instrutores de Fort Monckton costumavam frisar.

Observou que os modos do irlandês eram precisos e que não fazia gestos desnecessários. Quando o parceiro desenhou um diagrama, ele puxou-o mais para perto com a ponta da borracha de uma lapiseira, de forma a não deixar impressões digitais. Sentava-se de costas para a janela e em frente ao parceiro; o equipamento de vigilância instalado no celular de Bond não conseguia ler os lábios de nenhum dos dois. A certa hora, o irlandês virou-se rápido e olhou para fora, como se alertado por um sexto sentido. Os olhos claros não tinham expressão. Depois de um tempo, voltou-se para a comida, que aparentemente não o interessava.

O jantar pareceu, então, estar terminando. Bond desceu de seu ponto de observação, abrindo caminho em meio a abetos, pinheiros espaçados e arbustos anêmicos, com pencaas de onipresentes flores brancas. Passou por uma placa desbotada, em sérvio, francês e inglês, que lhe causara graça em sua chegada e que dizia:

SPA E RESTAURANTE ROŠTILJ

Localizado numa região reconhecidamente terapêutica e recomendado por todos para convalescências após cirurgias, de ajuda especial para enfermidades agudas e

crônicas das vias respiratórias e para anemia.

Bar completo.

Ele retornou ao teatro das manobras, atrás de um galpão decrepito, que cheirava a óleo de motor, gasolina e mijo, próximo ao acesso para o restaurante. Seus dois “camaradas”, como os considerava, estavam aguardando ali.

James Bond preferia trabalhar sozinho, mas o plano que havia concebido requeria dois agentes locais. Eles eram da BIA, a agência de informações de segurança sérvia, o nome mais inocente que se poderia imaginar para um órgão de espionagem. Os dois estavam disfarçados com uniforme da polícia local de Novi Sad, usando o distintivo dourado do Ministério do Interior. De rostos achatados e cabeças redondas, sem nunca sorrir, usavam o cabelo cortado à máquina sob quepes azul-

marinho. Os uniformes de lã eram do mesmo tom. Um deles devia ter cerca de 40 anos; o outro, 25. Apesar do disfarce de oficiais do interior, eles tinham vindo equipados para a batalha. Traziam pesadas pistolas Beretta e muita munição. No banco de trás do carro policial emprestado, um Volkswagen Jetta, havia duas metralhadoras Kalashnikov verde-camuflagem, uma Uzi e uma sacola de lona repleta de granadas de fragmentação — coisa séria, HG 85 suíças. Bond virou-se para o mais velho dos agentes, mas, antes de falar, ouviu uma pancada forte vinda de trás. Com a mão já se movendo em direção a sua Walther PPS, voltou-se rapidamente e viu o sérvio mais jovem amassando um maço de cigarros em sua mão, ritual que ele, ex-fumante, sempre considerara absurdamente constrangedor e desnecessário.

O que o camarada estava *pensando*?

— Quietos — sussurrou, friamente. — E suma com isso. Nada de cigarros.

A perplexidade transpareceu nos olhos escuros.

— Meu irmão, ele fuma o tempo todo quando está em alguma operação. Aqui na Sérvia, isso é mais normal do que *não* fumar.

Durante o percurso até lá, o jovem falara horas e horas sobre o irmão, agente graduado da infame JSO, tecnicamente uma unidade do Serviço Secreto de Estado, embora Bond soubesse que, na verdade, tratava-se de um grupo paramilitar clandestino. O agente deixara escapar, provavelmente de forma intencional, pois dissera com orgulho, que o irmão havia lutado com os Tigres de Arkan, uma gangue impiedosa que tinha cometido algumas das piores atrocidades durante as guerras na Croácia, na Bósnia e no Kosovo.

— Talvez nas ruas de Belgrado um cigarro não seja notado — resmungou Bond —, mas essa é uma operação tática. Suma com isso.

O agente obedeceu a contragosto. Parecia estar prestes a dizer alguma coisa ao parceiro, mas depois pensou melhor, talvez lembrando-se de que o inglês tinha um ligeiro conhecimento de servo-croata.

Bond olhou de novo para o restaurante e viu que o irlandês estava colocando alguns dinares na bandeja de metal — nada de cartões de crédito rastreáveis, naturalmente. O parceiro vestia o casaco.

— Pronto. Está na hora.

Bond reiterou o plano. No carro de polícia, seguiriam a Mercedes do irlandês pelo acesso em direção à rua, até que estivesse a mais ou menos 1 quilômetro do restaurante. Os agentes sérvios, então, interceptariam o carro, dizendo-lhe que este se assemelhava a um

veículo usado durante um crime relacionado a drogas em Novi Sad, e lhe pediriam educadamente que saísse, algemando-o depois. O celular, a carteira e os documentos de identidade seriam colocados no porta-malas do Mercedes. Em seguida, afastariam-no, fazendo-o sentar-se de costas para o carro.

Enquanto isso, Bond se esgueiraria do banco de trás, fotografaria os documentos, baixaria o que pudesse do celular do irlandês, daria uma olhada em seus laptops e na bagagem, plantando dispositivos de rastreamento.

A essa altura, o suposto suspeito já teria percebido que se tratava de um ato de extorsão e ofereceria alguma propina considerável. Seria, então, liberado para seguir seu caminho.

Se o parceiro local saísse do restaurante com ele, executariam basicamente o mesmo plano, só que com os dois homens.

— Tenho noventa por cento de certeza de que ele vai acreditar em vocês — disse Bond. — Mas, caso contrário, se oferecer resistência, lembrem-se de que sob circunstância nenhuma podem matá-lo. Preciso dele vivo. Mirem para feri-lo no braço que ele mais usa, perto do cotovelo, não do ombro.

Apesar do que se vê nos filmes, um ferimento no ombro é, em geral, tão fatal quanto no abdômen ou no peito.

O irlandês saiu então, caminhando para fora. Olhou em volta, fazendo uma parada a fim de estudar a área. Deveria estar pensando se havia algo de diferente. Novos carros tinham chegado depois de ele ter entrado; seria possível notar algo de especial neles? Aparentemente, chegou à conclusão de que não via nenhuma ameaça, e os dois homens entraram no Mercedes.

— Eles vão juntos — disse Bond. — Mesmo plano.

— *Da.*

O irlandês deu partida no motor. Os faróis se acenderam.

Bond levou a mão na direção da Walther, aconchegada no coldre de couro D.M. Bullard, e sentou no banco de trás do carro de polícia, notando uma lata vazia no chão. Um de seus camaradas havia saboreado uma cerveja Jelen Pivo enquanto Bond fazia o serviço de vigilância. A insubordinação incomodou-o menos do que a falta de cuidado. O irlandês poderia ficar desconfiado ao ser parado por um policial com hálito de cerveja. O ego e a cobiça podem ser de utilidade, acreditava ele, mas a incompetência era um perigo inútil e imperdoável. Os sérvios sentaram-se na frente. O motor deu sinais de vida. Bond bateu no fone de ouvido do seu SRAC, o dispositivo de comunicação entre agentes para curta distância, usado em transmissões de rádio camufladas durante operações táticas.

— Canal dois — lembrou-lhes.

— *Da, da* — disse o mais velho, parecendo entediado.

Os dois colocaram os fones.

E James Bond perguntou-se mais uma vez: teria planejado tudo corretamente? Apesar da pressa com que a operação fora organizada, passara horas formulando táticas. Acreditava ter conseguido prever qualquer possível variável.

Exceto uma, parecia-lhe.

O irlandês não fez o que deveria.

Não deixou o local.

O Mercedes *não* tomou o acesso à rua, mas sim deslocou-se para fora do estacionamento, pelo gramado que havia ao lado do restaurante, até o outro lado de uma sebe alta, sem ser visto por garçons ou fregueses. Dirigia-se a uma área de mato baixo, na direção leste.

O agente mais jovem vociferou baixo:

— *Govno!* O que ele está fazendo?

Os três saltaram do carro para poder ver melhor. O mais velho sacou a arma e saiu em perseguição ao Mercedes.

Bond fez-lhe sinal para que parasse:

— Não! Espere.

— Ele está fugindo. Já sabe de nós!

— Não, é outra coisa.

O irlandês não estava dirigindo como se estivesse sendo perseguido. Ia devagar, levando o Mercedes à frente como se fosse um barco singrando uma suave marola matinal. Além disso, não havia nenhum lugar para *onde* pudesse escapar. Encontrava-se cercado por escarpas que davam para o Danúbio, para o aterro da ferrovia, e para a floresta que subia o morro de Fruška Gora.

Bond viu o Mercedes chegar até a linha férrea, a cerca de 100 metros de onde estava. O veículo reduziu a velocidade, fez uma curva fechada e parou, com o capô de costas para o lado do restaurante. Estava próximo de um barracão de trabalho da ferrovia e de um desvio dos trilhos, de onde uma linha secundária partia da principal. Os dois homens saltaram e o irlandês pegou algo no portamalas.

O propósito do inimigo dita a sua reação — outra máxima das palestras no Centro de Treinamento Especial de Fort Monckton, em Gosport, que Bond recitou silenciosamente. É preciso descobrir a intenção do adversário.

Mas qual *era* seu propósito?

Bond pegou de novo a luneta, acionou a visão noturna e focalizou. O parceiro abriu um painel armado num poste de sinalização e começou a mexer nos componentes internos. Bond viu que a linha secundária, que levava para a direita, era um ramal

enferrujado e fora de uso, que terminava numa barreira no alto do morro.

Era uma sabotagem. Eles iam descarrilar o trem, fazendo-o seguir pelo desvio. Os vagões rolariam pela encosta até um riacho que corria para o Danúbio.

Mas por quê?

Bond apontou a luneta em direção à locomotiva a diesel e aos vagões, descobrindo, por fim, a resposta. Os dois primeiros continham apenas ferro-velho, mas, atrás destes, uma capa de lona, sobre um vagão plataforma, trazia estampadas as palavras *Opasnost* — *Perigo!* Viu também o símbolo de substância perigosa, marca universal de alerta que indica às equipes de resgate os riscos de determinada carga. De forma alarmante, a especificação tinha números altos para as três categorias: saúde, instabilidade e inflamabilidade. O *W*, embaixo, significava que a substância reagia perigosamente com a água. O que estava sendo transportado naquele vagão situava-se na categoria mais letal, perdendo apenas para material nuclear.

O trem encontrava-se, então, a cerca de mil metros do desvio, tomando velocidade para transpor a subida até a ponte.

O propósito do inimigo dita a sua reação...

Ele não sabia como aquela sabotagem relacionava-se ao Incidente Vinte, se é que havia alguma ligação entre as duas coisas, mas o objetivo imediato daqueles dois estava claro, assim como a reação que Bond esboçou de maneira instintiva, dizendo aos camaradas:

— Se tentarem ir embora, detenham os dois no acesso à rua e segurem-nos lá. Nada de força letal.

Ele pulou para o assento de motorista do Jetta. Apontou o carro na direção do campo onde estivera de guarda e pisou no acelerador enquanto soltava a embreagem. O carro leve disparou, com motor e caixa de marchas reclamando ruidosamente do tratamento bruto, enquanto esmagava arbustos, brotos de árvores, narcisos e pés de framboesa, que cresciam em todos os lugares na Sérvia. Cachorros fugiam e luzes acendiam-se nos pequenos casebres próximos. Moradores, nos seus jardins, balançavam os braços em protesto.

Bond ignorou-os e concentrou-se em manter a velocidade enquanto conduzia o veículo em direção a seu destino, guiado apenas por uma iluminação precária: uma lua parcial no céu e o farol do trem condenado, mais brilhante e redondo do que o luar.

3

A morte iminente pesava sobre ele.

Niall Dunne estava agachado no meio do mato, a 10 metros do desvio. Em meio à luz fraca do início da noite, forçou os olhos para ver a cabine do maquinista do trem de carga das linhas férreas sérvias enquanto este se aproximava, e pensou de novo: uma tragédia.

Em primeiro lugar, a morte significava, em geral, um desperdício, e Dunne era, antes de tudo, um homem que não gostava de desperdícios — eram quase um pecado para ele. Locomotivas a diesel, bombas hidráulicas, pontes levadiças, motores elétricos, computadores, linhas de montagem... Todas as máquinas eram feitas para desempenhar suas tarefas com um mínimo de desperdício possível.

A morte era um desperdício de eficiência.

Mesmo assim, não parecia haver uma forma de evitá-la aquela noite.

Olhou em direção ao sul, para as agulhas brilhantes de luz branca sobre os trilhos, que vinham do farol da locomotiva. Depois, lançou os olhos em volta. O Mercedes estava fora da visão do trem,

estacionado no ângulo certo, a fim de permanecer oculto de quem estivesse na cabine. Era mais um dos cálculos precisos que havia acrescentado a seu plano para aquela noite. Ouviu, na lembrança, a voz do chefe.

Esse é Niall. Ele é brilhante. É o meu projetista...

Dunne achou que podia ver a sombra da cabeça do maquinista na cabine da locomotiva.

Morte... Tentou livrar-se do pensamento.

O trem estava agora a 400 ou 500 metros de distância.

Aldo Karic veio juntar-se a ele.

— Qual é a velocidade? — perguntou Dunne ao sérvio de meia-idade. — Está tudo certo? Ele parece estar indo devagar.

Em inglês atrapalhado, o sérvio respondeu:

— Não, está bom. Acelerando agora. Veja. Você pode ver. Está bom — disse Karic, um homem grosseiro, com um trejeito nos lábios.

Parecera nervoso durante todo o jantar — não porque poderia ser preso ou despedido, ele confessara, mas por causa da dificuldade de esconder os 10 mil euros dos outros, inclusive da esposa e dos dois filhos.

Dunne olhou para o trem outra vez. Calculava velocidade, massa, inclinação. Sim, *estava* tudo bem. Àquela altura, mesmo que alguém tentasse sinalizar com uma bandeirola para fazer o trem parar, mesmo que algum supervisor em Belgrado percebesse, por acaso, haver algo errado e telefonasse ao maquinista, ordenando-lhe que acionasse o freio de emergência, seria fisicamente impossível deter a locomotiva antes que ela atingisse o desvio, o que, agora, ocasionaria a tragédia.

E ele repetiu para si: às vezes, a morte é necessária.

O trem encontrava-se agora a 300 metros de distância.

Tudo estaria terminado em noventa segundos. E, então...

Mas o que era aquilo? Dunne percebeu de repente um movimento num campo próximo, uma forma indistinta que se deslocava pelo solo irregular e seguia diretamente para os trilhos.

— Você está vendo aquilo? — perguntou a Karic.

O sérvio respirou fundo:

— Sim, estou. É um carro! O que está acontecendo?

Era, de fato, um carro. Sob a fraca luz do luar, Dunne pôde ver o pequeno sedã de cor clara subindo morros, desviando de árvores e de pedaços de cerca. Como o motorista conseguia manter a velocidade num terreno como aquele? Parecia impossível.

Adolescentes, talvez, fazendo suas brincadeiras idiotas. Enquanto olhava para aquele deslocamento insano, calculava velocidade, ângulos. Se o carro não diminuísse a marcha, atravessaria a ferrovia com alguns segundos de sobra... mas o motorista teria que passar por sobre a linha; não havia cruzamento ali. Se ficasse preso nos trilhos, a locomotiva o esmagaria como uma lata de legumes em conserva. Ainda assim, isso não afetaria a missão de Dunne ali. O pequeno carro seria jogado para um lado e o trem continuaria em direção ao desvio fatal.

Agora — espere aí —, o que era *aquilo*? Dunne percebeu ser um carro de polícia. No entanto, por que nem os faróis nem a sirene estavam ligados? Devia ser roubado. Seria um suicídio?

Contudo, o motorista não tinha intenção de parar sobre o trilho ou de atravessar para o outro lado. Com um salto final do topo de um morro, o sedã bateu no chão e parou bem perto da linha, uns 50 metros à frente do trem. O motorista saltou — um homem. Vestia roupas escuras. Dunne não conseguia vê-lo com clareza, mas não

parecia ser policial. Nem estava tentando acenar para o maquinista. Correu até o meio do trilho e agachou-se com calma, diretamente em frente da locomotiva, que se aproximava dele a 80 ou 90 quilômetros por hora.

O estrondo frenético da buzina do trem tomou conta da noite e faixas de centelhas cor de laranja partiram das rodas travadas pelos freios.

Quando o trem estava a centímetros dele, o homem pulou da linha e desapareceu numa vala.

— O que está acontecendo? — murmurou Karic.

Naquele momento, um lampejo branco amarelado saiu dos trilhos e, um segundo depois, Dunne ouviu um estalo que reconheceu: a explosão de uma pequena IED ou granada. Um estampido semelhante seguiu-se momentos depois.

O motorista do carro de polícia, assim parecia, tinha seu próprio plano.

Que superava o de Dunne.

Não, ele não era policial nem suicida. Era algum tipo de agente com experiência em trabalhos de demolição. A primeira explosão tinha soltado os pregos que fixavam o trilho aos dormentes de madeira; a segunda empurrara ligeiramente para o lado a parte não fixa da linha, de forma que as rodas do lado esquerdo da locomotiva descarrilassem.

Karic resmungou alguma coisa em sérvio. Dunne ignorou-o e viu o disco do farol da máquina tremer. Depois, com um ronco e um guincho assustador, a locomotiva e os imensos vagões que arrastava evadiram-se do trilho e, levantando uma nuvem de poeira, continuaram a seguir em frente sobre o solo, arrancando as pedras do chão.

Da vala, James Bond observava a locomotiva e os vagões continuarem seu percurso, diminuindo de velocidade à medida que iam enterrando-se na terra fofa, levantando trilhos e atirando areia, poeira e pedras para todos os lados. Por fim, subiu e avaliou a situação. Tivera apenas alguns minutos para resolver como impedir a calamidade que espalharia a substância mortal no Danúbio. Após ter parado o carro, agarrara duas das granadas que os sérvios haviam trazido consigo e, depois, saltara, subindo até o trilho a fim de colocá-las ali.

Como tinha calculado, a locomotiva e os vagões permaneceram de pé, sem capotar para dentro do riacho. Ele havia orquestrado o *seu* descarrilamento onde o terreno era ainda plano, antes do ponto no qual o irlandês planejava sua sabotagem. Por fim, sibilando, gemendo e rangendo, o trem parou, não muito distante de onde estavam o irlandês e seu parceiro, embora Bond não os pudesse ver através da poeira e da fumaça.

Ele falou pelo rádio SRAC:

— Aqui é Líder Um. Vocês estão aí?

Silêncio.

— Vocês estão aí? — rosnou. — Respondam.

Bond massageou o ombro no qual um estilhaço quente e sibilante de granada atravessara-lhe o casaco e cortara-lhe a pele.

Um estalido. Por fim:

— O trem descarrilou! — Era a voz do sérvio mais velho. — Você viu? Onde está você?

— Me ouça com atenção.

— O que aconteceu?

— Ouça! Não temos muito tempo. Acho que eles vão tentar explodir ou atirar nos tonéis que contêm a substância tóxica. É a única forma de espalhar o seu conteúdo. Vou abrir fogo na direção deles para que voltem para o carro. Esperem até o Mercedes chegar naquela área lamacenta, perto do restaurante; depois, atirem nos pneus e mantenham-nos dentro do carro.

— Devíamos pegá-los agora!

— Não. Não façam nada até que eles estejam ao lado do restaurante. Vão ficar sem posição defensiva dentro do Mercedes. Vão ter que se entregar. Estão me entendendo?

O SRAC ficou mudo.

Droga. Bond caminhou pela nuvem de poeira em direção ao local onde o terceiro vagão, que continha o material perigoso, parecia aguardar ser detonado.

Niall Dunne tentava recapitular o que havia acontecido. Sabia de antemão que talvez precisasse improvisar, mas aquela era uma possibilidade que não havia considerado: um ataque preventivo por parte de um inimigo desconhecido.

Observava atentamente de seu posto privilegiado, uma proteção de arbustos, perto do local onde a locomotiva tinha ido parar,

fumegante, estalando e sibilando. O agressor permanecia invisível, oculto pela escuridão da noite, pela poeira e fumaça. Talvez tivesse sido esmagado e morto. Ou fugido. Dunne colocou a mochila no ombro e deu a volta, em direção ao outro lado da locomotiva, onde os vagões descarrilados lhe dariam cobertura contra o intruso — se ainda estivesse vivo e no local.

De maneira curiosa, Dunne viu-se livre de sua ansiedade excruciante. A morte fora evitada. Havia-se preparado plenamente para ela, se endurecido — qualquer coisa pelo chefe, é claro —, mas a intervenção do outro homem resolvera o problema.

Quando se aproximou da locomotiva, não pôde deixar de admirar aquela máquina imensa. Era uma General Electric americana, Dash 8-40B, velha e combalida, como se vê em geral nos Bálcãs, mas uma beldade clássica, de 4 mil cavalos. Observou as chapas de aço, as rodas, aberturas, mancais e válvulas, as molas, mangueiras e barras verticais... Tudo tão belo e elegante em sua funcionalidade simples. Sim, que alívio não...

Surpreendeu-se ao ver um homem cambaleando em sua direção, implorando ajuda. Era o maquinista. Dunne deu-lhe dois tiros na cabeça.

Era um alívio imenso que não tivesse sido obrigado a causar a morte daquela máquina tão linda, como temera. Passou a mão pela lateral da locomotiva, como um pai acariciaria os cabelos de um filho doente, cuja febre acabava de ceder. A máquina estaria de volta ao serviço em alguns meses.

Niall Dunne puxou a mochila mais para cima do ombro e esgueirou-se entre os vagões para dar início ao trabalho.

5

Os dois tiros que James Bond ouviu não haviam atingido o vagão de material tóxico — ele estava vigiando-o a 30 metros de distância. Pensou que o maquinista e, talvez, o seu ajudante tivessem sido as vítimas.

Então, em meio à nuvem de poeira, viu o irlandês. Segurando uma pistola preta, estava de pé entre dois vagões amassados, carregados de ferro-velho, imediatamente atrás da locomotiva. Trazia uma mochila pendurada no ombro. Parecia cheia, indicando que, se pretendia explodir os tonéis com substâncias tóxicas, ainda não havia colocado as cargas.

Bond mirou a pistola e disparou dois tiros perto do irlandês, a fim de coagi-lo de volta ao Mercedes. O homem abaixou-se, assustado, e depois desapareceu rápido.

Bond olhou para o lado dos trilhos em que ficava o restaurante e onde o Mercedes estava estacionado. Depois, comprimiu os lábios. Os agentes sérvios não haviam cumprido suas ordens. Encontravam-se ao lado do barracão de trabalho e tinham posto o parceiro eslavo do irlandês no chão, amarrando-lhe os pulsos com fios de náilon. Agora, os dois aproximavam-se do trem.

Incompetência...

Bond pôs-se de pé e, agachado, correu em direção a eles.

Os sérvios estavam apontando para os trilhos. A mochila encontrava-se agora no chão, perto da locomotiva, em meio a plantas altas, que ocultavam um homem. Abaixados, os agentes moviam-se para a frente, com cuidado.

A bolsa era a do irlandês... mas, é claro, o homem atrás dela não era ele.

O corpo do maquinista, provavelmente.

— Não — sussurrou Bond no SRAC. — É uma armadilha! Vocês estão aí?

Entretanto, o agente mais velho não o escutava mais. Deu um passo à frente, gritando:

— *Ne mrdaj!* Não se mova!

Nesse momento, o irlandês inclinou-se para fora da cabine do maquinista e disparou um tiro, acertando-lhe a cabeça e arremessando-o ao solo.

O colega mais jovem achou que o homem no chão era quem estava atirando e esvaziou a pistola automática no corpo do maquinista.

Bond gritou:

— *Opasnost!*

Porém, já era tarde demais. O irlandês inclinou-se de novo para fora da cabine e acertou um tiro no braço direito, perto do cotovelo, do agente mais jovem, que soltou a arma e gritou, caindo de costas.

Enquanto o irlandês pulava do trem, disparou meia dúzia de tiros na direção de Bond, que retribuiu o fogo, mirando pés e tornozelos. Todavia, a neblina e os vapores impediam a visão. Não conseguiu acertar nenhum disparo. O irlandês colocou a arma no coldre, pôs a

mochila sobre o ombro e arrastou o agente mais jovem em direção ao Mercedes. Eles desapareceram.

Bond correu de volta ao Jetta, entrou e deu partida. Cinco minutos depois, subia um pequeno morro e aterrissava, derrapando, na área atrás do Restoran Roštilj. A cena era de caos completo, enquanto fregueses e empregados fugiam em pânico. O Mercedes havia ido embora. Olhando de relance na direção do trem descarrilado, pôde ver que o irlandês havia matado não só o agente mais velho, como também o próprio parceiro — o sérvio com quem jantara. Atirou enquanto ele estava de barriga para baixo e com as mãos amarradas.

Bond saltou do Jetta e revistou o corpo, em busca de algum conteúdo nos bolsos, mas o irlandês havia recolhido a carteira do homem e tudo mais. Pegou, então, seus óculos escuros Oakley, limpou-os, e comprimiu o polegar e o indicador do morto contra as lentes. Correu de volta para o Jetta e saiu em velocidade atrás do Mercedes, fazendo o carro alcançar a velocidade de 110 quilômetros por hora, apesar da estrada cheia de curvas e dos buracos no asfalto.

Minutos depois, vislumbrou alguma coisa de cor clara no acostamento à frente. Freou bruscamente, quase perdendo o controle do veículo, que derrapou e parou. O carro estava envolto na fumaça dos pneus, a poucos metros do agente mais jovem. Saltou e inclinou-se sobre o homem, que tremia e chorava. O ferimento no braço era sério e ele havia perdido muito sangue. Estava sem um dos sapatos e uma unha do pé havia sido arrancada. O irlandês torturara-o. Bond abriu o canivete, cortou um pedaço da camisa do sérvio com a lâmina e amarrou uma tira de lã em volta do braço. Com um graveto que achou perto do acostamento, fez um

torniquete e torceu. Depois, abaixou-se mais e limpou o suor no rosto do agente:

— Para onde ele foi?

Arquejante, com um rosto que era a máscara da agonia, balbuciou algo em servo-croata.

Então, percebendo que era Bond, disse:

— Ligue para o meu irmão... Você tem que me levar até um hospital. Vou indicar um lugar para você ir.

— Preciso saber para onde ele foi.

— Eu não disse nada. Ele tentou. Mas eu não disse nada sobre você.

O garoto tinha contado tudo que sabia sobre a operação, naturalmente, mas essa não era a questão naquele momento. Bond perguntou de novo:

— Para onde ele foi?

— O hospital... Me leve e eu conto a você.

— Conte agora ou vai morrer daqui a cinco minutos — disse Bond, sem emoção, soltando o torniquete do braço direito. O sangue jorrou.

O jovem estava em lágrimas.

— Está bem! Seu canalha! Ele perguntou como se chegava à E 7-5, a autoestrada que sai da rodovia 21. Isso quer dizer que vai para a Hungria. Está indo para o norte. Por favor!

Bond amarrou de novo o torniquete. Sabia, é claro, que o irlandês não estava indo para o norte: o homem era um tático cruel e inteligente. Não precisava de informações. Bond viu a sua própria dedicação ao trabalho refletida no irlandês. Antes mesmo de chegar à Sérvia, o homem já devia ter memorizado toda a geografia em torno de Novi Sad. Iria para o *sul* pela rodovia 21, a única estrada

importante nas proximidades. Estava dirigindo-se para Belgrado ou algum outro local de fuga na área.

Bond bateu nos bolsos do jovem agente e pegou seu celular. Digitou o número de emergência, 112. Quando ouviu uma voz de mulher responder, colocou o telefone contra a boca do sérvio e depois correu de volta ao Jetta. Concentrou-se em dirigir o mais rápido que podia sobre a superfície irregular da estrada, perdendo-se numa coreografia de frear e conduzir.

Numa curva mais rápida, o carro derrapou, cruzando a linha branca. Um caminhão surgiu no sentido contrário, enorme, com um logomarca em cirílico. Desviou, e o motorista pressionou a buzina com raiva. Bond voltou para sua faixa, deixando de colidir por uma questão de centímetros, e continuou em perseguição à única pista de que dispunha para levá-lo até Noah e às milhares de mortes na sexta-feira.

Cinco minutos depois, ao aproximar-se da rodovia 21, diminuiu a velocidade. À frente, viu um brilho alaranjado e, no céu, uma fumaça que subia, obscurecendo lua e estrelas. Rapidamente, chegou ao local do acidente. O irlandês não havia visto uma curva mais fechada e buscou refúgio no que parecia ser uma área de escape gramada, mas não era. Uma cortina de arbustos ocultava uma queda íngreme. O carro despencara e jazia, então, de cabeça para baixo. O motor estava em chamas. Bond parou, desligou o Jetta e saltou. Depois, sacando a Walther, correu escorregando um pouco pelo barranco até onde o veículo encontrava-se. Atento a perigos, não via nenhum. Quando chegou perto, deteve-se. O irlandês estava morto. Ainda preso ao cinto de segurança, encontrava-se de cabeça para baixo, braços balançando. O sangue cobria seu rosto e pescoço e fazia uma poça no teto do automóvel.

Com dificuldade para enxergar por causa da fumaça, Bond chutou para dentro a janela do motorista, a fim de retirar o corpo do carro. Pegaria o celular do homem e tudo mais que encontrasse em seus bolsos. Depois, abriria o porta-malas para recolher bagagem e laptops.

Pegou o canivete para cortar o cinto de segurança. À distância, o som urgente das sirenes, cada vez mais próximo. Olhou para a estrada acima. Os carros de bombeiro ainda estavam a alguns quilômetros de distância, mas chegariam ao local em breve. Vamos! As chamas no motor iam ficando cada vez mais altas. A fumaça era insuportável.

Entretanto, quando começou a cortar o cinto, pensou subitamente: bombeiros? Tão rápido?

Não fazia sentido. Polícia, sim. Mas não os bombeiros. Agarrou o cabelo ensanguentado do motorista e virou-lhe a cabeça.

Não era o irlandês. Bond observou o casaco do homem: as letras em cirílico eram as mesmas do caminhão em que quase batera. O irlandês forçara o veículo a parar. Cortara a garganta do motorista, amarrara-o ao cinto de segurança do Mercedes e empurrara-o para o barranco. Depois, havia telefonado para o corpo de bombeiros local, a fim de tornar o tráfego mais lento e impedir que Bond o perseguisse.

O irlandês devia ter tirado a mochila e todo o resto do porta-malas, naturalmente. Dentro do carro, porém, no teto virado, na parte do banco de trás, havia pedaços de papel. Bond enfiou-os no bolso antes de as chamas obrigarem-no a ir embora. Correu para o Jetta e partiu em direção à rodovia 21, para longe das luzes piscantes que se aproximavam.

Pegou o celular, que lembrava um iPhone, um pouco maior apenas, e que continha sistemas óticos e de áudio, além de outros hardwares. O aparelho tinha mais de um telefone — um que podia ser registrado com a identidade oficial ou não oficial do agente e outro, secreto, com centenas de aplicativos operacionais e pacotes de criptografia. Como fora desenvolvido pela Seção Q, não demorou um dia sequer para algum engraçadinho no escritório apelidá-lo de “iQPhone”.

Ele abriu um aplicativo que lhe dava um link de prioridade com um centro de rastreamento do GCHQ, e fez, no sistema de reconhecimento de voz, uma descrição do caminhão Zastava Eurozeta que o irlandês estava dirigindo. O computador, em Cheltenham, reconheceria automaticamente a localização de Bond e determinaria rotas prováveis para o caminhão. Depois, programaria o satélite para procurar qualquer veículo daquele tipo nas proximidades e rastreá-lo.

Cinco minutos depois, ouviu o telefone tocar. Excelente. Olhou para a tela.

No entanto, a mensagem não era dos assistentes, mas de Bill Tanner, chefe de gabinete de Bond. O cabeçalho do assunto dizia: **MERGULHO EM VELOCIDADE** — o que significava emergência.

Com os olhos ora na estrada, ora no telefone, Bond leu:

Interceptação do GCHQ: agente de segurança sérvio designado para trabalhar com você na operação Incidente Vinte morreu a caminho do hospital. Reportou ter sido abandonado por você. Sérvios estabeleceram prioridade máxima para sua prisão. Evacue imediatamente.

Segunda-feira

O COMPRADOR DE SUCATA

6

Após três horas e meia de sono, James Bond foi despertado, às 7 horas da manhã, no seu apartamento em Chelsea, pelo som eletrônico do despertador do celular. Piscou os olhos duas vezes e, ignorando a dor no ombro, na cabeça e nos joelhos, levantou-se da cama de casal, incitado pela ânsia de seguir o rastro do irlandês e de Noah.

As roupas da missão a Novi Sad encontravam-se espalhadas pelo chão de madeira de lei. Jogou-as dentro de uma bolsa, juntou outras e colocou tudo dentro do cesto de roupa suja: uma cortesia para com May, seu tesouro de empregada escocesa, que vinha três vezes por semana dar um jeito em sua vida doméstica. Jamais permitiria que se abaixasse para recolher sua bagunça. Nu, Bond dirigiu-se para o banheiro, abriu a torneira do chuveiro o mais quente possível, e se esfregou com força, usando sabonete neutro. Depois, diminuiu a temperatura da água até não conseguir suportar mais seu frio congelante, saiu da ducha e secou-se. Examinou os ferimentos da noite passada: duas contusões grandes, cor de berinjela, na perna, alguns arranhões e o corte no ombro, produzido pelo estilhaço de granada. Nada sério.

Barbeou-se com uma navalha pesada, de fio duplo; o cabo de chifre de búfalo, em cor clara. Preferia esse belo acessório, não porque fosse mais benéfico ao meio ambiente do que os aparelhos descartáveis que a maioria dos homens usava, mas porque possuía um barbear melhor — e requeria alguma habilidade no manejo; James Bond encontrava conforto até nos menores desafios.

Às 7h15, já estava vestido: terno Canali azul-marinho, camisa branca de algodão egípcio e gravata vermelho Borgonha, os últimos dois itens, da marca Turbull & Asser. Calçou sapatos pretos, tipo mocassim; nunca usava cadarços, exceto nos calçados de combate, ou quando o trabalho obrigava-o a enviar a um colega agente mensagens silenciosas, por meio de certos nós de padrões predeterminados.

Colocou no pulso seu Rolex Oyster Perpetual de aço, modelo 34 mm, cuja única sofisticação era o mostrador de data; Bond não precisava saber as fases da lua nem o momento exato da maré alta em Southampton. E desconfiava que pouquíssimas pessoas precisassem.

Quase todos os dias, tomava café da manhã — sua refeição favorita — num pequeno hotel nas proximidades, na Pont Street. Ocasionalmente, preparava para si uma das poucas coisas que era capaz de fazer na cozinha: três ovos ligeiramente mexidos com manteiga irlandesa. Aquela mistura fumegante era acompanhada de bacon e torradas integrais crocantes com mais manteiga irlandesa e geleia. Naquele dia, contudo, a urgência do Incidente Vinte era maior do que nunca, de maneira que não havia tempo para comida. Em vez disso, fez uma xícara fortíssima de café Jamaica Blue Mountain, que bebeu numa caneca de porcelana enquanto escutava

a Rádio 4, para saber se o incidente do trem e as mortes subsequentes já estavam entre as notícias internacionais. Ainda não.

A carteira e o dinheiro estavam no bolso; a chave do carro, também. Pegou a sacola de plástico que continha os itens coletados na Sérvia e a caixa de aço trancada, contendo arma e munição, que não podia portar legalmente dentro do Reino Unido.

Desceu correndo a escada do apartamento — antigamente, dois estábulos espaçosos. Abriu a porta e entrou na garagem. A pequena área tinha espaço apenas para os dois carros que estavam dentro, mais uns pneus sobressalentes e ferramentas. Entrou no mais novo dos veículos, o último modelo Bentley Continental GT. O exterior ostentava a cor cinza granito especial da companhia, e, por dentro, o carro era forrado de couro preto e macio.

O motor W12 deu sinais de vida. Engatando a primeira, saiu para a rua, deixando para trás o outro veículo, menos potente e mais temperamental, apesar de possuir a mesma elegância: um Jaguar do tipo E, da década de 1960, que fora do pai.

Tomando a direção norte, Bond manobrava em meio ao tráfego, juntamente com dezenas de milhares de outras pessoas, que também estavam indo para o trabalho em Londres, ao começo de mais uma semana — embora, é claro, no caso de Bond, aquela imagem do cotidiano ocultasse a verdade.

Exatamente a mesma coisa poderia ser dita a respeito de seu chefe.

Três anos antes, James Bond sentava-se atrás de uma escrivaninha cinza, no monolítico e cinzento prédio do Ministério da Defesa, em Whitehall, vendo um céu lá fora nem um pouco cinza, mas azul como um lago das Highlands num dia claro de verão. Após deixar a Reserva da Marinha Real, não tivera vontade de conseguir

um emprego gerenciando contas na Saatchi & Saatchi, ou revisando balancetes para a NatWest, e telefonara a um ex-colega de esgrima, em Fettes, que lhe sugeriu tentar a Inteligência do Ministério da Defesa.

Após uma temporada na Inteligência escrevendo análises que foram descritas como diretas e valiosas, sondara com o supervisor se não haveria uma chance de ver um pouco mais de ação.

Não muito tempo depois dessa conversa, recebeu uma carta misteriosa, escrita à mão — não um e-mail —, que requisitava sua presença num almoço em Pall Mall, no Travellers Club.

No dia em questão, Bond foi conduzido à sala de jantar e colocaram-no sentado em frente a um homem de aparência sólida, de 60 e poucos anos, identificado apenas como “Almirante”. Usava uma gravata cinza que combinava perfeitamente com seus olhos. O pescoço tinha papada e a cabeça era coroada por uma esparsa constelação de marcas de nascença, evidentes através do cabelo castanho, já grisalho, escasso e penteado para trás. Sem desafio, desdém ou análise excessiva, o Almirante olhou fixamente para Bond, que não teve problemas em devolver o olhar — um homem que já havia matado em combate e quase morrido não se intimida com o olhar de ninguém. Percebeu, todavia, que não fazia absolutamente ideia do que se passava na cabeça daquele homem.

Não apertaram as mãos.

Os menus chegaram. Bond pediu halibute no vapor, com molho holandês, batatas cozidas e aspargo grelhado. O Almirante escolheu rim grelhado com bacon e perguntou a Bond:

— Vinho?

— Sim, por favor.

— Escolha.

— Borgonha, eu acho — disse Bond. — Côte de Beaune? Ou um Chablis?

— Um Alex Gambal Puligny, talvez? — sugeriu o garçom.

— Perfeito.

A garrafa chegou em instantes. O garçom exibiu delicadamente o rótulo e serviu um pouco na taça de Bond. O vinho tinha uma cor de manteiga pálida, era robusto e excelente, e estava na temperatura certa, não muito frio. Bond sorveu-o, balançou a cabeça em sinal de aprovação, e as taças foram enchidas até a metade. Quando o garçom retirou-se, o homem mais velho disse com voz ríspida:

— Você é um veterano e eu também. Nenhum de nós está interessado em conversa fiada. Convidei você a vir aqui para discutir uma oportunidade de emprego.

— Foi o que eu pensei, senhor. — Bond não tivera intenção de acrescentar a última palavra, mas fora impossível não fazê-lo.

— Não sei se você está familiarizado com a regra, aqui no Travellers, de não se expor documentos de negócios. Mas acho que vamos ter de infringi-la — disse o Almirante, tirando do bolso do paletó um envelope e entregando-o. — Isso é semelhante à declaração de Ato de Segredos Oficiais.

— Já assinei uma...

— Claro que sim, para a Inteligência de Defesa — disse o homem rapidamente, revelando sua impaciência por ter de declarar o óbvio. — Essa tem alguns detalhes a mais. Leia.

Bond o fez. Mais detalhes, de fato, para dizer o menos.

O Almirante disse, levantando uma sobrancelha eriçada:

— Se não estiver interessado em assinar, terminamos o almoço e podemos discutir a última eleição, a pesca de trutas no norte, ou

como esses malditos kiwis nos derrotaram de novo na semana passada e voltar aos nossos escritórios.

Bond hesitou um instante apenas; depois, pôs seu nome sobre a linha e devolveu o papel. O documento desapareceu.

Um gole de vinho. O Almirante perguntou:

— Já ouviu falar no Executivo de Operações Especiais?

— Sim, já.

Bond tinha poucos ídolos, mas, em primeiro lugar na lista, figurava o nome de Winston Churchill. Na juventude, como repórter e soldado em Cuba e no Sudão, Churchill havia adquirido grande respeito pelas operações de guerrilha e, mais tarde, após o início da Segunda Guerra Mundial, ele e o ministro da Economia de Guerra, Hugh Dalton, criaram o Executivo de Operações Especiais, a fim de armar guerrilheiros por trás das linhas alemãs e infiltrar espiões e sabotadores britânicos de paraquedas. Chamado também de Exército Secreto de Churchill, causara danos incalculáveis aos nazistas.

— Bela unidade — disse o Almirante, e depois queixou-se: — Eles a fecharam depois da guerra. Bobagens entre agências, dificuldade de organização, lutas internas no MI6 e em Whitehall.

Ele tomou um gole do aromático vinho, e a conversa diminuiu enquanto comiam. A refeição estava excelente. Bond comentou e o Almirante devolveu:

— O chef sabe o que faz. Não tem planos de ter um programa na TV americana. Você conhece a história de como surgiram a 5 e a 6?

— Sim, senhor. Li bastante sobre isso.

Em 1909, em resposta às preocupações quanto a uma invasão alemã, e quanto aos espiões daquela nacionalidade dentro da Inglaterra (preocupações curiosamente levantadas por romances

populares de suspense), o almirantado e o ministério da Guerra formaram o Departamento de Serviço Secreto. Pouco depois disso, este dividiu-se na Diretoria de Inteligência Militar, Seção 5, ou MI5, para tratar da segurança interna, e a Seção 6, ou MI6, para lidar com espionagem estrangeira. A 6 era a mais antiga organização desse tipo no mundo a operar continuamente, apesar da reivindicação chinesa do contrário.

O Almirante disse:

— Qual o fato que mais se destaca sobre elas?

Bond não fazia ideia.

— A negação plausível, ou seja, jogar a culpa das ações ilícitas nos subordinados — resmungou o Almirante. — Tanto a 5 quanto a 6 foram criadas como espécies de testa de ferro, de forma que a Coroa, o primeiro-ministro, o Gabinete e o Ministério da Guerra não sujassem as mãos com aquela atividade asquerosa chamada espionagem. A coisa vai mal até hoje. Examinam minuciosamente as atividades da 5 e da 6. Dossiês sobre a vida sexual das pessoas, invasão de privacidade, bisbilhotice política, rumores sobre mortes ilegais... Todos pedem *transparência*. É claro que ninguém parece se importar com o fato de que a face da guerra está mudando, que o outro lado não joga mais de acordo com as regras. — Outro gole de vinho. — Existe o pensamento, em alguns círculos, de que *nós* também precisamos jogar seguindo regras diferentes. Especialmente depois do 11 de Setembro e do 7 de Julho.

Bond disse:

— Então, se entendi bem, o senhor está falando sobre iniciar uma nova versão do Executivo de Operações Especiais, mas que não faça tecnicamente parte da 6, da 5 ou do Ministério da Defesa.

O Almirante tinha atenção total de Bond:

— Li os relatórios sobre o seu desempenho no Afeganistão, na Reserva Naval Real. Apesar de estar na Marinha, você conseguiu se vincular a unidades de combate, na linha de frente, em terra. Esse foi um grande feito — disse, com um olhar frio, observando-o de perto. — Soube que você também conseguiu tomar parte em algumas missões, que não eram lá muito oficiais, por trás das linhas. Graças a você, alguns indivíduos que poderiam ter causado bastante dano nunca tiveram a chance de fazê-lo.

Bond ia tomar mais um gole do copo de Puligny-Montrachet, a encarnação mais sublime da uva chardonnay, mas pousou o copo sem fazê-lo. Como o velho sabia *daquilo*?

Em voz baixa, uniforme, o homem disse:

— Não faltam camaradas, no Serviço Especial Aéreo ou Naval, que saibam o que fazer com uma faca ou um rifle de atirador. Mas eles não se sentem à vontade necessariamente em outras situações, vamos dizer, mais *sutis*. E existem vários outros homens talentosos, na 5 e na 6, que conhecem a diferença entre... — ele olhou para a taça de Bond — um Côte de Beaune e um Côte de Nuits, e que falam francês com a mesma fluência com que falam árabe, mas que desmaiariam ao ver sangue, o seu próprio ou o de qualquer outra pessoa. — Os olhos de aço concentraram-se em Bond. — Você parece ser uma combinação rara entre as duas coisas.

O Almirante pousou o garfo e a faca na porcelana fina.

— Sua pergunta.

— Minha...?

— Sobre a nova versão do Executivo de Operações Especiais. A resposta é sim. Na verdade, ela já existe. Você estaria interessado em fazer parte?

— Sim — disse Bond, sem nenhuma hesitação. — Embora deseje perguntar: o que ela faz exatamente?

O Almirante pensou por um instante, como se aparando as arestas de sua resposta:

— A nossa missão é simples. Protegemos o Reino... por quaisquer meios necessários.

No Bentley reluzente de motor suave, Bond aproximou-se do quartel-general da organização, perto do Regent's Park, depois de uma hora de zigue-zagues necessária para se dirigir no centro de Londres.

O nome de seu novo empregador era quase tão vago quanto Executivo de Operações Especiais: Grupo de Desenvolvimento Ultramarino. O diretor-geral era o Almirante, conhecido apenas como M.

Oficialmente, o GDU ajudava companhias baseadas no Reino Unido a abrir, ou a expandir, operações estrangeiras, e a fazer investimentos no exterior. O DO, ou disfarce oficial, de Bond lá dentro era como analista de segurança e integridade; seu trabalho era viajar pelo mundo e avaliar riscos para negócios.

Não importava que, já no momento da chegada, assumisse um DNO — um disfarce *não oficial* — com identidade fictícia, escondesse as planilhas do Excel, vestisse o traje tático e usasse como arma um rifle calibre 308, com telescópio Nikon Buckmasters. Ou talvez pusesse um bem-cortado terno de Savile Row para ir jogar pôquer com algum traficante de armas checheno, num clube privado de

Kiev, para ter a chance de avaliar seus detalhes de segurança, numa prévia para o principal acontecimento da noite: a entrega do homem a uma área secreta na Polônia.

Discretamente oculto na hierarquia do Ministério do Exterior, o GDU estava localizado em um prédio eduardiano estreito, de seis andares, numa rua tranquila, transversal da Devonshire Street. Encontrava-se separada da movimentada Marylebone Road por escritórios de advocacia, sedes de ONGs e consultórios médicos sem qualquer glamour, que serviam de camuflagem. Bond dirigiu-se, então, para a entrada do túnel que levava ao estacionamento sob o edifício. Olhou para o escâner de íris e depois foi examinado de novo, dessa vez por uma pessoa. A barreira desceu e ele fez o carro andar, em busca de uma vaga.

O elevador também conferiu os olhos azuis de Bond, e, então, levou-o ao andar térreo. Entrou na sala do armador e entregou a caixa de aço trancada para o ruivo Freddy Menzies, ex-cabo do SAS e um dos melhores homens de armas na profissão. Ele cuidaria para que a Walther fosse limpa e lubrificada, verificaria a existência de algum dano e carregaria o pente com a munição favorita de Bond.

— Vai ficar pronta daqui a uma hora — disse Menzies. — Ela se comporta bem, 007?

Bond tinha uma afeição profissional por certas ferramentas de seu trabalho, mas não as personificava — e, no mínimo, uma Walther calibre 40, mesmo a compacta Police Pistol Short, seria definitivamente chamada de “ela”.

— Dá conta do serviço — respondeu.

Tomou o elevador até o terceiro andar, onde saltou e dobrou à direita, caminhando por um corredor insípido, pintado de branco, com as paredes um pouco desgastadas, cuja a monotonia era

quebrada por gravuras de Londres, da época de Cromwell até o reinado de Vitória, e de vários campos de batalha. Alguém havia enfeitado o parapeito das janelas com vasos de plantas verdes — falsas, naturalmente; se fossem reais, necessitariam de um time de manutenção externo, a fim de regá-las e podá-las.

Bond viu uma jovem sentada atrás de uma mesa, na extremidade de uma grande área aberta repleta de terminais de trabalho. Sublime, pensara ele, ao encontrá-la um mês antes. Tinha um rosto em forma de coração, com maçãs altas, e emoldurado por um cabelo vermelho Rossetti, que descia em cascatas pelas têmporas maravilhosas até passar dos ombros. Uma covinha assimétrica, que ele achava simplesmente encantadora, maculava-lhe o queixo. Os olhos castanho-claros, com reflexos verdes, fixavam os dos outros de maneira intensa e, para Bond, sua silhueta era como deveria ser a de uma mulher: esbelta e elegante. As unhas sem esmalte eram curtas. Naquele dia, vestia uma saia preta até o joelho e uma blusa cor de damasco de gola alta, embora fina o bastante para deixar ver uma renda interna que conseguia ser de bom gosto e provocante ao mesmo tempo. As pernas estavam envolvidas por náilon, cor de café com leite. Meia ou cinta? Bond podia apenas imaginar.

Ophelia Maidenstone era uma analista de inteligência do MI6. Estava alocada no GDU como oficial de ligação, porque o grupo não era uma organização de coleta de informações de inteligência; era uma organização operacional e tática em grande parte. Como o Gabinete e o primeiro-ministro, era consumidora do “produto”, como era chamada a inteligência. E o principal fornecedor do GDU era a 6. Certamente a aparência de Philly e seu jeito direto eram o que havia chamado a atenção de Bond desde o início; depois, seus esforços

incansáveis e suas habilidades também o cativaram. Igualmente sedutora, também, era sua paixão por dirigir. Seu veículo favorito era uma BSA 1966 Spitfire, a A65, uma das motocicletas mais lindas já fabricadas. Não era a mais potente da linha da Birmingham Small Arms, mas tratava-se de um verdadeiro clássico e, quando adequadamente ajustada (o que, Deus a abençoe, ela fazia sozinha), deixava um bocado de borracha na linha de partida. Dissera a Bond que gostava de dirigir em qualquer clima, e comprara um macacão de couro impermeável que permitia-lhe cair na estrada sempre que desejasse. Ele pensou logo em um traje extremamente justo e arqueou uma sobrancelha. Recebeu em troca um sorriso sardônico, o que lhe revelou que seu gesto ricocheteara como uma bala mal disparada.

Soube que ela estava para se casar. O anel, que ele notou imediatamente, trazia um rubi falso.

Aquilo dizia tudo.

Philly encarava-o agora com um sorriso contagiante.

— James, olá! Por que você está me olhando assim?

— Preciso de você.

Ela recolocou no lugar uma mecha de cabelo solta.

— Adoraria ajudar se puder, mas estou dando uma mão para John. Ele está no Sudão, e eles vão começar a combater.

Os sudaneses vinham lutando contra os ingleses, os egípcios, outras nações africanas próximas — e contra eles próprios — havia mais de cem anos. A Aliança do Leste, formada por vários estados sudaneses localizados perto do Mar Vermelho, queria separar-se e formar um Estado laico e moderado. O regime de Cartum, ainda atordoado pelo recente movimento de independência no sul, não estava satisfeito com essa iniciativa.

Bond disse:

— Eu sei. Originalmente, era eu quem iria para lá. Mas escolhi Belgrado.

— A comida é melhor — disse ela, com uma seriedade calculada.

— Se você gosta de ameixas.

— Só que trouxe umas coisas da Sérvia que devem ser examinadas.

— Com você, nada é “só”, James.

Seu celular tocou. Ela franziu o cenho, olhando para a tela. Quando aceitou a chamada, seus penetrantes olhos cinza-chumbo viraram-se para ele e contemplaram-no com algum humor. Ela disse apenas:

— Entendi. — E desligou — Você acaba de obter um favor. Ou ameaçou alguém — disse ela a Bond.

— Eu? Nunca.

— Parece que a guerra na África vai ter que prosseguir sem mim. Por assim dizer... — disse ela, indo até outro terminal de trabalho e passando o bastão de Cartum para um colega.

Bond sentou-se. Parecia haver algo diferente no local de trabalho dela, mas não conseguia descobrir o que era. Talvez tivesse feito uma arrumação, ou trocado os móveis de lugar — tanto quanto era possível numa área tão pequena.

Ao retornar, ela fixou os olhos nele:

— Muito bem, então. Sou toda sua. O que temos?

— Incidente Vinte.

— Ah, aquilo. Eu não estou inteirada. Então, é melhor você me passar as informações.

Como Bond, Ophelia Maidenstone era uma analista autorizada pela Agência de Análise do ministério da Defesa, pelo FCO e pela

Scotland Yard, o que lhe permitia acesso ilimitado a documentos ultrassecretos, exceto a informações muito restritas sobre armas nucleares. Ele contou-lhe tudo sobre Noah, o irlandês, a ameaça que pairava sobre a sexta-feira e o incidente na Sérvia. Ela anotava tudo cuidadosamente.

— Preciso que você dê uma de inspetor-detetive. Isso é tudo o que temos para seguir em frente — disse ele, entregando-lhe a sacola de plástico que continha os pedaços de papel que ele retirara do carro em chamas, nos arredores de Novi Sad, e seus óculos escuros.

— Vou precisar da identificação muito rápido. E de qualquer coisa a mais que você conseguir levantar.

Ela pegou o telefone e requisitou coleta de material para análise no laboratório do MI6, ou, se isso se mostrasse insuficiente, seria feita uma operação forense extensa por parte da Scotland Yard, na seção de Crimes Especializados. Depois, desligou:

— O mensageiro está a caminho.

Pegou, então, um par de pinças na bolsa e retirou da sacola os dois papéis. Um era uma conta de um bar perto de Cambridge, com data recente. Infelizmente, fora paga em espécie.

O outro dizia: *Boots-March. 17. No máximo.* Seria um código ou simplesmente um lembrete, de dois meses antes, para pegar alguma coisa na farmácia?

— E os óculos Oakley? — perguntou ela, olhando dentro da sacola.

— Tem uma impressão digital no meio da lente direita. É do parceiro do irlandês. Não havia nada nos bolsos dele.

Ela fez cópias dos dois documentos, entregou-lhe uma e guardou a outra para si, recolocando os originais na sacola, juntamente com

os óculos.

Bond contou, então, sobre a substância tóxica que o irlandês tentou espalhar no Danúbio:

— Preciso saber o que era. E que tipo de dano poderia ter causado. Parece que deixei os sérvios um pouco irritados. Eles não vão cooperar.

— Vamos ver o que é possível fazer.

Seu celular tocou. Bond olhou para a tela, embora conhecesse aquele toque personalizado muito bem. Atendeu:

— Moneypenny.

A voz baixa da mulher disse:

— Olá, James. Seja bem-vindo.

— M? — perguntou ele.

— M.

A placa ao lado da sala no último andar dizia *Diretor-geral*.

Bond entrou na antessala, onde uma mulher, com 30 e poucos anos, estava sentada atrás de uma mesa muito arrumada. Vestia uma blusa clara e sem mangas de cor creme sob um casaco que era quase da mesma cor do de James. O rosto era longo, bonito e majestoso, com olhos que podiam passar de severos a compassivos de forma mais rápida do que uma caixa de câmbio de um carro de Fórmula 1.

— Olá, Moneypenny.

— Espere um momento, James. Ele está falando com Whitehall de novo.

A postura dela era ereta, os gestos econômicos. Nem um fio de cabelo encontrava-se fora do lugar. Ele pensou, como sempre fazia, que o passado militar dela havia deixado uma marca indelével. Ela trocara seu cargo na Marinha Real pelo presente emprego, como assistente pessoal de M.

Logo depois de ter entrado para o GDU, Bond havia sentado na cadeira de trabalho dela e aberto um grande sorriso.

— Seu posto era de tenente, não é verdade, Money Penny? — perguntara ele. — Eu prefiro imaginar você *acima* de mim.

Bond tinha deixado o serviço militar como comandante.

Ele recebera como resposta não o desaforo que merecia, mas uma réplica suave:

— Mas a vida me ensinou, James, que todas as posições devem ser obtidas por meio da experiência. E me agrada dizer que tenho poucas dúvidas de que a minha *sequer* se aproxima da sua.

A inteligência e rapidez da resposta, o uso do seu primeiro nome, juntamente com o sorriso radiante, definiu de forma instantânea e imutável o relacionamento entre os dois: ela o colocara em seu lugar, mas havia aberto o caminho da amizade. E assim permaneceu a relação entre os dois desde então, carinhosa e íntima, mas sempre profissional. Ainda assim, Bond alimentava a crença de que, entre todos os agentes da Divisão 00, ele era aquele de quem ela gostava mais.

Money Penny examinou-o com o olhar e franziu o cenho.

— Você teve uma experiência bem movimentada por lá, fiquei sabendo.

— Pode se dizer que sim.

Ela olhou para a porta fechada da sala de M e disse:

— Esse caso Noah é uma parada dura, James. Há indícios por todos os lugares. Ele saiu daqui às 21h, ontem. Chegou às 5 horas, hoje de manhã — acrescentou, num sussurro. — Estava preocupado com você. Houve alguns momentos, na noite passada, em que você ficou incomunicável. Ele ficava bastante tempo ao telefone.

Eles viram uma luz no telefone extinguir-se. Ela apertou um botão e falou num microfone de cabo quase invisível:

— 007 está aqui, senhor.

Moneypenny indicou-lhe a porta com a cabeça, em direção à qual Bond caminhou enquanto a luz de *não interrompa* acendia-se em cima. Isso se deu em silêncio, naturalmente, mas Bond sempre imaginava que a iluminação era acompanhada do som de uma porta de ferro abrindo-se, a fim de admitir um prisioneiro novo num calabouço medieval.

— Bom dia, senhor.

M parecia exatamente igual a como estivera durante o almoço no Travellers Club, quando se haviam conhecido, três anos atrás, e talvez até estivesse usando o mesmo terno cinza. Ele fez um gesto em direção a uma das duas cadeiras funcionais colocadas em frente à grande mesa de carvalho. Bond sentou-se.

O escritório era acarpetado, e as paredes forradas de estantes. O prédio ficava no divisor de águas em que a velha Londres tornava-se moderna, e as janelas de M, de esquina, confirmavam isso. A oeste, as construções antigas da Marylebone High Street contrastavam com os arranha-céus da Euston Road, de metal e vidro, esculturas de apelo popular, gosto duvidoso e sistemas de elevador mais inteligentes do que qualquer pessoa. Esses cenários, entretanto, permaneciam indistintos, mesmo em dias de sol, uma vez que o vidro das janelas eram à prova de balas e bombas e espelhados, para impedir que algum inimigo engenhoso espionasse, pairando num balão de ar quente sobre Regent's Park.

M levantou a cabeça das anotações que estava lendo e examinou Bond.

— Nenhum atestado médico, suponho.

Nada escapava-lhe. Nunca.

— Um ou dois arranhões. Nada sério.

Sobre a mesa, viam-se um bloco amarelo, um console telefônico complicado, o celular, um abajur eduardiano de bronze e uma caixa de madeira, abastecida de charutos finos e pretos, que M às vezes permitia-se nos percursos de ida e volta a Whitehall, ou durante as breves caminhadas por Regent's Park, quando se fazia acompanhar pelos próprios pensamentos e por dois guardas da Seção P. Bond sabia muito pouco sobre sua vida pessoal, apenas que morava numa mansão estilo regência, nas cercanias da floresta de Windsor, jogava *bridge*, gostava de pescar e pintava muito bem aquarelas retratando flores. Um cabo da marinha, bem-apegoado e talentoso, chamado Andy Smith, servia-lhe de motorista num Rolls-Royce com modelo de dez anos atrás, muito bem lustrado.

— Me faça seu relatório, 007.

Bond organizou os pensamentos. M não tolerava narrativas confusas ou excessivamente prolixas. Limpar a garganta e tossir eram coisas tão inaceitáveis quanto dizer coisas óbvias. Ele reiterou o que havia acontecido em Novi Sad e acrescentou:

— Encontrei algumas coisas na Sérvia que podem nos fornecer mais detalhes. Philly está examinando-as agora e tentando descobrir qual era a substância tóxica no trem.

— Philly?

Bond lembrou-se que M não gostava do uso de apelidos, mesmo que todos na organização se referissem a ele por um.

— Ophelia Maidenstone — explicou James —, nossa oficial de ligação da 6. Se há algo que possa ser descoberto, ela vai farejar.

— Seu disfarce na Sérvia?

— Eu estava trabalhando sob bandeira falsa. O primeiro escalão da BIA, em Belgrado, sabe que sou do GDU e qual era minha missão, mas dissemos aos dois agentes de campo deles que eu fazia

parte de uma organização falsa, da ONU, para manter a paz. Tive que mencionar Noah e o incidente de sexta-feira, caso os agentes da BIA deparassem com alguma coisa que se referisse ao caso. Mas qualquer informação que o irlandês possa ter arrancado do mais jovem não é comprometedora.

— A Yard e a 5 estão se perguntando: com o episódio do trem em Novi Sad, você acha que o Incidente Vinte se refere à sabotagem de alguma estrada de ferro aqui? Será que o que aconteceu na Sérvia foi só um ensaio?

— Também me perguntei isso, senhor. Mas esse não é o tipo de operação que requer muito ensaio. Além do mais, o parceiro do irlandês armou o descarrilamento em cerca de três minutos. Os sistemas das nossas estradas de ferro devem ser mais sofisticados do que o de uma linha de carga no interior da Sérvia.

Uma sobrancelha eriçada ergueu-se, talvez questionando aquela hipótese. No entanto, M disse:

— Você está certo. Não parece um prelúdio ao Incidente Vinte.

— Agora — disse Bond, inclinando-se para a frente —, o que eu gostaria de fazer, senhor, é voltar à Estação Y imediatamente. Entrar pela Hungria e organizar uma operação de captura para rastrear o irlandês. Levo uns dois agentes duplos comigo. Podemos rastrear o caminhão que ele roubou. Vai ser meio complicado, mas...

M sacudiu a cabeça, recostando-se em seu trono já bem usado.

— Parece que há um certo problema, 007. E envolve você.

— Não sei o que Belgrado está dizendo, mas o agente jovem que morreu...

M fez um sinal de impaciência com a mão.

— Sim, sim, *é claro* que o que aconteceu foi culpa deles. Nunca houve qualquer dúvida quanto a isso. Explicar-se é um sinal de

fraqueza, 007. Não sei por que você está fazendo isso agora.

— Desculpe, senhor.

— Estou falando de outra coisa. À noite passada, Cheltenham conseguiu captar uma imagem de satélite do caminhão em que o irlandês escapou.

— Muito bom, senhor.

Sua tática de rastreamento havia, aparentemente, funcionado.

Contudo, o cenho franzido de M indicava que a satisfação de Bond era prematura.

— Cerca de 25 quilômetros ao sul de Novi Sad, o caminhão parou e o irlandês entrou num helicóptero. Não possuía registro nem identificação, mas o GCHQ conseguiu o perfil MASINT dele.

A inteligência por material e assinatura [MASINT] era a última invenção de alta tecnologia da espionagem. Se a informação chegasse a partir de fontes eletrônicas, como transmissão de micro-ondas ou rádio, chamava-se ELINT; de fotografias e imagens de satélite, IMINT; via telefones celulares e e-mails, SIGINT; e de fontes humanas, HUMINT. Com MASINT, instrumentos recolhiam e construía o perfil de dados como energia termal, ondas de som, distúrbios no fluxo do ar, vibrações de rotores de hélices e helicópteros, escapamento de motores a jato, de trens e carros, padrões de velocidade e muito mais.

O diretor-geral continuou:

— À noite passada, a 5 registrou um perfil MASINT compatível com o do helicóptero em que ele escapou.

Meu Deus... Se o MI5 tinha encontrado o helicóptero, isso significava que estava na Inglaterra. O irlandês — única pista que levava a Noah e ao Incidente Vinte — estava no único lugar onde James Bond não era autorizado a persegui-lo.

M acrescentou:

— O helicóptero pousou a nordeste de Londres, por volta de 1 hora da manhã, e desapareceu. Eles perderam completamente sua pista — disse, sacudindo a cabeça. — Não entendo por que Whitehall não nos deu mais liberdade para operar em casa quando aprovou nosso estatuto. Teria sido fácil. E se você tivesse seguido o irlandês até a London Eye ou ao Madame Tussaud? O que teria que fazer, chamar a polícia? Pelo amor de Deus, estamos na era da globalização, da internet, da União Europeia e, no entanto, não podemos seguir pistas dentro do próprio país.

O fundamento para aquela norma, todavia, era claro. O MI5 conduzia investigações brilhantes. O MI6 era mestre em coletar informações no estrangeiro e especialista em “ações desaglutinantes”, como destruir uma célula terrorista de dentro dela, plantando informações falsas. O GDU fazia ainda mais, como, embora fosse raro, mandar sua seção de agentes 00 ficar de tocaia, à espera de inimigos do Estado, e matá-los a tiros. Entretanto, fazer isso dentro do Reino Unido, por mais moralmente justificável que fosse, ou taticamente apropriado, repercutiria muito mal na internet e na imprensa marrom de Fleet Street.

Sem mencionar que os promotores públicos da Coroa estavam entre aqueles que também tinham algo a dizer sobre o assunto.

Porém, deixando a política de lado, Bond queria, a qualquer custo, prosseguir no caso do Incidente Vinte.

Havia adquirido uma aversão particular pelo irlandês. Suas palavras para M foram medidas:

— Acho que estou na melhor posição para encontrar esse homem e Noah, e para descobrir o que eles estão tramando. Quero continuar no caso, senhor.

— Eu sou da mesma opinião. E *quero* que você continue, 007. Falei por telefone hoje de manhã com a 5 e com a Seção de Operações Especiais da Yard. As duas querem que você prossiga como consultor.

— Consultor? — disse Bond, com amargura. Depois se deu conta de que M devia ter feito uma negociação e tanto para conseguir aquilo — Obrigado, senhor.

M retribuiu suas palavras com uma sacudidela de cabeça:

— Você vai trabalhar com alguém da Divisão 3, um camarada chamado Osborne-Smith.

Divisão 3... Segurança britânica e operação policial eram como seres humanos: sempre nascendo, casando, tendo filhos, morrendo e, até, Bond fizera uma piada certa vez, submetendo-se a operações para mudança de sexo. A Divisão 3 era um dos últimos rebentos da prole. Tinha alguma filiação longínqua com a 5, da mesma forma que o GDU tinha um leve parentesco com a 6.

Negabilidade plausível...

Enquanto a 5 desfrutava de amplos poderes de investigação e vigilância, não tinha poder de prisão nem oficiais táticos. A Divisão 3 possuía ambos. Tratava-se de um grupo secreto, recluso, de magos da alta tecnologia, burocratas e ex-caras durões do SAS e do SBS com grande poder de fogo. Bond ficara impressionado com seus recentes sucessos, quando demoliram células terroristas em Oldham, Leeds e Londres.

M encarou-o serenamente:

— Sei que está acostumado a ter *carte blanche* para conduzir as missões como acha melhor, 007. Você tem seu lado independente e ele lhe ajudou bastante no passado — um olhar sombrio — a *maior*

parte das vezes. Mas, em casa, sua autoridade fica limitada. Significativamente. Estou sendo claro?

— Sim, senhor.

Nada mais de *carte blanche*, refletiu Bond com raiva, mas *carte grise*.

Outro olhar austero de M.

— Agora, uma complicação. Aquela conferência sobre segurança.

— Conferência sobre segurança?

— Você não leu o informe de Whitehall? — perguntou M, com petulância.

Eram avisos administrativos sobre assuntos internos de governo e, de fato, não os lera.

— Desculpe, senhor.

As mandíbulas de M comprimiram-se.

— Temos 13 agências de segurança no Reino Unido. Talvez mais, a partir dessa manhã. Os chefes da 5, 6, SOCA, JTAC, SO, 13, DI, a turma toda, inclusive eu, vamos ficar enfiados em Whitehall três dias, perto do fim da semana. Ah, a CIA e alguns colegas do Continente também. Informes sobre Islamabad, Pyongyang, Venezuela, Pequim, Jacarta. E provavelmente teremos a presença de algum analista jovem, com óculos de Harry Potter, apregoando sua teoria de que os rebeldes chechenos são responsáveis pelo maldito vulcão na Islândia. Uma inconveniência total, a coisa toda — disse ele, suspirando. — Vou estar incomunicável a maior parte do tempo. O chefe de gabinete vai comandar a operação Incidente Vinte para o Grupo.

— Sim, senhor. Vou entrar em contato com ele.

— Vá em frente, 007. E lembre-se: você está operando no Reino Unido. Trate-o como se fosse um país onde nunca tivesse estado

antes. O que significa, pelo amor de Deus, que você deve ser diplomático com os nativos.

— Está muito feio, senhor. Tem certeza que quer ver?

O homem replicou imediatamente ao encarregado:

— Sim.

— Ok, então. Eu levo o senhor até lá.

— Quem mais sabe?

— Só o chefe do turno e o rapaz que viu primeiro — lançando um olhar para o patrão, o homem acrescentou: — Eles vão ficar de boca fechada. Se é isso que o senhor quer.

Severan Hydt não disse nada.

Sob um céu nublado e cinzento, os dois homens saíram do terminal de carga do antigo prédio da sede e caminharam até um estacionamento próximo. Entraram num veículo estampado com o logo “Green Way International — Tratamento e Reciclagem”; o nome da companhia estava impresso sobre um desenho delicado de uma folha verdejante. Hydt não dava muita importância àquela concepção visual, que lhe parecia excessivamente moderna, mas fora-lhe dito que a imagem havia repercutido bem em grupos de foco e era boa para relações públicas.

— Ah, o *público* — respondera ele, ocultando o desdém e aprovando o logo com relutância.

Era um homem alto — 1,92m — e de ombros largos; tinha o tronco em forma de coluna metido num terno feito sob medida de lã preta. A cabeça grande era coberta de cabelos grossos, encaracolados, pretos, entremeados com fios brancos, e ele usava barba. As unhas amareladas eram longas, mas cuidadosamente lixadas: tratava-se de uma questão de estilo, e não de negligência.

A palidez de Hydt acentuava as narinas e os olhos escuros emoldurados por um rosto comprido, que parecia jovem para seus 56 anos. Ainda era um homem forte, que perdera pouco da musculatura da juventude.

O utilitário partiu, percorrendo o pátio atravancado de sua companhia, que tinha mais de quarenta hectares repletos de construções baixas, lixões, caçambas, gaivotas voando, fumaça, poeira...

E putrefação...

Enquanto deslocavam-se por aleias tortuosas, a atenção de Hydt desviou-se momentaneamente para uma construção a cerca de 800 metros de distância. Um prédio novo, quase terminado. Era idêntico a outros dois que já se encontravam no terreno: caixas de cinco andares com chaminés; o céu sobre elas ondulava diante do calor que subia. Eram conhecidas como destrutores, termo vitoriano que Hydt adorava. A Inglaterra foi o primeiro país no mundo a produzir energia a partir do lixo municipal. Na década de 1870, a primeira usina elétrica a fazer isso foi construída em Nottingham e, logo, centenas operavam em todo o país, produzindo vapor para gerar eletricidade.

O destrutor, agora quase terminado, construído no centro da usina de tratamento e reciclagem, não era diferente, na teoria, de seu sombrio antepassado da época de Dickens. A não ser pelo fato de usar escovões e filtros para purificar os perigosos gases do escapamento e ser muito mais eficiente, queimando CDL — combustível derivado de lixo — enquanto produzia energia que era bombeada (com lucro, é claro) para a rede elétrica de Londres e para os condados vizinhos.

Na verdade, a Green Way International, sociedade anônima, era apenas o mais novo representante de uma longa tradição britânica de inovação em tratamento e reciclagem de lixo. Henrique IV havia decretado que os detritos deviam ser coletados e removidos das ruas de cidades e vilarejos, ou esses lugares seriam multados. Garotos que reviravam a lama em busca de objetos de valor mantinham as margens do Tâmis limpas — eles eram pagos por empresas particulares, e não pelo governo —, e catadores de trapos vendiam retalhos de lã às fábricas para produção de roupas baratas, chamadas “farrapos”. Em Londres, já no século XIX, mulheres e meninas eram empregadas para examinar o lixo e separá-lo, para possíveis usos no futuro. A British Paper Company foi fundada com o propósito de fabricar papel reciclado — em 1890.

A Green Way estava localizada quase 30 quilômetros a leste de Londres, bem depois dos prédios de escritório com formato de caixotes da ilha de Dogs, e da mina submarina de O2, passando por Canning Town, Silvertown e Docklands. Para se chegar lá, era necessário ir em direção sudeste, pela A13, e prosseguir até o Tâmis. Entrava-se, então, numa rua estreita, nada acolhedora, inóspita, cercada apenas por mato e plantas de caule longo, pálidas e transparentes como a pele de um paciente moribundo. A faixa de

asfalto parecia um caminho que conduzia a lugar nenhum... até chegar-se a uma pequena elevação e, à frente, era possível ver o grande complexo da Green Way, sempre obscurecido por uma névoa.

No meio desse país das maravilhas do lixo, o utilitário estacionou ao lado de uma caçamba de 1,80 metro de altura e 6 de comprimento. Dois trabalhadores na casa dos 40 anos, vestindo os macacões beges da Green Way, encontravam-se desconfortavelmente em pé ao lado.

Não pareciam mais à vontade agora que o dono da companhia, em pessoa, nada mais nada menos, havia chegado.

— Caramba — um sussurrou para o outro.

Hydt sabia que se sentiam intimidados com os olhos negros, a massa compacta da barba e o tamanho imponente do chefe.

E ainda havia aquelas unhas.

Ele perguntou:

— Aí dentro?

Os operários permaneceram mudos, e o encarregado, com o nome *Jack Dennison* costurado sobre o macacão, disse:

— Isso mesmo, senhor. — Depois, virando-se para um dos trabalhadores, gritou: — Muito bem, belezinha, não faça Sr. Hydt esperar. Ele não tem o dia todo, não é?

O empregado correu para um lado da caçamba e, com algum esforço, puxou a grande abertura ajudado por uma mola. No interior, viam-se as onipresentes montanhas de sacos de lixo verdes e detritos espalhados — garrafas, revistas e jornais — que as pessoas haviam tido preguiça de separar para reciclar.

E havia um outro item descartado: um corpo humano.

De mulher, ou de um adolescente, a julgar-se pela estatura. Não havia muito mais para se observar, já que, claramente, a morte ocorrera meses antes. Ele abaixou-se e sondou com as longas unhas.

Aquele adorável exame confirmou que o cadáver era de uma mulher. Contemplando a pele que se soltava, os ossos protuberantes, o trabalho de insetos e animais no que havia sobrado de carne, Hydt sentia o coração bater mais rápido. Disse aos dois operários:

— Não comentem sobre isso com ninguém.

Eles vão ficar quietos.

— Sim, senhor.

— Esperem ali.

Os dois afastaram-se. Hydt olhou para Dennison, que balançou a cabeça, confirmando que ficariam em silêncio. Hydt não tinha dúvidas quanto a isso. Dirigia a Green Way mais como se fosse uma base militar do que um lixão e usina de reciclagem. A segurança era implacável — telefones celulares eram proibidos, todas as comunicações com o exterior passavam por monitoramento — e a disciplina, rígida. Porém, em compensação, Severan Hydt pagava muito bem seus funcionários. A história ensinou que os soldados profissionais permaneciam no serviço muito mais tempo do que os amadores, contanto que fossem pagos. E dinheiro era algo que não faltava na Green Way. Utilizar aquilo que as pessoas não queriam mais sempre havia sido, e seria, um empreendimento lucrativo.

Sozinho agora, Hydt agachou-se ao lado do corpo.

A descoberta de cadáveres ali acontecia com relativa frequência.

Às vezes, operários dos setores de entulho e aterramento da Green Way descobriam ossos vitorianos, ou esqueletos dissecados,

em alicerces de construções. Ou o cadáver de algum sem-teto, morto por exposição ao frio, ou pela bebida e pelas drogas, atirado sem a menor cerimônia sobre os sacos de lixo. Outras vezes, tratava-se de uma vítima de homicídio cujos assassinos eram suficientemente educados para levar o corpo direto até lá.

Hydt nunca dava parte das mortes. A presença da polícia era a última coisa que desejava.

Além disso, por que abriria mão de um tesouro como aquele?

Ele chegou mais perto do corpo, os joelhos comprimindo o que havia sobrado do jeans da mulher. O cheiro de podre — penetrante como o de papelão molhado — seria desagradável para a maioria das pessoas. Entretanto, o lixo fazia parte da profissão de toda a vida de Hydt, e este lhe era tão indiferente quanto o odor de graxa para um mecânico de oficina ou o cheiro de sangue e vísceras para o trabalhador de um abatedouro. Dennison, o encarregado, no entanto, manteve-se a alguma distância do “perfume”.

Com uma das unhas amareladas, Hydt inclinou-se para a frente e tocou o topo do crânio, que praticamente já não tinha mais cabelos; depois, a mandíbula e os ossos dos dedos, os primeiros a ficarem expostos. As unhas dela também eram longas, mas não por que tivessem crescido após a morte, o que era um mito; apenas *pareciam* longas porque a carne sobre elas encolhera.

Estudou a nova amiga por um longo tempo. Depois, com relutância, afastou-se. Olhou para o relógio. Tirou o iPhone do bolso e bateu cerca de dez fotos do cadáver.

Lançou, então, um olhar à sua volta. Apontou para um local deserto entre dois grandes montes, sobre um aterro sanitário, semelhantes a uma padiola contendo falanges de soldados abatidos.

— Diga aos homens para enterrarem lá.

— Sim, senhor — replicou Dennison.

Enquanto caminhava de volta ao veículo, disse:

— Não muito fundo. E mande deixarem uma marca. Para que eu possa encontrá-lo de novo.

Meia hora depois, Hydt estava em seu escritório vendo as fotos que havia tirado do cadáver, perdido na contemplação das imagens, sentado atrás de uma porta de cadeia de trezentos anos apoiada sobre pernas que lhe servia de mesa. Por fim, pôs de lado o telefone e dirigiu os olhos negros para outras coisas. E havia muitas.

A Green Way era uma das líderes mundiais no tratamento, recuperação e reciclagem de lixo.

O escritório era espaçoso e fracamente iluminado, localizado no último andar da sede da companhia, uma antiga fábrica de processamento de carnes, que datava de 1896, reformada e transformada no que as revistas de decoração de interiores chamariam de maltrapilho chique.

Nas paredes, havia relíquias arquitetônicas de construções que a companhia tinha demolido: vitrais quebrados, gárgulas, animais, efígies e mosaicos de concreto, cercados por molduras pintadas, descascando-se. São Jorge e o dragão estavam representados várias vezes. Santa Joana, também. Em um grande baixo-relevo, Zeus, disfarçado de cisne, copulava com a bela Leda.

A secretária de Hydt ia e vinha com cartas a serem assinadas, relatórios para leitura, memorandos que necessitavam de aprovação, balanços financeiros requerendo apreciação. A Green Way ia de vento em popa. Numa conferência da indústria de reciclagem, Hydt havia, certa vez, brincado que o adágio sobre as certezas da vida não deveria limitar-se àquelas duas tão conhecidas: as pessoas

tinham de pagar impostos, morrer... e precisavam ter o seu lixo coletado e tratado.

O computador emitiu um sinal e ele recebeu um e-mail criptografado de um colega que se encontrava fora do país. Era sobre uma reunião importante no dia seguinte, terça, confirmando horário e local. A última frase deixou-o agitado: O número de mortos amanhã será significativo — perto de 100. Espero que sirva.

Servia, de fato. E o desejo que surgira dentro dele assim que olhou para o corpo na caçamba aumentou tremendamente.

Ele levantou a cabeça quando uma mulher magra, de 60 e poucos anos, vestindo tailleur escuro e camisa preta, entrou. O cabelo era branco, cortado à moda das executivas. Um diamante grande, sem adornos, pendia de uma corrente de platina em torno do pescoço fino, e pedras semelhantes, embora em engastes mais complexos, embelezavam-lhe os pulsos e vários dedos.

— Aprovei as amostras — disse Jessica Barnes, que era americana.

Ela vinha de uma pequena cidade nos arredores de Boston; o sotaque regional dava charme e coloração à sua voz. Uma beldade anos atrás, conhecera Hydt quando era relações-públicas de um restaurante de luxo em Nova York. Moraram juntos alguns anos e — a fim de mantê-la perto — Hydt contratara-a para revisar o material publicitário da Green Way, outra atividade pela qual Hydt nutria pouco respeito ou interesse. Fora-lhe dito, no entanto, que ela tomava boas decisões, de quando em quando, com relação aos esforços de marketing da companhia.

Contudo, quando Severan olhou-a, viu que havia algo de diferente nela aquele dia.

Viu-se estudando seu rosto. Era isso. Sua preferência, *insistência*, de que usasse apenas preto e branco e mantivesse o rosto sem maquiagem fora contrariada; hoje, ela estava com um pouquinho de *blush* e, talvez — não tinha certeza —, um leve batom. Ele não fez uma cara feia, mas ela percebeu a direção de seu olhar e virou-se um pouco, respirando de forma diferente. Ela passou os dedos em uma das maçãs do rosto, mas logo interrompeu o movimento.

Ela entendera o recado. Revisou os anúncios:

— Quer dar uma olhada neles?

— Tenho certeza de que estão bons — disse ele.

— Vou enviá-los então.

Ela saiu da sala com destino não ao departamento de marketing, Hydt sabia, mas ao toailete, onde lavaria o rosto.

Jessica não era boba; aprendera a lição.

Depois, a mulher saiu de seus pensamentos. Severan olhou pela janela para o novo destrutor. Estava muito envolvido com o evento de sexta-feira, mas, naquele momento, não conseguia tirar o dia seguinte da cabeça.

O número de mortos... perto de 100.

Suas entranhas contorceram-se de prazer.

Foi então que a secretária anunciou pelo interfone:

— Sr. Dunne está aqui, senhor.

— Ah, ótimo.

Um momento depois, Niall Dunne entrou e fechou a porta, para que os dois ficassem a sós. Seu rosto trapezoide e pesado raramente havia manifestado alguma emoção durante os nove meses passados desde que haviam se conhecido. Severan Hydt não via utilidade na maioria das pessoas, nem se interessava por sutilezas sociais. Contudo, Dunne provocava-lhe calafrios.

— Então, o que aconteceu lá? — perguntou Hydt.

Após o incidente na Sérvia, Dunne dissera que os dois deveriam manter as conversas telefônicas a um nível mínimo.

Virou então os olhos azul-claros em direção a Hydt e explicou, com seu sotaque de Belfast, que ele e Karic, o contato na Sérvia, haviam sido surpreendidos por alguns homens — pelo menos dois eram oficiais da inteligência sérvia, disfarçados de policiais, e havia alguém do oeste, que dizia fazer parte do Grupo Europeu de Manutenção e Monitoramento da Paz.

Hydt franziu o cenho.

— Isso...

— Esse grupo não existe — disse Dunne, com toda calma. — Devia ser alguma operação particular. Não havia pessoal de apoio, nenhuma central de comunicações, nenhum médico. O homem do oeste provavelmente subornou os oficiais da inteligência para que o ajudassem. Estamos falando dos Bálcãs, afinal de contas. Podia haver algum concorrente — acrescentou ele. — Talvez algum dos seus sócios, ou um funcionário daqui, tenha deixado escapar alguma coisa sobre o plano.

Estava referindo-se a Geena, naturalmente. Eles fizeram tudo o que podiam para manter o projeto em segredo, mas algumas pessoas, espalhadas pelo mundo, estavam envolvidas; não era impossível que tivesse havido algum vazamento e alguma organização criminosa se interessasse em saber mais sobre o assunto.

Dunne continuou:

— Não quero minimizar os riscos. Eles eram muito espertos. Mas não houve nenhum esforço especial de coordenação. Estou confiante de que podemos seguir adiante.

Dunne entregou a Hydt um telefone celular.

— Use este para as nossas conversas. Tem uma criptografia melhor.

Hydt examinou-o.

— Você conseguiu dar uma olhada no homem do oeste?

— Não. Tinha muita fumaça.

— E Karic?

— Eu o matei — disse ele, no mesmo tom em que diria: “Sim, está frio lá fora hoje”.

Hydt considerou o que ele havia-lhe dito. Ninguém era mais preciso ou cauteloso, quando se tratava de análises, do que Niall Dunne. Se estivesse convencido de que aquilo não era um problema, Hydt aceitaria sua opinião.

Dunne continuou:

— Estou indo para as instalações. Assim que eu levar os últimos materiais para lá, a equipe disse que pode terminar em poucas horas.

Um fogo acendeu-se dentro de Hydt, aceso pela imagem do corpo da mulher na caçamba e pela ideia do que o aguardava no norte.

— Eu vou com você.

Dunne não disse nada. Por fim, perguntou num tom monótono:

— Você acha que é uma boa ideia? Pode ser arriscado.

Disse aquilo como se tivesse detectado a ansiedade na voz de Hydt — Dunne parecia sentir que nada de bom podia resultar de qualquer decisão baseada em emoções.

— Vou arriscar — disse Hydt, batendo no bolso para ter certeza de que seu telefone estava lá.

Esperava que houvesse uma oportunidade de tirar mais fotografias.

10

Após deixar a toca de M, Bond atravessou o corredor. Cumprimentou uma mulher asiática elegantemente vestida, que digitava com habilidade num computador grande, e passou pela porta atrás dela.

— Você aceitou o trabalho — disse ele para um homem inclinado sobre uma mesa tão cheia de papéis e pastas quanto a de M era vazia.

— É verdade — disse Bill Tanner, levantando a cabeça. — Agora sou o chefe supremo do Incidente Vinte. Pegue uma cadeira, James — disse ele, apontando para uma, vazia.

Ou melhor, *a* cadeira vazia. A sala possuía algumas cadeiras, mas as restantes serviam de postos avançados para mais pastas. Quando Bond sentou-se, o chefe de gabinete da GDU perguntou:

— O mais importante: serviram para você um vinho decente e uma refeição de *gourmet* na SAS, à noite passada?

Um helicóptero Apache, cortesia do Serviço Aéreo Especial, pegara Bond num campo, ao sul do Danúbio, e levava-o até uma base da OTAN, na Alemanha, onde um Hercules carregado de peças de veículos utilitários concluiu seu deslocamento até Londres. Ele disse:

— Parece que esqueceram de abastecer a cozinha.

Tanner riu. O oficial aposentado do Exército, ex-tenente-coronel, era um homem inteligente na casa dos 50 anos, de pele rosada e apumado — em todos os sentidos da palavra. Estava com seu uniforme habitual: calça escura e camisa azul-clara, com as mangas arregaçadas. Tanner tinha um trabalho difícil, coordenava as operações diárias do GDU e, por isso, deveria ter pouco senso de humor, embora, na verdade, tivesse-o de sobra. Fora o mentor de Bond, quando o jovem agente ingressara na organização, e era agora seu amigo mais chegado ali dentro. Era fã de golfe e, semana sim, semana não, ele e Bond tentavam ir aos campos que apresentavam mais desafios, como o Royal Cinque Ports, ou o Royal St George's, ou, se o tempo estivesse firme, o Sunningdale, perto de Windsor.

Tanner estava, naturalmente, familiarizado, de maneira geral, com o Incidente Vinte e a perseguição a Noah, mas Bond atualizou-o mais um pouco, contando-lhe sobre o papel menor que teria na operação, dentro do Reino Unido.

O chefe de gabinete deu um sorriso simpático.

— *Carte grise*, hein? Tenho que admitir que você está aceitando isso muito bem.

— Não tenho muita escolha — argumentou Bond. — Whitehall ainda está convencido de que a ameaça está no Afeganistão?

— Vamos dizer apenas que eles *esperam* que esteja baseada lá — disse Tanner, em voz baixa. — Por várias razões. Provavelmente você pode imaginá-las por si mesmo.

Ele referia-se à política, estava claro.

Depois, fez um sinal com a cabeça na direção da sala de M.

— Você ouviu a opinião dele sobre essa conferência de segurança da qual ele foi obrigado a participar essa semana?

— Não tive muito tempo para perguntar — disse Bond.

Tanner riu.

Bond olhou para o relógio e levantou-se.

— Tenho que encontrar um camarada da Divisão 3. Osborne-Smith. Sabe alguma coisa sobre ele?

— Ah, Percy — disse Bill Tanner, levantando misteriosamente uma sobrancelha. — Boa sorte, James. Não vou dizer mais nada.

A Seção O ocupava quase todo o quarto andar.

Era uma grande área aberta, cercada pelos escritórios dos agentes. No centro, havia terminais de trabalho para assistentes e outros funcionários de apoio. Poderia ser o departamento de vendas de um grande supermercado, se não fosse pelo fato de que cada porta de escritório tivesse escâner de íris e fechadura com teclado. Havia muitos computadores de tela plana no centro, mas nenhum daqueles monitores gigantes que pareciam obrigatórios em organizações de espionagem da TV e do cinema.

Bond atravessou essa área movimentada e cumprimentou com a cabeça uma loura de 20 e poucos anos, inclinada para a frente na cadeira de sua sala e sentada à cabeceira de uma mesa de trabalho organizada. Se Mary Goodnight trabalhasse em qualquer outro departamento, Bond talvez a convidasse para jantar e visse o que aconteceria a seguir. Porém, ela não pertencia a outro departamento: ficava sentada a 5 metros da porta da sala de James e era sua agenda humana; assemelhava-se a uma ponte levadiça, sendo capaz de repelir o inesperado com firmeza e tato irrepreensíveis, o que era muito importante no serviço do governo.

De tanto que se parecia com Kate Winslet, Goodnight ocasionalmente recebia — de colegas de escritório, amigos e namorados — cartões ou suvenires inspirados no filme *Titanic*, embora, no momento, não houvesse nenhum à vista.

— Bom dia, Goodnight.

Esse jogo de palavras e outros do gênero tinham, havia muito, passado de flerte para afeto. Tornara-se algo como um carinho entre marido e mulher, quase automático e jamais cansativo.

Goodnight passou os olhos pela lista de seus compromissos para o dia, mas Bond disse-lhe que cancelasse tudo. Teria uma reunião com um agente da Divisão 3, que viria de Thames House e, depois, talvez precisasse sair de repente.

— Devo guardar as comunicações também? — perguntou ela.

Bond pensou no assunto.

— Acho que vou dar uma olhada nelas agora. Pelo menos, limparia minha mesa. Se precisar me afastar, não quero voltar e encontrar coisas para ler durante uma semana.

Ela entregou-lhe as pastas, ornadas com listas verdes, significando sigilo máximo. Com a aprovação da fechadura de teclado e do escâner de íris, ambos localizados ao lado da porta, Bond entrou em seu escritório e acendeu a luz. O espaço não era pequeno de acordo com os padrões londrinos, tinha mais ou menos 4 por 4 metros, mas apresentava um aspecto árido. A mesa, fornecida pelo governo, era ligeiramente maior, mas de cor idêntica à que tinha na Inteligência de Defesa. As quatro estantes de madeira encontravam-se cheias de livros e periódicos que lhe haviam sido, ou talvez viessem a ser, de ajuda. Variavam nos assuntos, que iam desde as últimas técnicas de acesso ilegal a sistemas de computadores, usadas pelos búlgaros, até expressões

idiomáticas, de um guia em tailandês, para recarregar cartuchos de rifles Lapua calibre 338, usados por atiradores de elite. Havia muito pouca coisa de natureza pessoal que desse vida à sala. O único objeto que poderia estar exposto, sua Cruz de Bravura Notável, recebida pelos serviços militares prestados no Afeganistão, encontrava-se no fundo da última gaveta da mesa. Aceitara a honra de boa vontade, mas, para Bond, coragem era apenas mais uma ferramenta do kit de soldado, e ele não via nenhuma razão para expor nenhum sinal de seu uso no passado, da mesma forma que não penduraria na parede uma lista de códigos para uma mensagem já decifrada. Bond sentou-se na cadeira e começou a ler as comunicações — relatórios de inteligência, vindos do setor de Solicitações do MI6 com a capa adequada, de cor parda. O primeiro era da Seção Rússia. A Estação R havia conseguido infiltrar-se num servidor do governo, em Moscou, e copiar alguns documentos secretos. Bond, que possuía facilidade para línguas e estudara russo em Fort Monckton, pulou a sinopse em inglês e foi direto à informação no original.

Chegou a um parágrafo do moroso texto em que duas palavras detiveram sua leitura. Os termos russos para “Cartucho de Aço”.

A expressão despertou sua atenção, como um sonar de submarino percebe um alvo distante, mas definido.

Cartucho de Aço parecia ser o codinome de uma “medida ativa”, termo soviético para descrever uma operação tática. E esta envolvera “algumas mortes”.

Porém, não havia nada de específico nos detalhes da operação.

Bond encostou-se no assento da cadeira e ficou olhando para o teto. Ouviu vozes de mulheres do lado de fora da sua porta e olhou naquela direção. Através do vidro, viu Philly segurando umas pastas

e falando com Mary Goodnight. Bond fez-lhe um sinal com a cabeça, e a agente da 6 foi juntar-se a ele, sentando-se numa cadeira de madeira em frente à sua mesa.

— O que você descobriu, Philly?

Ela inclinou-se para a frente, cruzando as pernas, e Bond pensou ter ouvido o ruído sedutor do náilon.

— Primeiro, suas habilidades como fotógrafo são boas, James, mas tinha muito pouca luz. Não consegui uma resolução alta o bastante do rosto do irlandês para reconhecimento. E não havia digitais na conta de bar, nem na anotação, a não ser uma, parcial, sua.

Portanto, o homem permaneceria anônimo por enquanto.

— Mas as digitais nos óculos estavam boas. O homem era Aldo Karic, sérvio. Vivia em Belgrado e trabalhava para a ferrovia nacional — disse ela, apertando os lábios em sinal de frustração, o que enfatizava a charmosa covinha. — Mas vai demorar um pouco mais do que eu esperava para conseguir mais detalhes. A mesma coisa em relação à substância tóxica no trem. Ninguém quer falar nada. Você estava certo: Belgrado não está a fim de cooperar. Agora, quanto aos pedaços de papel que você encontrou no carro em chamas: encontrei algumas localizações possíveis.

Bond olhou para o material impresso que ela tirava de uma pasta. Eram mapas ornados com o logo divertido do MapQuest, o serviço on-line para se encontrar endereços.

— Vocês estão com problemas de orçamento na 6? Seria um prazer telefonar para o Tesouro e interceder por vocês.

Ela deu um sorriso que parecia exalar ar fresco.

— É óbvio que usei proxies. Só queria ter uma ideia de onde vamos nos meter — disse ela, apontando com o dedo sobre um dos

mapas. — O recibo? O bar fica aqui.

Ficava na rodovia perto de Cambridge.

Bond examinou o mapa. Quem comera ali? O irlandês? Noah? Outros cúmplices? Ou alguém que houvesse alugado aquele carro, na semana anterior, e não tivesse qualquer ligação com o Incidente Vinte?

— E o outro papel? O que tinha coisas escritas?

Boots — March. 17. No máximo.

Ela pegou uma lista longa.

— Tentei pensar em todas as combinações possíveis do que poderia significar. Data, calçado, localização geográfica, farmácia.

Seus lábios comprimiram-se de novo. Estava aborrecida porque seus esforços não haviam sido suficientes.

— Não se trata de nada óbvio, acho.

Ele levantou-se e retirou de uma prateleira alguns mapas da Ordnance Survey. Abriu um e examinou-o atentamente. Mary Goodnight apareceu na porta.

— James, tem alguém lá embaixo querendo falar com você. Disse que é da Divisão 3. Percy Osborne-Smith.

Philly devia ter percebido a mudança total de expressão no rosto de Bond.

— Vou embora, James, e continuar insistindo junto aos sérvios. Vão acabar cedendo. Garanto.

— Só mais uma coisa, Philly — disse ele, entregando-lhe a comunicação que havia acabado de ler. — Preciso que você descubra tudo que puder sobre uma operação soviética ou russa chamada Cartucho de Aço. Tem alguma coisa aqui, mas não muito.

Ela deu uma olhada no material.

Bond disse:

— Desculpe, não está traduzido, mas você provavelmente pode...

— *Ya govoryu po russki.*

James sorriu ligeiramente.

— E com sotaque bem melhor do que o meu.

Ele disse a si mesmo para nunca subestimá-la novamente.

Philly examinou com atenção o material.

— Isso foi pirateado de alguma fonte on-line. Quem tem o arquivo de dados original?

— Alguém do seu pessoal. Veio da Estação R.

— Vou entrar em contato com a Seção Rússia — disse ela. — Quero ver os metadados codificados no arquivo. Devem ter a data em que foi criado, o nome do autor, talvez referências cruzadas de outras fontes.

Philly colocou o documento russo numa pasta e pegou um lápis para marcar um dos quadrados na capa.

— Como você quer que classifique?

Ele pensou por um momento.

— Somente para nossos olhos.

— Nossos? — perguntou ela.

Aquele pronome não era usado para classificação de documentos oficiais.

— Os seus e os meus — disse ele, em voz baixa. — De ninguém mais.

Depois de um breve momento de hesitação, com sua letra delicada ela escreveu no alto: *Somente para os olhos. Agente SIS Maidenstone. Agente GDU James Bond.*

— E a prioridade? — perguntou em voz alta.

Na resposta a essa pergunta, Bond não vacilou nem um pouco.

— Máxima.

Bond estava sentado à sua mesa, inclinado para a frente e fazendo uma pesquisa por conta própria nas bases de dados do governo, quando ouviu passos que se aproximavam, acompanhados de uma voz alta.

— Vou bem, obrigado. Pode sair de formação agora, por favor, e fico muito grato. Sei me virar sem sat-nav.

Com aquela frase, um homem de terno listrado justo entrou na sala de Bond, depois de despachar o oficial de segurança da Seção P que o acompanhara. Também havia passado sem parar um segundo por Mary Goodnight, que se levantou com um olhar severo quando o homem avançara como uma tormenta, ignorando-a.

Ele chegou à mesa de James estendendo uma mão de tamanho considerável. Magro, mas flácido, nada imponente, possuía, no entanto, olhar firme e braços longos. Parecia ser do tipo que esmagava os ossos, de maneira que Bond, escurecendo a tela do computador e pondo-se de pé, preparou-se para contra-atacar, aproximando bem a mão, a fim de evitar que ele lhe puxasse.

Na verdade, o aperto de mão de Percy Osborne-Smith foi breve e inofensivo, embora desagradavelmente úmido.

— Bond. James Bond — disse ele, conduzindo o oficial da Divisão 3 para a cadeira que Philly havia acabado de ocupar, e não deixando que o penteado do homem — cabelos louros escuros, colados na parte lateral da cabeça —, seus lábios em forma de bico e seu pescoço flácido o enganassem. Ter o queixo para dentro não era um sinal de um homem fraco, como qualquer um familiarizado com a carreira do marechal Montgomery podia atestar.

— Então — disse Osborne-Smith —, aqui estamos nós. Muita agitação por causa do Incidente Vinte. Quem inventa esses nomes, você faz ideia? O Comitê de Inteligência, imagino.

Bond inclinou a cabeça, de forma neutra.

Os olhos do homem circularam pelo escritório, pousando brevemente sobre um revólver de plástico, com a boca do cano cor de laranja, usado no treinamento de combate corpo a corpo e devolvido a Bond.

— Ora, pelo que sei, o Ministério da Defesa e a 6 estão pondo fogo nas caldeiras para entrar na rota afegã e ir procurar os canalhas no interior do país. O que nos faz parecer irmãos caçulas inconvenientes, deixados para trás, encalhados nessa conexão sérvia. Mas às vezes são os peões que ganham o jogo, não é mesmo?

Ele tocou o nariz e a boca com um lenço. Bond não conseguia lembrar-se da última vez que vira alguém com menos de 70 anos empregar aquela combinação de gesto e acessório.

— Ouvi falar de você, Bond... *James*. Vamos acabar com as formalidades, não? Meu sobrenome é um pouco grande demais. Cruze que carregamos. Da mesma forma que o meu título: vice-diretor sênior de Operações de Campo.

Menção infeliz, pensou Bond.

— Então, fica melhor Percy e James. Soa como uma dupla de um show de comédia. Sim, ouvi falar de você, James. Sua reputação o precede. Não que “exceda” você, é claro. Ao menos, pelo que ouço falar.

Oh, Deus!, pensava Bond, já começando a perder a paciência. Resolveu, então, antecipar-se à continuação do monólogo e explicou, com detalhes, o que tinha acontecido na Sérvia.

Osborne-Smith ouviu tudo, fazendo anotações. Depois, descreveu o que ocorrera no lado britânico do Canal, que não era nada de particularmente informativo. Mesmo listando os incríveis poderes de vigilância da Seção A do MI5 — conhecida como Sentinelas —, ninguém havia conseguido confirmar nada além do fato de que o helicóptero levando o irlandês pousara em algum lugar a nordeste de Londres. Desde então, nenhum MASINT ou outro vestígio da aeronave fora encontrado.

— Sendo assim, qual é a sua estratégia? — disse Osborne-Smith, embora não como pergunta. Na verdade, foi como o prefácio a uma diretiva: — Enquanto o Ministério da Defesa, a 6 e todos sob o sol vasculham o deserto, procurando afegãos de destruição em massa, quero ir fundo aqui, encontrar esse irlandês e Noah, amarrá-los com um belo laço e colocá-los na cadeia.

— Prendê-los?

— Bem, “detê-los” pode ser uma palavra mais feliz.

— Na verdade, não sei se essa é a melhor abordagem — disse Bond, delicadamente.

Pelo amor de Deus, seja diplomático com os nativos.

— Por que não? Não temos tempo para ficar vigiando. Apenas para interrogar.

Bond notou um ligeiro sinal de língua presa e disse:

— Se milhares de vidas estão em risco, o irlandês e Noah não podem estar operando sozinhos. Podem até estar bem embaixo na cadeia alimentar. Tudo o que sabemos com certeza é que houve uma reunião no escritório de Noah. Nada sugeria que ele estivesse encarregado de toda a operação. E o irlandês? É um assassino. Com certeza sabe seu ofício, mas é basicamente músculo. Acho que precisamos identificá-los e mantê-los na jogada até conseguirmos mais respostas.

Osborne-Smith abanava a cabeça, concordando.

— Ah, mas você não está familiarizado com o meu histórico, James, meu *curriculum vitae* — disse ele, fazendo desaparecer o sorriso e a falsa pompa. — Comecei minha carreira interrogando prisioneiros. Na Irlanda do Norte. E em Belmarsh.

A infame “prisão para terroristas” em Londres.

— Também tomei banho de sol em Cuba — continuou ele —, em Guantánamo. Sim, as pessoas acabam confessando para mim, James. Depois de uns dias comigo, elas me dão o endereço do esconderijo do próprio irmão, sério. Ou do filho. Da filha. Ah, as pessoas falam quando eu faço perguntas... com a maior educação possível.

Bond, contudo, não desistia.

— Mas se Noah tem cúmplices e eles ficarem sabendo que ele foi pego, podem acelerar o que está planejado para sexta-feira. Ou desaparecerem. E nós os perdemos até que ataquem novamente, daqui a seis ou oito meses, quando todas as pistas tiverem esfriado. Esse irlandês está preparado para contornar possíveis eventualidades que alterem seu plano, tenho certeza.

O nariz suave enrugou-se de pesar.

— É exatamente isso. Se estivéssemos em algum lugar do Continente ou caminhando pela Praça Vermelha, eu ficaria *encantado* de me sentar confortavelmente e ficar vendo você fazer lançamentos ou ataques, como preferisse, mas o nosso campo de críquete é aqui.

O estalo de chicote era, naturalmente, inevitável. Bond decidiu que não fazia sentido discutir. O fantoche dândi tinha uma espinha dorsal de aço. Possuía também autoridade máxima e podia excluir Bond completamente se quisesse.

— A decisão é sua — disse Bond, amigavelmente. — Sendo assim, imagino que a primeira coisa seja encontrá-los. Deixe eu lhe mostrar nossas pistas.

Entregou-lhe uma cópia do recibo de bar e da anotação: *Boots — March. 17. No máximo.*

Osborne-Smith franziava o cenho enquanto examinava os papéis.

— O que você acha disso? — perguntou.

— Nada muito *sexy* — disse Bond. — O bar fica fora de Cambridge. A anotação é um pouco misteriosa.

— Dezessete de março? Um lembrete para ir até a farmácia?

— Talvez — respondeu Bond, de forma dúbia. — Eu estava pensando que pode ser algum código. Não vejo nada de diferente nisso. Não fica perto de nenhum lugar importante. Na M11, perto de Wimpole Road — disse ele, tocando o papel. — Provavelmente uma perda de tempo. Mas tem que ser investigado. Por que não fico encarregado disso? Posso ir até lá e dar uma olhada nos arredores de Cambridge. Talvez você possa fazer a anotação em que está escrito *March* passar pelos criptoanalistas da 5 e ver o que os computadores deles têm a dizer. Essa é a chave, eu acho.

— Vou fazer isso. Mas, na verdade, se você não se importa, James, provavelmente seria melhor que eu mesmo me encarregasse do bar. Conheço o terreno. Estudei em Cambridge, em Magdalene.

O mapa e a conta de bar desapareceram dentro da pasta de Osborne-Smith, juntamente com uma cópia da anotação. Depois, ele pegou outra folha de papel.

— Você pode chamar aquela garota aqui?

Bond levantou uma sobrancelha.

— Qual?

— A coisinha linda aí fora. Solteira, percebo.

— Você está falando da minha assistente — disse Bond, secamente, levantando-se e indo até a porta. — Miss Goodnight, pode vir até aqui, por favor?

Ela veio, franzindo o cenho.

— Nosso amigo Percy quer ter uma palavrinha com você.

Osborne-Smith não notou a ironia na escolha de nomes feita por Bond e entregou a folha de papel para ela.

— Me faça uma cópia disso, está bem?

Com um olhar em direção a James, que balançou a cabeça, Goodnight pegou o documento e foi até a copiadora. Osborne-Smith gritou para ela:

— Frente e verso, é claro. O desperdício trabalha para o inimigo, não é mesmo?

Goodnight retornou um instante depois. Osborne-Smith guardou o original em sua pasta e entregou a cópia a Bond.

— Você costuma ir ao estande de tiro?

— Às vezes — disse-lhe Bond, sem acrescentar: seis horas por semana, religiosamente, em recinto fechado, com armas menores, aqui; e ao ar livre, com as de grosso calibre, em Bisley. E a cada

quinzena, treinava no estande FATS, da Scotland Yard — o simulador computadorizado para treinamento com armas de fogo, de alta definição, no qual um eletrodo era colocado nas costas de quem treinava; se o terrorista disparasse antes, a pessoa caía de joelhos sentindo uma dor penetrante.

— Temos de observar as formalidades, não? — disse Osborne-Smith, fazendo um gesto em direção à folhas nas mãos de Bond. — Este é um formulário que o autoriza a usar armas temporariamente. Poucos agentes da lei podem carregar armas no Reino Unido.

— Provavelmente não é uma boa ideia usar meu nome nisso — observou Bond.

Osborne-Smith não parecia ter pensado naquilo.

— Você pode estar certo. Use um disfarce não oficial, que tal? John Smith serve. Preencha e responda as perguntas que estão atrás. Normas de segurança, essas coisas. Se tiver algum problema, é só me chamar, que eu ajudo.

— Vou seguir em frente, então.

— Bom garoto. Fico feliz que isso esteja resolvido. Mais tarde, juntamos nossas informações. Depois das nossas respectivas missões secretas — disse ele, batendo na pasta com a mão. — Agora, para Cambridge.

Deu meia-volta e saiu tão ruidosamente quanto havia chegado.

— Cretino! — murmurou Goodnight.

Bond deu uma risada curta. Tirou o paletó das costas da cadeira e vestiu-o, pegando o mapa da Ordnance Survey.

— Vou até o armeiro pegar minha pistola e depois vou sair por umas três ou quatro horas.

— E o formulário da arma de fogo, James?

— Ah — disse ele, pegando o papel, rasgando-o em tiras uniformes e, depois, enfiando-as no livreto de mapas para marcar locais —, por que ficar gastando bloquinhos de folha adesiva do departamento? O desperdício trabalha para o inimigo, você sabe.

Uma hora e meia depois, James Bond estava em seu Bentley Continental GT como um foguete cinza indo para o norte.

Refletia sobre a decepção com Percy Osborne-Smith. Chegara à conclusão de que a pista até o bar de Cambridge não se tratava, na verdade, de algo muito promissor. Sim, era possível que os membros principais do Incidente Vinte tenham comido lá — a conta sugeria uma refeição para duas ou três pessoas. Entretanto, a data era de mais de uma semana antes, de maneira que parecia improvável algum funcionário lembrar-se de um homem que se encaixasse na descrição do irlandês e de seus companheiros. E como ele havia demonstrado ser particularmente inteligente, Bond suspeitava que o irlandês devesse fazer um rodízio dos locais onde comia e fazia compras; não seria um freguês habitual lá.

A pista em Cambridge tinha de ser averiguada, é claro, mas — igualmente importante — Bond precisava manter Osborne-Smith distraído com outra coisa. Ele simplesmente não podia permitir que o irlandês ou Noah fossem presos e levados para Belmarsh, como um traficante qualquer ou um muçulmano que andasse comprando

fertilizantes demais. Era preciso manter os dois suspeitos no jogo, a fim de descobrir a natureza do Incidente Vinte.

Assim, Bond, bom jogador de pôquer, tinha blefado. Demonstrara um interesse excessivo na pista que levava ao bar e mencionara que este não ficava longe de Wimpole Road. Para a maioria das pessoas, aquilo não significaria nada. Porém, Bond achou que Osborne-Smith devia saber que uma instalação secreta do governo, ligada a Porton Down, o centro de pesquisa de armas biológicas do Ministério da Defesa, em Wiltshire, também estava localizada na Wimpole Road. É verdade que ficava a 12 quilômetros para leste, do outro lado de Cambridge, muito longe do bar, mas Bond acreditou que a associação dos dois lugares encorajaria o homem da Divisão 3 a mergulhar na ideia como uma ave marinha que vê a cabeça de um peixe.

Aquilo relegava Bond à tarefa aparentemente ingrata de lutar com a nota codificada. *Boots — March. 17. No máximo.*

Ele acreditava já tê-la decifrado.

A maioria das sugestões de Philly sobre seu provável significado envolvia a rede de farmácias Boots, que possuía lojas em todas as cidades do Reino Unido. Ela também oferecera sugestões sobre calçados e sobre acontecimentos que tivessem se dado no dia 17 de março.

Contudo, uma delas, quase no fim da lista, tinha intrigado Bond.

Philly observara que as palavras “Boots” e “March” encontravam-se unidas por um traço e descobrira que havia uma Boots Road, que passava perto da cidade de March, duas horas de carro ao norte de Londres. Ela reparou, também, no ponto entre “March” e “17”. Uma vez que a última frase, “no máximo”, sugeria um prazo, “17” fazia

sentido como data, mas provavelmente 17 de *maio*, o dia seguinte à data de hoje.

Dedução inteligente a dela, Bond pensara, e, no escritório, esperando por Osborne-Smith, tinha entrado na Golden Wire — uma rede segura, de fibra ótica, que reunia registros das agências de segurança britânicas mais importantes — para tentar saber o que pudesse sobre March e a Boots Road.

Descobrira alguns fatos intrigantes: um relatório de tráfego sobre desvios de ruas, porque um grande número de caminhões ia e vinha ao longo da Boots Road próximo a uma antiga base do Exército, e uma reclamação de cidadãos relacionada a trabalhos pesados numa fábrica. As referências sugeriam que estes trabalhos tinham de ser completados até a meia-noite do dia 17, ou seriam aplicadas multas. Ele tinha um palpite de que isso poderia ser uma pista sólida que levaria ao irlandês e Noah.

E as regras de espionagem ditavam que esse tipo de intuição só poderia ser ignorado por sua própria conta e risco.

Assim, pôs-se a caminho de March, abandonando-se ao intenso prazer de dirigir.

O que significava, naturalmente, dirigir em alta velocidade.

Bond tinha de se conter, é claro, já que não estava na N-260, nos Pirineus, ou longe dos lugares mais populosos do Lake District, mas indo para o norte, ao longo da A1, quando esta trocava de identidade arbitrariamente, passando de rodovia para automóveis à estrada de carga. Mesmo assim, o ponteiro do velocímetro alcançava, por vezes, 160 quilômetros por hora quando tocava a alavanca sedosa, que respondia em milésimos de segundos, da caixa de marchas Quickshift, a fim de ultrapassar algum veículo para transporte de cavalos ou um Ford Mondeo, mais lentos. Permanecia,

a maior parte do tempo, na pista da direita, embora, uma ou duas vezes, tenha pego o acostamento para fazer alguma ultrapassagem empolgante, apesar de ilegal; deu, também, algumas derrapadas controladas em curvas fechadas.

A polícia não era problema. Como a jurisdição do GDU era limitada no Reino Unido — *carte grise*, e não *blanche*, brincou James sozinho —, era muitas vezes necessário, para agentes da Seção O, passar pela zona rural com rapidez. Bond havia feito por telefone um PDZ — Pedido de Detenção Zero —, e, assim, o número de sua placa era ignorado por câmeras e policiais com detectores de velocidade.

Ah, o Bentley Continental GT cupê... o melhor veículo de fábrica do mundo, na opinião de Bond.

Ele sempre amara aquela marca; o pai guardava centenas de fotos antigas, recortadas de jornais, dos famosos irmãos Bentley e de suas criações, que deixavam Bugattis e o restante, da mesma categoria, comendo poeira em Le Mans, nas décadas de 1920 e 1930. O próprio Bond havia assistido ao espantoso Bentley Speed 8 levar a bandeirada na corrida de 2003, de volta à cena após três quartos de século. Sempre fora seu objetivo ter um daqueles veículos suntuosos, apesar de perversamente rápidos e inteligentes. Enquanto o Jaguar tipo-E, estacionado embaixo de seu apartamento, tinha sido uma herança do pai, o GT fora um legado indireto. Ele havia comprado o primeiro Continental alguns anos atrás, esgotando o que sobrara do pagamento de um seguro de vida que lhe chegara às mãos após a morte dos pais. Recentemente, trocara-o pelo modelo novo.

Bond saiu da rodovia principal e seguiu em direção a March, no coração da região de Fens. Sabia pouco sobre o lugar. Já tinha ouvido falar da “March March March”, uma caminhada feita pelos

estudantes de March até Cambridge, sempre no terceiro mês do ano. Ali ficava a prisão de Whitemoor. E turistas vinham ver a igreja de St. Wendreda — Bond confiava na palavra da Secretaria de Turismo, que afirmava que a construção era espetacular; fazia anos que só entrava em locais de culto com o propósito de fazer investigações.

À frente, surgiu a antiga base do Exército britânico. Ele prosseguiu por um grande círculo até os fundos, que eram cercados por implacáveis cercas de arame farpado e placas advertindo sobre os riscos decorrentes de qualquer tentativa de intrusão. E descobriu o porquê: ela estava sendo demolida. Então, esse era o trabalho de que tinha ouvido falar. Cerca de meia dúzia de construções haviam sido postas abaixo. Apenas uma, com três andares e de velhos tijolos vermelhos, permanecia de pé. Uma placa desbotada anunciava: *Hospital*.

Alguns caminhões grandes podiam ser vistos, juntamente com escavadeiras, outros equipamentos para remoção de terra e trailers, todos estacionados sobre uma elevação, a cerca de 100 metros do prédio. Provavelmente, tratava-se de alojamentos provisórios para o pessoal da demolição. Um carro preto estava parado próximo ao maior deles, mas não se via ninguém por perto. Bond perguntava-se por quê; era segunda-feira, e não feriado. Estacionou o carro num pequeno bosque, de onde não podia ser visto. Saltou e examinou o terreno: observou uma série de canais, plantações de batata e beterraba e agrupamentos de árvores. Vestiu o traje tático 5.11, com o casaco ainda rasgado à altura do ombro pelo fragmento de granada, cheirando a queimado — em virtude do resgate dos papéis, no carro em chamas, que o haviam levado até ali —, e trocou os sapatos de cidade por botas de cano curto, feitas para combate.

Prendeu a Walther e duas cartucheiras com munição num cinto de utilidades feito de lona.

Se tiver algum problema, é só me chamar que eu ajudo.

Pôs nos bolsos silenciador, lanterna, kit de ferramentas e canivete. Depois, foi para o lugar em sua mente que sempre ia antes de qualquer operação tática: ficava absolutamente calmo, com olhos focados e observando cada detalhe — galhos que podiam trair sua presença ao se partir, arbustos em que poderia estar oculto o cano do rifle de um atirador, evidências de aparelho de escuta, sensores e câmeras, capazes de revelar sua presença ao inimigo.

Ele estava preparado para tirar uma vida com rapidez e eficiência se fosse preciso. Isso também fazia parte daquele lugar em sua mente.

Agia com ainda mais cautela por causa das muitas questões que essa missão havia levantado.

O propósito do inimigo dita a sua reação.

Mas qual seria o propósito de Noah?

Na verdade, quem era ele?

Bond começou a caminhar por entre as árvores; depois, atravessou a quina de uma plantação onde se viam pequenos brotos de beterraba. Desviou-se de um pântano malcheiroso e deslocou-se, com muito cuidado, através de um emaranhado de arbustos espinhosos, abrindo caminho em direção ao hospital. Por fim, alcançou o perímetro cercado por arame farpado onde se espalhavam as placas de advertência. O trabalho estava a cargo de uma firma de demolição e entulho chamada Eastern, revelavam as placas. Bond nunca ouvira falar daquela companhia, mas achou que talvez já tivesse visto seus caminhões — havia algo de familiar em seu colorido diferente, verde e amarelo.

Examinou o terreno cheio de mato em frente ao prédio e a área de exercícios, que ficava atrás. Não viu ninguém. Então, começou a cortar a cerca de arame com um alicate, pensando em como seria inteligente usar aquela construção para as reuniões importantes do Incidente Vinte. O local viria abaixo em breve, o que destruiria qualquer prova de seu uso.

Não havia qualquer operário nas imediações, mas a presença do carro preto sugeria que devia haver alguém lá dentro. Procurou uma porta dos fundos ou qualquer outra entrada discreta. Cinco minutos depois, encontrou: uma depressão no solo, com 3 metros de profundidade, causada pela queda do que devia ter sido um túnel subterrâneo de abastecimento. Esgueirou-se para o interior do buraco e acendeu a lanterna. Parecia levar até o porão do hospital, a cerca de 50 metros de distância. Seguiu adiante, observando as paredes de tijolos e o teto, velhos e cheios de rachaduras — exatamente quando dois tijolos saíram do lugar e caíram no chão, onde se podiam ver trilhos enferrujados de bitola estreita, cobertos de lama em alguns trechos.

No meio daquele corredor sombrio, sua cabeça foi atingida por uma enxurrada de cascalho e terra úmida. Olhou para cima e viu que, a mais ou menos 2 metros, o teto do túnel estava escorado como uma casca de ovo quebrada. Dava a impressão de que, se batesse palmas, aquilo tudo despencaria sobre ele.

Não era exatamente um lugar bom para ser enterrado vivo, pensou Bond.

Então, pensou ironicamente: e *existiria* algum?

— Excelente trabalho — Severan Hydt disse a Niall Dunne.

Eles estavam sozinhos no trailer do primeiro, estacionado a 100 metros do escuro e taciturno prédio do hospital do Exército britânico, nos arredores de March. Como a equipe do Geena fora pressionada a terminar o trabalho até o dia seguinte, Hydt e Dunne tinham parado com a demolição naquela manhã e providenciado para que o pessoal permanecesse longe dali. A maioria dos empregados de Hydt não sabia nada sobre o Geena e ele tinha que ser muito cuidadoso toda vez que as duas operações se sobrepunham.

— Também fiquei satisfeito — disse Dunne, de forma inexpressiva, no mesmo tom em que reagia a quase tudo, fossem elogios, críticas ou observações imparciais.

A equipe havia ido embora com o dispositivo uma hora antes, após montá-lo com os materiais fornecidos por Hydt. Ficaria guardado num esconderijo nas proximidades, até sexta-feira.

Severan gastara algum tempo caminhando pelo último prédio que viria abaixo: o hospital, erguido havia mais de oitenta anos.

As demolições traziam para a Green Way muito dinheiro. A companhia lucrava com pessoas que pagavam para pôr abaixo o que não queriam mais e tirando do entulho o que outras pessoas *desejavam*: vigas de madeira e metal, arame, alumínio e canos de cobre — de belo cobre, sonho de qualquer comprador de sucata. Porém, o interesse de Hydt por demolições ia muito além do plano financeiro, naturalmente. Estudou o velho prédio num estado de êxtase, como o caçador contempla um animal despreparado momentos antes de disparar o tiro fatal.

Não pôde evitar pensar também nos antigos ocupantes do hospital — os mortos e os agonizantes.

Havia tirado dezenas de fotos do local enquanto passeava por salões decrepitos, quartos mofados — em particular, o necrotério e a sala de autópsias —, colecionando imagens de decomposição e decadência. Seus arquivos fotográficos incluíam fotos de prédios antigos e de cadáveres. Tinha uma imensidão delas; algumas muito artísticas, de lugares como Northumberland Terrace; Palmers Green, na North Circular Road; a já desaparecida refinaria de Pura, sobre o Bow Creek, em Canning Town; o Gothic Royal Arsenal; e o Royal Laboratory, em Woolwich. Suas fotos de Lovell's Wharf, em Greenwich, testemunho do que o descaso categórico podia causar, nunca deixavam de emocioná-lo.

Pelo celular, Niall Dunne dava instruções ao motorista do caminhão que acabara de sair, explicando como ocultar bem o dispositivo. Passava detalhes muito precisos, que estavam de acordo com sua natureza e a da terrível arma.

Embora o irlandês o deixasse nervoso, Hydt dava graças por seus caminhos terem-se cruzado. Ele não conseguiria ter prosseguido com a mesma rapidez ou segurança no Geena sem ele. Referia-se ao parceiro como “o homem que pensava em tudo”, e, de fato, pensava. Portanto, Severan Hydt não se importava de ter que aguentar os silêncios estranhos, os olhares frios; aquela combinação desajeitada de aço robótico que era Niall Dunne. Os dois homens compunham uma parceria eficiente, embora icônica: um, engenheiro, cuja natureza era construir; o outro, comprador de sucata, cujo grande interesse era a destruição.

Que grupo curioso somos nós, os humanos. Previsíveis apenas na morte. E confiáveis somente então, também, pensou Hydt, descartando a ideia depois.

Assim que Dunne desligou, ouviu uma batida na porta, que se abriu. Eric Janssen, segurança da Green Way, que os conduzira de carro até March, ficou parado na entrada, com um ar preocupado.

— Sr. Hydt, Sr. Dunne, alguém entrou no prédio.

— O quê? — gritou Hydt, virando sua imensa cabeça equina em direção ao homem.

— Entrou pelo túnel.

Dunne disparou uma série de perguntas. Estava sozinho? Houve alguma transmissão que Janssen tivesse captado? Seu carro estava próximo? Algum tráfego incomum fora observado na área? O homem estava armado?

As respostas sugeriam que estava agindo por conta própria, e não se encontrava acompanhado pela Scotland Yard ou pelo Serviço de Segurança.

— Você tirou alguma foto ou deu uma boa olhada nele? — perguntou Dunne.

— Não, senhor.

Hydt juntou duas das longas unhas, provocando um ruído.

— Será o homem que estava com os sérvios à noite passada? — perguntou a Dunne — O agente autônomo?

— Não é impossível, mas não sei como teria nos rastreado até aqui.

Dunne olhou pela janela enlameada do trailer como se não estivesse vendo o prédio. Hydt sabia que o irlandês estava traçando um plano em sua cabeça. Ou, talvez, reexaminando um que já tivesse preparado, no caso de uma eventualidade como aquela. Por um longo instante, ficou imóvel. Por fim, sacando a arma, Dunne saiu do trailer fazendo um gesto a Janssen para que o seguisse.

O cheiro de mofo, podridão, produtos químicos, óleo e gasolina era insuportável. Bond esforçava-se para não tossir e piscava os olhos, que ardiam. Estaria também sentindo cheiro de fumaça?

O porão do hospital não tinha janelas. Somente uma iluminação muito fraca penetrava no local, vinda da direção por onde entrara no túnel. Bond passeou o foco da lanterna em volta de si. Estava ao lado de uma plataforma giratória de linha férrea, projetada para virar pequenas locomotivas após terem descarregado suprimentos ou pacientes.

Com a Walther na mão, verificava a área, tentando escutar alguma voz, passos, o ruído de uma arma sendo carregada ou destravada. No entanto, o lugar encontrava-se deserto.

Entrara no túnel pelo lado sul. Quando se moveu mais para o norte, e para longe da plataforma giratória, deu com uma placa que lhe provocou uma pequena risada: *Necrotério*.

Consistia de três salas sem janelas que sem dúvida haviam sido ocupadas recentemente; o chão estava limpo, e pranchetas novas, baratas, estavam dispostas de um lado a outro. Em uma das salas parecia estar a origem da fumaça. Bond viu fios de eletricidade

presos à parede e ao chão com fita adesiva, provavelmente a fim de fornecer energia a lâmpadas que iluminaram o trabalho que havia sido executado ali. Talvez um curto-circuito tivesse produzido a fumaça.

Saiu do necrotério e chegou até um grande espaço aberto, com uma porta dupla à direita, que dava para a área de exercícios. A luz entrava pela brecha entre as janelas — possivelmente uma rota de fuga, observou, e memorizou sua localização e a disposição das colunas, que poderiam dar-lhe cobertura caso precisasse abrir caminho sob disparos.

Mesas antigas de aço, com manchas marrons e pretas, encontravam-se aparafusadas ao chão, cada uma com um ralo próprio. Eram feitas para autópsias, naturalmente.

Bond continuou rumo ao lado norte, que terminava numa série de salas menores, cujas janelas tinham barras. Uma placa explicava o porquê: *Enfermaria para doentes mentais*.

Tentou abrir as portas que davam para o andar térreo, mas estavam trancadas. Retornou, então, às três salas próximas à plataforma giratória. Uma busca sistemática revelou, por fim, a origem da fumaça. No chão, no canto de uma delas, havia uma fornalha improvisada. Percebeu grandes rolos de cinza, nos quais dava para discernir material escrito. Eram como finas lâminas delicadas; tentou pegar uma, mas ela dissolveu-se entre seus dedos.

Cuidado, disse a si mesmo.

Caminhou até um dos fios que subiam pela parede. Puxou alguns pedaços da fita adesiva prateada que os prendiam e cortou-os, com uma faca, em tiras de 15 centímetros cada. Depois, encostou-as nas lâminas de cinza, removendo-as e colocando-as no bolso, antes de continuar a busca. Numa segunda sala, algo prateado chamou-lhe a

atenção. Foi até um canto e encontrou pequenas lascas de metal, espalhadas pelo chão. Recolheu-as com outro pedaço de fita adesiva e também as pôs no bolso.

De repente, Bond ficou paralisado. O prédio tinha começado a vibrar. Um momento depois, o tremor aumentou consideravelmente. Ouviu, então, o ronco de um motor a diesel, não muito distante. Isso explicava por que o canteiro de demolição estava deserto; os operários deviam estar almoçando e retornavam agora. Ele não tinha como chegar ao térreo ou aos andares mais altos sem sair a céu aberto, onde seria visto. Era hora de ir embora.

Voltou ao local da plataforma giratória para sair pelo túnel.

E escapou de ter o crânio partido por uma fração de segundo.

Não conseguiu ver o atacante nem ouvir-lhe a respiração ou o zumbido do golpe, mas sentiu uma ligeira queda no ruído do diesel quando a roupa do homem obstruiu o som.

Instintivamente, deu um pulo para trás, e o cano de metal não o atingiu por milagre.

Bond segurou o cano com firmeza na mão esquerda e o atacante tropeçou, sem equilíbrio, surpreso demais para largar a arma. O jovem louro vestia um terno escuro barato e uma camisa branca; uniforme de segurança, avaliou Bond. Não usava gravata, pois, provavelmente, a havia tirado ao se preparar para o ataque. Com olhos esbugalhados de espanto, cambaleou de novo e quase caiu, mas endireitou-se rápido e, desajeitadamente, lançou-se contra Bond. Os dois bateram contra a porta imunda da sala circular. Não era o irlandês.

Bond ergueu-se e deu um passo à frente, fechando as mãos para socá-lo, mas tudo não passou de uma finta — sua intenção era fazer o musculoso adversário dar um passo para trás e evitar um golpe, o

que ele fez, dando a Bond chance de sacar a arma. Contudo, não atirou; precisava do homem vivo. Sob a mira da pistola calibre 40, ele imobilizou-se, embora com a mão enfiada na parte interna do casaco.

— Solte — disse Bond, friamente. — Deite no chão, de braços abertos.

O homem continuou imóvel, suando de nervosismo, com a mão pairando sob o cabo da arma. Uma Glock, notou James. O telefone dele começou a vibrar e ele olhou para o bolso do casaco.

— Deite no chão agora!

Se ele sacasse a arma, Bond tentaria feri-lo apenas, mas poderia acabar matando o homem.

O telefone parou de tocar.

— Agora — disse James, baixando a arma e mirando o braço direito do oponente, próximo ao cotovelo.

Parecia que o louro ia obedecer. Os ombros caíram e, na luz escassa, seus olhos esbugalharam-se de medo e incerteza.

Naquele momento, todavia, a escavadeira devia ter alcançado o solo acima deles; tijolos e terra começaram a cair do teto. Bond foi atingido por um pedaço grande de pedra. Encolheu-se e deu um passo para trás, piscando, a fim de tirar a poeira dos olhos. Se seu atacante fosse um pouco mais profissional — ou se não estivesse em pânico —, teria sacado a arma e atirado. Entretanto, não o fez; deu meia-volta e saiu correndo pelo túnel.

Bond ficou em sua posição favorita, a de esgrimista, pé esquerdo apontado à frente e o direito perpendicular, atrás. Segurando a arma com as duas mãos, disparou um único tiro, cujo ruído foi ensurdecedor, acertando o homem na panturrilha; gritando, ele caiu a cerca de 10 metros da entrada do túnel.

James correu até ele. Enquanto o fazia, o tremor tornou-se mais forte; o ruído do motor, mais alto; e mais tijolos desprenderam-se das paredes. Cascatas de gesso e poeira caíam do teto. Um pedaço de concreto, do tamanho de uma bola de críquete, despencou exatamente em cima do ferimento no ombro de Bond, que gemeu de dor.

Porém, continuou a locomover-se ao longo do túnel. O adversário encontrava-se no chão, arrastando-se em direção à fissura por onde a luz do sol penetrava. A escavadeira parecia estar exatamente em cima deles agora. Ande, rápido, disse Bond para si. Eles iam provavelmente pôr a coisa toda abaixo naquele momento. Quando se aproximou do homem ferido, o ronco do motor a diesel aumentou de volume. Mais tijolos despencaram no chão.

Não era exatamente um bom lugar para ser enterrado vivo...

Só faltavam 10 metros para chegar onde estava o homem ferido. Iria pôr um torniquete nele, tirá-lo do túnel sem que ninguém os visse e então começar a fazer perguntas.

Mas, com um ruído ensurdecedor, a suave luz do dia de primavera, no fim do túnel, enfraqueceu. Foi substituída por dois olhos brancos flamejantes que brilhavam através da poeira. Eles pararam e, depois, como se pertencessem a um leão que avistara a presa, mudaram ligeiramente de direção, virando-se para Bond. Num tranco assustador, a escavadeira seguiu em frente, empurrando uma montanha de lama e pedra diante de si.

Bond apontou a arma, mas não havia alvo — a pá da máquina era alta e protegia a cabine do operador. O veículo movia-se adiante sem parar, empurrando uma grande quantidade de terra, tijolos e outros tipos de entulho.

— Não! — gritou o homem ferido, enquanto a escavadeira avançava.

O motorista não o via. Ou, se o via, não se importava nem um pouco com a sua morte.

Com um berro, o adversário de Bond desapareceu sob um manto pedregoso. Segundos depois, a esteira de rolamento passou sobre o local onde ele estava enterrado.

Os faróis desapareceram, bloqueados pelo entulho, e tudo ficou na mais completa escuridão. Bond acendeu a lanterna e correu de volta ao local da plataforma giratória. Na entrada, escorregou e caiu, enquanto a camada de terra e tijolos ia subindo até a altura de seu tornozelo, atingindo, justamente, a panturrilha.

Um segundo depois, a cascata chegou-lhe aos joelhos, imobilizando-o.

Atrás dele, a escavadeira continuava seguindo em frente, empurrando os detritos enlameados cada vez mais para dentro. Bond já se encontrava enterrado até a cintura. Mais trinta segundos e seu rosto estaria encoberto.

Contudo, o peso do entulho tornou-se excessivo para a escavadeira, ou, talvez, ela tivesse batido contra os alicerces do prédio. A maré de escombros parou de seguir em frente. Antes que o operador conseguisse manobrar para ter mais espaço, Bond livrou-se do entulho e correu para fora do local. Os olhos ardiam-lhe, os pulmões respiravam em agonia. Cuspindo poeira e brita, moveu o facho da lanterna em direção ao fim do túnel, que estava completamente obstruído.

Correu novamente através dos três aposentos sem janela onde recolhera as cinzas e os pedaços de metal. Parou ao lado da porta que levava à sala de autópsias. Teriam eles fechado a saída, a fim de

criar-lhe uma armadilha? Estariam o irlandês e outros seguranças esperando por ele ali? Bond colocou o silenciador na Walther.

Respirando fundo, parou por um instante e, depois, abriu a porta rapidamente, agachando-se de modo a pôr-se numa posição de tiro defensiva. A lanterna estava com o fecho direcionado para a frente, na mão esquerda, sobre a qual apoiava a direita, a da pistola. O imenso salão estava completamente vazio. Contudo, a porta dupla que tinha visto antes, e que admitia um raio de luz, estava lacrada; a escavadeira depositara toneladas de escombros contra ela também.

Preso...

Voltou rapidamente às salas menores do lado norte do porão, a enfermaria para doentes mentais. A maior delas — que devia ter sido o escritório, imaginava ele — tinha uma porta, mas estava trancada. Bond mirou a Walther e, de um ângulo oblíquo, disparou quatro tiros silenciosos na fechadura. Depois, mais quatro nas dobradiças.

As balas não surtiram qualquer efeito. O chumbo, mesmo que usado como revestimento apenas, não é páreo para o aço. Ele recarregou a arma e colocou o pente usado no bolso esquerdo, onde sempre os guardava.

Examinava as janelas com barras quando uma voz alta o fez dar um pulo:

— *Atenção! Opgelet! Grozba! Nebezpeci!!*

Girando em torno de si, Bond procurou o alvo.

No entanto, a voz provinha de um alto-falante preso à parede.

— *Atenção! Opgelet! Grozba! Nebezpeci! Vocês têm três minutos para evacuar a área!*

Essa última frase, uma gravação, fora repetida em holandês, polonês e ucraniano.

Três minutos?

Evacue a área imediatamente! Perigo! Foram instaladas cargas explosivas!

Bond girou o facho da lanterna em torno da sala.

Os fios! Não estavam ali para fornecer eletricidade para a construção — ligavam-se a explosivos. Bond não os tinha visto porque as cargas estavam presas a vigas de metal no teto. Explosivos recheavam o prédio inteiro para demoli-lo.

Três minutos...

A luz da lanterna revelou dezenas de pacotes com cargas suficientes para transformar em pó as paredes de pedra a seu redor. Com os batimentos cardíacos acelerados e o suor a escorrer-lhe pela testa, Bond largou a pistola e a lanterna, e segurou uma das barras de ferro da janela. Sacudiu com força, mas ela resistiu.

À luz empoeirada que passava pela vidraça, olhou em volta e depois subiu numa das vigas. Conseguiu arrancar um dos pacotes de explosivos e pulou de volta ao chão. As cargas eram um composto de RDX, a julgar-se pelo cheiro. Com a faca, cortou um pedaço grande e prendeu-o entre a maçaneta e a fechadura da porta. Aquilo seria o suficiente para explodir as duas sem matá-lo durante o processo.

Em frente!

Bond afastou-se cerca de 5 metros, mirou e atirou. Acertou em cheio no explosivo.

Entretanto, como havia temido, nada aconteceu — a massa amarelo-acinzentada de plástico mortal caiu de forma nada dramática no chão.

Os compostos só explodem com detonador, e não com impacto físico, nem mesmo o de uma bala viajando a 60 mil centímetros por segundo. Ele havia esperado que aquela substância pudesse ser uma exceção.

Uma nova advertência, dizendo que faltavam dois minutos para a explosão, ressoou pela sala.

Bond olhou para cima, onde o detonador que arrancara da carga balançava de forma obscena. Contudo, a única forma de dispará-lo seria com uma corrente elétrica.

Eletricidade...

Os alto-falantes? Não, a voltagem era baixa demais para detonar um estopim, assim como a da pilha de sua lanterna.

A voz ressoou novamente: um minuto.

Bond limpou o suor da palma da mão e retirou uma bala da pistola. Com a faca, arrancou o pino de chumbo e jogou-o para o lado. Depois, pressionou a bala cheia de pólvora para dentro da carga de explosivo que prendera à porta.

Deu um passo para trás, mirou cuidadosamente no pequeno disco do cartucho e deu um tiro. A bala atingiu a escorva, que detonou a pólvora e, por sua vez, o plástico. Com um grande clarão, a explosão reduziu a fechadura a pedaços.

Também derrubou Bond no chão, em meio a uma chuva de estilhaços de madeira e fumaça. Durante alguns segundos, ele permaneceu aturdido; depois, ergueu-se e cambaleou em direção à porta, que estava aberta, porém bloqueada. Agarrou a maçaneta e começou vagarosamente a empurrar um dos pesados painéis, a fim de abri-lo.

— *Atenção! Opgelet! Grozba! Nebezpeci!*

No trailer estacionado do lado de fora, Severan Hydt e Niall Dunne encontravam-se de pé, um ao lado do outro, numa expectativa tensa. Todos — inclusive o frio Dunne, especulou Hydt — apreciavam assistir a uma explosão controlada durante a demolição de um prédio.

Como Janssen não atendera o telefone e Dunne ouvira um disparo lá dentro, o irlandês disse a Hydt que o segurança só podia estar morto. Lacrou, então, as saídas do hospital; depois, correu de volta ao trailer, movendo-se como um animal desajeitado, e disse a Hydt que ia detonar as cargas dentro do prédio. A explosão estava programada para o dia seguinte, mas não havia nenhum motivo para não antecipá-la.

Dunne ativou o sistema computadorizado e apertou dois botões vermelhos simultaneamente, dando início à sequência. Uma política de segurança requeria que uma advertência gravada de cento e oitenta segundos fosse transmitida em todo o prédio, em línguas que representassem aquelas faladas por noventa por cento dos operários. Demoraria mais suprimir essa medida de segurança. Se o

invasor não se encontrasse enterrado no túnel, estaria preso no necrotério. Não havia como ele escapar a tempo.

Se, amanhã ou depois, aparecesse alguém perguntando por uma pessoa desaparecida, Hydt poderia dizer:

— Claro, vamos verificar... O quê? Oh, meu Deus, não fazíamos a menor ideia! Fizemos tudo que nos cabia com a cerca e as placas. E como ele poderia ter deixado de ouvir as advertências gravadas? Sentimos muito, mas não temos nenhuma culpa.

— Quinze segundos — disse Dunne.

Fez-se silêncio enquanto Hydt conduzia a contagem regressiva.

O ponteiro do cronômetro na parede alcançou o zero e o computador enviou o sinal pré-combinado aos detonadores.

A princípio, não podiam ver o clarão das detonações — as primeiras foram internas e subterrâneas, a fim de destruir as vigas estruturais. Todavia, segundos depois, explosões de luz brilharam como câmeras de paparazzi, seguidas pelo som de rojões e, então, de abalos mais profundos. O prédio parecia estremecer. Logo após, como que se ajoelhando para oferecer o pescoço à lâmina do carrasco, o hospital foi-se inclinando vagarosamente e ruiu, produzindo uma nuvem de poeira e fumaça que se movia com velocidade para fora.

Após alguns instantes, Dunne disse:

— Alguém deve ter ouvido isso. Vamos embora.

Hydt, contudo, parecia hipnotizado pela pilha de escombros, tão diferente da estrutura elegante, embora castigada, que havia existido momentos antes. O que fora algo reduzira-se a nada.

— Severan — insistiu Dunne.

Hydt se sentiu excitado. Pensou em Jessica Barnes, no cabelo branco e na pele pálida e áspera. Ela não sabia nada sobre o Geena,

de maneira que não a trouxera, mas lamentava a sua ausência ali. Ia pedir-lhe que o encontrasse no escritório e, depois, iriam para casa.

Sua barriga roncou de contentamento. A sensação era exacerbada pela lembrança do corpo que havia encontrado na Green Way aquela manhã... e pela expectativa do que aconteceria no dia seguinte.

Centenas de mortes...

— Sim, sim.

Severan Hydt pegou sua pasta e saiu. Porém, não entrou imediatamente no Audi A8. Virou-se para examinar, mais uma vez, a poeira e a fumaça que pairavam sobre o prédio destruído. Notou que os explosivos haviam sido instalados com habilidade. Lembrou de agradecer à equipe. A colocação de cargas era uma verdadeira arte. O truque é não explodir a edificação, mas apenas eliminar o que a mantém de pé, deixando que a natureza — a gravidade, no caso — fizesse o resto.

O que era, refletiu, uma metáfora de seu próprio papel nesse mundo.

Início de tarde, faixas de sol e sombra, como as de uma zebra, cruzavam as fileiras baixas de beterrabas, na plantação de Fenland.

James Bond estava deitado, de barriga para cima, braços e pernas abertas, como uma criança que desenhava anjos com o corpo na neve e não queria ir para casa. Cercado por um mar de folhas verdes, baixas, estava a 30 metros da pilha de entulho que havia sido o antigo hospital do exército... o monte de escombros que quase o enterrara. Sentia-se — temporariamente, esperava — privado da audição devido às ondas de choque produzidas pelo explosivo plástico. Mantivera os olhos fechados contra os clarões e os estilhaços, mas fora preciso usar as duas mãos para conseguir escapar, abrindo à força a porta da enfermaria para doentes mentais quando as cargas principais detonaram e o prédio despencou atrás dele.

Levantou-se ligeiramente — brotos de beterraba em maior proporção proporcionavam uma cobertura escassa — e olhou em torno, buscando sinais de alguma ameaça.

Nada. Quem quer que estivera por trás do plano — o irlandês, Noah, ou algum parceiro deles —, não estava procurando por ele;

estava, provavelmente, convencido de que tinha morrido no desabamento.

Respirando fundo para remover dos pulmões a poeira e a fumaça química ácida, conseguiu ficar de pé e cambaleou para fora da plantação.

Voltou para o carro e deixou-se cair no assento do motorista. Pegou uma garrafa de água na parte de trás e bebeu um pouco; depois, inclinou-se para fora e despejou o restante nos olhos.

Deu partida no grande motor, confortado por poder ouvir, então, o som do cano de descarga, e tomou um caminho diferente para sair de March, dirigindo-se em direção ao leste, a fim de evitar qualquer um ligado ao canteiro de demolição, e, depois, virando para oeste. Logo viu-se na A1, retornando a Londres para decifrar qualquer mensagem críptica sobre o Incidente Vinte que as lâminas de cinzas recolhidas pudessem conter.

Pensou em tomar uma ducha, mas decidiu que não tinha tempo. Lavou apenas as mãos e o rosto, colocou curativo sobre um corte, cortesia de um tijolo despencado, e correu para Philly. Entregou-lhe os pedaços de fita adesiva.

— Você pode mandar analisar isso?

— Pelo amor de Deus, James, o que aconteceu? — perguntou ela, soando alarmada.

A calça e o casaco táticos refletiam o tamanho da catástrofe e as novas escoriações já estavam visíveis num glorioso tom violáceo.

— Um pequeno problema com uma escavadeira e um explosivo plástico C4 ou Semtex, mas eu estou bem. Descubra tudo o que puder sobre a Eastern Demolições e Entulho. E eu gostaria de saber a quem pertence a base do Exército que fica fora de March. Ao Ministério da Defesa? Ou eles a venderam?

— Já vou checar.

Bond retornou a seu escritório e tinha acabado de sentar-se quando Mary Goodnight chamou-o pelo telefone:

— James, o homem está na linha dois. — Seu tom de voz deixava claro de quem se tratava.

Bond apertou o botão com força.

— Percy.

A voz refinada disse:

— James. Olá! Estou voltando de Cambridge. Acho que você e mim poderíamos conversar um pouco. Ver se descobrimos algumas peças do nosso quebra-cabeça.

Você e *mim...* Que pronome mais infeliz para um homem de Oxbridge.

— Como foi a *sua* excursão?

— Quando cheguei, dei uma olhada no lugar. Descobri que o pessoal de Porton Down tem uma instalação pequena por lá. Dei de cara com ela, por acaso.

Bond gostou.

— Isso é interessante. E existe alguma ligação entre agentes bioquímicos, Noah e o Incidente Vinte?

— Não sei dizer. Os circuitos fechados de TV e o registro de visitantes não revelaram nada de extraordinário. Mas coloquei meu assistente para trabalhar.

— E o bar?

— O curry estava bom. A garçonete não lembrava quem tinha pedido a torta, nem o sanduíche de queijo com salada. Faz muito tempo, não dava para esperar que lembrasse, não é? E você? A anotação misteriosa sobre a farmácia e os dois dias após a metade de março deram em alguma coisa?

Bond havia-se preparado para isso.

— Tentei uma coisa sem a menor chance de sucesso. Fui até March, em Boots Road, e dei com uma antiga base militar.

Fez-se uma pausa.

— Ah — riu o homem da Divisão 3, embora o som parecesse desprovido de humor —, então você interpretou mal a pista quando conversamos mais cedo. E o infame número 17 era mesmo a data de *amanhã*?

Osborne-Smith era atento.

— Possivelmente. Quando cheguei lá, o lugar estava sendo demolido — acrescentou Bond, num tom evasivo. — Suscitou mais perguntas do que outra coisa. Os técnicos estão dando uma olhada em algumas descobertas. Umas coisinhas sem importância. Vou te mandar o relatório deles.

— Faça isso, obrigado. Estou dando uma olhada em tudo o que é islâmico por aqui, ligações com o Afeganistão, grampos no SIGINT, essas coisas. Isso vai me manter ocupado um tempo.

Excelente. Bond não poderia ter esperado uma abordagem melhor do vice-diretor sênior de Operações de Campo, Sr. Percy Osborne-Smith.

Mantê-lo ocupado...

Eles desligaram e Bond telefonou para Bill Tanner para informá-lo sobre o que havia acontecido em March. Os dois concordaram em não fazer nada, por enquanto, com relação ao corpo do homem que atacara Bond no hospital, preferindo manter seu disfarce intacto em vez de descobrir alguma coisa sobre o cadáver.

Mary Goodnight enfiou a cabeça na porta.

— Philly ligou enquanto você estava no telefone. Andou descobrindo algumas coisas. Disse a ela que subisse.

Sua assistente pessoal estava de cenho franzido, com os olhos voltados para uma das janelas tapadas pela persiana na sala de Bond.

— É uma pena, não? O que aconteceu com Philly.

— Do que você está falando?

— Pensei que você soubesse. Tim terminou com ela. Tiveram uma conversa uns dias atrás. Já tinham até reservado uma igreja. E a despedida de solteira já estava programada. Um fim de semana na Espanha, só com as garotas. Eu ia.

O quão observador eu sou?, pensou James. Era *isso* que estava faltando sobre a mesa dela no terceiro andar. Os retratos do noivo. Provavelmente a aliança tinha desaparecido também.

— O que aconteceu? — perguntou ele.

— Nunca é uma coisa só. Eles não estavam se dando muito bem ultimamente, era mais do que um simples momento ruim. Tinham brigas sérias porque ela dirige muito rápido e está sempre trabalhando. Ela deixou de ir a uma grande reunião de família na casa dos pais dele. E, então, do nada, surgiu a possibilidade de um trabalho em Cingapura ou na Malásia. Ele aceitou. Estavam juntos há três anos, sabe?

— Sinto muito.

A discussão sobre o drama terminou com a chegada da pessoa em questão.

Sem notar a atmosfera tensa na qual adentrara, Philly passou por Goodnight com um sorriso e entrou no escritório de Bond, onde deixou-se cair levemente sobre a cadeira. Seu rosto sensual parecia ter-se estreitado, e os olhos cinza-chumbo brilhavam com a intensidade de um caçador procurando a pista certa. Isso a tornava ainda mais bonita. Uma despedida de solteira na Espanha com as

garotas? Deus, ele simplesmente *não* conseguia imaginar aquilo, da mesma forma que não via Philly levando para casa dois carrinhos de supermercado, da Waitrose, cheios, a fim de fazer um jantar delicioso para um homem chamado Tim e os dois filhos, Matilda e Archie.

Chega!, censurou-se ele, concentrando-se no que ela lhe dizia:

— Nosso pessoal conseguiu ler uma das lâminas de cinza. As palavras eram “o plano Geena”. E, embaixo, “Sexta, 20 de maio”.

— Geena? É familiar, mas não consigo situar o termo.

— Há uma referência a isso na Bíblia. Vou descobrir mais. Passei o nome “plano Geena” pelas agências de segurança e pelos bancos de dados criminais. Deu negativo.

— E o que tem no outro pedaço de cinza?

— Esse estava mais danificado. Nosso laboratório só conseguiu identificar as palavras “termo” e “5 milhões de libras”, mas o resto estava ilegível. Eles mandaram para os especialistas em crime da Yard como ultrassecreto. Vão me retornar esta noite.

— “Termo”... termos do negócio, eu suponho. Pagamento ou adiantamento dos 5 milhões para o ataque ou o que quer que vá acontecer. Isso sugere que Noah está fazendo tudo por dinheiro, não por razões políticas ou ideológicas.

Ela concordou.

— Sobre a conexão sérvia: minha manobra húngara não funcionou. O pessoal de Belgrado está realmente chateado com você, James. Mas eu fiz a Seção I me pôr como alguém da União Europeia, chefe da Diretoria de Investigações sobre Transporte de Segurança.

— Que diabo é isso?

— Eu que inventei. Fiz um sotaque suíço-francês excelente, apesar de eu mesma estar dizendo isso. Os sérvios estão loucos para fazer qualquer coisa que deixe a União Europeia feliz. Agora estão correndo para me dar um retorno sobre as substâncias tóxicas no trem e mais detalhes acerca de Karic.

Philly era realmente de ouro.

— E a Eastern Demolições tem sede em Slough. Fizeram a oferta mais baixa para o projeto de demolição da base do Exército britânico, em March.

— É uma sociedade anônima pública?

— Não, privada. Pertence a uma holding, também privada: Green Way International. É bem grande e opera em meia dúzia de países. Um homem só é dono de todas as ações. Severan Hydt.

— É o nome verdadeiro dele?

Ela riu.

— A princípio, me perguntei o que se passou na cabeça dos pais dele. Mas parece que ele mudou de nome legalmente quando tinha 20 e poucos anos.

— E qual era o nome de nascimento dele?

— Maarten Holt.

— De Holt para Hydt — refletiu Bond. — Não vejo a razão, porque não se nota muito a diferença. Mas de Maarten para Severan? Por que, pelo amor de Deus?

Ela deu de ombros.

— A Green Way é uma grande firma de coleta e reciclagem de lixo. Você já deve ter visto os caminhões deles, mas provavelmente não deu muita importância. Não consegui descobrir muita coisa, porque não é uma companhia pública, e Hydt se mantém longe da imprensa. Uma matéria no *Times* chamou-o de o maior comprador

de sucata do mundo. O *Guardian* publicou um perfil dele há alguns anos, muito elogioso, mas fez apenas alguns comentários genéricos e nada mais. Descobri que é holandês de nascimento, manteve a dupla cidadania por um tempo e agora é só britânico.

A expressão corporal de Philly e o brilho de caçadora nos olhos insinuavam que não tinha revelado tudo.

— E? — perguntou Bond.

Ela sorriu.

— Descobri algumas referências na internet de quando ele era aluno, já maduro, da Universidade de Bristol, onde foi bem, a propósito.

Philly contou que Hydt fora muito ativo no clube de regatas da universidade, capitaneando barcos em competições.

— Ele não só competia como construiu um. O que lhe deu um apelido.

— E qual era? — perguntou Bond, embora tivesse o pressentimento de que já sabia.

— Noah.

Eram 17h30. Como ainda demoraria algumas horas até Philly receber a informação que estava esperando, Bond sugeriu que fossem jantar.

Ela concordou e voltou para o terminal de trabalho, enquanto Bond redigia um e-mail criptografado para M, com cópia para Bill Tanner, dizendo que Noah era Severan Hydt e incluindo uma sinopse de seu histórico e do que havia acontecido em March. Acrescentou ainda que Hydt referia-se ao ataque do Incidente Vinte como “plano Geena”. Mais estava por vir.

Recebeu uma resposta concisa:

007 —

Autorizado a prosseguir. Conexão apropriada com organizações domésticas esperada.

M

Minha carte grise...

Bond saiu do escritório, tomou o elevador até o segundo andar e entrou numa sala grande, que tinha mais computadores do que uma loja de produtos eletrônicos. Homens e mulheres trabalhavam nos

monitores, ou no tipo de terminal de trabalho que se vê nos laboratórios de química das universidades. Bond caminhou até um pequeno escritório com paredes de vidro no fundo da sala e bateu na janela.

Sanu Hirani, chefe da Seção Q do GDU era um homem magro de 40 e poucos anos. Tinha a pele amarelada e uma exuberante cabeleira negra emoldurava um rosto belo o bastante para conseguir-lhe papéis em Bollywood. Jogador brilhante de críquete conhecido pelos lançamentos rápidos, era formado em química, engenharia elétrica e informática pelas melhores universidades do Reino Unido e da América do Norte (onde fora bem-sucedido em tudo, exceto em introduzir seu esporte para os ianques, que não conseguiam entender as sutilezas do jogo, nem tolerar a duração de um campeonato internacional).

A Seção Q era um enclave de apoio técnico dentro do GDU, e Hirani supervisionava todos os aspectos do aparato tecnológico que era usado na espionagem. Os magos de departamentos como a Seção Q e a Divisão de Ciência e Tecnologia, da CIA, passavam o tempo criando inovações para hardwares e softwares, como câmeras em miniatura, armas inacreditáveis, formas de ocultar as mesmas, dispositivos de comunicação e equipamento de vigilância. A última invenção de Hirani era um microfone hipersensível multidirecional instalado dentro de uma mosca morta.

Como a *raison d'être* do GDU era operacional, grande parte do trabalho de Hirani consistia em garantir que ele tivesse monóculos, binóculos, camuflagem, dispositivos de comunicação, armas especiais e aparatos de contravigilância em número suficiente para distribuir entre os agentes. Nesse aspecto, ele era como um

bibliotecário que verificava se os livros tinham sido retirados da maneira apropriada e devolvidos dentro do prazo.

No entanto, a genialidade particular de Hirani era sua habilidade para inventar e improvisar, criando aparelhos como o iQPhone. O DGA era, entre outras coisas, dono das patentes de dezenas de suas invenções. Quando Bond ou outros agentes da Seção O estavam em campo e viam-se numa situação difícil, bastava uma ligação, a qualquer hora do dia ou da noite, e Hirani descobria a solução. Ele ou sua equipe criavam algo no escritório e colocavam a coisa na mala diplomática do FCO, para entrega no dia seguinte. Todavia, com mais frequência ainda, a questão do tempo era crítica, e Hirani incumbia um de seus muitos astutos inventores e paus para toda obra, pelo mundo afora, de descobrir ou modificar um dispositivo em pleno campo.

— James — os dois homens apertaram-se as mãos. — Me disseram que você está trabalhando no Incidente Vinte.

— Assim parece.

Bond sentou-se, reparando em um livro sobre a mesa de Hirani: *The Secret War of Charles Fraser-Smith*. Era um dos favoritos de Bond sobre a história dos dispositivos na espionagem.

— Esse negócio é sério mesmo?

— Muito — respondeu Bond, de forma lacônica, sem dizer que já quase morrera duas vezes durante aquela missão na qual estava há menos de 48 horas.

Sentado sob fotos de antigos computadores IBM e de jogadores de críquete indianos, Hirani perguntou:

— Do que você precisa?

Bond baixou a voz, de maneira que o funcionário mais próximo da Seção Q, uma jovem que olhava embevecida para a tela de seu

computador, não pudesse ouvir:

— Você tem algum tipo de kit de vigilância que uma pessoa possa montar sozinha? Não posso ter acesso ao computador nem ao telefone do sujeito, mas talvez consiga plantar alguma coisa no seu escritório, carro ou em casa. Descartável. Provavelmente não vou poder recuperá-lo mais tarde.

— Ah, sim... — e os olhos luminosos de Hirani escureceram-se.

— Algum problema, Sanu?

— Bem, eu devo avisá-lo. Não têm nem dez minutos, recebi uma ligação lá de cima.

— Bill Tanner?

— Não, mais de cima.

M. Droga!, pensou Bond. Estava começando a entender.

Hirani continuou:

— E disse que se alguém da Seção O quisesse retirar um kit de vigilância, eu teria que avisá-lo imediatamente. Coincidência demais, não?

— Demais — disse Bond, com amargura.

— Então — prosseguiu Hirani —, devo dizer a ele que uma pessoa da Seção O quer retirar um kit de vigilância?

— Talvez você pudesse adiar isso um pouco.

— Muito bem, escolha — falou ele, com o brilho de volta aos olhos. — Eu tenho uns pacotes *maravilhosos* a sua disposição. — Ele soava como um vendedor de carros. — Um microfone que funciona por indução. Você só tem que colocar perto de um fio elétrico, não precisa de bateria. Ele capta vozes a 15 metros de distância e ajusta o volume automaticamente, de forma que não haja distorções. Ah, e outra coisa com a qual estamos tendo muito sucesso é uma moeda de 2 libras, aquela que comemorou o tricentenário do Bank of

England, em 1994. É relativamente rara e, sendo assim, a pessoa tende a guardá-la para ter sorte, mas também não é raro que a venda. A bateria dura quatro meses.

Bond suspirou. Aqueles aparatos proibidos para ele pareciam incrivelmente perfeitos. Ele agradeceu ao colega e disse-lhe que permaneceria em contato. Retornou ao escritório, onde encontrou Mary Goodnight à sua mesa. Não via nenhuma razão para ela ficar.

— Vá para casa. Boa noite, Goodnight.

Ela olhou para os últimos ferimentos dele e abriu mão da oportunidade de mimá-lo, pois sabia, com base em experiências passadas, que seria rejeitada.

Preferiu dizer simplesmente, já pegando a bolsa e o casaco:

— Não se esqueça de dar uma olhada neles, James.

Sentando-se, Bond de repente se deu conta de seu cheiro de suor e dos vestígios de poeira de tijolo sob as unhas. Quis ir para casa e tomar um banho. Tomar o primeiro drinque do dia. Porém, havia algo que precisava resolver ainda.

Voltou-se para a tela e entrou no banco de dados de informações gerais da Golden Wire, a partir do qual ficou sabendo onde se localizavam o negócio e a casa de Severan Hydt; essa última, curiosamente, ficava numa área de baixa renda, no leste de Londres, chamada Canning Town. As instalações principais da Green Way ficavam no Tâmis, perto de Rainham, junto ao Wildspace Conservation Park.

Bond deu uma olhada nos mapas de satélite da casa de Hydt e do parque da Green Way. Era de importância vital vigiar o homem. Contudo, não havia uma forma legítima de fazer isso sem convocar Osborne-Smith e as equipes de xeretas da Divisão A, do MI5 — e, no momento em que o colega da Divisão 3 soubesse sobre a

identidade de Hydt, entraria em cena para “deter” ele e o irlandês. Bond considerou novamente o risco. Até que ponto era plausível sua preocupação de que, se os dois homens fossem presos, outros conspiradores não acelerariam a carnificina, ou desapareceriam, até atacarem mais uma vez, no mês ou no ano seguinte?

O mal, James Bond sabia, pode ser de uma paciência incansável.

Vigiar ou não?

Ele ponderou. Após um momento de hesitação, pegou com relutância o telefone.

Às 18h30, Bond dirigiu-se para seu apartamento e, na garagem, estacionou o carro ao lado do veloz Jaguar verde. Subiu a escada até o primeiro andar, abriu a porta, desarmou o alarme e confirmou, por meio de uma outra função de segurança — um vídeo de projeção rápida — que apenas May, a empregada, estivera lá. (Sentindo-se um pouco embaraçado, havia-lhe dito quando ela começou a trabalhar na casa que a câmera de segurança era um requisito do seu empregador governamental; o apartamento tinha de ser monitorado enquanto ele se encontrava ausente, mesmo que ela estivesse trabalhando lá.)

— Considerando o que o senhor faz pelo país, o seu patriotismo e tudo mais, não é nenhum incômodo — dissera a mulher, convicta, usando o tratamento respeitoso, algo reservado só para ele.

Checou as mensagens do telefone fixo. Tinha apenas uma. Era de um amigo que morava em Mayfair, Fouad Kharaz, um jordaniano astuto, exuberante, que possuía todo tipo de negócios, a maior parte envolvendo veículos: carros, aviões e os iates mais espantosos que Bond já vira. Kharaz e ele eram membros do mesmo clube de jogo em Berkeley Square, o Commodore.

Ao contrário de muitos desses tipos de clube em Londres, onde tornar-se membro era uma questão de 24 horas e 500 libras, o Commodore era um estabelecimento decente, que requeria que os candidatos a membros tivessem paciência e suas vidas investigadas antes que pudessem se filiar. Após a filiação, esperava-se que o novo membro obedecesse certas regras de maneira estrita, como um código de vestuário, e que se comportasse impecavelmente à mesa. O clube oferecia também restaurante e adega de primeira qualidade.

Kharaz havia telefonado a fim de convidá-lo para jantar àquela noite. “Estou com um problema, James. Herdei duas mulheres lindas de Saint-Tropez — como isso aconteceu é uma história muito longa e delicada para contar numa mensagem. Mas, para mim, é impossível ser suficientemente charmoso para as duas. Você pode me ajudar?”

Sorrindo, Bond retornou a ligação e disse-lhe que tinha outro compromisso. Contudo, deixaram combinado um futuro encontro.

Após isso, dedicou-se a seu ritual de banho — quente, de arrancar a pele, e, depois, absurdamente gelado — e secou-se rapidamente. Passou os dedos pela face e pelo queixo e decidiu manter o preconceito de uma vida toda contra barbear-se duas vezes no mesmo dia. Depois, recriminou-se: por que chegara sequer a pensar nisso? Philly Maidenstone é bonita, inteligente e dirige maravilhosamente uma motocicleta, mas é colega de trabalho. Isso era tudo. No entanto, a imagem do macacão de couro preto lhe vinha à mente de maneira espontânea.

Num roupão atalhado, Bond foi até a cozinha, colocou dois dedos de *bourbon* Basil Hayden num copo, pôs uma pedra de gelo e bebeu a metade, apreciando o gosto forte de nozes. O primeiro gole do dia era invariavelmente o melhor, em especial quando vinha

daquela forma — após uma missão infernal contra o inimigo e antes de uma noite com uma mulher bonita...

Controlou-se de novo. Pare.

Sentou-se numa velha poltrona de couro na sala escassamente mobiliada. A maioria das peças ali havia pertencido aos pais, e tinham sido herdadas após sua morte e armazenadas perto da casa da tia, em Kent. Comprara algumas coisas: abajures, uma escrivaninha, cadeiras e um equipamento de som Bose, que raramente tinha chance de escutar.

Sobre a lareira, havia fotos em molduras prateadas dos pais e dos avós — escoceses pelo lado paterno e suíços pelo materno. Algumas mostravam sua tia Charmian, com o jovem Bond, em Kent. Nas paredes, via-se outro tipo de fotografias, tiradas pela mãe, uma jornalista fotográfica independente. A maioria em preto e branco, as fotos mostravam uma série de imagens: reuniões políticas, eventos sindicais, competições esportivas e cenas panorâmicas de lugares exóticos.

Havia também um curioso *objet d'art* sobre a lareira, ao centro: uma bala. Não tinha nada a ver com o trabalho de Bond como agente na Divisão 00 do GDU, na Seção O. Sua origem era uma época e um lugar muito diferentes de sua vida. Ele foi até a lareira, virou a sólida peça de munição na palma da mão uma ou duas vezes, recolocou-a no lugar e retornou à cadeira.

Apesar de afirmar que mantinha *relações com a agente Maidenstone* no campo puramente profissional, não conseguia parar de pensar nela como mulher.

E que não se encontrava mais comprometida.

Bond tinha de admitir que seus sentimentos por Philly eram mais do que simples atração física. Então, fez-se uma pergunta que já lhe

havia ocorrido outras vezes com relação a outras mulheres, apesar de raramente: poderia haver algo de sério entre eles?

A vida romântica de Bond era mais complicada do que a da maioria das pessoas. As barreiras existentes para que tivesse uma companheira eram, até certo ponto, as viagens constantes, as exigências do trabalho e o perigo que sempre o cercava. No entanto, mais fundamental ainda era a questão delicada de revelar sua identidade e os seus deveres na Divisão 00, o que algumas, talvez a maioria, das mulheres poderiam achar de mau gosto, se não abominável.

Ele sabia que, mais cedo ou mais tarde, teria que revelar pelo menos parte dos segredos a qualquer mulher que se tornasse mais do que uma amante casual. É impossível guardar segredos de pessoas próximas por muito tempo. Elas são mais inteligentes e observadoras do que se pensa, e, entre um casal, os segredos fundamentais de um permanecem ocultos só porque o outro prefere que assim seja.

A negabilidade plausível podia funcionar em Whitehall, mas não durava muito entre amantes.

Apesar de tudo, com Philly Maidenstone aquilo não seria um problema. Não precisaria fazer confissões durante o jantar ou em meio às roupas de cama desalinhadas, pela manhã; ela conhecia seu currículo e sua competência — intimamente.

E tinha sugerido um restaurante próximo de casa.

Que tipo de mensagem se escondia naquela escolha?

James Bond olhou para o relógio. Estava na hora de vestir-se e tentar decifrar o código.

Às 20h15, um táxi deixou Bond na porta do Antoine, em Bloomsbury, e ele aprovou imediatamente a escolha de Philly. Odiava restaurantes e bares cheios, barulhentos, e, em mais de uma ocasião, havia abandonado estabelecimentos caros quando o nível de decibéis mostrava-se irritante demais. *Pubs* exclusivos eram mais “apavorantes” do que “gastronômicos”, dissera ele certa vez.

Porém, o Antoine era calmo e parcamente iluminado. Uma seleção de vinhos esplêndidos era visível ao fundo e as paredes estavam cheias de retratos antigos do século XIX. Bond escolheu uma mesa de bancos corridos não muito longe da parede com as garrafas. Sentou-se sobre o couro macio de frente para a porta, como sempre, e estudou o local. Homens de negócios e gente da vizinhança, julgou ele.

— Alguma coisa para beber? — perguntou o garçom, um homem agradável, de cerca de 40 anos, de cabeça raspada e piercing nas orelhas.

Bond decidiu-se por um coquetel.

— Um Crown Royal com gelo, e duplo, por favor. Acrescente meia dose de Triple Sec, duas gotas de Angostura e um pouco de

casca de laranja.

— Sim, senhor. Que drinque interessante!

— É baseado no Old Fashioned, o coquetel. Uma invenção minha, na verdade.

— Tem nome?

— Ainda não — respondeu ele. — Estou procurando o nome certo.

Momentos depois, o drinque chegou, e ele deu um gole — estava perfeito e Bond assim o disse. Acabara de pousar o copo quando viu Philly entrando pela porta com um sorriso radiante. Pareceu que seu passo apressou-se ao vê-lo.

Vestia jeans preto apertado, uma jaqueta de couro marrom e, sob ela, um suéter justo verde-escuro, da cor de seu Jaguar.

Ele levantou-se um pouco quando ela aproximou-se e sentou-se ao seu lado, e não, à sua frente.

Carregava uma pasta.

— Você está bem? — perguntou.

Ele meio que esperava algo mais pessoal do que aquele cumprimento tão casual, mas, depois, se perguntou severamente: por quê?

Ela mal tinha tirado a jaqueta quando o garçom a viu e saudou-a com um sorriso:

— Ophelia.

— Aaron. Quero uma taça de Mosel Riesling.

— É para já.

O vinho chegou, e Bond disse a Aaron que esperariam um pouco para fazer o pedido. Os dois inclinaram os copos na direção um do outro sem deixar que se tocassem.

— Primeira coisa — murmurou Bond, chegando um pouco mais perto. — Hydt. Me fale sobre ele.

— Chequei com a Operações Especiais da Yard, com a 6, a Interpol, o NCIC, a CIA, nos Estados Unidos, e a AIVD, na Holanda. E fiz uma consulta discreta à 5 também.

Era óbvio que ela havia percebido a tensão entre Bond e Osborne-Smith.

— Nenhum registro criminal. Não está na lista de terroristas procurados. Mais conservador do que trabalhista, mas não se interessa muito por política. Não é membro de nenhuma igreja. Trata bem seu pessoal. Não há nenhuma ação trabalhista contra ele. Nenhum problema com o Fisco ou a Previdência Social. Parece ser só um homem de negócios rico. *Muito* rico. Tudo o que já fez profissionalmente foi coletar lixo e reciclar.

Um comprador de sucata...

— Tem 56 anos, nunca se casou. Os pais, holandeses, já morreram. O pai tinha algum dinheiro e viajava muito a negócios. Hydt nasceu em Amsterdã. Depois, veio morar aqui com a mãe quando tinha 12 anos. Ela sofreu um colapso nervoso, de maneira que ele cresceu, a maior parte do tempo, sob os cuidados de uma empregada que tinha vindo com eles da Holanda. Então, o pai perdeu quase todo o dinheiro que tinha e sumiu da vida do filho. Como estava sem receber, a empregada procurou assistentes sociais e desapareceu também. Depois de oito anos tomando conta do garoto. — Philly balançou a cabeça, em sinal de simpatia. — Ele tinha 14 anos.

Philly continuou:

— Começou a trabalhar como lixeiro aos 15. Depois, sumiu do mapa até os 20 e poucos. Abriu a Green Way na época em que a

moda da reciclagem começou.

— O que aconteceu? Ele herdou algum dinheiro?

— Não. A coisa é meio misteriosa. Ele começou sem um tostão, até onde eu saiba. Quando ficou mais velho, matriculou-se numa universidade. Estudou história antiga e arqueologia.

— E a Green Way?

— Ela lida com lixo em geral, recolhe caçambas, remove entulho de obra, ferro-velho, sobras de demolição, faz reciclagem, trituração de papel, aterro e tratamento de material tóxico. De acordo com a imprensa de negócios, está se expandindo para mais de dez países, a fim de criar aterros sanitários e centros de reciclagem — disse Philly, exibindo um folheto de vendas da companhia.

Bond franziu o cenho diante do logo. Parecia um punhal verde pousado de lado.

— Não é uma faca — comentou Philly, rindo. — Pensei a mesma coisa quando vi. É uma folha. Aquecimento global, poluição e energia são os assuntos mais *sexies* do movimento ambientalista *au courant*. Mas o tratamento do lixo e a reciclagem em prol do planeta estão cada dia mais em voga. E a Green Way é uma das grandes inovadoras do ramo.

— Alguma ligação com a Sérvia?

— Por meio de uma subsidiária, ele tem uma instalação pequena em Belgrado. Mas como todo mundo na organização, ninguém de lá tem passado criminal.

— Não consigo entender o jogo dele — disse Bond. — O homem não é político, não tem inclinações terroristas. Parece quase que foi contratado para organizar o ataque, ou o que quer que vá ser, na sexta. Mas ele não precisa de dinheiro — disse Bond, tomando um gole do coquetel. — Muito bem, então, inspetora-detetive

Maidenstone, me conte sobre as evidências. Aquele pedaço de cinza que eu trouxe de March. A 6 conseguiu ler “plano Geena” e “sexta, 20 de maio”. O forense da Yard descobriu mais alguma coisa?

Sua voz baixou, o que exigiu que ele se aproximasse mais. Bond sentiu um perfume doce, mas indefinido. O suéter de caxemira tocou as costas de sua mão.

— Sim. Eles acham que as outras palavras eram “O curso está confirmado. O raio da explosão vai ser de no mínimo 30 metros. 22h30 é a melhor hora”.

— Então, é algum tipo de instrumento explosivo. 22h30, sexta-feira, de acordo com a primeira interceptação. E “curso” deve se referir a alguma rota de navio ou avião provavelmente.

— Agora — continuou ela —, o metal que você encontrou. É um laminado de aço e titânio. Único. Ninguém no laboratório havia visto algo parecido. Os pedaços eram lascas. Tinham sido cortadas mais ou menos no dia anterior.

Seria isso que o pessoal de Hydt estava fazendo no porão do hospital? Estavam construindo uma máquina com esse metal?

— E o Ministério da Defesa ainda é dono das instalações, que não são usadas há três anos.

Seus olhos passaram pelo maravilhoso perfil de Philly, da testa aos seios, enquanto ela sorvia o vinho.

— Quanto aos sérvios, eu praticamente disse que iria obrigá-los a aderir ao euro em lugar do dinar se não me ajudassem. Mas eles fizeram sua parte. O homem que trabalhou com o irlandês, Aldo Karic, era o responsável por agendar as cargas da estrada de ferro.

— Ele saberia exatamente em que trem estava o material tóxico.

— Sim — disse ela franzindo o cenho depois. — Mas é estranho. A substância era muito perigosa. Metil isocianato, MIC. É o mesmo

produto químico que matou todas aquelas pessoas em Bhopal.

— Meu Deus.

— Mas, olhe, essa aqui é a relação de tudo o que ia no trem — falou Philly, mostrando-lhe uma lista traduzida para o inglês. — Os tonéis com a substância são praticamente à prova de bala. Você pode jogar um deles de um avião e, supostamente, ele não quebra.

Aquilo confundiu Bond.

— Então, um acidente com o trem não produziria vazamento.

— Dificilmente. E mais uma coisa: o vagão que transportava o produto continha só 300 quilos de MIC. A substância é tóxica, sem dúvida, mas em Bhopal vazaram 42 *mil* quilos. Mesmo que alguns tonéis se quebrassem, o dano teria sido desprezível.

Porém, em que mais poderia o irlandês estar interessado? Bond passou os olhos pela lista. Tirando o produto químico, a carga era inofensiva: aquecedores, peças para veículos, óleo de motor, ferro-velho, vigas, madeira... Nenhuma arma, substância instável, ou outro material de risco.

Talvez o incidente tivesse sido um esquema elaborado para matar o maquinista do trem, ou alguém que morasse ao pé do morro, abaixo do restaurante. Teria o irlandês tentado fazer com que a morte parecesse um acidente? Até que desvendasse qual era o propósito de Noah, não haveria uma resposta definitiva. Restava a Bond esperar que o esquema de vigilância, que havia relutantemente posto em prática mais cedo àquela noite, rendesse frutos. Ele perguntou:

— Mais alguma coisa sobre o Geena?

— Inferno.

— Como?

O rosto dela abriu-se num sorriso.

— Geena é a origem do conceito judaico-cristão de inferno. A palavra é uma corruptela de Gehinnom, ou Vale de Hinom, um vale em Jerusalém. Séculos atrás, algumas pessoas acham, ele era usado como local para queimar lixo, e pode ser que houvesse depósitos de gás natural nas rochas, de onde saía uma chama constante. Na Bíblia, Geena veio a significar um lugar onde os pecadores e os descrentes eram punidos.

A única referência significativa recente — se é que se pode considerar cento e cinquenta anos atrás algo recente — estava num poema de Rudyard Kipling, cujo verso ela havia memorizado e recitou: “Abaixo para Geena ou acima para o Trono, viaja mais rápido quem viaja só”.

Ele gostou e repetiu para si.

Philly disse:

— Agora, vamos para minha outra tarefa, Cartucho de Aço.

Relaxe, disse Bond para si mesmo, e levantou uma sobrancelha, com ar indiferente.

Ela explicou:

— Não consegui ver nenhuma ligação entre o plano Geena e Cartucho de Aço.

— Eu já esperava isso. Não acho que estejam relacionados. Deve ser uma outra coisa, de antes de eu entrar para o GDU.

Os olhos castanho-claros examinaram-lhe o rosto, parando por um momento sobre a cicatriz.

— Você era da Inteligência de Defesa, não? E, antes disso, estive no Afeganistão com a Reserva Naval.

— Exato.

— Afeganistão... Os russos estiveram lá, é claro, antes que nós e os americanos decidíssemos aparecer para o chá. Isso tem a ver

com a sua missão lá?

— Talvez. Não sei.

Philly percebeu que estava fazendo perguntas que ele talvez não quisesse responder.

— Consegui o arquivo original de dados dos russos que a nossa Estação R pirateou e examinei os metadados. Eles me levaram a outras fontes, e descobri que Cartucho de Aço era uma operação de morte direcionada, sancionada por altos escalões. É a isso que a frase “algumas mortes” se referia. Ainda não consegui descobrir se foi a KGB ou a SVR, de maneira que não temos como saber a data ainda.

Em 1991, a KGB, o infame aparato soviético de segurança e espionagem, foi desmembrada no FSB da Rússia atual, com jurisdição doméstica, e no SVR, que tem jurisdição estrangeira. O consenso entre os que acompanham o mundo da espionagem era de que a mudança havia sido apenas na aparência.

Bond considerou a questão.

— Morte direcionada.

— Isso mesmo. E um dos nossos operadores clandestinos, um agente da 6, estava envolvido de alguma forma, mas ainda não sei quem nem como. Talvez o nosso homem estivesse rastreando o assassino russo. Talvez quisesse suborná-lo e transformá-lo em agente duplo. Ou o nosso agente talvez fosse o próprio alvo da operação. Vou saber logo. Já abri os canais.

Ele notou que estava com os olhos fixos na toalha de mesa e a testa franzida. Deu-lhe, então, um sorriso rápido.

— Brillhante, Philly. Obrigado.

No celular, Bond digitou um resumo do que ela lhe contara sobre Hydt, o Incidente Vinte e a Green Way International, omitindo as

informações sobre a Operação Cartucho de Aço. Depois, enviou a mensagem para M e Bill Tanner e, então, disse:

— Ok. Agora é hora de comermos, depois de todo esse nosso trabalho difícil. Primeiro, o vinho. Tinto ou branco?

— Sou uma garota que não segue as normas — disse ela, deixando a frase pairando no ar de forma provocante, pareceu a Bond.

Depois explicou:

— Gosto de um tinto robusto, um Margaux ou St. Julien, com um peixe suave, como o linguado. E me agrada um Pinot Gris ou um Albariño com um belo filé suculento — disse Philly, cedendo. — O que eu quero dizer é que qualquer coisa que te agrada, James, está bom para mim.

Ela passou manteiga num pedaço de pão e comeu com visível prazer; depois, pegou o cardápio e examinou-o como uma garotinha tentando decidir que presente de Natal abrir primeiro. Bond ficou fascinado.

Um momento depois, Aaron, o garçom, apareceu. Philly disse a Bond:

— Você primeiro. Preciso de mais sete segundos.

— Vou começar com o patê. Depois quero um linguado grelhado.

Philly pediu uma salada de rúcula com parmesão e peras e, como prato principal, lagosta cozida com vagem francesa e batatinhas.

Bond escolheu uma garrafa de Chardonnay sem sabor de carvalho de Napa, Califórnia.

— Bom — disse ela. — Os americanos têm as melhores uvas *chardonnay* fora da Borgonha, mas deviam ter coragem para jogar fora esses malditos barris de carvalho.

Era exatamente a opinião de Bond.

O vinho chegou e, depois, a comida, que se mostrou excelente. Ele a cumprimentou pela escolha do restaurante.

Seguiu-se, então, uma conversa casual. Ela perguntou-lhe sobre sua vida em Londres, viagens recentes, onde havia sido criado. Instintivamente, ele forneceu apenas as informações gerais que já eram de domínio público — a morte dos pais, a infância com a tia Charmian na idílica Pett Bottom, em Kent, a breve permanência em Eton e a subsequente transferência para a antiga escola do pai, Fettes, em Edimburgo.

— Sim, soube que em Eton você teve um pequeno problema, alguma coisa a ver com uma empregada? — disse ela, deixando mais uma vez aquelas palavras pairando no ar, e, depois, sorriu. — Soube da história oficial, um pouquinho escandalosa. Mas houve outras versões também. Que você andou defendendo a honra da garota.

— Acho que devo ficar de boca fechada em relação a esse assunto — disse ele, sorrindo também. — Vou apelar para o Ato de Segredos Oficiais. *Não* oficialmente.

— Bem, é verdade, você era jovem demais para dar uma de cavaleiro errante.

— Acho que a única coisa que fiz lá foi ler *Sir Gawain*, de Tolkien — disse-lhe Bond.

Não pôde deixar de observar que Philly havia, com certeza, feito uma pesquisa sobre ele.

James perguntou-lhe sobre sua infância. Ela falou sobre ter sido criada em Devon, depois num colégio interno em Cambridgeshire, onde, na adolescência, destacara-se como voluntária para organizações de direitos humanos, e, por fim, estudou direito na LSE. Gostava de viajar e falou bastante sobre férias. Ficou no auge

da animação quando chegou a hora de falar sobre a motocicleta BSA e sua outra paixão, esqui.

Interessante, pensou Bond. Temos mais uma coisa em comum.

Seus olhos encontraram-se e mantiveram-se assim por uns confortáveis cinco segundos.

Bond sentiu a sensação eletrizante com a qual estava tão familiarizado. Seu joelho roçou no dela, em parte acidentalmente, em parte não. Philly passou a mão pelo cabelo ruivo solto. Tocou os olhos fechados com a ponta dos dedos. Olhando de volta para Bond, disse com a voz baixa:

— Tenho que dizer: essa ideia foi brilhante. O jantar, quero dizer. Eu realmente precisava... — e calou-se, enrugando os olhos divertidamente, como se não pudesse, ou quisesse, explicar nada mais. — Acho que ainda não estou pronta para terminar a noite. São só 22h30.

Bond inclinou-se para a frente. Seus braços tocaram-se — e, dessa vez, ninguém se esquivou.

Philly disse:

— Eu queria um drinque pós-jantar. Mas não sei exatamente o que eles têm aqui.

Suas palavras foram essas, mas o que estava dizendo-lhe de fato era que tinha um pouco de porto ou de conhaque em seu apartamento, bem naquela rua, e um sofá e música também.

E muito provavelmente algo mais os aguardava.

Códigos...

A próxima fala dele deveria ser:

— Eu também tomaria um. Mas acho que não *aqui*.

Então, Bond notou, sem querer, uma coisa muito pequena, sutil.

O dedo indicador e o polegar da mão direita dela estavam esfregando suavemente o anular da esquerda. Percebeu uma faixa mais pálida, na qual o bronzeado das últimas férias estava faltando; tinha sido protegida do sol pelo anel de noivado vermelho de Tim, agora ausente.

Seus olhos verde-amarelados, radiantes, ainda estavam fixos em Bond; o sorriso, intacto. Ele sabia que, sim, poderiam pagar a conta e ir embora, e ela lhe daria o braço enquanto caminhavam até o apartamento. Sabia que a conversa bem-humorada continuaria, que o sexo seria intenso — adivinhava isso pela forma como os olhos e a voz dela cintilavam, pela maneira como mergulhara na comida, pelas roupas que usava e como as usava. Pelo sorriso.

E, no entanto, sabia também que isso não era certo. Não agora. Quando ela retirara o anel e entregara-o de volta, tinha devolvido também uma parte do coração. Não duvidava de que ela estava no caminho certo para a recuperação — uma mulher que andava em alta velocidade numa motocicleta BSA, dando guinadas ao longo de Peak District, não ficaria deprimida por muito tempo.

Entretanto, decidiu ele, era melhor esperar.

Se Ophelia Maidenstone era a mulher certa para a sua vida, continuaria a sê-lo por mais um ou dois meses.

Ele disse:

— Acho que vi um Armagnac na carta de bebidas que me interessou. Gostaria de experimentar um pouco.

E Bond viu que tinha feito a coisa certa quando o rosto dela suavizou-se, com alívio e gratidão sobrepondo-se à decepção — mesmo que por muito pouco. Ela apertou-lhe o braço e recostou-se no assento.

— Peça para mim, James. Tenho certeza de que você sabe o que eu gosto.

Terça-feira

MORTE NAS AREIAS

James Bond acordou e não conseguiu lembrar-se do sonho que estava tendo, mas que o havia deixado banhado de suor, com taquicardia — que aumentou mais ainda por causa do som ensurdecedor do telefone tocando.

Seu relógio de cabeceira dizia-lhe que eram 5h01. Pegou o celular e olhou para a tela. Bendito seja, pensou, atendendo:

— *Bonjour, mon ami.*

— *Et toi aussi* — retrucou a voz ressoante e áspera. — Estamos criptografados, não?

— *Oui.* Sim, claro.

— O que fazíamos na época em que não havia criptografia? — perguntou René Mathis, presumivelmente em seu escritório no Boulevard Mortier, no XX *arrondissement* de Paris.

— Não havia nada antes da criptografia, René. Ou antes de existir um aplicativo para ela em um *touch screen*.

— Boa observação, James. Você está ficando sábio, *comme un philosophe*. E de manhã tão cedo!

Mathis, aos 35 anos, era agente do serviço secreto francês, a Direction Générale de la Sécurité Extérieure. Ele e Bond trabalhavam

juntos às vezes, nas operações conjuntas do GDU e da DGSE, mais recentemente pondo fim à Al-Qaeda e a outras organizações criminosas na Europa e no norte da África. Haviam também bebido quantidades significativas de Lillet e Louis Roederer juntos e passado algumas noites... bem, bastante animadas em cidades como Bucareste, Túnis e Bari, aquela pérola sem restrições na costa italiana do Adriático.

Fora René Mathis para quem Bond havia telefonado na noite anterior, e não Osborne-Smith, a fim de pedir que ficasse de olho em Severan Hydt. Tomara a decisão com relutância, mas tinha percebido que precisava dar o passo politicamente arriscado de driblar não apenas a Divisão 3, mas o próprio M. Necessitava vigiar, mas com segurança, de modo que Hydt e o irlandês permanecessem sem saber que as autoridades britânicas estavam atrás deles.

A França possuía, é claro, seu próprio serviço de investigação, como o GCHQ na Inglaterra, o NSA na América e todas as agências de inteligência de qualquer outro país com orçamento farto. A DGSE estava continuamente escutando conversas e lendo e-mails de cidadãos de outros países, inclusive os do Reino Unido. Sim, os dois países eram aliados no momento, mas *havia* aquele probleminha da história entre eles.

Então, Bond pedira um favor: que René Mathis escutasse o ELINT e o SIGINT de Londres, captado pela antena de 100 metros do satélite francês de espionagem, estabilizado por gradiente de gravidade, em busca de palavras-chave.

Mathis disse:

— Tenho uma coisa para você, James.

— Estou me vestindo. Vou ativar o viva voz — disse Bond, apertando o botão e pulando da cama.

— Isso significa que a ruiva linda deitada ao seu lado vai escutar também?

Bond riu, mais ainda porque o francês escolhera, por acaso, aquela cor de cabelo em particular. Uma imagem rápida veio à tona, de ele apertando sua face contra a de Philly, à noite passada, diante da porta dela, quando seu cabelo sedoso acariciou-lhe o ombro antes de voltar para casa.

— Procurei sinais com o nome Severan Hydt ou o apelido “Noah”. E qualquer coisa relacionada a Green Way International, ao plano Geena, descarrilamentos de trem na Sérvia ou eventos sob ameaça, sexta que vem, e tudo isso relacionado a qualquer nome que soe irlandês. Mas é muito estranho, James: o vetor do satélite estava direcionado para as instalações da Green Way, a leste de Londres, mas não havia qualquer SIGINT vindo do lugar. É como se ele proibisse os operários de ter celular. Muito curioso.

Sim, de fato, refletiu Bond, continuando a vestir-se rápido.

— Mas conseguimos pegar algumas coisas. Hydt está, no momento, em casa, e vai sair do país esta manhã. Daqui a pouco, acho. Para onde, não sei. Mas vai pegar um avião. Havia uma referência a aeroporto e outra a passaportes. E vai ser num jato particular, já que o pessoal dele tinha falado diretamente com o piloto. Acho que não havia nenhuma pista com relação a aeroporto. Sei que há muitos em Londres. Estamos com eles na nossa mira... por motivos de vigilância apenas, é melhor dizer logo!

Bond não pôde evitar rir.

— James, não descobrimos nada sobre esse tal de plano Geena, mas tenho algumas informações preocupantes. Descriptografamos uma ligação rápida, 15 minutos atrás, para um local cerca de 15 quilômetros a oeste da GreenWay, fora de Londres.

— Provavelmente a casa de Hydt.

Mathis prosseguiu:

— Uma voz de homem disse: “Severan, sou eu”. Tinha sotaque, mas nossos algoritmos não conseguiram determinar a região de origem. Disse também alguns gracejos e, depois, o seguinte: “Estamos confirmados para as 19 horas hoje. O número de mortos será de mais ou menos noventa. Você tem que estar lá antes de 18h45.”

Então, ou Hydt fazia parte de um plano para matar dezenas de pessoas, ou ia fazê-lo ele mesmo.

— Quem são as vítimas? E por que vão morrer?

— Não sei, James. Mas o que achei mais preocupante foi a reação de Hydt. A voz dele era como a de um *enfant* para quem se oferece chocolate. Ele disse: “Ah, que notícia maravilhosa! Muito obrigado.” — Com voz sombria, Mathis acrescentou: — Nunca tinha visto esse tipo de alegria diante da perspectiva de um assassinato. Porém, mais estranho ainda, ele perguntou depois: “A que distância dos corpos eu posso chegar?”.

— Ele disse isso?

— Disse. O outro falou, então, que podia chegar bem perto. E Hydt pareceu muito satisfeito com isso também. Depois, os telefones ficaram mudos e não foram mais usados.

— Dezenove horas. Em algum lugar fora do país. Alguma coisa mais?

— Acho que não.

— Obrigado por isso tudo. É melhor eu continuar a caçada.

— Gostaria de deixar o satélite on-line por mais tempo, mas os meus superiores já estão fazendo perguntas sobre por que estou tão interessado nesse lugarzinho insignificante chamado Londres.

— Da próxima vez o Dom é por minha conta, René.

— Claro. *Au revoir*.

— *À bientôt, et merci beaucoup* — disse Bond, desligando.

Durante os anos como capitão de fragata da Royal Naval Reserve e agente do GDU, estivera face a face com pessoas muito cruéis: insurgentes, terroristas, criminosos psicopatas, traidores sem moral que vendiam segredos nucleares para homens loucos o bastante para usá-los. Mas qual era o jogo de Hydt?

Propósito... reação.

Mesmo que não ficasse claro qual seria o objetivo perverso daquele homem, havia uma coisa que Bond poderia fazer em reação.

Dez minutos depois, ele desceu a escada procurando a chave do carro no bolso. Não precisava checar o endereço de Severan Hydt. Havia-o memorizado à noite passada.

A Thames House, a sede do MI5, da Secretaria da Irlanda do Norte e de algumas organizações de segurança relacionadas, é menos imponente do que a residência do MI6, que, por um acaso, fica perto dali, do outro lado do rio, na margem sul. A sede da Seis parece um enclave futurista saído de um filme de Ridley Scott. É chamada de Babilônia-sobre-o-Tâmisa, pela sua semelhança com um zigurate, e, mais maldosamente, como Legolândia.

Contudo, se não impressiona pela arquitetura, a Thames House é um pouco intimidadora. O monólito de pedra cinza, de 90 anos, é o tipo de lugar no qual, se fosse um quartel-general de polícia na Rússia soviética ou Alemanha Oriental, se começa a dar respostas antes que sejam feitas perguntas. Por outro lado, o local *exibe* esculturas muito impressionantes (*Britannia* e *St George*, de Charles Sargeant Jagger, por exemplo) e, quase todo dia, turistas do Arkansas ou de Tóquio chegam até a porta da frente pensando que se trata da Tate Britain, localizada a pouca distância.

Nos porões sem janela da Thames House ficavam os escritórios da Divisão 3. A organização cuidadosamente — em nome da

negabilidade — alugava espaço e equipamento da 5 (e ninguém possui equipamento melhor que o MI5), tudo ao alcance da mão.

No meio desse feudo, havia uma grande sala de controle, muito castigada nos cantos; as paredes verdes surradas e desgastadas, a mobília danificada, o carpete comprometido por tantas solas de sapato. Os cartazes regulamentares do governo sobre pacotes suspeitos, simulações de incêndios, questões sindicais relacionadas à saúde e ao trabalho eram onipresentes, em geral afixados por burocratas com nada melhor para fazer.

W E A
R E Y E P R
O T E C
T I O N W H E
N N E C E S
S A R Y

Todavia, os computadores ali eram vorazes e as dezenas de monitores de tela plana, grandes e brilhantes. O vice-diretor sênior de Operações de Campo, Percy Osborne-Smith, encontrava-se de pé, de braços cruzados — tinha acordado às 4 horas e se vestido em cinco minutos —, ao lado de dois jovens: o assistente e um técnico de aparência amarrotada debruçado sobre um teclado.

Osborne-Smith inclinou-se para a frente e apertou um botão. Escutou novamente a gravação que acabara de ser feita, pelo dispositivo de vigilância que havia plantado, após a ida à toa até Cambridge, com o único propósito, como se revelou mais tarde, de comer um frango ao curry que lhe fizera mal à noite. Aquela espreita não envolvia o suspeito do Incidente Vinte, já que ninguém tivera a fineza de compartilhar com ele a identidade do homem, mas os garotos e as garotas de Osborne-Smith haviam conseguido organizar

uma escuta produtiva. Sem informar ao MI5 que estavam fazendo aquilo, sua tropa instalara alguns microfones nas janelas de um dos conspiradores do malfeitor: um rapaz chamado James Bond, Divisão 00, Seção O, Grupo de Desenvolvimento Ultramarino, Ministério do Exterior e Ministério dos Negócios Estrangeiros e Commonwealth.

E, assim, Osborne-Smith ficara sabendo sobre Severan Hydt, que ele era Noah e dono da Green Way International. Bond parecia ter-se esquecido de mencionar que a missão até Boots — a estrada, e não Boots, a farmácia — havia resultado em descobertas muito importantes.

— Cretino! — disse o ajudante de Osborne-Smith, um jovem magro, com uma irritante cabeleira castanha. — Bond está brincando com vidas.

— Se acalme agora, está bem? — disse Osborne-Smith ao rapaz, a quem se referia como “vice do vice”, mas não em sua presença.

— Mas ele é. Um cretino.

Osborne-Smith ficou muito impressionado com o fato de que Bond tivesse contatado o serviço secreto francês. Se não fosse isso, ninguém teria ficado sabendo que Hydt estava para sair do país e matar noventa pessoas ou mais naquele dia, ou, pelo menos, que estaria presente, assistindo às mortes. Essa informação solidificou a determinação de Osborne-Smith de pôr um par de algemas em Severan “Noah” Hydt, arrastá-lo até Belmarsh ou à sala de interrogatórios da própria Divisão 3, que não era muito mais hospitaleira do que a da prisão, e extrair tudo dele.

Virou-se para o vice do vice e falou:

— Passe o pente fino em Hydt. Quero saber tudo sobre ele, que remédio toma, se lê o *Independent* ou o *Daily Sport*, se torce pelo Arsenal ou pelo Chelsea, suas preferências alimentares, os filmes

que lhe dão medo ou que o fazem chorar, quem está paquerando ou quem o está paquerando, e como. E crie uma equipe de detenção. Me diga: não recebemos o formulário de autorização para armas de fogo de Bond, recebemos?

— Não, senhor.

Aquilo irritou Osborne-Smith.

— Onde estão meus olhos no céu? — perguntou ao jovem técnico sentado diante de seu console de videogame.

Eles haviam tentado descobrir o destino de Hydt da maneira mais fácil. Já que o *espion* de Paris ficara sabendo que o homem ia partir numa aeronave particular, vasculharam os registros da CAA em busca de aviões registrados em nome de Severan Hydt, Green Way, ou qualquer outra subsidiária. Todavia, não encontraram nenhum. Então, teria que fazer espionagem à antiga, se é que o uso de um aeroplano de 3 milhões de libras não tripulado e operado por controle remoto poderia ser descrito assim.

— Espere, espere — disse o técnico, prendendo a respiração. — Peguei o Pássaro Grande agora.

Osborne-Smith olhou para a tela. A visão, tomada de 3 quilômetros de altitude, era incrivelmente nítida. Entretanto, ao observar a imagem, perguntou:

— Tem *certeza* de que essa é a casa de Hydt? Não é uma parte da firma?

— Positivo. Residência particular.

A casa ocupava todo um quarteirão em Canning Town. Ficava separada, o que não era de surpreender, dos vizinhos de casas populares ou prédios dilapidados por muros imponentes, que brilhava ao alto, com arame farpado. No terreno, havia jardins muito bem cuidados em pleno desabrochar do mês de maio. O local

parecia ter sido um armazém ou fábrica modesta um século antes, mas fora reformado recentemente, como tudo indicava. Viam-se agrupadas quatro construções anexas e uma garagem.

O que significava aquilo?, perguntou-se. Por que um homem tão rico como aquele morava em Canning Town? Era uma localidade pobre, etnicamente complexa, dada à violência e às gangues, mas com moradores extremamente fiéis e vereadores ativistas, que defendiam muito seus eleitores. Um grande trabalho de restauração estava sendo feito, além das construções para os Jogos Olímpicos, que alguns diziam estarem acabando com a alma do lugar. Seu pai, lembrou-se Osborne-Smith, havia visto The Police, Jeff Beck e Depeche Mode tocarem num *pub* lendário de Canning Town décadas atrás.

— Por que Hydt mora ali? — perguntou-se em voz alta.

O assistente disse:

— Acabo de saber que Bond saiu do apartamento em direção ao leste. Mas deixou nosso homem perdido. Ele dirige como Michael Schumacher.

— Nós sabemos para onde ele está indo — disse Osborne-Smith.

— Para a casa de Hydt. — Odiava ter de explicar o óbvio.

Enquanto passavam-se minutos sem nenhum sinal de atividade na casa de Hydt, o jovem assistente atualizava o chefe: uma equipe de detenção fora montada, incluindo oficiais armados.

— Eles querem saber suas ordens, senhor.

Osborne-Smith considerou a questão.

— Diga-lhes que estejam prontos, mas vamos aguardar e ver se Hydt vai se encontrar com alguém. Quero pegar a gangue toda.

O técnico disse:

— Senhor, vemos uma movimentação agora.

Inclinando-se para mais perto da tela, Osborne-Smith observou que um homem grande, de terno preto — um guarda-costas, avaliou ele —, estava arrastando malas com rodinhas para fora da casa, em direção à garagem.

— Senhor, Bond acaba de chegar em Canning Town — disse o técnico, mexendo no joystick e fazendo o campo de visão expandir-se. — Ali — apontou ele. — É ele. O Bentley.

O discreto veículo cinza diminuiu de velocidade e parou junto à calçada.

O assistente deu um assovio.

— Um Continental GT. Isso é que é *carro*! Fizeram uma matéria sobre ele no *Top Gear*. Você assiste esse programa, Percy?

— Infelizmente, estou sempre trabalhando a essa hora — respondeu Osborne-Smith, lançando um olhar fúnebre na direção do despenteado vice do vice e chegando à conclusão de que, se o jovem não conseguisse ser um pouco mais humilde e respeitoso, não sobreviveria, em termos profissionais, ao término da missão Incidente Vinte.

O carro de Bond estava discretamente estacionado — se é que essa palavra pode ser usada para descrever um automóvel de 125 mil libras em Canning Town — a cerca de 50 metros da casa de Hydt, escondido atrás de algumas caçambas de lixo.

O assistente disse:

— A equipe de detenção já está a bordo do helicóptero.

Osborne-Smith falou:

— Diga a eles para decolar e ficar sobrevoando algum lugar perto do Gherkin.

O prédio de escritórios da Swiss Re, de quarenta andares — que parecia mais uma nave espacial da década de 1950 do que um

pepino em conserva, na opinião de Osborne-Smith —, erguia-se acima da cidade e estava numa localização central, a partir da qual se poderia dar início à caçada.

— Alerta de segurança em todos os aeroportos: Heathrow, Gatwick, Luton, Stansted, London City, Southend e Biggin Hill.

— Positivo, senhor.

— Mais gente — anunciou o técnico.

Na tela, três pessoas estavam deixando a casa. Um homem alto, vestindo terno, de cabelo e barba grisalhos, caminhava ao lado de outro, louro, alto e desengonçado, cujos pés apontavam para fora. Uma mulher pequena, de tailleur preto e cabelos brancos, acompanhava-os.

— É Hydt — disse o técnico. — O de barba.

— Alguma ideia de quem é a mulher?

— Não, senhor.

— E a girafa? — perguntou Osborne-Smith, em tom depreciativo.

Estava realmente irritado pelo fato de Bond ter ignorado seu formulário para armas de fogo.

— É esse o irlandês de quem todo mundo fala? Tire uma foto e corra com isso. Rápido.

O trio entrou na garagem. Um instante depois, um Audi A8 saiu em velocidade pelo portão da frente e parou na rua, acelerando o motor.

— Contagem de cabeças: os três estão no carro, junto com o guarda-costas — anunciou o vice do vice.

— Rastreie com o MASINT. E ponha o laser em cima, por via das dúvidas.

— Vou tentar — disse o técnico.

— Acho bom.

Eles observaram Bond, em seu Bentley, juntando-se sorratamente ao tráfego e seguindo o Audi em velocidade.

— Ponha a panorâmica neles e siga — disse Osborne-Smith, com o ceceio que tentava em vão eliminar. Sofrera por causa disso durante toda sua vida.

A câmera seguiu o carro alemão.

— Muito bom, garoto — disse ele ao técnico.

O Audi acelerou. Bond seguia discretamente, mas sem perdê-lo de vista. Se o motorista do carro alemão era habilidoso, 007 era mais — previa quando o *chauffeur* iria tentar alguma esperteza, uma curva abortada, ou mudança de faixa inesperada, e contra-atracava. Os dois carros ignoravam sinais verdes, amarelos ou vermelhos.

— Estão indo em direção ao norte. Prince Regent Lane.

— Então, o aeroporto London City está excluído.

O Audi entrou na Newham Way.

— Tudo bem — disse o vice do vice, entusiasmado, mexendo na cabeleira que parecia uma erupção vulcânica. — Ou é Stansted ou Luton.

— Indo para o norte pela A406 — informou outra técnica, uma loura roliça que se havia materializado do nada.

Depois, após uma perseguição impressionante em estilo gato e rato, os competidores, Audi e Bentley, entraram na M25 em sentido anti-horário.

— É Luton! — gritou o assistente.

Mais calmo, Osborne-Smith ordenou:

— Ponha o nosso pássaro em movimento. Vai ajudar.

Em silêncio, eles seguiam o deslocamento do Audi. Por fim, ele entrou rápido no estacionamento do aeroporto de Luton. Bond não

estava muito atrás e estacionou cuidadosamente o carro fora do campo de visão de Hydt.

— O helicóptero está pousando na plataforma antiterror do aeroporto. Nosso pessoal vai se dirigir ao estacionamento.

Ninguém saltou do Audi. Osborne-Smith sorriu.

— Eu sabia! Hydt está esperando os cúmplices. Vamos pegar todos eles. Diz ao nosso pessoal para ficar oculto até eu dar o sinal. E toda a atenção nas câmeras de Luton.

Ele achava que as câmeras do circuito fechado de TV, em terra, lhes permitiriam ver a reação chocada de Bond quando a equipe da Divisão 3 pousasse como um falcão e prendesse Hydt e o irlandês. Aquele não fora o objetivo de Osborne-Smith ao pedir o vídeo, naturalmente... mas seria um prêmio muito agradável.

Hans Groelle estava por trás do volante do reluzente e preto Audi A8. De constituição robusta, o louro veterano do Exército holandês havia praticado um pouco de motocross e outros tipos de corrida na juventude. Estava satisfeito pelo Sr. Hydt ter-lhe pedido que usasse suas habilidades ao volante naquela manhã. Saboreando a lembrança do percurso frenético entre Canning Town e o aeroporto de Luton, Groelle escutava, distraído, a conversa de três vias do homem e da mulher, no banco de trás, com o passageiro da frente.

Estavam rindo por causa da empolgação da corrida. O motorista do Bentley era muito hábil e, mais importante ainda, intuitivo. Não tinha como saber para onde Groelle estava indo, de forma que precisara prever as curvas, muitas delas completamente ao acaso. Era como se possuísse um sexto sentido que lhe dizia quando o holandês iria fazer uma curva, frear e acelerar.

Um motorista nato.

Mas quem era ele?

Descobririam em breve. Ninguém no Audi conseguira uma descrição sua — havia sido muito inteligente —, mas foram capazes de ver o número da placa. Groelle telefonara para um funcionário na

sede da Green Way que estava utilizando alguns contatos na Agência de Licenciamento de Veículos e Motoristas para descobrir quem era o dono do carro.

Entretanto, qualquer que fosse a ameaça, Hans Groelle estava pronto para ela. Uma Colt 1911 calibre 45 encontrava-se aconchegada e quente sob sua axila esquerda.

Ele olhou mais uma vez para o pedaço de para-lama cinza do Bentley e disse ao homem no banco traseiro:

— Funcionou, Harry. Nós os enganamos. Ligue para Sr. Hydt.

Os dois passageiros na parte de trás e o homem sentado ao lado de Groelle eram trabalhadores da Green Way envolvidos com o Geena. Assemelhavam-se ao Sr. Hydt, à Sra. Barnes e Niall Dunne, que se encontravam, naquele momento, a caminho de um aeroporto totalmente diferente, Gatwick, onde um jato particular aguardava para levá-los para fora do país.

O embuste tinha sido ideia de Dunne, é claro. Ele era apático, mas isso não afetava o seu cérebro. Tinha ocorrido um problema em March — alguém matara Eric Janssen, um dos colegas seguranças de Groelle. O assassino estava morto, mas Dunne achava que poderia haver outros, vigiando a fábrica ou a casa, talvez ambas. Então, descobriu três funcionários de aparência suficientemente semelhante para enganar eventuais observadores, e disse-lhes que chegassem bem cedo, àquela manhã, à Canning Town. Groelle levou as malas para a garagem, seguido pelo Sr. Hydt, pela Sra. Barnes e pelo irlandês. Groelle e as iscas, que tinham ficado esperando no Audi, partiram em velocidade para Luton. Dez minutos depois, a verdadeira comitiva entrou na traseira de um caminhão sem logo da Green Way International e se dirigiu para Gatwick.

Agora, os chamarizes iriam permanecer no Audi o máximo de tempo possível, a fim de manter quem estava no Bentley ocupado o suficiente para que o Sr. Hydt e os outros conseguissem sair do espaço aéreo britânico.

Groelle disse:

— Vai ser uma boa espera.

Ele fez um gesto em direção ao rádio do carro e olhou para os funcionários da Green Way.

— Que estação vocês preferem?

Fez-se uma votação, e a Rádio 2 teve os votos da maioria.

— Ha, ha. Foi um maldito embuste — disse Osborne-Smith, com a voz calma como sempre, mas o adjetivo usado por ele indicava que encontrava-se lívido.

A câmera do circuito fechado de TV do estacionamento de Luton estava transmitindo suas imagens para a grande tela da Divisão 3, e o reality show em exibição naquele momento não era nada aprazível. A visão angular do interior do Audi não era das melhores, mas era claro que o casal no banco de trás não era Severan Hydt e sua companhia feminina. E o passageiro na frente, que parecia ser o irlandês, não era o louro desajeitado que se via antes dirigindo-se para a garagem.

Iscas.

— Eles devem estar indo para *outro* aeroporto de Londres — observou o vice do vice. — Vamos dividir a equipe.

— A menos que tenham decidido ir para Manchester ou Leeds-Bradford.

— Certo.

— Enviem a todos os observadores da Seção A uma foto de Hydt. Sem demora.

– Sim, senhor.

Osborne-Smith apertava os olhos enquanto olhava para a imagem transmitida pelo circuito fechado de TV. Podia ver um pedaço da lateral do Bentley de James Bond estacionado a cerca de 25 metros do Audi.

Se havia algum consolo diante daquele golpe era o fato de que, pelo menos, 007 também caíra na cilada. Combinado à falta de cooperação, ao uso questionável do serviço secreto francês e à sua postura soberba, aquele lapso talvez sinalizasse um encurtamento significativo de sua carreira.

O caminhão de 4,5 metros, alugado para a Green Way International mas sem logo, estacionou junto à calçada do terminal de voos executivos no aeroporto de Gatwick. A porta abriu-se e Severan Hydt, uma mulher mais velha e o irlandês saltaram e pegaram suas malas.

A 10 metros de distância, no estacionamento, havia um Mini Cooper preto e vermelho, cuja decoração interior incluía uma rosa amarela num vaso de plástico enfiado no porta-copo. Atrás do volante, James Bond observava o trio de passageiros na calçada. O irlandês, naturalmente, olhava com atenção em volta. Parecia nunca baixar a guarda.

— O que você acha dele? — perguntou Bond, falando no viva-voz do celular.

— Dele?

— Do Bentley.

— “Dele”? Francamente, James, um carro como esse *exige* um nome — censurou Philly Maidenstone.

Ela estava no seu Bentley Continental GT, no aeroporto de Luton, depois de perseguir o Audi de Hydt o caminho todo, desde Canning

Town.

— Nunca tive o hábito de dar nome para os meus carros.

Assim como nunca atribuí um gênero para minha arma, refletiu ele, mantendo os olhos no trio, não muito distante dali.

Bond convencera-se de que, após os incidentes na Sérvia e em March, Hydt — ou o irlandês, mais provavelmente — suspeitaria estar sendo seguido em Londres. Também estava preocupado porque Osborne-Smith, por sua vez, resolvera segui-lo. Então, depois de falar com René Mathis, havia deixado o apartamento e ido rápido até um estacionamento coberto no centro histórico de Londres, onde encontrara Philly e trocara de carro. Ela seguiria o Audi de Hydt, que Bond tinha certeza ser apenas um chamariz, em seu Bentley, enquanto ele, no Mini dela, esperaria pela verdadeira saída do homem, que ocorreu dez minutos depois do carro alemão sair da casa de Hydt, em Canning Town.

Bond observava agora Hydt, de cabeça baixa, fazendo uma ligação telefônica. A seu lado, estava a mulher. Por volta dos 60 e poucos anos, imaginava Bond, tinha os traços bonitos, embora o rosto fosse pálido e abatido, imagem acentuada pelo *manteau* preto. Dormiu pouco, talvez.

Sua amante?, perguntava-se Bond. Ou uma assistente de longa data? Pelo modo como ela olhava para Hydt, decidiu-se pela primeira hipótese.

O irlandês. Bond não o tinha visto com clareza na Sérvia, mas não havia dúvida; os passos desajeitados, os pés para fora, a má postura, a franja loura bizarra.

Bond achou que havia sido ele o homem da escavadeira em March — que tinha esmagado e morto, de forma tão cruel, o segurança. Recordou-se também dos mortos na Sérvia — os

agentes, o maquinista, o motorista do caminhão, assim como o próprio parceiro —, e deixou que a raiva dentro de si crescesse e se dissolvesse.

Philly disse:

— Em resposta à sua pergunta, gostei muito dele. Muitos motores têm potência hoje em dia; você pode usar uma caminhonete Mercedes AMG para levar as crianças à escola, mas quantas libras de torque têm o Bentley? Nunca senti nada assim.

— Um pouco mais de quinhentas.

— Meu Deus! — murmurou Philly, impressionada ou com inveja, ambas as coisas talvez. — E fiquei apaixonada pela tração nas quatro rodas. Como ela é distribuída?

— Sessenta e quatro, de trás para a frente.

— Brilhante.

— O seu também não é nada mau — disse ele sobre o Mini. — Você mandou instalar um turbocompressor.

— Sim.

— Qual?

— Autorotor. A marca sueca. Quase dobrou de potência. Está perto de trezentos agora.

— Foi o que imaginei — Bond estava impressionado. — Você precisa me dar o nome do seu mecânico. Tenho um Jaguar antigo que está precisando de um trato.

— É do tipo E? O carro mais *sexy* da história automobilística?

Temos mais uma coisa em comum. Bond embrulhou o pensamento e o jogou rapidamente fora:

— Vou deixar você em suspense. Espere aí. Hydt está se mexendo.

Bond saltou do Mini e escondeu a chave de Philly no arco da direção. Pegou a mala e a maleta com o laptop, colocou um par novo de óculos escuros com armação de tartaruga e enfiou-se na multidão, a fim de seguir Hydt, o irlandês e a mulher até o terminal de jatos particulares de Gatwick.

— Você está aí? — perguntou, no viva-voz.

— Estou — respondeu ela.

— O que está acontecendo com as iscas?

— Estão sentadas no Audi.

— Vão ficar esperando até Hydt decolar e o avião sair do espaço aéreo do Reino Unido. Depois, vão dar meia volta para guiar você, e provavelmente o Sr. Osborne-Smith, de volta a Londres.

— Você acha que Ozzy está vendo tudo?

Bond teve que rir.

— Sobre você está um avião operado por controle remoto a cerca de 3 quilômetros de altura, tenho certeza. Eles estão entrando no terminal agora. Tenho que ir, Philly.

— Eu não saio muito do escritório, James. Obrigado por me dar a chance de brincar de Fórmula1.

Impulsivamente, ele disse:

— Tive uma ideia. Talvez a gente possa dirigir juntos no campo, a sério.

— James! — disse ela, zangada.

Ele se perguntou se teria ultrapassado algum limite.

— Você não pode continuar se referindo a essa máquina magnífica simplesmente como "ele". Vou quebrar a cabeça e pensar num nome para *ela*. E, sim, uma excursão até o campo parece divino, desde que você me deixe dirigir exatamente a metade do

tempo. E vamos fazer um pedido de detenção zero. Já tenho alguns pontos na minha carteira de motorista.

Eles desligaram e Bond seguiu discretamente sua presa. Os três pararam num portão, diante de uma corrente, e apresentaram os passaportes ao guarda. Bond viu que o da mulher era azul. Americana? O homem uniformizado escreveu alguma coisa na prancheta e fez sinal para que prosseguissem. Quando Bond chegou junto à corrente, teve um vislumbre dos três subindo a escada de um grande jato particular branco, com sete janelas redondas de cada lado da fuselagem e com as luzes já ligadas.

Bond apertou o botão de chamada rápida no celular.

— Aqui é Flanagan. Olá, James.

— Maurice — disse ele ao chefe da Seção T, o grupo dentro do GDU que gerenciava tudo relacionado a veículos. — Preciso saber o destino de um avião particular que está decolando exatamente agora de Gatwick.

Ele leu em voz alta o registro de cinco letras pintado sobre o motor.

— Me dê um minuto.

A aeronave moveu-se para a frente. Que azar, pensou, com raiva. Devagar. Ele estava plenamente consciente de que, se a informação de René Mathis estivesse correta, Hydt estava a caminho para supervisionar o assassinato de pelo menos noventa pessoas àquela noite.

Maurice Flanagan disse:

— Consegui. Belo pássaro, um Grumman Cinco-Cinquenta. Último modelo e supercaro. Esse pertence a uma companhia holandesa do ramo de tratamento e reciclagem.

Do próprio Hydt, estava claro.

— O plano de voo é para Dubai.

Dubai? Seria lá que as mortes iriam acontecer? Onde parariam para reabastecer?

Flanagan riu.

— James, a autonomia de voo dele é de mais de 10 mil quilômetros. Voa a uma velocidade de mach 0,88.

Bond observava o avião taxiando em direção à pista. Dubai ficava a cerca de 4.800 quilômetros de Londres. Com a diferença de horário, o Grumman aterrissaria às 15 ou 16 horas.

— Preciso chegar na frente daquele avião em Dubai, Maurice. O que você pode me arranjar? Estou com passaporte, cartão de crédito e 3 mil dólares em espécie. Veja o que pode fazer. Ah, e estou com a minha arma. Tem que levar isso em conta.

Bond continuava a olhar para o reluzente jato branco com as pontas das asas viradas para cima. Parecia mais um dragão do que um pássaro, talvez porque soubesse quem eram seus ocupantes e o que planejavam.

Noventa mortos...

Alguns momentos tensos passaram-se enquanto Bond observava o jato aproximar-se da pista.

Então, Flanagan disse:

— Lamento muito, James. O máximo que posso fazer é colocar você num voo comercial saindo de Heathrow daqui a umas poucas horas. Vai te deixar em Dubai por volta das 18h20.

— Não serve, Maurice. Algum avião militar? Do governo?

— Não tem nenhum disponível. Absolutamente nenhum.

Droga! Ele poderia, pelo menos, pedir a Philly ou Bill Tanner que combinassem com alguém da 6, nos Emirados Árabes Unidos, para

esperar a chegada do voo no aeroporto de Dubai e seguir Hydt e Dunne até seu destino.

Ele suspirou.

— Me coloque no voo comercial.

— Está bem. Sinto muito.

Bond olhou para o relógio.

Faltavam nove horas para os assassinatos.

Podia torcer para que houvesse um atraso no voo de Hydt.

Naquele exato momento, viu o Grumman entrar na pista de decolagem principal e, sem fazer qualquer pausa, acelerar e erguer-se, sem o menor esforço, até tornar-se um ponto, como um dragão elevando-se no céu e voando para longe dele.

Percy Osborne-Smith estava inclinado na direção do grande monitor de tela plana dividido em seis retângulos. Vinte minutos antes, obtivera uma imagem, no circuito fechado de TV, do número da placa de um caminhão registrado em nome da companhia de Severan Hydt, na saída Redhill e Reigate, da A23, que levava a Gatwick. Ele e seus assessores encontravam-se agora examinando todas as câmeras dentro e em volta do aeroporto em busca do veículo.

A especialista, que se havia juntado a eles depois, terminou de prender o cabelo louro usando um elástico e apontou com o dedo rechonchudo para uma das telas.

— Ali. É ele.

Parecia que, 15 minutos antes, de acordo com o marcador de tempo, o caminhão havia parado ao lado da calçada, perto do terminal de aviação particular, e algumas pessoas saltaram. Sim, eram os três.

— Por que o rosto de Hydt não pôde ser visto quando ele chegou? Somos capazes de perceber os *hooligans* do Rio antes deles entrarem em Old Trafford, mas não conseguimos enxergar um assassino em massa em plena luz do dia. Meu Deus, será que isso diz algo sobre as prioridades de Whitehall? Não repitam isso para ninguém. Examinem a pista do aeroporto.

O técnico manipulou os controles. Havia uma imagem de Hydt e dos outros caminhando até um jato particular.

— Levantem o número de registro.

Para seu crédito, o vice do vice já tinha feito aquilo.

— Pertence a uma companhia holandesa de reciclagem. Ok, consegui o plano de voo. Está indo para Dubai. Já decolaram.

— Onde estão agora? *Onde?*

— Checando... — suspirou o assistente. — Acabam de sair do espaço aéreo britânico.

Com os dentes cerrados, Osborne-Smith olhava para a imagem de vídeo congelada do avião. Ele meditou:

— Me pergunto o que seria necessário para juntar alguns Harriers e obrigá-los a aterrissar.

Depois, levantou a cabeça e notou que todos o olhavam fixamente.

— Não estou falando sério, gente.

Na verdade, estava sim, só um pouco.

— Vejam isso — interrompeu o técnico.

— Ver que *droga?*

O vice do vice disse:

— Sim, tem mais *alguém* os observando.

A tela mostrava a entrada para o terminal de jatos particulares em Gatwick. Havia um homem parado diante da cerca de arame,

olhando para o avião de Hydt.

Meu Deus — era *Bond*.

Então, o maldito agente esperto do GDU, com seu carro de luxo e sem permissão para portar armas de fogo dentro do Reino Unido, havia seguido Hydt, no fim das contas. Osborne-Smith perguntou-se rapidamente quem estivera ao volante do Bentley. O stratagema, sabia ele, fora não só para enganar Hydt, mas a Divisão 3 também.

Com grande contentamento, viu Bond afastar-se da cerca e voltar para o estacionamento, de cabeça baixa e falando ao celular, tendo provavelmente que aguentar uma repreensão grave do chefe por ter deixado a raposa fugir.

Geralmente não ouvimos o som do que nos faz abrir os olhos pela manhã. Talvez o façamos quando ele se repete, como no caso de um despertador ou de uma voz insistente. No entanto, um ruído único nos desperta sem deixar registros na consciência.

James Bond não sabia o que o tinha despertado de seu sono sem sonhos. Olhou para o relógio.

Passavam das 13 horas.

Depois, sentiu um aroma delicioso: uma combinação de perfume floral — jasmim, pensou — com a fragrância rica, madura, de um champanhe de excelente qualidade. Pairando sobre ele, via a forma celestial de uma linda mulher do Oriente Médio, que vestia uma elegante saia cor de vinho e camisa dourada de mangas compridas sobre o corpo voluptuoso. O colarinho estava preso por uma pérola, diferente dos botões inferiores. Achou aquele pequeno ponto de cor creme particularmente atraente. O cabelo era preto azulado como a pena de um corvo e estava preso, embora tivesse uma mecha provocante que pendia solta, cobrindo-lhe um dos lados do rosto, que fora maquiado com sutileza e precisão.

Bond disse-lhe:

— *Salaam aleikum.*

— *Wa aleikum salaam* — replicou ela, pousando a *flute* de cristal na mesa diante dele, juntamente com uma elegante garrafa do rei dos Moët, Dom Pérignon. — Lamento tê-lo acordado, Sr. Bond. Acho que a rolha estourou com mais barulho do que eu esperava. Eu só ia deixar a taça aqui, não queria incomodá-lo.

— *Shukran* — disse ele, enquanto pegava a taça. — E não se preocupe. Minha segunda forma favorita de acordar é com o estouro de um champanhe.

Ela respondeu com um sorriso sutil:

— Posso providenciar o almoço também.

— Seria ótimo, se não for muito incômodo.

Ela retornou à cozinha de bordo.

Bond sorveu o champanhe e olhou pela grande janela do jato particular, cujos dois motores Rolls-Royce pulsavam tranquilamente enquanto voava na direção de Dubai, a 42 mil pés de altura, numa velocidade de mais de 950 quilômetros por hora. A aeronave era, pensou com humor, uma Grumman, como a de Severan Hydt, mas Bond estava numa Grumman *650*, o modelo mais rápido, com autonomia de voo maior do que a do Comprador de Sucata.

Bond iniciara a caçada horas antes, com o equivalente moderno da clássica cena de filme policial americano em que o detetive entra num táxi e diz: *Siga aquele carro.*

Ele havia chegado à conclusão de que um voo comercial iria deixá-lo em Dubai tarde demais para impedir as mortes; então, dera um telefonema ao amigo do Commodore Club, Fouad Kharaz, que pôs imediatamente um jato particular a sua disposição.

— Meu amigo, você sabe o quanto lhe devo — disse-lhe o árabe.

Um ano antes, ele aproximara-se de Bond meio desajeitado para pedir ajuda, pois suspeitava que o amigo trabalhasse em algo relacionado à segurança pública. Indo da escola para casa, seu filho adolescente tornara-se alvo de criminosos encapuzados de 19 ou 20 anos, que alardeavam suas regras de comportamento antissocial como insígnia de posto na hierarquia militar. A polícia se compadecera da situação, mas não tinha muito tempo para aquele drama. Atormentado de preocupação por causa do filho, Kharaz perguntou se havia alguma coisa que Bond pudesse recomendar. Num momento de fraqueza, o cavaleiro errante no interior de Bond prevaleceu e ele seguiu o garoto, da escola para casa, num dia em que nada de importante estava acontecendo no GDU. Quando os molestadores aproximaram-se, ele entrou em cena.

Com alguns golpes simples de artes marciais, Bond deixou dois deles gentilmente caídos na calçada e segurou o terceiro, que era o líder, contra um muro. Já havia pego seus nomes nas carteiras de motorista e sussurrou friamente a eles que, se o filho de Kharaz fosse molestado mais uma vez, sua próxima visita a eles não terminaria de forma tão civilizada. Os garotos afastaram-se de forma desafiadora, mas o filho do amigo nunca mais foi perturbado; sua reputação na escola cresceu vertiginosamente.

Assim, Bond havia-se tornado “o melhor amigo de todos os melhores amigos” de Fouad Kharaz. Decidiu, então, cobrar o favor e tomar emprestado um de seus jatos. De acordo com o mapa digital preso a um anteparo sob os indicadores de velocidade e altitude, eles estavam sobrevoando o Irã. Dali a duas horas, aterrissariam em Dubai.

Logo após a decolagem, Bond tinha ligado para Bill Tanner e lhe contado para onde estava indo, e sobre as noventa e tantas mortes

programadas para as 19 horas, presumivelmente em Dubai, mas, talvez, em qualquer lugar dos Emirados Árabes Unidos.

— Por que Hydt vai matar essas pessoas? — perguntara o chefe de gabinete.

— Não tenho certeza de que é ele quem vai matá-las, mas todas morrerão e Hydt vai estar lá.

— Vou entrar em contato com os canais diplomáticos, dizer às embaixadas que há uma ameaça, mas que não temos nada de concreto. Elas vão vazar a notícia para as forças de segurança de Dubai por meio dos canais secundários.

— Não mencione o nome de Hydt. Ele tem que entrar no país sem ser incomodado. Não pode suspeitar de nada. Tenho que descobrir o que pretende.

— Concordo. Vamos fazer tudo na surdina.

Ele pediu a Tanner que checasse no Golden Wire os vínculos de Hydt com os Emirados, torcendo para que houvesse um lugar específico aonde pudesse se dirigir. Um minuto depois, o chefe de gabinete telefonava-lhe:

— Nenhum escritório, nenhuma residência ou vínculo de negócio em qualquer lugar dessa área. E acabei de fazer uma garimpagem de dados. Não tem nenhuma reserva de hotel no nome dele.

Bond não gostou disso. Assim que aterrissasse, Hydt desapareceria no vasto emirado de 2,5 milhões de habitantes. Seria impossível encontrá-lo antes do ataque.

Assim que desligou, a aeromoça apareceu:

— Temos vários pratos diferentes, mas o vi olhar para o Dom com apreciação, então, cheguei à conclusão de que gostaria de comer o que temos de melhor a bordo. Sr. Kharaz disse para tratá-lo como um rei — disse ela, pousando a bandeja sobre a mesa ao lado

da *flute* com champanhe, que tornou a encher. — Trouxe-lhe caviar iraniano, beluga, naturalmente, com torradas, e não *blinis*, creme de leite fresco e alcaparras.

As alcaparras eram bem grandes, tanto que ela as havia fatiado.

— As cebolas gratinadas são Vidalia, vindas da América, as mais doces do mundo — acrescentou ela. — Elas também deixam um hálito bom. Nós as chamamos de cebola dos “amantes”. Depois, temos galantina de pato, iogurte com menta e tâmaras. Também posso lhe fazer um filé.

Ele riu.

— Não, não. Isso é mais do que o suficiente.

Ela deixou-o comendo. Após haver terminado, tomou duas xícaras pequenas de café árabe aromatizado com cardamomo enquanto lia as informações que Philly Maidenstone providenciara sobre Hydt e a Green Way. Impressionaram-lhe duas coisas: o cuidado daquele homem em manter-se afastado de organizações criminosas e seus esforços, quase fanáticos, para expandir a companhia pelo mundo. Ela tinha descoberto solicitações recentes para fazer negócios na Coreia do Sul, China, Índia, Argentina e em meia dúzia de países pequenos. Ficou desapontado por não encontrar nenhuma pista, em todo o material, quanto à identidade do irlandês. Philly passara seu retrato, juntamente com o da mulher mais velha, por bancos de dados, mas não encontrou nenhuma correspondência. E Bill Tanner havia dito que os agentes do MI5, SOCA, e os oficiais do Crime Especializado, que tinham ido a Gatwick, foram informados que, infelizmente, os registros sobre os passageiros do Grumman “pareciam ter desaparecido”.

Foi então que recebeu notícias mais preocupantes. Um e-mail criptografado de Philly. Alguém, assim parecia, verificara não

oficialmente, com a 6, o paradeiro de Bond e seu itinerário planejado.

Esse “alguém”, Bond imaginava, só podia ser seu querido amigo Percy Osborne-Smith. Tecnicamente, estava fora da jurisdição do homem da Divisão 3, em Dubai, mas isso não afastava a hipótese de que ele pudesse causar-lhe muitos problemas e até acabar com seu disfarce.

Bond não mantinha relações com o pessoal da 6 em Dubai. Entretanto, teria que supor que Osborne-Smith mantivesse. Isso significava, no fim das contas, que não poderia contar com ninguém para esperar o voo de Hydt. Na verdade, chegou à conclusão de que era melhor não entrar em contato com *qualquer* compatriota seu — o que era uma pena, porque o cônsul-geral de Dubai era inteligente, experiente... e amigo de Bond. Mandou, então, uma mensagem de texto a Bill Tanner, dizendo-lhe que suspendesse o estabelecimento de qualquer ligação com a 6.

Bond chamou o piloto pelo interfone para saber a posição do jato que estavam perseguindo. Parecia que o controle de tráfego aéreo havia mandado retardar o avião deles, mas não o de Hydt, de forma que não conseguiriam ultrapassá-lo. Aterrissariam no mínimo meia hora depois.

Falta de sorte. Esses trinta minutos poderiam ser a diferença entre vida e morte para, pelo menos, noventa pessoas. Ele olhou pela janela para o golfo Pérsico. Pegando o celular, pensou sobre o grande balanço geral da espionagem enquanto percorria a extensa agenda do telefone para encontrar um número. Começo a me sentir um pouco como o Lehman Brothers, pensou. Minhas dívidas ultrapassam em muito meu patrimônio.

Bond fez uma ligação.

A limusine que levava Severan Hydt, Jessica Barnes e Niall Dunne parou em frente ao hotel Intercontinental, situado na ampla e calma enseada de Dubai. O motorista, rígido e severo, era um nativo que já haviam usado antes. Como Hans Groelle na Inglaterra, servia também de guarda-costas (e fazia ainda um pouquinho mais de vez em quando).

Eles permaneceram no carro enquanto Dunne lia uma mensagem de texto ou e-mail. Depois, o irlandês desconectou o iPhone, levantou a cabeça, e disse a Hydt:

— Hans descobriu a identidade do motorista do Bentley. É interessante.

Groelle tinha pedido que alguém da Green Way checasse o número da placa.

Hydt juntou as longas unhas umas contra as outras.

Dunne evitou olhá-las e falou:

— E tem uma ligação com March.

— Sério? — disse Hydt, tentando ler os olhos do irlandês, que permaneciam, como sempre, enigmáticos.

Dunne não disse mais nada — não com Jessica presente. Hydt balançou a cabeça.

— Vamos nos registrar agora.

Ele levantou o punho do elegante terno e olhou o relógio. Ainda faltavam duas horas e meia.

O número de mortos será de mais ou menos noventa.

Dunne saltou primeiro; seus olhos penetrantes fizeram o exame habitual em busca de alguma ameaça.

— Ok — disse ele, com seu ligeiro sotaque. — Tudo livre.

Hydt e Jessica saltaram, sentiram o calor espantoso e dirigiram-se a passos rápidos para o frio do saguão do Intercontinental, dominado por uma instalação de 3 metros de altura feita de flores exóticas. Numa parede próxima, estavam pendurados retratos das famílias governantes dos Emirados Árabes Unidos, que ostentavam olhares severos e confiantes.

Jessica registrou o quarto, que haviam reservado em seu nome, outra ideia de Dunne. Embora não fossem permanecer muito tempo por lá — o próximo voo do seu percurso sairia naquela noite —, era bom ter um lugar para deixar as malas e descansar um pouco. Entregaram a bagagem ao chefe dos carregadores para que a levasse até o quarto.

Deixando Jessica ao lado das flores, Hydt fez sinal para que Dunne o acompanhasse até um canto.

— O Bentley? De quem era?

— Registrado em nome de uma companhia em Manchester, no mesmo endereço da Midlands Reciclagem.

A Midlands estava ligada a um dos maiores sindicatos do crime organizado ao sul de Manchester. Na América, a máfia sempre estivera profundamente envolvida com o gerenciamento de lixo e,

em Nápoles, onde a Camorra, sindicato criminal, mandava, a coleta de detritos era conhecida como Il Re del Crimine. Na Grã-Bretanha, o crime organizado interessava-se menos pelo negócio, mas, vez por outra, algum chefe do submundo local tentava entrar naquele mercado, como um vilão num filme de Guy Ritchie.

— E, hoje de manhã — continuou Dunne —, a polícia apareceu no canteiro da base do Exército mostrando fotos de alguém que tinha sido visto na área um dia antes. Existe um mandado de prisão contra o sujeito, que trabalhava na Midlands, por lesão corporal grave. A polícia disse que está desaparecido.

Como sempre acontece quando o corpo de alguém começa a apodrecer sob as milhares de toneladas de um hospital destruído, Hydt pôs-se a refletir.

— O que ele estava fazendo por lá? — perguntou.

Dunne ponderou.

— Provavelmente planejava sabotar o trabalho de demolição. Alguma coisa dá errado, surge logo uma publicidade negativa e Midlands entra em cena para pegar uma parte do seu negócio.

— Então, quem estava no Bentley só queria descobrir o que aconteceu com o colega ontem.

— Exato.

Hydt sentiu-se bastante aliviado. O incidente nada tinha a ver com o Geena. E, mais importante ainda, o intruso não era da polícia nem do Serviço de Segurança. Apenas mais um fato comum no submundo do negócio da reciclagem.

— Bom. Cuidamos de Midlands mais tarde.

Hydt e Dunne voltaram para onde estava Jessica.

— Niall e eu precisamos resolver umas coisas. Volto para o jantar.

— Acho que vou dar uma volta — disse ela.

Hydt franziu o cenho.

— Neste calor? Talvez não faça bem a você.

Ele não gostava da ideia de que Jessica fosse muito longe. A preocupação não era de que deixasse escapar algo que não deveria — ela desconhecía todos os aspectos do Geena. E o que sabia sobre o restante do lado mais sombrio de sua vida, bem, eram coisas potencialmente embaraçosas, mas nada de ilegal. Acontecia que, quando a queria, ele a queria, e Severan Hydt era um homem cuja crença, no poder inevitável da decomposição, ensinara-lhe que a vida é curta e precária demais para que alguém se prive de alguma coisa a qualquer hora que seja.

— Posso decidir isso por mim mesma — disse ela, falando com timidez.

— Claro, claro. Só que... uma mulher sozinha? — continuou Hydt. — Os homens, você sabe como eles podem ser.

— Você quer dizer os homens árabes? — perguntou Jessica. — Aqui não é Teerã nem Jidá. Eles nem sequer te olham. Em Dubai, as pessoas são mais respeitadas do que em Paris.

Hydt sorriu suavemente. Isso era engraçado. E verdadeiro.

— Mesmo assim... você não acha que seria melhor ficar protegida? Além do mais, o hotel tem um spa maravilhoso. Vai ser perfeito para você. E parte da piscina é de acrílico. Você olha para o fundo e vê o chão 10 metros abaixo. A vista do Burj Khalifa é impressionante.

— Imagino.

Foi então, quando ela levantou a cabeça para olhar o arranjo floral gigante, que Hydt notou novas rugas em torno de seus olhos.

Pensou, também, no corpo da mulher encontrada na caçamba da Green Way no dia anterior que teve o local de sua sepultura sutilmente marcado pelo capataz Jack Dennison. E sentiu aquele desenredar sutil dentro de si, como uma mola se soltando.

— Se isso te deixa feliz — disse gentilmente, tocando-lhe o rosto próximo às rugas com uma das longas unhas. Havia muito, ela deixara de desviar dos toques dele, mas as suas reações, fossem quais fossem, jamais o afetaram.

Ao virar-se em sua direção, Hydt deu-se conta, de repente, dos olhos azuis cristalinos de Dunne. O irlandês entesou-se, muito ligeiramente, depois relaxou e olhou para o outro lado. Hydt ficou irritado. O que havia nele que o atraía? Perguntou-se, como já fizera tantas vezes, se a aversão de Dunne por seus diferentes tipos de desejo sexual originava-se não do fato de que eles não eram convencionais, mas de um desdém por *qualquer* tipo de sexualidade. Durante esses meses em que o conhecia, o irlandês jamais contemplara mulher ou homem com olhar de desejo.

Hydt baixou a mão e olhou novamente para Jessica, mirando as rugas que irradiavam de seus olhos resignados. Mediu o tempo. Iriam embarcar à noite e o avião não dispunha de suíte particular. Não se imaginava fazendo amor com ela tendo Dunne por perto, ainda que estivesse dormindo. Debateu-se. Haveria tempo agora de ir para o quarto, deitar Jessica na cama e abrir bem a cortina para que o sol baixo iluminasse a carne macia, exibindo a topografia de seu corpo...

... e passar-lhe as unhas sobre sua pele?

Do modo como se sentia naquele instante, absorvido por ela e pensando no espetáculo das 19 horas àquela noite, a transa não duraria muito.

— Severan — disse Dunne, nervosamente —, não sabemos o que al-Fulan tem para nós. Já devíamos ter ido.

Hydt pareceu ponderar aquelas palavras, mas não tratava-se de uma apreciação séria. Ele disse:

— Foi um voo muito longo. Estou com vontade de trocar de roupa. — Então, contemplou os olhos cansados de Jessica. — E você talvez queira tirar um cochilo, minha querida.

Em seguida, levou-a com firmeza em direção ao elevador.

Por volta das 16h45 da terça-feira, o jato particular de Fouad Kharaz aterrissou. James soltou o cinto de segurança e pegou a bagagem. Agradeceu aos pilotos e à aeromoça, apertando-lhe a mão com cordialidade e resistindo à tentação de beijar-lhe a face: estavam no Oriente Médio.

O funcionário da imigração carimbou-lhe o passaporte letargicamente, devolveu-o e fez-lhe um gesto para que passasse. Na alfândega, Bond atravessou o espaço reservado aos que nada tinham a declarar com uma mala contendo seu contrabando letal e, num instante, viu-se do lado de fora, no calor asfixiante, sentindo-se como se tivesse tirado um grande peso dos ombros.

Estava em seu elemento mais uma vez: desempenhava sua missão sozinho, em solo estrangeiro, e tinha novamente *carte blanche*.

A curta distância entre o aeroporto e seu destino, Festival City, obrigava-o a percorrer uma parte desconhecida da cidade — os caminhos de ida e volta dos aeroportos eram semelhantes no mundo todo, e aquela rota não parecia muito diferente da A4, no oeste de Londres, ou da estrada com pedágio de Dulles, em Washington D.C.,

embora fosse decorada com muito mais areia e pó. E, como a maior parte do emirado, era imaculadamente limpa.

Bond contemplava a cidade que se espalhava olhando para o norte, na direção do golfo Pérsico. Na luz daquele fim de tarde, que era trêmula por causa do calor, a antena do Burj Khalifa brilhava, elevando-se acima do geometricamente complexo horizonte da Sheikh Zayed Road. O Burj Khalifa era, até então, o prédio mais alto do mundo. Esse recorde parecia ser batido a cada mês, mas aquela torre reteria com certeza essa honra por um longo tempo ainda.

James observou outra característica onipresente na cidade — os guindastes de construção, brancos, amarelos e laranjas. Estavam em todos os lugares e sempre trabalhando. Durante a última viagem lá, tinha visto várias daquelas hastes gigantes, mas grande parte permanecia ociosa, como brinquedos descartados por uma criança que houvesse perdido o interesse em brincar com eles. O emirado fora duramente atingido pela recente crise econômica. Em virtude de seu disfarce oficial, Bond tivera que se inteirar sobre finanças e se impacientava com as críticas feitas a lugares como Dubai, que se originavam com frequência em Londres e Nova York; a City e Wall Street não haviam sido os conspiradores mais entusiastas dessa desgraça econômica?

Sim, houvera excessos por ali, e muitos projetos ambiciosos talvez jamais se concretizassem, como o arquipélago artificial em forma de mapa-múndi, composto de pequenas ilhas de areia, em frente ao litoral. Mesmo assim, a fama de luxo em constante expansão era um aspecto menor em Dubai — e, na verdade, não diferia de Cingapura, Califórnia, Mônaco e centenas de outros lugares, onde os ricos trabalhavam e se divertiam. De qualquer forma, para Bond, Dubai não significava negócios irrestritos ou

especulação imobiliária, mas exotismo, um lugar onde o novo e o antigo misturavam-se, onde várias culturas e religiões coexistiam de maneira respeitosa. Ele apreciava, em particular, a paisagem vasta e vazia de areia vermelha, povoada por camelos e Range Rovers, tão diferente do panorama de sua infância em Kent. Perguntou-se se a missão daquele dia iria levá-lo a Empty Quarter.

Passava agora por prédios de um só andar brancos e amarelos, cujos nomes e serviços oferecidos eram revelados em letras árabes verdes de tamanho modesto. Nada de letreiros chamativos, luzes de neon, a não ser por uns poucos anúncios de eventos iminentes. Os minaretes das mesquitas erguiam-se acima de residências e lojas baixas e, no horizonte enevoadado, pareciam enormes espigões de fé. A intrusão do deserto onipresente era sentida em todos os lugares, e tamareiras, palmeiras e eucaliptos formavam elegantes postos avançados contra a areia invasiva e interminável.

O motorista do táxi deixou Bond, como lhe fora pedido, num shopping center. Ele entregou-lhe algumas notas de dez *dirhams* e saltou. O lugar encontrava-se apinhado de habitantes locais — tratava-se do período entre as horas de preces *Asir* e *Maghrib* — e de estrangeiros também, todos arrastando malas sobre rodinhas e lotando as lojas, que estavam fazendo bons negócios. Ele lembrou-se de que muita gente referia-se àquele local como o “país das compras”.

Bond perdeu-se na multidão e olhava à sua volta como se estivesse procurando alguém com quem havia combinado de se encontrar. Na verdade, estava realmente buscando uma pessoa: o homem que o seguia desde o aeroporto, provavelmente com más intenções. Por duas vezes, ele tinha visto um indivíduo de óculos escuros vestindo camisa ou casaco azul: no aeroporto e, depois,

num empoeirado Toyota preto, atrás de seu táxi. Durante o percurso, colocara um boné escuro, simples, mas, pela forma da cabeça, dos ombros, e pelo modelo dos óculos, Bond sabia que era o mesmo homem que vira no aeroporto. O mesmo Toyota havia, então, passado pelo shopping center — em velocidade reduzida, sem nenhuma razão aparente — e desaparecido atrás de um hotel próximo.

Aquilo não era coincidência.

James pensara em mandar o motorista do táxi seguir uma rota que o despistasse, mas, na verdade, não tinha certeza se queria perdê-lo de vista. Na maioria das vezes, era melhor emboscar o perseguidor e ver o que ele tinha a dizer.

Quem era ele? Já estaria em Dubai esperando por Bond? Ou o haveria seguido desde Londres? Ou sequer saberia quem era Bond, tendo simplesmente escolhido ficar de olho em algum estranho na cidade?

James comprou um jornal. Era um dia infernalmente quente, mas evitou o interior refrigerado do café que havia escolhido e sentou-se do lado de fora, de onde podia observar todas as entradas e saídas da área. Vez por outra, dava uma olhada em volta, em busca de seu perseguidor, mas não viu nada de especial.

Enquanto enviava e recebia várias mensagens de texto, um garçom veio até ele. Bond passou os olhos pelo cardápio desbotado sobre a mesa e pediu café turco e água mineral com gás. Quando o homem afastou-se, olhou para o relógio. Eram 17 horas.

Faltavam apenas duas horas para que mais de noventa pessoas morressem, em algum lugar daquela cidade elegante, feita de areia e calor.

A meio quarteirão de distância do shopping, um homem de constituição rígida, vestindo um casaco azul, colocou na mão de um guarda de trânsito local algumas centenas de *dirhams* e disse-lhe, em inglês, que não demoraria. Já teria com certeza ido embora quando a multidão retornasse, após a prece do pôr do sol.

O guarda distanciou-se, como se a conversa sobre o empoeirado Toyota preto estacionado ilegalmente na calçada nunca tivesse acontecido.

O homem, que se chamava Nick, acendeu um cigarro e colocou a mochila nas costas. Moveu-se cautelosamente em direção à sombra do shopping, onde seu alvo sorvia com tranquilidade um espresso, ou café turco, e lia o jornal como se não tivesse uma preocupação sequer nesse mundo.

Era assim que se referia ao homem: o alvo. Não como desgraçado ou inimigo. Nick sabia que, numa operação como essa, era necessário ser absolutamente frio, por mais difícil que fosse. Aquele ser era tão humano quanto o ponto negro no centro de um alvo.

Um alvo.

Presumira que o cara tivesse talento, mas ele deixou o aeroporto de forma um tanto descuidada. Nick o seguira com muita facilidade. Isso lhe deu confiança para fazer o que deveria fazer.

Com o rosto obscurecido por um boné preto de aba longa e óculos escuros, Nick aproximou-se do alvo, indo de sombra em sombra. Ao contrário de outros lugares, esse disfarce não chamava atenção para si; em Dubai, todos usavam a cabeça coberta e óculos escuros.

A única coisa que parecia um pouco diferente era o casaco azul de manga comprida que poucos habitantes locais usavam, por causa

do calor. Entretanto, não havia outro jeito de ocultar a pistola, enfiada no cóis da calça.

O brinco de ouro de Nick também poderia ter atraído alguns olhares curiosos, mas aquela área da enseada de Dubai, com seus shoppings e parques de diversão, era cheia de turistas e, desde que as pessoas não bebessem álcool nem se beijassem em público, os nativos perdoavam suas roupas estranhas.

Deu uma tragada profunda no cigarro, jogou-o no chão e amassou-o com o pé, aproximando-se com cuidado do alvo.

Um vendedor ambulante apareceu de repente e perguntou, em inglês, se queria comprar tapetes.

— Muito barato, muito barato. Com muito nó! Milhares e milhares de nós!

Um olhar de Nick calou-lhe a boca e ele desapareceu.

Nick considerou seu plano. Haveria alguns problemas logísticos, isso estava claro — naquele país, todos se vigiavam. Teria que pôr seu alvo fora de visão, no estacionamento, ou, melhor ainda, no porão do shopping, talvez durante a hora da prece, quando a multidão diminuía. Provavelmente, a abordagem mais simples seria a melhor. Nick poderia surgir por trás dele, encostar o cano da arma em suas costas e “escoltá-lo” para o andar de baixo.

Então, daria início ao trabalho com a faca.

Ah, o alvo — ok, talvez comece a pensar nele como desgraçado — teria muitas coisas a dizer quando a lâmina começasse a lentamente atravessar-lhe a pele.

Nick enfiou a mão sob o casaco e puxou a trava de segurança da pistola, movendo-se calmamente de sombra em sombra.

O café e a água estavam em frente a James Bond enquanto ele passava os olhos pelo *National*, publicado fora de Abu Dhabi. Ele o considerava o melhor jornal do Oriente Médio. Era possível encontrar todo tipo de história inimaginável, desde o escândalo sobre a ineficiência do uniforme dos bombeiros de Mumbai até artigos sobre os direitos da mulher no mundo árabe, passando por uma matéria de meia página sobre uma gangue cipriota que roubou o corpo de um ex-presidente da ilha de sua sepultura.

A cobertura de Fórmula 1 era excelente também — coisa importante para Bond.

Naquele momento, no entanto, não estava prestando nenhuma atenção no jornal, mas estava apenas usando-o como acessório... embora sem o clichê do orifício feito entre a propaganda do Hipermercado Lulu, em Dubai, e as notícias locais. O jornal estava aberto a sua frente, e ele estava de cabeça baixa. Os olhos, contudo, encontravam-se erguidos, examinando.

Foi nesse momento que ouviu um leve raspar de sola de couro atrás de si e percebeu que alguém se movia rapidamente em direção a sua mesa.

Bond permaneceu imóvel.

Então, uma mão grande — pálida e sardenta — pegou a cadeira ao lado e puxou-a.

Um homem sentou-se pesadamente nela.

— Olá, James — a voz tinha um forte sotaque texano. — Bem vindo a Dubai.

Du-bah...

Bond virou-se para o amigo com um sorriso. Eles apertaram-se as mãos efusivamente.

Alguns anos mais velho do que James, Felix Leiter era alto e possuía uma constituição ossuda, sobre a qual seu terno balançava solto. A pele branca e a cabeleira louro-palha impossibilitavam, e muito, que ele fizesse parte da maioria das missões que exigiam disfarce no Oriente Médio, a menos que representasse exatamente quem era: um cara impetuoso e esperto do sul americano, que chegara na cidade a negócios, e não a lazer. Os modos lentos e a fala mansa eram enganosos; podia reagir como uma faca retrátil se a ocasião assim exigisse... o que Bond já tinha visto em primeira mão.

Quando o piloto do Grumman de Fouad Kharaz informou que não iriam chegar antes de Hydt a Dubai, foi para Felix Leiter que Bond telefonou, pedindo um favor ao estilo Lehman Brothers. Ao mesmo tempo que não se sentia à vontade para usar as conexões do MI6 ali, por causa das averiguações anteriores de Osborne-Smith, não tinha nenhuma reserva quanto a recrutar a CIA, que conduzia operações extensas nos Emirados Árabes Unidos. Pedir a Leiter, agente graduado do Serviço Clandestino Nacional da CIA, que ajudasse era algo politicamente arriscado. Usar uma agência irmã sem licença do alto escalão poderia resultar em sérias repercussões

diplomáticas, e Bond já tinha feito isso uma vez, com René Mathis. Estava certamente pondo à prova sua recém-restabelecida *carte blanche*.

Felix Leiter ficou mais do que ansioso para esperar o avião de Hydt e seguir o trio até seu destino, que se revelara ser o Intercontinental Hotel — e se conectava ao shopping center onde os dois homens encontravam-se então.

Bond o havia inteirado sobre Hydt, o irlandês, e, dez minutos antes, por meio de uma mensagem de texto, sobre o homem no Toyota. Leiter permanecera em posições estratégicas de vigilância no shopping durante um tempo para — literalmente — guardar as costas de Bond.

— E então, tenho algum amigo por perto?

— Vi-o entrando cerca de 40 metros para o sul — disse Leiter, sorrindo, como se a contraespionagem fosse a última coisa passando por sua cabeça. — Ele estava bem ali, na entrada. Mas o filho da puta desapareceu.

— Seja ele quem for, é bom.

— Você está certo.

Olhando à sua volta, Leiter perguntou, então:

— Você consegue acreditar no volume de compras que as pessoas fazem aqui? — Fez um gesto em direção aos fregueses. — Vocês têm shoppings na Inglaterra, James?

— Sim, temos. Televisões também. E água corrente. Esperamos ter computadores um dia.

— Ah, vou te fazer uma visita um dia desses. Assim que vocês aprenderem a gelar a cerveja.

Leiter fez sinal para o garçom e pediu um café. Depois, sussurrou para Bond:

— Eu ia dizer “café americano”, mas as pessoas poderiam deduzir minha nacionalidade, o que acabaria com o meu disfarce.

Ele puxou a orelha — o que parecia ser sinal combinado, pois, depois do gesto, apareceu um árabe de constituição leve vestido como nativo. Bond não fazia a menor ideia de onde havia surgido. Tinha a aparência de um piloto de táxi aquático que trafegava pela enseada de Dubai.

— Yusuf Nasad — apresentou Leiter. — E este é Sr. Smith.

Bond supôs que Nasad também não fosse o verdadeiro nome do árabe. Seria um agente local e, como Leiter o vinha orientando, muito bom. Felix Leiter era um mestre em treinar pessoas. Fora Nasad quem o havia ajudado a rastrear Hydt do aeroporto, explicou o americano.

Nasad sentou-se. Leiter perguntou:

— Nosso amigo?

— Se foi. Viu você, eu acho.

— Eu chamo muita atenção — riu Leiter. — Não sei por que Langley me mandou para cá. Se eu estivesse sob algum disfarce no Alabama, ninguém me notaria.

Bond disse:

— Não deu para ver muito. Cabelo escuro, camisa azul.

— Um fortão — disse Nasad, no que Bond pensou ser inglês da TV americana. — Atlético. Cabelo muito curto. E usa um brinco de ouro. Sem barba. Tentei tirar uma foto, mas ele foi embora muito rápido.

— E, além disso — acrescentou Leiter —, tudo o que temos para tirar fotos não passa de porcaria. Ainda existe aquele cara que dá para vocês aqueles brinquedinhos interessantes? Como é mesmo o nome dele? Alguma coisa com Q. Quentin? Quigley?

— Q é uma Seção, e não uma pessoa. E o cara é um intendente.

— E estava usando casaco — continuou Nasad —, não camisa. Uma espécie de japona.

— Neste calor? — perguntou Bond. — Então estava armado. Você viu que tipo de arma era?

— Não.

— Tem alguma ideia de quem ele possa ser?

Nasad disse:

— Não era árabe, com certeza. Poderia ser um *katsa*.

— Por que um oficial do Mossad estaria interessado em mim?

Leiter observou:

— Só você pode responder isso, garoto.

Bond sacudiu a cabeça:

— Talvez alguém recrutado pela polícia secreta daqui?

— Não, eu duvido. A Amn al-Dawla não segue ninguém. Eles simplesmente fazem um convite para a pessoa visitar as acomodações quatro estrelas que têm no Deira, onde você conta tudo o que eles querem saber. E eu estou dizendo *tudo*.

Os olhos rápidos de Nasad examinaram o café e a área em torno dele sem notar aparentemente nenhuma ameaça. Bond o havia observado fazer isso desde sua chegada.

Leiter perguntou a James:

— Você acha que era alguém trabalhando para Hydt?

— Possivelmente. Mas, nesse caso, duvido que eles saibam quem eu sou.

Bond explicou que, antes de deixar Londres, preocupara-se que Hydt e o irlandês ficassem desconfiados de que ele os estivesse seguindo, em especial depois da confusão na Sérvia. Havia, então, pedido à Seção T que mexesse nos registros de seu Bentley, a fim

de vincular o número da placa a uma companhia de reciclagem, em Manchester, com possíveis ligações no submundo. Depois, Bill Tanner enviara agentes, que se fingiram de oficiais da Scotland Yard, até o canteiro de demolições em March com uma história sobre um segurança de uma usina de reciclagem em Midlands que teria desaparecido na área.

— Isso vai despistar Hydt e o irlandês por, pelo menos, alguns dias — disse Bond. — E você ouviu alguma coisa por aqui?

O rosto animado do americano contraiu-se.

— Nenhum ELINT ou SIGINT importante. Você sabe que eu não sou muito de ficar na escuta.

Felix Leiter, ex-fuzileiro naval, que Bond tinha conhecido no serviço militar, era espião HUMINT. Preferia o papel de treinador — arregimentando espiões locais, como Yusuf Nasad.

— Cobrei muitos favores e conversei com todos os meus agentes principais. O que quer que seja que Hydt e os contatos locais dele estejam tramando, eles estão mantendo tudo realmente em segredo. Não consigo encontrar nenhuma pista. Não tem ninguém trazendo algum carregamento misterioso de material tóxico para Dubai. Ninguém anda dizendo aos amigos ou à família que evite essa mesquita ou aquele shopping center, por volta das 19 horas hoje. Não têm caras maus vindo do outro lado do golfo.

— Isso é coisa do irlandês, fazer tudo na surdina. Não sei o que ele faz exatamente para Hydt, mas é muito esperto, sempre pensa na questão da segurança. É como se pudesse prever tudo o que vamos fazer e encontrasse uma forma de fazer frente a isso.

Eles ficaram em silêncio enquanto observavam casualmente o shopping. Nenhum sinal do agente de casaco azul, ou de Hydt e do irlandês.

Bond perguntou a Leiter:

— Você ainda escreve?

O disfarce de Leiter era de jornalista e blogueiro *freelance*, especializado em música, em particular blues, R&B e ritmos afrocaribenhos. O jornalismo é um disfarce usado comumente por espões; serve como justificativa para as viagens frequentes, muitas vezes para lugares críticos e os pontos menos aprazíveis do mundo. Leiter tinha a sorte de que os melhores disfarces eram aqueles que espelhavam os verdadeiros interesses do agente, já que uma missão poderia requerer que vivesse sob aquela fachada durante semanas ou meses a fio. O diretor de cinema Alexander Korda — recrutado pelo famoso chefe de espões britânico, Sir Claude Dansey — fazia, segundo consta, incursões à procura de locações como disfarce para fotografar áreas inacessíveis antes da Segunda Guerra Mundial. O ameno disfarce oficial de Bond, como analista de segurança e integridade para o Grupo de Desenvolvimento Ultramarino, submetia-o a períodos de insuportável tédio quando estava em missão. Num dia especialmente ruim, sonhava com um disfarce de esquiador ou instrutor de mergulho.

James inclinou-se para a frente e Leiter seguiu seu olhar. Viram dois homens saindo pela porta da frente do Intercontinental e dirigindo-se a um Lincoln Town preto.

— É Hydt. E o irlandês.

Leiter disse a Nasad que pegasse seu carro; depois, apontou para um Alfa Romeo empoeirado e velho parado num estacionamento próximo, e sussurrou para Bond:

— Ali. O meu carro. Vamos.

O Lincoln que transportava Severan Hydt e Niall Dunne dirigiu-se suavemente na direção leste, em meio à neblina e ao calor, acompanhando as gigantescas torres de força que conduziam eletricidade até as regiões mais distantes da cidade-estado. Ali perto, via-se o golfo Pérsico, com seu belo azul transformado quase em bege pela poeira do ar e pelo reflexo do sol baixo mas implacável.

Estavam tomando uma rota intrincada, que passava por um centro de esqui em recinto fechado, pelo impressionante hotel Burj Al Arab, que se assemelhava a uma vela de barco, quase tão alto quanto a torre Eiffel, e pelo luxuoso Palm Jumeirah — o escultural complexo de lojas, residências e hotéis que se estendia para dentro do golfo e tinha forma, como sugeria o nome, de uma palmeira nativa. Essas áreas de beleza resplandecente incomodavam Severan Hydt: o novo, o intocado. Sentiu-se muito mais confortável quando o veículo adentrou Satwa, o bairro mais antigo, densamente povoado por milhares e milhares de pessoas da classe trabalhadora — a maior parte imigrantes.

Eram quase 17h30. Uma hora e meia antes do evento. Com ironia, Hydt notou que faltava também uma hora e meia para o pôr do sol.

Coincidência curiosa, refletia ele. Um bom sinal. Seus ancestrais — espirituais, e não necessariamente genéticos — acreditavam em presságios e agouros, e ele permitia-se fazer a mesma coisa também; sim, era um homem de negócios prático e realista... mas tinha um *outro* lado.

Pensou de novo sobre aquela noite.

Continuaram a percorrer ruas, num trajeto complicado. O propósito desse giro vertiginoso não era visitar lugares turísticos. Não, fazer aquele caminho tortuoso a fim de chegar a um local situado a apenas 8 quilômetros do Intercontinental havia sido ideia de Dunne, por questões de segurança.

Porém, o motorista — mercenário com experiência no Afeganistão e na Síria — falou:

— Achei que estávamos sendo seguidos por um Alfa e, possivelmente, um Ford. Mas, se era o caso, fiz com que se perdessem, tenho certeza.

Dunne olhou para trás e disse:

— Ótimo. Vá para a fábrica.

Deram então meia-volta em direção à cidade. Em dez minutos estavam em um complexo industrial, no Deira, uma área atravancada e pitoresca no centro da cidade situada entre a enseada de Dubai e o golfo. Aquele foi outro local onde Hydt sentiu-se de imediato confortável. Entrar no bairro era dar um passo atrás no tempo: casas irregulares, mercados tradicionais e um porto rústico ao longo da enseada, cujas docas encontravam-se apinhadas de *dhow*s e outras embarcações pequenas, que poderiam servir de

cenário para um filme de aventuras da década de 1930. Os barcos levavam pilhas incrivelmente altas de carga. O motorista conseguiu encontrar o destino: uma fábrica e armazém, de bom tamanho e de um andar só, com escritórios anexos, cuja pintura da fachada, de cor bege, se descascava. Rolos de arame farpado, raros por causa da criminalidade baixa de Dubai, encimavam as cercas de tela que rodeavam o local. Ele parou o carro em frente a um interfone e falou alguma coisa em árabe. O portão abriu-se vagarosamente. O Lincoln Town deslizou até o estacionamento e desligou o motor.

Os dois homens saltaram. Faltando uma hora e quinze minutos para o pôr do sol, o ar estava refrescando, mesmo com o chão irradiando o calor acumulado durante o dia.

Hydt ouviu uma voz trazida pelo vento empoeirado:

— Por favor! Entre, meu amigo, por favor!

O homem, que abanava a mão, vestia uma túnica *dishdasha* branca, ao estilo único dos Emirados, e trazia a cabeça descoberta. Estava na casa dos 50 anos, Hydt sabia, embora, como muitos homens árabes, parecesse mais jovem. Tinha rosto de estudioso, óculos elegantes, sapatos ocidentais e trazia o cabelo longo puxado para trás.

Mahdi al-Fulan caminhou sobre grãos de areia vermelha, que vagavam sobre o asfalto e se acumulavam nas calçadas, aleias e contra os prédios. Os olhos do árabe eram brilhantes, como se fosse um garoto de escola em vias de mostrar um projeto acalentado, o que não estava longe da verdade, pensou Hydt. Uma barba negra emoldurava-lhe o sorriso; Severan achara graça ao saber que, enquanto produtos para tingir cabelo não eram uma boa mercadoria para se vender numa terra onde a cabeça de homens e mulheres

encontrava-se em geral coberta, a tintura para barba era um sucesso de vendas.

Eles apertaram-se as mãos.

— Meu amigo — disse Hydt, sem tentar fazer uma saudação em árabe.

Não tinha talento para línguas e achava uma bobagem tentar uma coisa para a qual não se tinha habilidade.

Niall Dunne deu um passo à frente balançando os ombros, como sempre fazia em seu caminhar desengonçado, e também cumprimentou o homem, mas os olhos de cor pálida estavam fixos atrás do árabe. Pela primeira vez, não estavam em busca de eventuais ameaças. Contemplavam, fascinados, o tesouro guardado no armazém, que podia ser visto pela porta aberta: talvez cinquenta e tantas máquinas, de todas as formas que um geômetra pudesse imaginar, construídas em aço, ferro, alumínio, fibra de carbono... no estado original ou pintadas. Viam-se canos, fios, painéis de controle, luzes, interruptores, condutos e esteiras. Se os robôs tivessem sonhos agradáveis, eles aconteceriam naquele galpão.

Os homens entraram no armazém, onde não se viam operários. Dunne parava ocasionalmente para examinar ou até acariciar uma máquina ou outra.

Mahdi al-Fulan era um desenhista industrial formado pelo MIT. Evitava o tipo de empresariado ostensivo que colocava as pessoas em capas de revistas de negócios — e, muitas vezes, nos tribunais de falência —, e especializava-se, no lugar disso, em criar equipamento industrial funcional e sistemas de controle, para os quais havia um mercado consistente. Era um dos principais fornecedores de Severan Hydt, que o havia conhecido numa conferência sobre equipamentos de reciclagem. Quando soube de

certas viagens que o árabe fazia para o exterior e sobre os homens perigosos para quem vendia seus produtos, os dois tornaram-se parceiros. Al-Fulan era um cientista inteligente, engenheiro inovador, um homem com ideias e invenções importantes para o Geena.

E com outras conexões também.

Noventa mortos...

Com aquele pensamento, Hydt consultou involuntariamente o relógio. Eram quase 18 horas.

— Sigam-me, por favor, Severan, Niall.

Al-Fulan cativou o olhar de Hydt. O árabe levou-os através de várias salas pouco iluminadas e silenciosas. Dunne diminuía vez por outra o passo, a fim de examinar uma máquina ou um painel de controle. Balançava a cabeça em sinal de aprovação ou franzia o cenho, talvez tentando entender como funcionava o sistema.

Deixando para trás as máquinas, com seu cheiro de óleo, pintura, e o odor quase igual ao do sangue, ímpar e metálico, de sistemas elétricos com grande potência, entraram na parte dos escritórios. Ao final de um corredor sombrio, Al-Fulan digitou num teclado para abrir uma porta sem letreiro, e eles entraram numa área de trabalho grande, com milhares de folhas de papel, projetos e outros documentos, sobre os quais se viam palavras, gráficos e diagramas, muitos deles incompreensíveis para Hydt.

A atmosfera parecia estranha, no mínimo, tanto por causa da pouca iluminação e falta de ordem quanto... pelo que decorava as paredes.

Imagens de olhos.

Olhos de todos os tipos — humanos, de peixes, caninos, felinos e de insetos — fotos, esquemas tridimensionais feitos por computador, gravuras médicas do século XIX. Particularmente perturbador era um

desenho extravagante e detalhado de um olho humano, como se um Dr. Frankenstein moderno tivesse usado técnicas atuais de engenharia para construir seu monstro.

Em frente a uma das dezenas de monitores de computador estava sentada uma mulher atraente, morena, beirando os 30 anos. Ela levantou-se, caminhou até Hydt e apertou-lhe a mão com vigor.

— Stella Kirkpatrick. Sou a assistente de pesquisas de Mahdi — disse, cumprimentando Dunne também.

Hydt já havia estado em Dubai várias vezes, mas nunca a encontrara antes. O sotaque era americano. Ele imaginou que fosse inteligente, obstinada e exemplo de um fenômeno comum naquela parte do mundo, que remontava a centenas de anos: o ocidental apaixonado pela cultura árabe.

Al-Fulan disse:

— Stella elaborou a maior parte dos algoritmos.

— Foi você, então? — perguntou Hydt, sorrindo.

Ela ficou ruborizada; a cor vermelha originava-se da afeição pelo mentor, a quem dirigiu um olhar rápido, uma súplica por aprovação, que Al-Fulan concedeu sob a forma de um sorriso sedutor; Hydt não participou dessa troca.

Como a decoração das paredes sugeria, a especialidade de Al-Fulan era a ótica. Seu objetivo na vida era inventar um olho artificial para cegos que funcionasse tão bem quanto os que “Alá — louvado seja — criara para nós”. No entanto, até que isso acontecesse, ganharia um bom dinheiro desenhando maquinário industrial. Ele havia criado a maior parte dos sistemas especializados de segurança e controle para mecanismos de separação de lixo e destruição de documentos.

Hydt encomendara-lhe recentemente mais uma máquina para a companhia e tinha ido lá àquele dia, com Dunne, para ver o protótipo.

— Uma demonstração? — perguntou o árabe.

— Por favor — retrucou Hydt.

Eles voltaram para o pátio das máquinas. Al-Fulan conduziu-os até um aparelho complicado, que pesava várias toneladas e havia sido colocado no compartimento de carga, entre dois grandes compactadores industriais de lixo.

O árabe apertou alguns botões e, com um gemido, a máquina começou vagarosamente a se aquecer. Media cerca de 6 metros de comprimento, por 1,80 metro de altura e a mesma coisa de largura. Na parte da frente, uma esteira rolante de metal levava até uma boca com cerca de 1 metro quadrado. No interior, tudo estava escuro, embora Hydt conseguisse ver alguns cilindros horizontais, cobertos de espetos, como uma colheitadeira de grãos. Atrás, meia dúzia de canaletas conduzia até recipientes que continham um saco plástico cinza grosso aberto em cima para pegar o que a máquina despejasse.

Hydt examinou-a cuidadosamente. Ele e a Green Way ganhavam muito dinheiro com a destruição segura de documentos, mas o mundo estava mudando. A maioria das informações residia agora em computadores e pen drives, e seria cada vez mais assim no futuro. Hydt tinha decidido expandir seu império oferecendo um novo método para destruir dispositivos de armazenamento de dados de computador.

Várias companhias faziam aquilo, como a Green Way, mas o novo sistema seria diferente, graças à invenção de Al-Fulan. No momento, para se destruir informações efetivamente, computadores tinham de

ser desmontados a mão e os dados precisavam ser eliminados com unidades de neutralização magnética dos discos rígidos, que eram, depois, esmagados. Outros métodos eram necessários para separar os componentes do computador desmontado — muitos dos quais eram resíduos perigosos.

Todavia, aquela máquina fazia tudo automaticamente. Bastava colocar o computador velho na esteira e ela encarregava-se do resto, quebrando-o enquanto os sistemas óticos de Al-Fulan identificavam os componentes e enviavam-nos para os respectivos recipientes. Os vendedores de Hydt podiam garantir aos clientes que aquela máquina asseguraria não só que as informações confidenciais do disco rígido seriam destruídas, como também que todos os outros componentes seriam identificados e descartados de acordo com as normas ambientais de cada lugar.

A um sinal do chefe, Stella pegou um laptop velho e colocou-o na esteira rolante. Ele desapareceu nas reentrâncias escuras da máquina.

Eles ouviram uma série de ruídos estridentes e pancadas; por fim, o som alto de algo sendo triturado. Al-Fulan conduziu os visitantes até a parte de trás, onde, após cinco ou seis minutos, eles observaram a máquina lançar vários pedaços de sucata em recipientes diferentes — que continham metal, plástico, circuitos impressos e assim por diante. No saco do compartimento escrito “Armazenamento de Mídia”, viram apenas um pó fino de metal e silicone, que era tudo o que havia sobrado do disco rígido. Os resíduos perigosos, como baterias e metais pesados, foram depositados num receptáculo marcado com etiquetas de advertência, e os componentes inofensivos foram despejados nos recipientes de reciclagem.

Al-Fulan levou então Hydt e Dunne até um monitor, no qual um relatório sobre os esforços da máquina estavam visíveis.

A expressão glacial do irlandês havia desaparecido. Ele parecia quase empolgado.

Hydt, também, estava muito satisfeito. Começou a fazer uma pergunta, mas então olhou para o relógio na parede. Eram 18h30. Não conseguiu mais se concentrar na máquina.

James Bond, Felix Leiter e Yusuf Nasad estavam a 5 metros da fábrica, agachados sobre uma grande caçamba, observando Hydt, o irlandês, um árabe com uma túnica branca tradicional e uma mulher atraente de cabelos escuros por uma janela do compartimento de carga.

Com Bond e Leiter no Alfa americano e Nasad em seu Ford, na retaguarda, eles tinham começado a seguir o Lincoln Town desde o Intercontinental, mas os dois agentes, de imediato, deram-se conta de que o motorista árabe estava aplicando técnicas de evasão. Preocupado com a possibilidade de serem detectados, Bond usou um aplicativo de seu celular para pintar o carro com um perfil MASINT, e tomou suas coordenadas com um laser, enviando, depois, os dados para o centro de rastreamento do GCHQ. Leiter tirou o pé do acelerador e deixou os satélites seguirem o veículo, transferindo os resultados para o celular de Bond.

— Que inveja — resmungou Leiter, olhando para o telefone na mão do amigo. — Quero um desses também.

Bond havia seguido o deslocamento do Lincoln Town em seu mapa e direcionado Leiter, com Nasad seguindo atrás deles, para o

caminho bastante tortuoso que Hydt estava percorrendo. Por fim, o Lincoln voltou para o Deira, a parte velha da cidade. Alguns minutos depois, Bond, Leiter e seu agente chegaram, deixaram os carros num beco entre dois armazéns, e cortaram a cerca de tela para ter uma visão mais próxima do que Hydt e o irlandês estavam tramando. O motorista do Lincoln permanecera no estacionamento.

Bond colocou um fone de ouvido e apontou a câmera do telefone para os quatro, fazendo a escuta com um aplicativo que Sanu Hirani tinha criado. O *vibra-mike* reconstruía conversas observadas através de janelas ou portas transparentes, lendo as vibrações que incidiam sobre o vidro ou outra superfície lisa próxima. Combinava o que detectava sonicamente com a informação visual, fornecida pelo movimento de lábios e faces, expressão dos olhos e linguagem corporal. Em circunstâncias como aquela, podia reconstruir conversas com cerca de oitenta e cinco por cento de exatidão.

Após escutar a conversação, Bond disse aos outros:

— Por azar, estão falando sobre equipamentos para as instalações da Green Way, sua companhia legítima.

— Olhe para o desgraçado — sussurrou o americano. — Ele sabe que cerca de noventa pessoas vão morrer em meia hora e é como se estivesse conversando com um vendedor de loja sobre o número de pixels numa tela de TV.

O telefone de Nasad vibrou. Ele atendeu a ligação, falando num árabe *staccato* que Bond conseguiu entender um pouco. Estava reunindo informações sobre a fábrica. Desligou e explicou aos agentes que o lugar pertencia a um cidadão de Dubai, Mahdi al-Fulan. Um retrato confirmou que ele era o homem com quem Hydt e o irlandês estavam. Não era suspeito de ter nenhuma ligação com terroristas, nunca havia estado no Afeganistão e parecia ser apenas

engenheiro e homem de negócios. Contudo, desenhava e vendia seus produtos para, entre outros, senhores da guerra e negociantes de armas. Desenvolvera recentemente um escâner ótico para minas terrestres que conseguia diferenciar entre uniformes e insígnias de inimigos e amigos.

Bond lembrou-se de anotações que tinha encontrado em March: *raio da explosão...*

Quando a conversa no armazém foi retomada, ele inclinou a cabeça e escutou mais uma vez. Hydt estava dizendo ao irlandês:

— Quero ir para o... evento. Mahdi e eu vamos agora.

Ele virou-se para o parceiro árabe com um olhar estranho, quase faminto.

— Não é longe, é?

— Não, podemos ir andando.

Hydt disse ao irlandês:

— Talvez você e Stella possam solucionar alguns detalhes técnicos.

O irlandês voltou-se para a mulher, e Hydt e o árabe desapareceram dentro do armazém.

Bond fechou o aplicativo e olhou para Leiter.

— Hydt e Al-Fulan estão indo para o local onde o ataque vai acontecer. Vão caminhando. Vou segui-los. Veja se consegue descobrir mais alguma coisa aqui. A mulher e o irlandês vão ficar. Chegue mais perto se conseguir. Ligo para você quando ficar sabendo o que vai acontecer.

— Está bem — disse o texano.

Nasad balançou a cabeça.

Bond verificou sua Walther e devolveu-a ao coldre.

— Espere, James — disse Leiter. — Salvar essas pessoas, as noventa ou noventa e tanto, bem, isso pode revelar a sua estratégia. Se Hydt achar que você tem informações sobre ele, pode dar no pé, desaparecer, e você nunca mais vai encontrá-lo, até que ele pense em um novo Incidente Vinte. E ele vai ser muito mais cuidadoso em manter a coisa em segredo. Se você deixá-lo seguir em frente, seja o que for que estiver tramando aqui, ele não vai ficar sabendo sobre você.

— Sacrificar essas vidas, é isso que você está querendo dizer?

O americano olhou James nos olhos.

— É uma decisão difícil. Não sei se conseguiria tomá-la. Mas é algo a pensar.

— Já pensei. Não, essas pessoas não vão morrer.

Ele viu os dois homens caminhando para fora das instalações.

Agachado, Leiter correu para o prédio e esgueirou-se por uma janela pequena, desaparecendo silenciosamente do outro lado. Depois, surgiu de novo e fez sinal. Nasad foi juntar-se a ele.

Bond passou de volta pela brecha na cerca e seguiu os dois alvos. Após alguns quarteirões serpenteando pelas vielas entre as fábricas, Hydt e Al-Fulan entraram no mercado coberto de Deira: centenas de barracas ao ar livre, além de lojas mais convencionais onde se podia comprar ouro, especiarias, sapatos, aparelhos de TV, CDs, vídeos, barras de chocolate, suvenires, brinquedos, roupas do Oriente Médio e ocidentais... qualquer coisa imaginável. Apenas uma parte da população ali parecia ter nascido nos Emirados; Bond ouvia trechos de conversação em tâmil, malaio, urdu e tagalogue, mas relativamente pouco árabe. Os fregueses estavam por toda parte, e havia centenas deles. Negociações intensas aconteciam em cada

estande e loja; mãos gesticulavam de modo febril; testas franziam-se; palavras soltas voavam daqui para lá.

O país das compras...

Bond estava seguindo a uma distância discreta, e procurava por qualquer sinal do objetivo dos dois: as pessoas que iriam morrer dali a 25 minutos.

O que o comprador de sucata teria em mente? Um ensaio em antecipação à carnificina de sexta-feira, que seria dez ou vinte vezes pior? Ou não teria nada a ver com aquilo? Talvez Hydt estivesse fazendo uso do seu papel de homem de negócios internacional como disfarce. Seriam ele e o irlandês apenas assassinos de aluguel? Matadores de ponta?

Bond ia-se desviando dos obstáculos representados por vendedores, compradores, turistas e trabalhadores das docas, que carregavam as *dhow*s. Havia uma multidão no mercado naquele momento, antes do *Maghrib*, a prece do pôr do sol. Seria o mercado o alvo do ataque?

Então, Hydt e Al-Fulan saíram do mercado e continuaram a caminhar meio quarteirão. Pararam e levantaram a cabeça a fim de olhar para uma estrutura moderna, de três andares e com grandes janelas de vidro, que dava para a enseada de Dubai. Tratava-se de um prédio público, repleto de homens, mulheres e crianças. Bond aproximou-se e viu uma placa em árabe e inglês. *Museu dos Emirados*.

Esse era o alvo. E um excelente, pensou James, examinando-o. Pelo menos umas cem pessoas encontravam-se ali, só no térreo, e devia haver muito mais nos andares de cima. O prédio ficava perto da enseada e tinha apenas uma rua estreita na frente, o que

significava que veículos de emergência teriam dificuldades em chegar perto do palco da carnificina.

Al-Fulan olhava em volta inquieto, mas Hydt entrou pela porta da frente. Os dois desapareceram na multidão.

Não vou deixar essas pessoas morrerem. Bond colocou o fone de ouvido e acionou o mecanismo de escuta do telefone. Seguiu os dois homens no interior do prédio, depois de pagar uma pequena soma para entrar, e aproximou-se com cuidado dos alvos, misturando-se a um grupo de turistas.

Não podia deixar de pensar no que Felix Leiter havia-lhe dito. Salvar aquelas pessoas poderia alertar Hydt de que alguém estava atrás dele.

O que M faria naquelas circunstâncias?

Presumiu que o velho sacrificaria as noventa pessoas para salvar milhares. Havia sido almirante da Marinha Real. Oficiais desse nível tinham de tomar decisões difíceis como essa o tempo todo.

No entanto, Bond pensou que precisava fazer alguma coisa. Viu crianças correndo em volta, homens e mulheres contemplando e comentando animadamente as peças, pessoas rindo, balançando a cabeça enlevadas enquanto um guia contava histórias.

Hydt e Al-Fulan seguiam em direção ao interior do prédio. O que estavam fazendo? Teriam planejado deixar ali um artefato explosivo? Talvez aquele que fora construído no porão do hospital, em March.

Ou, quem sabe, o desenhista industrial Al-Fulan tivesse criado outra coisa para Hydt.

Bond circulava pelo grande saguão de mármore, repleto de arte e antiguidades árabes. Um candelabro imenso, de ouro, dominava o ambiente. James apontou casualmente o microfone em direção aos dois homens. Captou fragmentos de conversas de outras pessoas,

mas nada de Hydt e Al-Fulan. Com raiva de si mesmo, mirou com mais cuidado e, por fim, ouviu a voz de Hydt:

— Venho esperando há muito tempo. Tenho de agradecer de novo a você por tornar isso possível.

— Fico satisfeito em ser útil. É bom estarmos fazendo negócios juntos.

Entretido, Hydt sussurrou:

— Gostaria de tirar fotos dos corpos.

— Claro, claro! O que você quiser, Severan.

A que proximidade dos corpos eu posso chegar?

Hydt disse então:

— Já são quase 19 horas. Estamos prontos?

O que eu faço?, pensava Bond, desesperado. Pessoas vão morrer.

O propósito do inimigo dita a sua reação.

Na parede, notou um alarme contra incêndio. Poderia acioná-lo, evacuando o prédio. Mas viu também circuitos fechados de TV e guardas fazendo a segurança. Seria identificado de imediato como o homem que mexera na alavanca e, mesmo que tentasse fugir, os seguranças e a polícia o deteriam e encontrariam sua arma. Hydt talvez o visse. Deduziria com facilidade o que havia acontecido. A missão fracassaria.

Haveria uma reação melhor?

Não conseguia pensar em nenhuma e aproximou-se do painel do alarme antifogo.

São 18h55.

Hydt e Al-Fulan estavam andando rápido em direção a uma porta nos fundos do saguão. Bond estava ao lado do alarme e bem em frente a três câmeras de segurança.

E havia um guarda a não mais do que 5 metros de distância. Ele havia notado Bond e talvez registrado que seu comportamento não era exatamente o que se esperaria de um turista ocidental normal num museu hermético como aquele. O homem inclinou a cabeça e falou algo no microfone preso ao ombro.

Em frente a Bond, uma família encontrava-se parada diante de um diorama de uma corrida de camelos. O garoto e o pai estavam rindo dos modelos engraçados.

São 18h56.

O guarda atarracado virou-se na direção de Bond. Carregava uma pistola. E a capa de proteção da pistola tinha sido desabotoada.

Ele adiantou-se, levando a mão até a arma.

Mesmo assim, com Hydt e Al-Fulan a meros 5 metros de distância, Bond esticou o braço para tocar a alavanca.

Naquele momento, ouviu-se um anúncio em árabe vindo de uns alto-falantes.

Bond parou para escutar. Compreendeu a maior parte. A tradução em inglês, um momento depois, confirmou que havia entendido as palavras.

— Senhores. Quem tiver ingressos para o espetáculo das 19 horas, favor dirigir-se à porta da ala norte.

Aquela era a entrada da qual Hydt e Al-Falun aproximavam-se no fundo do salão principal. Não estavam deixando o museu; se aquele era o local onde as pessoas morreriam, por que os dois não estavam fugindo dali?

Bond afastou-se do alarme e dirigiu-se para a porta. O guarda olhou mais uma vez para ele e, depois, deu-lhe as costas, fechando a capa do coldre.

Hydt e o colega estavam parados diante da entrada para um espetáculo especial que o museu estava apresentando. Bond respirou aliviado quando entendeu tudo, por fim. O título da exibição era "Morte na areia". Uma placa na porta explicava que, no outono passado, arqueólogos haviam descoberto uma sepultura coletiva de

mil anos localizada no oásis Liwa, perto de Abu Dhabi, cerca de 100 quilômetros para o interior a partir do golfo Pérsico. Toda uma tribo árabe nômade, noventa e duas pessoas, fora atacada e massacrada. Logo depois da batalha, uma tempestade de areia tinha enterrado os corpos. Quando o vilarejo foi descoberto, no ano anterior, os restos mortais encontravam-se perfeitamente preservados na areia quente e seca.

Os corpos dissecados estavam expostos ali, dispostos da maneira como tinham sido encontrados, numa recriação do vilarejo. Parecia que, para o grande público, eles estavam muito modestamente cobertos. A mostra especial daquela noite, às 19 horas — exclusiva para homens —, era para cientistas, médicos e professores. Os corpos não estariam cobertos. Al-Fulan conseguira aparentemente obter um ingresso para Hydt.

Bond quase gargalhou alto, e uma sensação de alívio tomou conta dele. Mal entendidos — e mesmo erros crassos — não são incomuns à atividade cheia de nuances da espionagem, na qual agentes precisam fazer planos e executá-los apenas com os fragmentos de informação que têm a seu dispor. Muitas vezes, o resultado desse tipo de erro é desastroso; Bond não conseguia lembrar-se de nenhum exemplo em que o oposto fosse verdadeiro, como ali, quando uma tragédia que se anunciava revelou ser um inocente passeio cultural noturno. Seu primeiro pensamento foi que se divertiria contando a história a Philly Maidenstone.

A graça do episódio foi, entretanto, diminuindo, à medida que começava a pensar mais sobriamente: quase destruía a missão por causa de noventa pessoas que estavam mortas havia quase um milênio.

Depois, seu humor tornou-se mais sombrio ainda, quando olhou para o interior da grande sala de exposição e teve vislumbres da cena de morte: os corpos, alguns conservando ainda grande parte da pele, pareciam de couro. Outros eram apenas esqueletos de mãos estendidas, talvez numa última súplica por piedade. Viam-se formas emaciadas de mães agarrando os filhos, órbitas oculares vazias, dedos que eram como gravetos secos e muitas bocas retorcidas em sorrisos horripilantes, produzidos pela devastação do tempo e da decomposição.

Bond olhou para o rosto de Hydt enquanto o Comprador de Sucata contemplava as vítimas. Encontrava-se extasiado; um desejo quase sexual brilhava-lhe nos olhos. Até Al-Fulan parecia perturbado com o prazer que seu parceiro nos negócios exibia.

Nunca tinha visto esse tipo de deleite diante da visão da morte...

Hydt não parava de tirar fotos, o flash repetido de seu celular banhava os corpos numa luz brilhante, que os tornava ainda mais sobrenaturais e horríveis.

Que perda de tempo infeliz, refletiu Bond. Tudo que conseguira ficar sabendo, com a viagem, era que Hydt tinha um novo maquinário supermoderno para suas operações de reciclagem e que sentia um prazer enorme diante de cadáveres. Seria o Incidente Vinte uma má interpretação semelhante dos interceptadores de informação? Lembrou-se do fraseado na mensagem original e concluiu que aquilo que estava planejado para sexta-feira era uma ameaça real.

...estimativa inicial de perdas de vidas em torno de milhares, interesses britânicos afetados de forma adversa, transferências de fundos como combinado.

Isso descrevia de forma clara um ataque.

Hydt e Al-Fulan moveram-se mais para o interior da sala de exibição e, sem um ingresso especial, Bond não podia continuar perseguindo-os. Porém, Hydt estava falando de novo. Ele ergueu o telefone.

— Espero que você entenda sobre aquela sua garota. Como é mesmo o nome dela?

— Stella — disse Al-Fulan. — Não, não temos escolha. Quando descobrir que não vou deixar minha esposa, ela vai se tornar um risco. Ela sabe demais. E, francamente — acrescentou ele —, vem se tornando um aborrecimento ultimamente.

Hydt continuou:

— Meu sócio está cuidando de tudo. Vai levá-la até o deserto e fazê-la desaparecer. O que ele fizer, fará bem feito. É impressionante como ele sabe planejar bem... tudo.

Por isso o irlandês permanecera no armazém.

Se ia matar Stella, *havia* algo mais nessa viagem do que apenas negócios legítimos. Imaginou que envolvesse o Incidente Vinte. Bond saiu às pressas do museu e ligou para Felix Leiter. Tinham de salvar a mulher e investigar o que ela sabia.

O celular do americano, contudo, tocou quatro vezes e entrou na caixa postal. James tentou de novo. Por que não atendia? Estariam ele e Nasad procurando salvar Stella naquele momento, talvez lutando com o irlandês ou o *chauffeur*? Ou com os dois?

Outra ligação. Caixa postal de novo. Bond começou a correr, desviando das barracas do mercado enquanto vozes soturnas, que chamavam os fiéis para rezar, vibravam sob o céu do entardecer.

Suando muito, ofegante, chegou ao armazém de Al-Fulan cinco minutos depois. O Lincoln Town de Hydt não estava mais lá. Bond esgueirou-se pelo buraco que haviam cortado na cerca. A janela pela

qual Leiter passara estava agora fechada. Ele correu até o armazém e usou uma ferramenta para abrir uma porta lateral. Entrou e sacou a Walther.

O local parecia deserto, embora pudesse ouvir um ruído de máquinas trabalhando em algum lugar próximo.

Nenhum sinal da garota.

E onde estavam Leiter e Nasad?

Alguns segundos depois, Bond descobriu a resposta para aquela pergunta, ou parte dela, pelo menos. Na sala por onde o americano tinha entrado, encontrou manchas frescas de sangue pelo chão. Havia sinais de luta, e várias ferramentas estavam espalhadas pelo local... juntamente com a pistola e o telefone de Leiter.

Bond tentou recompor o cenário do que poderia ter acontecido. Leiter e Nasad teriam se separado e o americano ficara escondido ali. Devia estar observando o irlandês e Stella quando o *chauffeur* árabe se esgueirou por trás e o atingiu com uma chave inglesa ou um pedaço de cano. Teria o americano sido arrastado, jogado no porta-malas do Lincoln Town e levado para o deserto juntamente com a garota?

De arma na mão, Bond dirigiu-se à porta de onde vinha o som da máquina.

O que viu a sua frente paralisou-o:

O homem de casaco azul — que o tinha seguido anteriormente — estava empurrando a forma praticamente inconsciente de Felix Leiter para dentro de uma das gigantescas máquinas de compactação de lixo. O agente da CIA encontrava-se estendido com os pés para a frente na esteira rolante, que estava parada, embora a máquina estivesse em funcionamento; no centro, duas grandes placas de metal, uma de cada lado da esteira, inclinavam-se para a

frente, quase se tocando, até que se abriram para aceitar a nova leva de resíduos.

Entre as pernas de Leiter e elas, havia uma distância de apenas 2 metros.

O agressor levantou a cabeça e, com uma expressão ameaçadora, fitou o intruso.

Bond apontou-lhe a arma e gritou:

— Abra os braços!

O homem obedeceu com relutância, mas, de repente, deu um pulo para o lado e apertou um botão na máquina. Depois correu, desaparecendo de vista.

A esteira mecânica começou a girar, levando Leiter vagarosamente em direção às placas de metal, que se aproximaram cerca de 15 centímetros uma da outra, e, então, recuaram, a fim de que mais lixo pudesse passar por entre elas.

Bond correu até o aparelho e apertou o botão vermelho que o desligava; depois, correu atrás do inimigo. Porém, o pesado motor não parou de imediato; a esteira continuou carregando seu amigo em direção às placas fatais, pulsando para a frente e para trás.

Ah, meu Deus! Bond colocou a Walther de volta no coldre e deu meia-volta. Agarrou Leiter e puxou-o para fora da máquina. No entanto, a esteira rolante era dotada de dentes pontiagudos que reforçavam a aderência, de modo que a roupa do americano ficou presa neles.

Leiter estava a 20 centímetros, depois 15, das placas que lhe reduziriam pés e tornozelos a uma pasta.

Com os braços e músculos da perna em verdadeira agonia, Bond puxava com mais força, gemendo com o esforço.

Cinco centímetros...

Por fim, a esteira parou e, após um solavanco hidráulico, o mesmo se deu com as placas.

Sem fôlego, esticou a mão e soltou a calça do americano dos dentes da máquina, puxando-o para fora e depositando-o com cuidado no chão. Depois, correu para o terminal de carga e sacou a arma, mas não havia qualquer sinal do homem de azul. Examinando o recinto para verificar se havia alguma outra ameaça, Bond retornou até o local onde estava o agente da CIA, que acabava de voltar a si. Com a ajuda de James, sentou-se vagarosamente e conseguiu orientar-se.

— Não posso te deixar sozinho por cinco minutos, não é mesmo?
— perguntou Bond, disfarçando o horror que sentira diante do perigo letal que a vida do amigo havia corrido.

Examinou-lhe o ferimento na cabeça e limpou-o com um pano que encontrou por perto.

Leiter contemplou a máquina e sacudiu a cabeça. Depois, o sorriso familiar abriu-se em seu rosto.

— Vocês, britânicos, sempre aparecendo na hora errada. Eu estava com ele onde queria.

— Hospital? — perguntou James, com o coração ainda martelando em virtude do esforço para salvá-lo e do alívio pelo resultado.

— Não — respondeu o americano, examinando o pedaço de pano.

Estava com sangue, mas Leiter parecia mais furioso do que ferido.

— Meu Deus, James, já passou da hora! E as noventa pessoas?
Bond contou-lhe sobre a exibição.

O americano soltou uma gargalhada rouca.

— Que trapalhada! Entramos pelo cano nessa, irmão. Então, Hydt tem orgasmos com cadáveres. E estava tirando *fotos* deles? O cara tem uma noção completamente nova sobre pornografia.

Bond recolheu o telefone e a arma de Leiter e devolveu a ele.

— O que aconteceu aqui, Felix?

Os olhos do amigo ficaram parados.

— O motorista do Lincoln Town entrou no armazém logo depois que você saiu. Eu podia ver ele e aquele irlandês conversando e olhando para a garota. Senti que alguma coisa estava errada, ou melhor, que ela sabia de algo. Eu ia usar de alguma artimanha para salvá-la. Dizer que éramos inspetores de segurança ou algo do gênero. Antes que pudesse me mexer, eles agarraram a garota, amarraram-na com fita adesiva e a arrastaram na direção do escritório. Mandei Yusuf ir para o outro lado e corri atrás deles, mas o desgraçado me pegou antes que eu conseguisse andar 3 metros. O cara do shopping center, que estava seguindo você.

— Eu sei. Acabei de vê-lo.

— Cara, o desgraçado sabe alguns golpezinhos de artes marciais, vou te contar. Me pegou de jeito e me pôs no chão.

— Ele disse alguma coisa?

— Grunhiu um bocado antes de me atingir.

— Estava trabalhando com o irlandês ou com Al-Fulan?

— Não sei. Não os vi juntos.

— E a garota? Temos que encontrá-la.

— Provavelmente, eles devem estar a caminho do deserto. Se estivermos com sorte, Yusuf os está seguindo. É possível que ele tenha tentado me ligar enquanto eu estava desmaiado.

Com a ajuda de Bond, o agente pôs-se de pé, pegou o telefone e apertou o botão de chamada rápida.

E, de algum lugar próximo, veio o som de um toque de celular, uma música eletrônica animada, mas abafada.

Os dois olharam em volta.

Leiter virou-se, então, para Bond.

— Ah, não — murmurou o americano, fechando os olhos por um instante.

Eles correram até a parte de trás do compactador. O som vinha de dentro de um grande saco de lixo cheio, que a máquina tinha lacrado automaticamente com arame e, depois, descartado na plataforma do compartimento de carga para ser eliminado.

Bond também havia percebido o que acontecera:

— Vou dar uma olhada — disse ele.

— Não — retrucou Leiter, com firmeza. — Isso é comigo.

Ele desatou o arame, respirou fundo e olhou para dentro do saco. Bond juntou-se a ele.

O amontoado de peças de metal, fios, porcas, parafusos e grampos formava um emaranhado no qual se via sangue, farrapos de tecido, pedaços de órgãos humanos e ossos.

Os olhos vidrados no rosto esmagado e distorcido de Yusuf Nasad estavam fixos diretamente num ponto entre os dois homens.

Sem dizer uma palavra, ambos voltaram para o Alfa e verificaram o sistema de rastreamento por satélite, o qual informou que a limusine de Hydt tinha voltado ao Intercontinental. Fizera duas breves paradas no caminho — presumivelmente a fim de transferir a garota de um carro a outro, para que fizesse seu último passeio até o deserto, e para pegar Hydt no museu.

Quinze minutos depois, Bond passava pelo hotel, no Alfa, e entrava no estacionamento.

— Quer pegar um quarto? E cuidar disso? — perguntou James, fazendo um gesto em direção à cabeça de Leiter.

— Não, preciso só de um bom drinque. Vou apenas tomar um banho. Encontro você no bar.

Eles estacionaram e Bond abriu o bagageiro. Pegou o laptop e deixou a mala. Leiter pendurou sua pequena sacola no ombro e agarrou um boné — marcado, por assim dizer, com o logo do time de futebol americano Longhorns, da Universidade do Texas. Colocou-o meio de lado, sobre o ferimento, e enfiou sob ele o cabelo cor de palha. Os dois dirigiram-se para a entrada lateral do hotel.

Dentro, Leiter foi tomar banho e Bond, certificando-se de que ninguém do *entourage* de Hydt encontrava-se no saguão, cruzou o recinto e saiu pelo outro lado. Examinou um grupo de motoristas de limusine que estava de pé conversando animadamente. Viu que nenhum deles era o de Severan. Fez um gesto para o menor deles e o homem caminhou apressadamente até Bond.

— Você tem cartão? — perguntou.

— Sim, senhor, tenho — respondeu o homenzinho, oferecendo um.

Bond deu uma olhada e colocou-o no bolso.

— O que o senhor deseja? Um passeio pelas dunas? Não, já sei, o ouro do mercado! Para sua senhora. Vai levar para ela alguma coisa de Dubai e se tornar seu herói.

— Quem alugou aquela limusine? — perguntou Bond, passando os olhos rapidamente pelo Lincoln de Hydt.

Os olhos do motorista ficaram imóveis. Bond não se preocupou; sabia quando alguém podia ser comprado. Tentou de novo:

— Você o conhece, não?

— Não especialmente, senhor.

— Mas vocês, motoristas, sempre conversam entre si. Você sabe de tudo o que acontece aqui. Em particular, quando se trata de um camarada tão curioso quanto o Sr. Hydt — disse ele, enfiando na mão do homem quinhentos *dirhams*.

— Sim, senhor. Claro. Talvez eu tenha ouvido algo... Me deixe pensar. Sim, talvez.

— E o que seria?

— Acho que ele e os amigos foram para o restaurante. Vão ficar lá por umas duas horas. É um restaurante muito bom. As refeições são demoradas.

— Tem alguma ideia de para onde vão depois daqui?

O motorista balançou a cabeça afirmativamente, mas não disse nada.

Mais quinhentos *dirhams* tornaram o homem mais extrovertido.

O homem riu suave e cinicamente.

— As pessoas são descuidadas na nossa presença. Somos apenas alguém que as leva para lá e para cá. Camelos. Animais de carga. Quero dizer que elas pensam que não existimos. Portanto, tudo o que dizem na nossa frente, acham que não ouvimos, por mais delicado que possa ser. Por mais *valioso*.

Bond pegou mais dinheiro e depois colocou de volta no bolso.

O motorista olhou à sua volta rapidamente e disse:

— Ele vai para a Cidade do Cabo esta noite. Num jato particular, que sai daqui a umas três horas. Como eu lhe disse, o restaurante no térreo é conhecido por seus jantares suntuosos e sem pressa. — Depois, disse, fazendo um ar de irritação falso: — Pelas suas perguntas, vejo que o senhor provavelmente não quer que um colega lhe consiga uma mesa. Eu entendo. Talvez na sua próxima viagem a Dubai.

Bond entregou-lhe, então, o restante do dinheiro. Depois, tirou o cartão do homem e, fazendo-o balançar entre os dedos, perguntou:

— Meu colega? O homem que entrou comigo? Você o viu?

— O fortão.

— Bem forte. Eu estou indo embora de Dubai em breve, mas ele vai ficar e espera sinceramente que a sua informação sobre o Sr. Hydt esteja correta.

O sorriso desfez-se como areia.

— Claro, claro, senhor, é absolutamente correta, juro por Alá. Louvado seja.

Bond foi para o bar e pegou uma mesa no terraço ao ar livre que dava para a enseada de Dubai, um espelho pacífico pontuado por reflexos oscilantes de luz colorida que se opunha completamente ao horror que presenciara na fábrica de Al-Fulan.

O garçom aproximou-se e perguntou o que queria. Bourbon americano era sua bebida favorita, mas ele achava que a vodca era medicinal, se não curativa, quando servida muito gelada. Pediu, então, um martíni duplo meio seco com Stolichnaya bem sacudido, o que não só esfriava a vodca melhor do que mexê-la com a colher, como a contundia — a aerava — também, dando-lhe melhor sabor.

— Com uma casca de limão.

Quando o drinque chegou, exibindo uma cor apropriadamente opaca — prova de que havia sido sacudido na medida exata —, ele bebeu de imediato e sentiu aquele contraditório arrepio de queimação, espalhando-se da garganta para o rosto. Ajudava a entorpecer a frustração de não ter conseguido salvar a jovem nem Yusuf Nasad.

Todavia, o drinque não tinha o poder de mitigar a lembrança da expressão sinistra de Hydt enquanto contemplava, cheio de desejo,

os corpos petrificados.

Tomou mais um gole olhando de forma ausente para a televisão em cima do bar, em cuja tela a bela cantora do Bahrein, Ahlam, rodopiava num vídeo editado no estilo entrecortado que é moda na TV árabe e indiana. Sua voz contagiante, trinada, fluía das caixas de som.

Esvaziou o copo e depois ligou para Bill Tanner. Contou sobre o falso alarme no museu de história e as mortes, e acrescentou que Hydt ia para a Cidade do Cabo àquela noite. Será que a Seção T poderia arranjar uma carona para Bond? Não podia mais usar o Grumman do amigo, que já tinha voltado a Londres.

— Vou ver o que posso fazer, James. Provavelmente vai ter de ser um voo comercial. Mas não sei se vou conseguir fazer você chegar lá antes de Hydt.

— Só preciso de alguém observando a chegada do voo e vendo para onde ele vai. Qual é a situação da 6 por lá?

— A Estação Z tem um agente sob disfarce na Cidade do Cabo, Gregory Lamb. Deixe-me verificar a situação dele — Bond escutou-o digitar ao teclado. — Ele está na Eritreia no momento. As demonstrações de poder militar na fronteira sudanesa pioraram. Mas, James, não gostaríamos de envolver Lamb nisso, se pudermos evitar. Ele não tem uma ficha exatamente impecável. Virou nativo, como um personagem de romance de Graham Greene. Eu acho que a 6 anda querendo despedi-lo, mas ainda não sabe como. Vou encontrar alguém do local para você. Eu recomendaria mais o SAPS, o serviço de polícia, do que a Inteligência Nacional, a NIA, que tem estado no noticiário ultimamente, e não de forma muito favorável. Vou dar uns telefonemas e depois falo com você.

— Obrigado, Bill. Você pode me passar para a Q?

— Claro. Boa sorte.

Uma voz atenciosa logo surgiu na linha:

— Seção Q. Hirani falando.

— Aqui é 007, Sanu. Estou em Dubai. Preciso de uma coisa urgente.

Após o pedido de Bond, Hirani pareceu desapontado com a simplicidade dele.

— Onde você está? — perguntou ele.

— No Intercontinental, Festival City.

Bond ouviu um ruído de digitação.

— Tudo bem. Trinta minutos. Não esqueça: flores.

Eles desligaram no momento em que Leiter chegava, sentava-se e pedia um Jim Beam puro.

— Isso quer dizer sem gelo, sem água, sem salada de frutas, sem nada. Mas significa que é duplo. E eu sobreviveria a um triplo.

Bond pediu outro martíni. Quando o garçom se afastou, perguntou:

— Como está a cabeça?

— Não é nada — murmurou Leiter.

Não parecia um ferimento sério, e James sabia que ele estava triste pela perda de Nasad.

— Você descobriu alguma coisa sobre Hydt?

— Estão indo embora esta noite. Daqui a umas duas horas. Vão para a Cidade do Cabo.

— O que está acontecendo por lá?

— Não faço ideia. É o que preciso descobrir.

E deveria descobrir em três dias, pensou Bond, se queria salvar milhares de pessoas.

Eles ficaram em silêncio enquanto o garçom trazia os drinques. Os dois agentes examinaram o salão enquanto bebiam. Não havia sinal do homem de cabelos escuros e brinco, ou de observadores prestando mais atenção do que o normal — ou então, menos — nos dois.

Nenhum deles ergueu um brinde à memória do agente que havia acabado de morrer. Por mais tentação que se tenha, nunca se deve fazer isso.

— Nasad? — perguntou Bond. — O corpo dele? — A ideia de um companheiro indo para uma sepultura tão inglória era dura de engolir.

Os lábios de Leiter comprimiram-se.

— Se Hydt e o irlandês estiverem envolvidos e eu chamar uma equipe para resgatar o corpo, eles vão saber que estamos atrás deles. Não vou arriscar nossos disfarces a uma altura dessas. Yusuf sabia no que estava se metendo.

Bond concordou. Era a maneira certa de conduzir a coisa, embora não tornasse a decisão mais fácil.

Leiter inalou os vapores de seu uísque e deu outro gole.

— Nesse negócio, escolhas como essa são as mais difíceis. Não se pode sacar o revólver e fingir que se é Butch Cassidy. Isso só se faz sem pensar.

O celular de Bond tocou. A Seção T colocara-o num voo noturno da Air Emirates para a Cidade do Cabo que decolava dali a três horas. Ele gostou da escolha da companhia aérea. Aquela empresa tinha cuidadosamente evitado tornar-se mais uma transportadora do mercado de massa e tratava seus passageiros com uma qualidade de serviço que simbolizava a época áurea das viagens aéreas,

cinquenta ou sessenta anos atrás. James contou a Leiter os planos de partida e acrescentou:

— Vamos pedir alguma coisa para comer.

O americano fez sinal para um garçom e pediu um prato de *mezze*:

— Depois nos traga um *hammour* grelhado. Sem espinhas, por favor.

— Sim, senhor.

Bond pediu uma garrafa de um bom Chablis *premier cru*, que chegou em seguida. Eles beberam nos copos resfriados, em silêncio, até a entrada chegar: cafta, azeitonas, húmus, queijo, berinjela, nozes e o melhor pão árabe que Bond já havia provado. Os dois começaram a comer. Após levar as sobras, o garçom trouxe o prato principal. O peixe branco e simples jazia fumegante sobre uma camada de lentilhas verdes. Era muito bom e delicado, apesar de ligeiramente carnudo. Bond tinha dado apenas umas garfadas quando o telefone tocou de novo. O número da chamada era apenas um código do governo britânico. Achando que Philly poderia estar ligando de um outro escritório, ele atendeu.

Porém, arrependeu-se imediatamente.

— James! James! James! Adivinhe quem é? Percy. Há quanto tempo que não nos falamos!

Bond sentiu um desânimo profundo.

Leiter franziu a testa diante da carranca do amigo.

— Percy... sim.

Osborne-Smith, da Divisão 3, perguntou:

— Você está bem? Não andou entrando em nenhuma briga que tenha resultado em mais do que alguns curativos, tenho certeza.

— Eu vou bem.

— Como me alegra ouvir isso. Já por aqui, as coisas não param. O seu chefe instruiu todo mundo sobre o plano Geena. Acho que você estava muito ocupado fugindo da jurisdição para se manter em contato — disse ele, deixando a frase no ar por um momento. — Só estou brincando com você, James. Na verdade, estou ligando por várias razões, e a primeira delas é para me desculpar.

— É mesmo? — perguntou Bond, desconfiado.

A voz do homem da Divisão 3 assumiu um tom mais sério.

— Em Londres, hoje de manhã, eu tinha uma equipe do Comando Aéreo Tático pronta para pegar Hydt no aeroporto e

convidá-lo para um chá e um bate-papo. Mas acontece que você estava certo. Os escutas pegaram um fragmento e conseguiram decodificá-lo. Espere aí, vou ler para você. É o seguinte: alguma coisa faltando e depois vem, "Severan tem três parceiros principais (...) qualquer um deles pode apertar o botão se ele não estiver disponível". Dá para ver então, James, que prendê-lo *teria sido* um desastre, como você disse. Os outros iriam correr para a toca da raposa e se esconder lá. E perderíamos a chance de descobrir o que é o Geena e impedir sua execução — falou ele, fazendo uma pausa para respirar. — Fui um pouco exigente demais quando nos conhecemos e lamento por isso também. Quero trabalhar com você nisso, James. Desculpas aceitas? O que passou, passou?

No mundo da espionagem, Bond havia aprendido, aliados pedem perdão por suas ofensas contra você com a mesma frequência que os inimigos o fazem. Ele imaginava que um pouco do arrependimento de Osborne-Smith estivesse fundamentado no desejo de permanecer no jogo para obter parte da glória, mas aquilo não lhe importava. Sua meta era descobrir o que significava o plano Geena e impedir milhares de mortes.

— Creio que sim.

— Bom. Seu chefe nos enviou um sinal daquilo que você descobriu em March e o estou acompanhando. O significado de "raio da explosão" é óbvio, se refere a um dispositivo explosivo improvisado, de maneira que estamos rastreando qualquer relato de explosivos encontrados. E sabemos que um dos "termos" do acordo envolve 5 milhões de libras. Pedi alguns favores no Banco da Inglaterra para checar as atividades de transferências de fundos.

Bond também havia pensado em ligar para o banco com um pedido para que sinalizassem em caso de qualquer transação

financeira suspeita. Entretanto, hoje em dia, 5 milhões de libras representavam uma quantia tão insignificante que haveria muita coisa para examinar. Ainda assim, não faria mal algum que Osborne-Smith fosse em frente.

O homem da Divisão 3 acrescentou:

— Quanto à confirmação da referência de “curso”, bem, até que saibamos mais, não há nenhum avião ou navio para monitorar. Mas coloquei em alerta os colegas da aviação e dos portos, para que se movam rápido se precisarmos.

— Bom — disse James, sem acrescentar que tinha pedido a Bill Tanner que fizesse mais ou menos a mesma coisa. — Acabo de saber que Hydt, a amiga e o irlandês estão a caminho da Cidade do Cabo.

— Cidade do Cabo? Isso dá o que pensar. Tenho examinado todas as reentrâncias de Hydt, por assim dizer.

Aquilo, pensou Bond, era uma piada entre colegas na opinião de Percy Osborne-Smith.

— A África do Sul é um dos locais em que a Green Way mais opera. Sua segunda casa. Acho que o Geena deve ter alguma ligação com o país. Deus sabe que há muitos interesses britânicos lá.

Bond contou-lhe sobre Al-Fulan e a morte da garota.

— Tudo que soubemos de específico é que Hydt sente prazer com fotos de cadáveres. E o amigo árabe provavelmente tem alguma coisa a ver com o Geena. Ele já forneceu equipamentos para traficantes de armas e senhores da guerra no passado.

— É mesmo? Interessante. Isso me fez lembrar uma coisa. Dê uma olhada na foto que eu enviei para você. Já deve estar aí.

Bond minimizou a tela de chamadas do celular e abriu o anexo. Era um retrato do irlandês.

— É ele mesmo — disse James a Osborne-Smith.

— Achei que devia ser. O nome dele é Niall Dunne — falou ele, soletrando.

— Como você descobriu?

— Pelo circuito fechado de TV de Gatwick. Ele não está em nenhum banco de dados, mas fiz minha incansável equipe comparar a foto com as imagens das câmeras de rua, em Londres. Havia vislumbres de um homem com essa franja esquisita inspecionando uns túneis que a Green Way está construindo perto do aterro de Victoria. É o que há de mais moderno: transporte e coleta subterrânea de lixo. Mantém as ruas limpas e os turistas felizes. Alguns dos nossos rapazes fingiram que eram do departamento de Obras Públicas, conseguiram tirar uma foto dele e descobriram seu nome verdadeiro. Mandei a ficha para a 5, a Yard e o seu chefe de gabinete.

— Qual é a história de Dunne? — perguntou Bond.

A sua frente, o peixe esfriava, mas havia perdido o interesse nele.

— É curiosa. Ele nasceu em Belfast, estudou arquitetura e engenharia, formou-se em primeiro lugar. Depois, foi sapador no Exército.

Sapadores eram engenheiros de combate, soldados que construíam pontes, aeroportos e abrigos antibombas para as tropas, além de criarem e limparem campos minados. Eram conhecidos pela capacidade de improvisação e por serem capazes de construir maquinário defensivo ou ofensivo, além de baluartes, com quaisquer suprimentos disponíveis e sob condições menos do que ideais.

O tenente-coronel Bill Tanner, do GDU, tinha sido sapador, e o chefe de gabinete, de fala mansa e amante do golfe, era um dos homens mais inteligentes e perigosos que Bond já conhecera.

Osborne-Smith continuou:

— Depois de deixar o serviço militar, foi trabalhar como inspetor de engenharia *freelance*. Eu nem sabia que esse trabalho existia, mas parece que quando se constrói um prédio, navio ou avião, o projeto tem que ser inspecionado centenas de vezes a cada estágio. Dunne olhava o trabalho e aprovava ou não. Ao que tudo indica, era conceituadíssimo no ramo. Conseguia encontrar defeitos que ninguém tinha visto. Mas, de repente, largou tudo e virou consultor, segundo os dados do imposto de renda. E muito bom, também. Ganha cerca de 200 mil dólares por ano... e não tem logo de firma nem mascotes bonitinhos, como Wenlock e Mandeville.

Bond percebeu que, desde o pedido de desculpas, sentia-se menos impaciente com a espirosidade de Osborne-Smith.

— Provavelmente foi assim que se conheceram. Dunne deve ter inspecionado alguma coisa na Green Way e Hydt o contratou.

Osborne-Smith continuou:

— Garimpando informações, descobri que Dunne foi à Cidade do Cabo várias vezes nos últimos quatro anos. Tem um apartamento lá e outro em Londres, o qual já vasculhamos, por falar nisso, sem encontrar nada de relevante. Os registros de viagens dele revelam que também esteve na Índia, na Indonésia, no Caribe e em outros lugares com problemas. Anda trabalhando para o patrão em novos postos avançados, eu acho.

E acrescentou:

— Whitehall ainda está investigando se existe alguma relação disso tudo com o Afeganistão, mas eu não levo fé nessas teorias.

Tenho certeza que você está certo, James.

— Obrigado, Percy. Você tem sido de grande ajuda.

— É um prazer ser útil.

Palavras que Bond teria achado condescendentes ontem soavam sinceras agora.

Eles desligaram e James contou a Felix Leiter o que Osborne-Smith tinha descoberto.

— Então, esse espantinho desse Dunne é engenheiro? Nos Estados Unidos, seria um *nerd*.

Um vendedor ambulante adentrara o restaurante e passava de mesa em mesa oferecendo rosas.

Leiter percebeu a direção do olhar de Bond.

— Escute uma coisa, James, o jantar estava maravilhoso, mas se você está pensando em coroar a noite com um buquê, isso não vai acontecer.

Bond riu.

O vendedor aproximou-se da mesa ao lado da deles e estendeu uma rosa para um casal jovem, sentado ali.

— Por favor — disse ele à esposa —, ofereço essa de graça para a bela senhora, com meus cumprimentos — e seguiu adiante.

Após um instante, Bond levantou o guardanapo e abriu o envelope, que havia, com toda naturalidade, retirado do bolso do homem.

Não esqueça: flores.

De forma discreta, examinou uma falsa licença para portar armas de fogo na África do Sul, devidamente carimbada e assinada.

— Está na hora de ir — disse ele, olhando o relógio. Não queria encontrar Hydt, Dunne e a mulher na saída do hotel.

— Essa fica por conta do tio Sam — falou Leiter, pagando a conta.

Eles saíram do bar e escaparam por uma porta lateral em direção ao estacionamento.

Em meia hora, estavam no aeroporto.

Apertaram-se as mãos, e Leiter disse, em voz baixa:

— Yusuf era um grande agente, claro. Mas, além disso, era um amigo. Se você esbarrar de novo com aquele filho da puta de casaco azul, atire nele, James, por favor.

Quarta-feira

OS CAMPOS DA MORTE

Quando o Boeing da Air Emirates taxiou tranquilamente sobre a pista em direção à área de desembarque, na Cidade do Cabo, James Bond espreguiçou-se e, depois, colocou os sapatos. Sentia-se renovado. Logo depois da decolagem em Dubai, havia tomado dois Jim Beams com um pouco de água. Aqueles drinques antes de dormir tiveram excelente efeito e ele havia tido quase sete horas de um sono abençoado e ininterrupto. Agora estava lendo as mensagens de texto que Bill Tanner enviara-lhe.

Contato: Cap. Jordaan, Combate ao Crime e Investigação, Departamento de Polícia da África do Sul. Jordaan vai encontrá-lo no lado de fora do aeroporto. Vigilância ativa sobre Hydt.

Depois, havia uma segunda:

Gregory Lamb, do MI6, ainda na Eritreia. Opinião de todos por aqui: evite-o se possível.

E ainda havia uma última:

Fico feliz em saber que você e Osborne-Smith se beijaram e fizeram as pazes. Quando vai ser a despedida de solteiro?

Bond teve que rir.

O avião parou no desembarque e o comissário deu início à liturgia de aterrissagem com a qual James estava tão familiarizado.

— Tripulação de bordo, verificar portas. Senhoras e senhores, tenham cuidado ao abrir o depósito de bagagens acima; o conteúdo pode ter se movido durante o voo.

Deus te abençoe, meu filho, pelo destino ter decidido trazer você em segurança de volta à terra... por um pouco mais de tempo, pelo menos.

Bond retirou a mala contendo seu laptop — a mala, que levava sua arma, ele havia despachado no check in — e dirigiu-se ao salão cheio da Imigração. Recebeu um carimbo *pro forma* no passaporte. Depois, foi para a alfândega. Mostrou a um funcionário atarracado e carrancudo sua licença para portar armas a fim de que pudesse pegar a mala. O homem olhou-o fixamente. James retesou-se, perguntando-se se haveria algum problema.

— Ok, ok — disse o homem, com seu rosto largo e brilhante inflado pelo poder do baixo funcionalismo — Agora me diga a verdade.

— Verdade? — perguntou Bond, tranquilamente.

— Sim... Como se aproxima o suficiente de um antílope ou uma gazela usando um revólver de caça?

— Esse é o desafio — respondeu ele.

— Deve ser.

Bond franziu a testa.

— Mas eu nunca caço gazelas.

— Não? Com ela se faz a melhor carne-seca.

— Talvez, mas atirar numa gazela traria azar para a Inglaterra no rúgbi.

O fiscal da alfândega riu alto, apertou a mão de Bond e fez-lhe sinal em direção à saída.

A sala de desembarque estava lotada de gente, a maioria usando roupas ocidentais, mas alguns trajavam vestes africanas tradicionais: *dashikis* masculinos com enfeites de brocado e, para as mulheres, cafetãs *kente* e panos enrolados na cabeça, tudo muito colorido. Era possível ver também túnicas e véus muçulmanos, além dos sáris.

Enquanto abria caminho em meio ao ponto de encontro dos passageiros, Bond detectou algumas línguas diferentes e uma infinidade de dialetos. Sempre fora fascinado pelo som seco dos idiomas africanos; em algumas palavras, as consoantes eram emitidas tanto com a boca quanto com a língua. O *khoisan* — falado pelos habitantes originais daquela parte da África — era o que fazia mais uso disso, embora o zulu e o *xhosa* também possuíssem a mesma característica. Bond havia tentado imitar e descoberto que era impossível reproduzir o som.

Quando seu contato, o capitão Jordaan, não apareceu de imediato, ele dirigiu-se a um café, sentou-se num banco no balcão e pediu um espresso duplo. Bebeu-o, pagou e saiu, olhando para uma linda mulher de negócios. Devia ter seus 30 e poucos anos, supôs, com maçãs do rosto altas e exóticas. A cabeleira negra, abundante e ondulada, revelava alguns fios grisalhos, prematuros, que acrescentavam algo a sua sensualidade. O tailleur vermelho escuro sobre uma blusa preta era justo e revelava uma silhueta generosa, porém atlética.

Acho que vou me divertir na África do Sul, pensou, e sorriu quando a deixou passar na frente, a caminho da saída. Como a maioria das mulheres atraentes em universos transitórios como os aeroportos, ela ignorou-o.

Ficou por alguns momentos no centro do setor de desembarque; depois, decidiu que talvez Jordaan estivesse esperando-o para se aproximar. Mandou uma mensagem de texto a Tanner pedindo uma fotografia. Contudo, assim que apertou o botão de envio, avistou um oficial de polícia: um ruivo grande de barba — um urso, que vestia um terno marrom claro, e que olhou para Bond uma vez esboçando uma reação, mas virou-se rápido e dirigiu-se a um quiosque para comprar cigarros.

A espionagem é cheia de subtextos: identidades falsas que mascaram quem se é realmente, conversas enfadonhas repletas de senhas para transmitir fatos traumáticos, objetos inocentes usados para ocultar coisas como armas.

A virada súbita de Jordaan para ir comprar cigarros era uma mensagem. Não havia se aproximado de Bond porque pessoas hostis encontravam-se presentes.

Olhando para trás, não viu nenhum sinal imediato de ameaça. Instintivamente, seguiu o procedimento prescrito. Quando um agente evita alguém, é conveniente sair da área próxima chamando o mínimo possível de atenção e contatar um intermediário, que coordena um novo encontro em local mais seguro. Essa pessoa, no caso, era Bill Tanner.

Bond começou a se locomover em direção à saída.

Tarde demais.

Enquanto via Jordaan esgueirando-se para dentro do banheiro dos homens, enfiando no bolso um maço de cigarros que provavelmente jamais fumaria, ouviu uma voz sinistra, bem perto de seu ouvido, dizer:

— Não se vire. — A voz possuía um inglês mesclado a uma leve camada de sotaque nativo.

Sentiu que o homem era alto e magro. Com o canto do olho, Bond deu-se conta de que havia, pelo menos, um parceiro, mais baixo, porém mais forte. Este se aproximou rápido, pegou seu laptop e a mala contendo a inútil Walther.

O primeiro deles disse:

— Caminhe direto para fora do salão, agora.

Não havia o que fazer, a não ser obedecer. Bond virou-se e obedeceu, tomando um corredor deserto.

Ele avaliou a situação. Pelo eco das passadas, percebeu que o parceiro do homem alto encontrava-se a uma distância suficiente para que um primeiro movimento neutralizasse um deles de imediato. O mais baixo teria que largar a mala e o laptop, o que daria a Bond alguns segundos para chegar até ele, mas, mesmo assim o homem ainda teria a chance de sacar a arma. Seria possível derrubá-lo ao chão, mas haveria tiros.

Não, refletiu Bond, havia inocentes demais por perto. Era melhor esperar até chegarem ao lado de fora.

— Passe pela porta à esquerda. Já disse para não olhar para trás.

Eles saíram para a luz do dia. Era outono lá. A temperatura estava fresca e o céu era de um azul estonteante. Quando se aproximaram da calçada em frente a um canteiro de obras vazio, um combalido Range Rover preto veio em direção a eles e freou, cantando pneu.

Mais gente, mas ninguém saía do veículo.

Propósito... reação.

O propósito era raptá-lo. Sua reação seria seguir as regras do manual e tentar uma rendição: primeiro desorientar e, depois, atacar. Passando casualmente o Rolex pelos dedos a fim de usá-lo

como soco-inglês, virou-se de repente e confrontou a dupla com um sorriso de desdém. Eram jovens, homens de uma seriedade letal, a pele contrastando com o branco imaculado das camisas engomadas. Vestiam terno — um marrom e o outro azul-marinho — e gravatas finas, escuras. Estavam, com toda probabilidade, armados, mas o excesso de confiança, talvez, levara-os a manter as pistolas no coldre.

Quando a porta do Range Rover abriu-se atrás dele, Bond deu um passo para o lado de forma que não pudesse ser atacado pelas costas e calculou os ângulos. Decidiu quebrar a mandíbula do mais alto primeiro e usar seu corpo como escudo quando se adiantasse em direção ao mais baixo. Olhou com tranquilidade nos olhos do homem e riu.

— Acho que vou denunciar você ao Departamento de Turismo. Sempre ouvi falar muito sobre a amabilidade dos sul-africanos. Esperava uma hospitalidade bem maior.

Justo quando ia atacar, ouviu atrás de si, dentro do veículo, uma voz feminina pétrea:

— Teríamos oferecido um pouco se você não tivesse se tornado um alvo tão óbvio, tomando calmamente um café, à vista de todos, com um inimigo solto no aeroporto.

Bond relaxou o punho e voltou-se. Olhou para dentro do veículo e tentou sem sucesso disfarçar a surpresa. A bela mulher que tinha visto momentos antes, no desembarque, estava sentada no banco de trás.

— Sou a capitã Bheka Jordaan, da polícia sul-africana, Divisão de Combate ao Crime e Investigação.

— Ah — disse Bond, olhando para os lábios grossos sem batom e para os olhos escuros. Ela não estava sorrindo.

Seu celular emitiu um sinal. A tela mostrava que havia uma mensagem de Bill Tanner juntamente com um retrato da mulher à sua frente.

O raptor alto disse:

— Comandante Bond, eu sou o primeiro-sargento Kwalene Nkosi, do Serviço Sul-Africano de Polícia.

Ele estendeu a mão, e suas palmas tocaram-se da maneira tradicional sul-africana — primeiro um aperto, como no Ocidente, seguido de um entrelaçamento vertical, e, depois, de volta à posição original. Bond sabia que era considerado falta de educação retirar a mão muito rápido. Aparentemente, fez a coisa da maneira certa; Nkosi sorriu de forma calorosa e, depois, fez um sinal com a cabeça em direção ao homem mais baixo, que estava levando a mala e o laptop de James para a traseira do Range Rover.

— E aquele é o sargento Mbalula.

O homem atarracado balançou a cabeça sem sorrir e, após guardar os pertences de Bond, desapareceu rápido, provavelmente indo para o próprio veículo.

— Por favor, perdoe nossa falta de gentileza, comandante — disse Nkosi. — Achamos que seria melhor tirá-lo do aeroporto o mais depressa possível do que perder tempo explicando.

— Não vamos mais perder tempo com amabilidades, primeiro-sargento — resmungou Bheka Jordaan com impaciência.

Bond sentou no banco de trás, ao lado dela. Nkosi foi no banco do carona, na frente. Um momento depois, o sedã preto do sargento Mbalula, também sem identificação, parou ao lado deles.

— Vamos — gritou Jordaan. — Rápido.

O Range Rover afastou-se do meio-fio, entrou no tráfego apressadamente, fazendo com que o motorista recebesse uma série

de buzinas vigorosas e xingamentos de praxe, e acelerou para mais de 90 quilômetros por hora, numa zona onde o permitido era 40.

Bond tirou o celular do cinto, digitou no teclado e leu as respostas.

— Primeiro-sargento? — perguntou Jordaan a Nkosi. — Alguma coisa?

Ele estava olhando pelo espelho lateral e respondeu no que parecia ser zulu ou *xhosa*. James não falava nenhuma das duas línguas, mas estava claro, pelo tom da resposta e pela reação da mulher, que ninguém os seguia. Quando se encontravam já fora da área do aeroporto e deslocavam-se em direção a uma cadeia de montanhas baixas mas impressionantes a distância, o veículo diminuiu um pouco a velocidade.

Jordaan estendeu a mão. Bond inclinou-se sorrindo para apertá-la e depois parou. Ela estava segurando um telefone celular.

— Se não for incômodo — falou, com ar sério —, toque na tela, aqui.

Era o fim das preliminares nas relações internacionais.

Ele pegou o telefone, apertou o polegar no centro da tela e devolveu-o. Jordaan leu a mensagem que surgiu:

— James Bond. Grupo de Desenvolvimento Ultramarino, Ministério do Exterior e Ministério dos Negócios Estrangeiros e Common-wealth. Agora é a sua vez de confirmar minha identidade — disse ela estendendo a mão com os dedos abertos. — Imagino que você tenha um aplicativo que possa analisar minhas digitais.

— Não há necessidade.

— Por quê? — perguntou ela, friamente. — Porque você me acha uma mulher bonita não precisa de maiores verificações? Eu poderia

ser uma assassina. Uma terrorista da al-Qaeda com uma bomba embaixo da roupa.

Ele decidiu não mencionar que o primeiro exame de sua silhueta não havia revelado qualquer evidência de explosivos e respondeu, talvez com um excesso de desenvoltura:

— Não preciso de suas digitais porque, além da sua foto, que o departamento mandou, meu celular leu sua íris alguns minutos atrás e confirmou que você é, de fato, a capitã Bheka Jordaan, da Divisão de Combate ao Crime e Investigação do Departamento de Polícia da África do Sul, no qual trabalha há oito anos. Você mora na Leeuwen Street, na Cidade do Cabo. Ano passado, recebeu uma Cruz de Ouro por bravura. Parabéns.

Também descobrira a idade, 32 anos, o salário, e que era divorciada.

O primeiro-sargento Nkosi virou-se no assento, olhou para o celular e disse com um amplo sorriso:

— Comandante Bond, esse seu brinquedo é bom. Sem dúvida.

Jordaan repreendeu-o:

— Kwalene!

O sorriso do jovem desapareceu e ele voltou ao posto de sentinela no espelho retrovisor.

Ela fitou com desdém o celular de Bond.

— Vamos para o meu quartel pensar em como resolver a situação com Severan Hydt. Trabalhei com seu tenente-coronel Tanner quando ele estava no MI6, por isso concordei em ajudá-lo. Ele é inteligente e muito dedicado ao trabalho. E um cavalheiro também.

Isso implicava que Bond, provavelmente, não o era. Ele estava irritado porque Jordaan havia-se ressentido tanto diante do que fora

um — *relativamente* inocente — sorriso no setor de desembarque. A policial era atraente, e ele não devia ter sido o primeiro homem a flertar com ela.

— Hydt está no escritório? — perguntou ele.

— Correto — respondeu Nkosi. — Ele e Niall Dunne estão na Cidade do Cabo. O sargento Mbalula e eu os seguimos desde o aeroporto. Tinha uma mulher com eles também.

— Estão sob vigilância?

— Sim. Nosso sistema de circuito fechado de TV é baseado no de Londres, de forma que há câmeras em tudo quanto é lugar no centro. Ele está no escritório e é monitorado a partir de uma locação central. Podemos rastreá-lo para qualquer lugar se sair. Também temos nossos brinquedos, comandante.

Bond sorriu para ele e, depois, disse a Jordaan:

— Você mencionou um inimigo no aeroporto.

— Ficamos sabendo pela Imigração que chegou um homem de Abu Dhabi na mesma hora em que você. Estava viajando com um passaporte britânico falso. Só descobrimos isso depois que ele passou pela alfândega e desapareceu.

O homem com cara de urso que confundira com Jordaan? Ou o de casaco azul do shopping center na enseada de Dubai? Ele os descreveu.

— Não sei — respondeu Jordaan, de forma seca. — Como eu disse, nossa única informação era documental. Como ninguém esperava por ele, achei melhor não receber você pessoalmente no setor de desembarque. Então enviei meus agentes.

Ela inclinou-se para a frente de súbito e perguntou a Nkosi:

— Está vendo alguém agora?

— Negativo, capitã. Não estamos sendo seguidos.

Bond disse a Jordaan:

— Você parece preocupada com a possibilidade de estarmos sendo observados.

— A África do Sul é como a Rússia — comentou ela. — O antigo regime caiu e vivemos uma realidade totalmente nova aqui. Isso atrai pessoas que querem fazer dinheiro envolvendo-se com política e todo o tipo de coisa. Às vezes legais, outras vezes não.

Nkosi disse:

— Temos um ditado. “Onde há muitas oportunidades, aparecem muitos espões.” Temos isso sempre em mente no Serviço de Polícia da África do Sul, e olhamos para trás toda hora. Seria bom que fizesse o mesmo, comandante Bond. Pode acreditar.

O quartel-general da polícia, na Buitenkant Street, no centro da Cidade do Cabo, assemelhava-se mais a um agradável hotel do que a um prédio do governo. Com dois andares, paredes de tijolos vermelhos e telhado da mesma cor, dava para a ampla e limpa avenida margeada por palmeiras e jacarandás.

O motorista parou na frente para que saltassem. Jordaan e Nkosi pisaram na calçada e olharam em volta. Quando não viram nenhum sinal de observadores ou ameaças, o primeiro-sargento fez um gesto a Bond, indicando-lhe que podia sair. Ele foi até o porta-malas pegar o laptop e a mala e, depois, seguiu os oficiais até o interior.

Quando entraram no prédio, James piscou, surpreso diante do que viu. Havia uma placa com os dizeres "*Servamus et Servimus*", mote do Serviço de Polícia da África do Sul, imaginou ele. "Protegemos e servimos."

O que o fez parar, no entanto, foi o fato de que as duas palavras principais soavam estranha e ironicamente como o primeiro nome de Severan Hydt.

Sem esperar pelo elevador, Jordaan subiu a escada que levava ao segundo andar. Sua sala modesta era cheia de livros e periódicos

profissionais, mapas atuais da Cidade do Cabo, da província do Cabo Ocidental e um mapa emoldurado de 120 anos da costa leste da África do Sul, que mostrava a região de Natal, com o porto de Durban, e a cidade de Ladysmith misteriosamente circundada com tinta antiga e desbotada. A Zululândia e a Suazilândia apareciam ao norte.

Havia fotografias emolduradas sobre a mesa de Jordaan. Numa delas, apareciam um homem louro e uma mulher de pele escura de mãos dadas — o casal estava em várias outras fotos. Ela tinha uma vaga semelhança com Jordaan, e Bond chegou à conclusão de que deviam ser seus pais. Proeminentes, também, eram as fotos de uma senhora idosa, que vestia trajes típicos africanos, e outras, de crianças. James achou que não eram filhas de Jordaan. Não se via qualquer retrato dela com um parceiro.

Divorciada, lembrou-se ele.

Além das fotografias, repousavam sobre a mesa cerca de cinquenta pastas de casos. O universo policial, como o da espionagem, envolvia mais papelada do que armas e dispositivos.

Apesar do fim de outono na África do Sul, o clima estava temperado, e o escritório, quente. Após um momento de hesitação, Jordaan tirou o casaco vermelho e pendurou-o. A blusa preta era de manga curta, e ele percebeu uma longa camada de cosmético na parte de dentro do antebraço direito. Ela não parecia ser do tipo que gostava de tatuagens, mas talvez estivesse escondendo uma. Depois, James chegou à conclusão de que, na verdade, o creme encobria uma cicatriz larga e comprida.

Cruz de Ouro por Bravura...

Bond sentou-se em frente a ela e ao lado de Nkosi, que desabotoou o paletó e permaneceu inflexivelmente ereto. Ele

perguntou aos dois:

— O coronel Tanner contou a vocês qual é minha missão aqui?

— Só disse que você estava investigando Severan Hydt sobre uma questão de segurança nacional.

Bond fez um relato acerca do que se sabia sobre o Incidente Vinte — também chamado de Geena —, e sobre as mortes iminentes na sexta-feira.

Rugas apareceram na testa alta de Nkosi. Jordaan escutou as informações com olhar imóvel e cruzando as mãos, nas quais se viam anéis modestos nos dois dedos médios.

— Entendo. E as provas são cabais?

— São. Isso surpreende você?

Ela respondeu com voz uniforme:

— Severan Hydt é um mal improvável. Já ouvimos falar dele, é claro. Abriu a Green Way International aqui dois anos atrás, e tem contratos para fazer a maior parte da coleta e reciclagem de lixo nas grandes cidades da África do Sul: Pretória, Durban, Porto Elizabeth, Joburg e, naturalmente, em toda a região oeste daqui. Tem feito muitas coisas boas por nossa nação. Esse país se encontra num estado de transição, como você sabe, e nosso passado nos levou a problemas com relação ao meio-ambiente. A mineração de ouro e diamante, a pobreza e a falta de infraestrutura têm o seu preço. A coleta de lixo era um problema sério nos assentamentos e nas comunas. Para compensar as remoções provocadas pelo Ato de Terras Nativas, no tempo do *apartheid*, o governo construiu residências, *lokasies*, ou locações, como são chamadas, para as pessoas viverem, em vez de barracos. Mas, mesmo lá, a população era tão grande que a coleta de lixo não conseguia ser feita de maneira eficiente, *quando* era feita. As doenças eram um problema.

Severan Hydt tem revertido em grande parte essa situação. E também faz doações para instituições de caridade que lidam com a AIDS e o combate à fome.

As organizações criminosas mais sérias possuem especialistas em relações públicas em suas diretorias, refletiu Bond; ser um “mal improvável” não isentava ninguém de uma boa investigação.

Jordaan pareceu notar seu ceticismo, mas continuou:

— Só estou dizendo que ele não se encaixa muito no perfil de terrorista ou de gênio do crime. Mas, se for, meu departamento está pronto para fazer tudo que possa para ajudar.

— Obrigado. E você sabe alguma coisa sobre o parceiro dele, Niall Dunne?

Ela respondeu:

— Nunca tinha ouvido esse nome até hoje de manhã. Fiz uma investigação. Ele entra e sai daqui com um passaporte britânico legítimo, e vem fazendo isso há anos. Nunca tivemos problema com ele. Não está em nenhuma lista de pessoas a serem observadas.

— O que vocês sabem sobre a mulher que está com eles?

Nkosi consultou um arquivo:

— Passaporte americano. Jessica Barnes. Ela é um enigma para nós, eu diria. Sem ficha policial. Nenhuma atividade criminosa. Nada. Temos umas fotos.

— Esta não é ela — disse Bond, olhando as imagens de uma jovem loura, uma verdadeira beleza.

— Ah, perdão. Eu devia ter avisado. São fotos antigas. Peguei na internet — falou Nkosi, virando um dos retratos. — Essa é da década de 1970. Ela foi Miss Massachusetts e concorreu a Miss América. Hoje tem 64 anos.

Agora que sabia a verdade, Bond percebeu a semelhança. Depois, perguntou:

— Onde fica a sede da Green Way?

— Há duas — respondeu Nkosi. — Uma fica perto, e a outra, a uns 30 quilômetros daqui, e é a maior usina de tratamento e reciclagem de Hydt.

— Preciso entrar nas duas e descobrir o que ele está tramando.

— Claro — disse Bheka Jordaan, fazendo uma longa pausa depois. — Mas você está falando sobre fazer isso por meios legais, certo?

— “Meios legais”?

— Você pode segui-lo na rua, observá-lo em público. Mas não posso conseguir um mandado para colocar uma escuta na casa ou no escritório dele. Como eu disse, Severan Hydt não fez nada de errado aqui.

Bond quase sorriu.

— Na minha profissão, em geral não se pede mandado.

— Mas eu peço, é claro.

— Capitã, esse homem já tentou me matar duas vezes, na Sérvia e no Reino Unido, e, ontem, tramou a morte de uma jovem e, possivelmente, a de um agente da CIA em Dubai.

Ela franziu o cenho, mostrando simpatia no rosto.

— Isso é muito triste. Mas esses crimes não aconteceram em solo sul-africano. Se me mandarem um pedido de extradição vindo de alguma dessas jurisdições, vou executá-lo com o maior prazer. Mas sem isso... — disse ela, levantando as palmas da mão.

— Não o queremos preso — falou Bond, exasperado. — Não queremos provas para julgá-lo. O motivo da minha vinda aqui é

descobrir o que ele planejou para sexta-feira e impedir que isso aconteça. E eu pretendo fazê-lo.

— E pode, desde que faça tudo isso legalmente. Se está planejando invadir a casa ou o escritório dele, isso seria uma transgressão, o que exporia *você* a uma acusação criminal — disse ela, virando os olhos de granito em sua direção, e Bond teve certeza absoluta de que ela adoraria colocar um par de algemas em seus pulsos.

— Ele tem que morrer.

Sentado em sua sala no prédio da Green Way International, no centro da Cidade do Cabo, Severan Hydt segurava o telefone com força enquanto escutava aquelas palavras frias de Niall Dunne. Não, refletiu ele, isso não era exato. Não havia frio nem calor. O comentário fora completamente neutro.

E isso, de certa maneira, demonstrava frieza.

— Explique — disse Hydt desenhando, de forma ausente, um triângulo sobre a mesa com uma unha longa e amarelada.

Dunne tinha-lhe contado que um operário da Green Way havia, provavelmente, descoberto algo sobre o Geena. Era um dos trabalhadores legítimos da usina de tratamento, ao norte da Cidade do Cabo, que não tinha nenhum conhecimento sobre as atividades clandestinas de Hydt. Acidentalmente, havia entrado numa área restrita do prédio principal e poderia ter visto alguns e-mails sobre o projeto.

— Nesse momento, ele não vai saber o que significam, mas quando a notícia do incidente chegar aos jornais mais tarde, o que

vai acontecer, é claro, talvez deduza que estávamos por trás e contar à polícia.

— E o que você sugere?

— Estou pensando nisso nesse momento.

— Mas se você matá-lo, a polícia não vai fazer perguntas, visto que trata-se de um empregado?

— Vou dar um jeito nele onde mora, num assentamento. Não vai ter muita polícia, provavelmente nenhuma. As vans vão cuidar disso, com toda certeza, e não vão nos causar nenhum problema.

Nos assentamentos, nas comunas e até nos *lokasies* novos, as empresas de vans eram mais do que simples fornecedoras de transporte. Haviam assumido o papel de juiz e júri, ouvindo casos, rastreando e castigando os criminosos.

— Tudo bem. Mas vamos agir rápido.

— Esta noite, depois que ele chegar em casa.

Dunne desligou e Hydt retornou ao trabalho. Desde a chegada, tinha passado toda a manhã fazendo planos relativos à fabricação das novas máquinas de destruição de discos rígidos criadas por Mahdi al-Fulan, e relativos aos vendedores da Green Way, pois queria que começassem a oferecê-las aos clientes.

Entretanto, perdeu a concentração e ficou imaginando o corpo da jovem Stella, que jazia agora numa sepultura em algum lugar sob as areias inquietas do Empty Quarter, ao sul de Dubai. Enquanto sua beleza, em vida, não o havia excitado, a visão mental que fazia de seu corpo daqui a meses ou anos cumpria esse papel. E, dali a um milênio, estaria exatamente como os corpos que vira no museu na noite anterior.

Ele levantou-se, pendurou o paletó num gancho e voltou à mesa. Recebeu e fez uma série de telefonemas, todos relacionados aos

negócios legítimos da Green Way. Nenhum deles era particularmente interessante... até o chefe de vendas da companhia na África do Sul, que se encontrava no andar exatamente abaixo do de Hydt, ligar.

— Severan, estou com um africâner de Durban na linha. Ele quer falar com você sobre um projeto de remoção.

— Mande um prospecto para ele e diga que vou estar ocupado até semana que vem.

O Geena era prioridade, e Hydt não tinha interesse nenhum em negociar com clientes novos no momento.

— Ele não quer nos contratar. Está falando sobre um acordo entre a Green Way e a firma dele.

— Empreendimento conjunto? — perguntou Hydt, com cinismo. Sempre surgiam empreendedores quando se começava a obter sucesso e publicidade na área escolhida.

— É coisa demais agora. Não estou interessado. Mas agradeça a ele.

— Ok. Ah, mas eu devia ter mencionado uma coisa estranha. Disse que o problema que está tendo é igual ao de Isandlwana, na década de 1870.

Hydt tirou os olhos dos documentos sobre a mesa. No momento seguinte, percebeu que estava segurando o fone com força.

— Tem certeza que foi isso que ele disse?

— Sim. "Igual ao de Isandlwana". Não faço a menor ideia do que seja.

— Ele está em Durban?

— A sede de sua firma é lá. Mas hoje ele está no escritório da Cidade do Cabo.

— Pergunte se pode dar um pulo aqui.

— Quando? — perguntou o gerente de vendas.

Fez-se uma pausa de fração de segundos e, depois, Hydt disse:
— Agora.

Em janeiro de 1879, a guerra entre Grã-Bretanha e o reino Zulu começou para valer com uma derrota impressionante dos ingleses. Em Isandlwana, forças esmagadoras (20 mil zulus contra menos de 2 mil britânicos e tropas coloniais) e algumas decisões técnicas mal tomadas resultaram num desastre absoluto. Foi lá que os zulus romperam o quadrado britânico, a famosa formação defensiva na qual uma linha de soldados atirava enquanto outra, exatamente atrás, recarregava, oferecendo ao inimigo uma saraivada de balas quase ininterrupta — nesse caso, com os mortais rifles de retrocarga Martini-Henry.

Todavia, a tática não funcionou: 1.300 soldados ingleses e das forças aliadas morreram.

O problema de “remoção” a que o africâner tinha se referido só podia significar uma coisa. A batalha ocorrera num mês de janeiro, durante os dias tórridos do verão, na região que era agora KwaZulu-Natal; remover os corpos rapidamente se tornara uma necessidade... e uma questão logística importante.

A remoção de restos mortais era também um dos problemas mais sérios que o Geena apresentaria em projetos futuros, e Hydt e Dunne o vinham discutindo desde o mês anterior.

Por que, em nome de Deus, um empresário de Durban teria um problema desse tipo, que necessitava da assistência de Hydt?

Dez longos minutos depois, sua secretária apareceu à porta:

— Sr. Theron, de Durban, está aqui, senhor.

— Ótimo, ótimo. Faça-o entrar, por favor.

Ela desapareceu, retornando um momento depois com um homem de aparência vigorosa e tensa, que olhou para a sala de Hydt com cautela e com um certo ar desafiador. Vestia o traje habitual de negócios na África do Sul: terno e camisa elegante, mas sem gravata. Qualquer que fosse seu ramo, devia ser bem-sucedido: uma pesada pulseira de ouro circundava-lhe o punho direito, e o relógio era um reluzente Breitling. Usava também um anel de ouro com as iniciais, presunçoso demais, na opinião de Hydt.

— Bom dia — disse o homem, apertando a mão de Severan.

Notou as unhas longas e amareladas, mas não recuou, como já havia acontecido em mais de uma ocasião.

— Gene Theron — apresentou-se ele.

— Severan Hydt.

Os dois trocaram cartões profissionais.

Eugene F. Theron
Presidente, EJT Serviços, Ltda.
Durban, Cidade do Cabo e Kinshasa

Hydt refletiu: um escritório na capital do Congo, uma das cidades mais perigosas da África. Aquilo era interessante.

O homem olhou para a porta, que se encontrava aberta. Hydt levantou-se e fechou-a, retornando à mesa.

— Você é de Durban?

— Sou, e meu escritório principal fica lá. Mas viajo muito, e você? — O ligeiro sotaque era melodioso.

— Londres, Holanda e aqui. Vou muito ao Extremo Oriente e à Índia também. Onde quer que os negócios me levem. “Theron”. O nome é huguenote, não?

— Sim.

— Esquecemos que os africanos nem sempre são holandeses.

Theron levantou uma sobrancelha, como se ouvisse aquele tipo de comentários desde que era criança e estivesse cansado dele.

O telefone de Hydt tocou. Ele olhou para a tela. Era Niall Dunne.

— Com licença, um instante — disse a Theron, que balançou a cabeça. — Sim? — atendeu Hydt, apertando o telefone contra o ouvido.

— Theron é legítimo. Passaporte sul-africano. Mora em Durban e tem uma firma de segurança, com sede lá e filiais aqui e em Kinshasa. Pai africano, mãe britânica. Foi criado no Quênia.

Dunne continuou:

— É suspeito de fornecer tropas e armas para regiões conflituosas na África, no sudeste da Ásia e no Paquistão. Não existe nenhum inquérito em curso sobre ele. Os cambojanos o detiveram durante uma investigação sobre tráfico humano e fornecimento de mercenários, por coisas que andou fazendo em Shan, Mianmar, mas o deixaram ir. Nada na Interpol. E é muito bem-sucedido, pelo que sei.

Hydt já tinha deduzido isso sozinho; o Breitling do homem valia algo em torno de 5 mil libras.

— Acabo de te mandar uma foto — acrescentou Dunne.

Ela apareceu na tela de Hydt e mostrava o homem a sua frente.

Dunne continuou:

— Mas... seja lá o que ele estiver propondo, tem certeza de que quer pensar nisso agora?

Hydt achou que ele estava com ciúmes — talvez porque o mercenário pudesse ter um projeto que desviasse a atenção dos planos de Dunne para o Geena.

— Esses números de vendas são melhores do que pensei. Obrigado — disse ele, desligando e perguntando, então, a Theron: — Como você me descobriu?

Embora estivessem sozinhos, Theron baixou a voz quando virou os olhos duros e astutos na direção de Hydt.

— No Camboja. Estava fazendo um trabalho lá. E umas pessoas me falaram sobre você.

Ah. Hydt entendeu, e a compreensão causou-lhe excitação. No ano anterior, a negócios, no Extremo Oriente, havia feito uma escala para visitar uns cemitérios dos famosos Campos da Morte, onde o Khmer Vermelho massacrara milhões de cambojanos na década de 1970. No memorial de Choeung Ek, onde quase 9 mil corpos tinham sido enterrados em valas comuns, Hydt conversara com vários veteranos sobre a matança, e havia tirado centenas de fotos para sua coleção. Algum deles deve ter mencionado seu nome para Theron.

— Você tinha negócios lá, é isso? — perguntou Hydt, pensando no que Dunne havia descoberto.

— Perto — respondeu Theron, num tom apropriadamente evasivo.

Hydt estava morrendo de curiosidade, mas, homem de negócios em primeiro lugar, tentou não parecer muito entusiasmado.

— E o que Isandlwana e Camboja têm a ver comigo?

— São lugares onde ocorreram grandes perdas de vida. Muitos corpos foram enterrados no ponto onde caíram no campo de batalha.

Choeung Ek fora um genocídio, e não uma batalha, mas Hydt não o corrigiu.

— Eles se tornaram locais sagrados. E isso é bom, imagino. Só que... — disse o africâner, fazendo uma pausa. — Vou contar a você sobre um problema de que fiquei sabendo e uma solução que me ocorreu. Aí, você me diz se essa solução é possível e se há algum interesse de sua parte em ajudar a pô-la em prática.

— Continue.

Theron disse:

— Tenho muitas ligações com governos e companhias em várias partes da África. — Ele fez uma pausa. — Darfur, Congo, República Centro-Africana, Moçambique, Zimbábue e outros também.

Só regiões de conflito, pensou Hydt.

— E esses grupos estão preocupados com as consequências que surgem depois de, digamos, um desastre natural. Estamos falando de secas, escassez de alimentos, tempestades, ou, para ser mais franco, de qualquer lugar onde uma grande perda de vidas humanas tenha ocorrido e haja corpos para enterrar. Como no Camboja ou em Isandlwana.

Hydt falou, com toda inocência possível:

— Esses casos têm implicações sanitárias sérias. Contaminação de fontes de água, doenças.

— Não — disse Theron, de forma direta. — Estou querendo dizer outra coisa. Superstição.

— Superstição?

— Digamos que, por exemplo, devido à falta de dinheiro ou recursos, corpos tenham sido deixados em valas comuns. Uma pena, mas acontece.

— É verdade.

— Agora, se um governo ou uma instituição de caridade quiser construir alguma coisa para o bem do povo, um hospital, um

conjunto habitacional ou uma estrada nessas áreas, vai haver relutância. A terra é perfeitamente boa, existe dinheiro para se construir e trabalhadores que querem empregos, mas muitas pessoas temem fantasmas, espíritos, e têm medo de ir para aquele hospital, ou de se mudar para aquelas casas. Para mim, isso é um absurdo, e para você também, com certeza. Mas muita gente pensa assim — disse ele, dando de ombros. — Que tristeza para os cidadãos dessas áreas se a saúde e a segurança deles ficarem comprometidas por esses temores sem sentido.

Hydt escutava, fascinado, batendo com as unhas sobre a mesa. Teve que forçar-se a parar.

— Então, minha ideia é a seguinte: estou pensando em oferecer uma forma a essas, bem, agências governamentais de remover aqueles restos humanos — falou Theron, e seu rosto iluminou-se. — O que vai permitir a construção de mais fábricas, hospitais, estradas, fazendas, escolas, e ajudar os pobres, os desvalidos.

— Sim — disse Hydt. — Reenterrar os corpos em outro lugar.

Theron colocou as mãos sobre a mesa. O anel de ouro com suas iniciais faiscou ao ser iluminado por um raio de sol.

— Essa é uma possibilidade. Mas iria ficar muito cara. E o problema pode surgir mais uma vez, no novo local.

— Certo. Mas existe alternativa? — perguntou Hydt.

— Sua especialidade.

— Como assim?

Num sussurro, Theron respondeu:

— Talvez... reciclar.

Hydt viu claramente o cenário. Gene Theron, um mercenário obviamente muito bem-sucedido, já tinha fornecido tropas e armas para vários exércitos e senhores da guerra africanos: homens que

havam massacrado em segredo centenas ou milhares de pessoas e ocultado os corpos em valas comuns. Agora, estavam ficando preocupados com a possibilidade de que governos legítimos, forças de paz, imprensa ou grupos humanitários descobrissem os corpos.

Theron enriquecera fornecendo meios de destruição. Agora, queria aumentar a sua fortuna removendo as evidências do uso desses meios.

— Me pareceu uma solução interessante — continuou ele. — Mas eu não saberia como fazê-lo. Seus... interesses no Camboja e sua companhia de reciclagem aqui me pareceram indícios de que, talvez, isso fosse uma coisa que você mesmo já tivesse pensado também. Ou que gostaria de considerar — disse, com os olhos frios fixos em Hydt. — Pensei em, quem sabe, concreto ou gesso. Talvez fertilizante?

Transformar corpos em produtos que jamais pudessem ser reconhecidos como restos humanos! Hydt mal conseguia conter-se. Absolutamente brilhante. Ora, deve haver centenas de oportunidades como essa espalhadas pelo mundo — Somália, a ex-Iugoslávia, América Latina... e existiam muitos campos da morte na África. Milhares. Seu coração martelava.

— Bem, essa é minha ideia. Uma parceria meio a meio. Eu forneço os despojos e você recicla — concluiu Theron, parecendo achar tudo muito divertido.

— Acho que vamos poder fazer negócio — falou Hydt, oferecendo a mão ao africâner.

O risco mais grave que James Bond corria, ao assumir o disfarce não oficial de Gene Theron, era que Niall Dunne pudesse, talvez, tê-lo visto na Sérvia ou em Fens, ou tivesse recebido sua descrição em Dubai — caso o homem de casaco azul que o havia seguido trabalhasse para Hydt.

Nesse caso, quando entrasse atrevidamente no escritório da Green Way, na Cidade do Cabo, e tentasse contratar os serviços de Hydt para remover os corpos ocultos em covas secretas por toda a África, Dunne o mataria na hora ou o levaria para seu próprio campo da morte, onde a coisa poderia ser feita com fria eficiência.

Porém, agora, apertando a mão do intrigado Severan Hydt, Bond acreditava que o disfarce estava convencendo. O dono da Green Way ficara desconfiado a princípio, obviamente, mas havia-se disposto a conceder a Theron o benefício da dúvida. Por quê? Pelo fato de Bond ter-lhe oferecido uma tentação, um chamariz ao qual não conseguia resistir: morte e decomposição.

Naquela manhã, no quartel-general da polícia sul-africana, James contatara Philly Maidenstone e Osborne-Smith — seu novo aliado —, e eles haviam garimpado os dados dos cartões de crédito de Hydt e

da Green Way. Ficaram sabendo que ele não só tinha ido aos campos da morte no Camboja como também à Cracóvia, na Polônia, onde fizera muitas visitas a Auschwitz. Entre as compras que fizera na época, constavam baterias AA e um segundo chip de memória flash para a câmera.

O cara tem uma noção completamente diferente de pornografia...

Bond decidiu que, ao entrar na vida de Hydt, estaria oferecendo-lhe uma chance de satisfazer esse desejo: acesso a campos da morte secretos por toda a África, e uma proposta para reciclar restos humanos.

Nas últimas três horas, esforçara-se, sob a supervisão de Bheka Jordaan, para tornar-se um mercenário africâner de Durban. Gene Theron possuiria uma história ligeiramente incomum: ancestrais huguenotes em vez de holandeses e os pais teriam dado preferência ao inglês e ao francês na casa de sua juventude, o que explicaria o fato de ele não falar muito africâner. Uma educação britânica no Quênia serviria de disfarce para o sotaque. Contudo, ela havia feito Bond aprender um pouco do dialeto; se Leonardo DiCaprio e Matt Damon tinham dominado a entonação sutil em filmes recentes — e eram americanos, pelo amor de Deus —, ele também poderia conseguir.

Enquanto ela informava-o sobre fatos que um mercenário sul-africano deveria saber, o sargento Mbalula ia ao escaninho onde se guardavam provas. Lá, encontrou um chamativo relógio Breitling, pertencente a um traficante de drogas preso, para substituir o classudo Rolex de Bond, além de uma pulseira de ouro, que um mercenário bem-sucedido usaria. Depois, deu um pulo correndo

numa joalheria do Gardens Shopping Center, na Mill Street, onde comprou um anel de sinete de ouro e mandou gravar as iniciais EJT.

Enquanto isso, o primeiro-sargento Kwalene Nkosi trabalhava febrilmente com a Seção I do GDU, em Londres, para criar o fictício Gene Theron, colocando na internet informações biográficas sobre o mercenário durão, com retratos de photoshop e detalhes sobre sua suposta companhia.

Uma série de palestras sobre identidades falsas, em Fort Monckton, podia ser resumida com a frase introdutória do instrutor:

— Se alguém não está na internet, não existe.

Nkosi também mandara imprimir cartões profissionais para a EJT Serviços Ltda., e o MI6, em Pretória, pedira alguns favores para conseguir registrar a firma em tempo recorde e ter os documentos antedatados. Jordaan não gostou muito daquilo — era, a seu ver, uma quebra do papel sagrado da lei —, mas como ela e o departamento de polícia não estavam envolvidos, deixou passar. A Seção I também criou uma investigação criminal falsa, no Camboja, sobre a conduta questionável de Theron em Mianmar, que mencionava atividades duvidosas em outros países também.

O africâner *faux* havia vencido o primeiro obstáculo. O segundo — e mais perigoso — estava se aproximando. Hydt encontrava-se ao telefone, chamando Niall Dunne para conhecer “um empresário de Durban”.

Após ter desligado, Severan disse casualmente:

— Uma pergunta. Você teria fotos dos campos? Das valas?

— Elas podem ser providenciadas — respondeu Bond.

— Ótimo — falou Hydt, sorrindo como um garoto de escola e passando as costas da mão na barba.

Bond ouviu a porta atrás dele abrir-se.

— Ah, aí está meu sócio, Niall Dunne... Niall, esse é Gene Theron. De Durban.

A pergunta era: estaria a ponto de levar um tiro? Bond ergueu-se, virou-se e foi até o irlandês, olhando direto em seus olhos e oferecendo o sorriso duro de um homem de negócios encontrando outro pela primeira vez. Enquanto apertavam as mãos, Dunne fitava-o, e seus frios olhos azuis cortavam-no como faca.

Não havia, entretanto, nenhuma suspeita no olhar. Bond estava certo de que não havia sido reconhecido.

Fechando a porta atrás de si, o irlandês lançou um olhar inquisitivo ao chefe, que lhe entregou o cartão da EJT Serviços. Os homens sentaram-se.

— O Sr. Theron tem uma proposta — disse Hydt, com entusiasmo, descrevendo o plano em termos gerais.

Bond viu que Dunne também estava intrigado.

— Sim — disse ele. — Isso pode ser bom. Há que se considerar a logística, naturalmente.

Hydt continuou:

— O Sr. Theron vai providenciar fotos para que possamos ver os locais, para nos dar uma ideia melhor do que estaria envolvido na operação.

Dunne lançou-lhe agora um olhar de preocupação — o irlandês não desconfiava de nada, mas parecia contrariado.

Ele lembrou a Hydt:

— Temos que estar na fábrica às 15h30. Para aquele encontro — depois, voltou de novo os olhos para Bond. — O seu escritório fica dobrando a esquina — tinha memorizado o endereço num vislumbre, notou Bond. — Por que não as pega agora? As fotos.

— Bem... eu poderia — disse James, protelando.

Dunne encarou-o sem emoção.

— Ótimo.

Quando abriu a porta para Bond, o paletó abriu-se, revelando a Beretta na cintura, provavelmente a mesma que usara para matar os homens na Sérvia.

Seria uma mensagem? Um aviso?

Fingiu não ter visto. Balançou a cabeça para os dois homens.

— Volto daqui a trinta minutos.

Porém, Gene Theron havia-se ido a apenas cinco quando Dunne disse:

— Vamos.

— Para onde? — perguntou Hydt, franzindo o cenho.

— Até o escritório de Theron. Agora.

Severan observou que o desengonçado sócio estava com uma *daquelas* expressões no rosto, desafiadora, petulante.

Aquele ciúme bizarro de novo. O que passava pela cabeça de Dunne?

— Por quê? Você não confia nele?

— Não é uma má ideia, pense nisso — disse o irlandês, casualmente. — Estávamos falando de remover corpos. Mas isso não tem nada a ver com sexta-feira. Só me parece um pouco estranho que ele apareça assim, do nada. Me deixa nervoso.

Como se uma emoção dessas pudesse transparecer no frio sapador.

Hydt relaxou. Precisava de alguém que pusesse seus pés no chão, e era verdade que se deixara seduzir pela proposta de Theron.

— Você está certo, claro.

Os dois pegaram os paletós e saíram do escritório. Dunne conduziu-os pela rua até o endereço impresso no cartão profissional do homem.

O irlandês *estava* certo, mas Severan Hydt rezava para que Theron fosse legítimo. Os corpos, hectares de ossos. Queria tanto vê-los, respirar o ar que os cercava. E queria as fotos também.

Chegaram ao prédio de escritórios onde ficava a filial de Theron na Cidade do Cabo. Era típico da área de negócios, de metal e pedra, com tudo funcional. Aquela construção em particular parecia meio deserta. Não havia guardas no saguão, o que era curioso. Pegaram o elevador até o quarto andar e encontraram a porta do escritório, número 403.

— Não tem o nome da firma — observou Hydt. — Só o número. Que estranho.

— Isso não parece bom — disse Dunne, escutando. — Não ouço nada.

— Tente abrir.

Ele assim o fez.

— Trancada.

Hydt ficou tremendamente desapontado, perguntando-se se não teria dito coisas demais a Theron, algo incriminador. No entanto, não acreditava nisso.

Dunne falou:

— Vamos juntar alguns seguranças nossos. Quando Theron voltar, se voltar, levamos ele para o porão. Vou descobrir o que está tramando.

Já iam embora quando Hydt, desesperado para crer que Theron era real, disse:

— Bata. Veja se tem alguém lá dentro.

Dunne hesitou. Depois, abriu o paletó, expondo o cabo da Beretta. Sua mão grande bateu na porta de madeira.

Nada.

Eles dirigiram-se para o elevador.

A porta abriu-se então.

Gene Theron piscava os olhos, surpreso.

— Hydt... Dunne. O que vocês estão fazendo aqui?

O africâner hesitou por um momento e, depois, fez um gesto para os dois homens entrarem. Não havia qualquer informação do lado de fora, mas, lá dentro, na parede, via-se uma placa modesta: *EJT Serviços Ltda., Durban, Cidade do Cabo, Kinshasa.*

O escritório era pequeno e apenas contava com três empregados cujas mesas encontravam-se cobertas de pastas e papéis, que são o sustentáculo desses antros empresariais, independentemente da nobreza ou da obscuridade de seus produtos ou serviços, pelo mundo afora.

Dunne disse:

— Achamos que poderíamos lhe poupar trabalho.

— Ah, é?

Hydt sabia que o mercenário compreendia que haviam feito aquela visita surpresa porque não confiavam inteiramente nele. Por outro lado, Theron estava num ramo de trabalho em que a confiança era algo tão perigoso quanto explosivos instáveis, de forma que seu descontentamento foi mínimo. Afinal de contas, Theron devia ter feito mais ou menos a mesma coisa, ou seja, verificado as credenciais de Hydt com os cambojanos e outras pessoas mais antes

de chegar a seu escritório com a proposta. Os negócios funcionavam assim.

Paredes ásperas e janelas que ofereciam a vista desoladora de uma área interna fizeram lembrar a Hydt que atividades ilegais, como as que Theron conduzia, não eram necessariamente tão lucrativas quanto o cinema e a mídia retratavam. A sala maior, nos fundos, era a dele, mas mesmo essa era modesta.

Um dos empregados, um jovem africano alto, estava navegando num catálogo on-line de armas automáticas. Algumas estavam marcadas com estrelas em negrito, indicando dez por cento de desconto. Outro funcionário digitava rapidamente num teclado de computador usando apenas os dois dedos indicadores. Os dois usavam camisas brancas e gravatas estreitas.

Uma secretária estava sentada diante de uma mesa fora da sala de Theron. Hydt notou que era atraente, mas jovem e, portanto, não lhe interessava.

Theron olhou para ela.

— Minha secretária estava acabando de imprimir alguns dos arquivos sobre os quais estávamos conversando.

Um instante depois, fotos de valas comuns começaram a sair da impressora colorida.

Sim, essas são boas, pensou Hydt, examinando-as. Muito boas mesmo. As primeiras imagens haviam sido tiradas não muito tempo depois das mortes. Homens, mulheres e crianças metralhadas ou golpeadas até a morte. Alguns já tinham sofrido amputações anteriores — mãos ou braços, acima do cotovelo — técnica popular usada por chefes tribais e ditadores, na África, para punir e controlar o povo. Cerca de quarenta corpos jaziam na vala. O cenário era subsaariano, mas impossível de precisar. Serra Leoa, Libéria, Costa

do Marfim, República Centro-Africana. Havia muitas possibilidades naquele continente conturbado.

Outras fotos que mostravam estágios diferentes de decomposição seguiram-se. Hydt concentrou-se nessas em particular.

— Exército de Resistência do Senhor? — perguntou Dunne, olhando as imagens com ar clínico.

Foi o empregado alto e magro quem respondeu:

— O Sr. Theron *não* trabalha com o Exército de Resistência do Senhor.

Esse grupo rebelde, que operava em Uganda, na República Centro-Africana e em partes do Congo e do Sudão, tinha como filosofia, se é que se pode chamar assim, o extremismo religioso e místico — tratava-se de uma milícia cristã violenta e insignificante. Havia cometido atrocidades incalculáveis e era conhecida, entre outras coisas, pela utilização de crianças como soldados.

— Tem muito mais trabalho — disse Theron.

Hydt achou graça de seu senso de moralidade.

Mais meia dúzia de fotos saiu da impressora. As últimas mostravam um campo no qual se viam ossos apontando da terra e partes de corpos com a pele dessecada.

Hydt mostrou as fotos a Dunne.

— O que você acha? — Virou-se para Theron. — Niall é engenheiro.

O irlandês estudou-as durante alguns minutos.

— As valas parecem rasas. Vai ser fácil retirar os corpos dali. O problema é encobrir o fato de que estavam lá em primeiro lugar. Dependendo da quantidade de tempo em que estão na terra, quando forem removidos, vai haver uma diferença mensurável na

temperatura do solo. Isso dura por vários meses, e é detectável com o equipamento certo.

— Meses? — perguntou Theron, franzindo o cenho. — Não fazia ideia.

Olhando para Dunne e depois para Hydt, disse:

— Ele é bom.

— Sempre o chamo de o homem que pensa em tudo.

Dunne falou, pensativo:

— Uma vegetação de crescimento rápido ajudaria. E existem uns sprays que eliminam resíduos de DNA também. Há muito o que se considerar, mas nada que pareça impossível.

As questões técnicas passaram para segundo plano e Hydt concentrou-se de novo nas imagens.

— Posso ficar com isso?

— Claro. Quer cópias digitais também? São mais nítidas.

Hydt deu-lhe um sorriso.

— Obrigado.

Theron as pôs num pen drive e entregou-o a Severan, que olhou para o relógio.

— Eu gostaria de discutir mais isso. Você está livre mais tarde?

— Posso estar.

Entretanto, Dunne estava franzindo o cenho.

— Você vai estar numa reunião hoje à tarde, e, à noite, tem o jantar beneficente.

Hydt fez uma careta.

— Uma das organizações de caridade para a qual faço doações está promovendo um evento. Tenho que estar presente. Mas... se você estiver livre, por que não me encontra lá?

— Vou ter que doar dinheiro? — perguntou Theron.

Hydt não sabia se aquilo era uma piada.

— Não necessariamente. Vai ter que escutar uns discursos e beber um pouco de vinho.

— Ok. Onde é?

Hydt olhou para Dunne, que respondeu:

— No Lodge Club. Às 19 horas.

Severan acrescentou:

— Tem que ir de paletó, mas não precisa pôr gravata.

— Vejo vocês lá, então — disse Theron, apertando-lhes a mão.

Eles foram embora do escritório e ganharam a rua.

— Ele é legítimo — disse Hydt, meio que para si.

Estavam a caminho da Green Way quando Dunne recebeu uma chamada. Depois de alguns minutos, desligou e disse:

— Era sobre Stephan Dlamini.

— Quem?

— O trabalhador do departamento de manutenção que precisamos eliminar. Aquele que pode ter visto os e-mails sobre sexta-feira.

— Ah, certo.

— Nosso pessoal encontrou o barraco dele em Primrose Gardens, a leste da cidade.

— Como é que você vai lidar com isso?

— Parece que a filha adolescente fez queixa de um traficante de drogas local. Ele ameaçou matá-la. Vamos fazer tudo para que pareça que ele está por trás da morte de Dlamini. Ele já executou gente com bombas incendiárias antes.

— Então Dlamini tem família?

— Mulher e cinco filhos — explicou Dunne. — Vamos ter que matá-los também. Pode ter contado à esposa o que viu. E, se mora

num barraco, deve ser de um ou dois cômodos, de maneira que qualquer um pode ter ouvido. Vamos usar granadas antes da bomba incendiária. Acho que a hora do jantar é a melhor. Todo mundo vai estar junto no mesmo cômodo. — Dunne olhou para o amigo. — Vão morrer rápido.

Hydt retrucou:

— Não estou preocupado com o sofrimento deles.

— Eu também não. Só queria dizer que vai ser uma forma muito fácil de matar todos rápido. Conveniente, entendeu?

Depois que os homens se foram, o primeiro-sargento Kwalene Nkosi levantou-se da mesa na qual estivera navegando na lista de preços de armas automáticas e apontou com a cabeça em direção à tela.

— É impressionante o que se pode comprar on-line, não é, comandante Bond?

— Acho que sim.

— Se a gente compra nove metralhadoras, ganha uma de graça — brincou ele com o sargento Mbalula, o incansável digitador de dois dedos só.

— Obrigado pela resposta rápida sobre o Exército de Resistência do Senhor, primeiro-sargento — disse Bond.

Não tinha reconhecido de início o nome do grupo com o qual qualquer mercenário na África está familiarizado. A operação poderia ter acabado ali, e de forma desastrosa.

A "secretária" de Bond, Bheka Jordaan, olhou pela janela.

— Estão se afastando. Não vejo seguranças.

— Conseguimos enganá-los, eu acho — falou o sargento Mbalula.

O embuste parecia, de fato, ter dado certo. Bond tinha certeza de que um dos homens — o esperto Dunne, com toda probabilidade — iria querer ver sua sede na Cidade do Cabo. Achava que um cenário bom e sólido — um escritório falso — seria crítico para seduzir Hydt e fazê-lo acreditar que era um aventureiro africâner com muitos corpos para remover.

Enquanto Bond telefonava para Hydt a fim de conseguir acesso à Green Way, Jordaan encontrava uma pequena sala alugada para o Ministério da Cultura e desocupada no momento. Então, Nkosi imprimiu cartões profissionais com o endereço e, antes que James sáisse para encontrar Hydt e Dunne, os oficiais da polícia africana já haviam se deslocado para lá.

— Você vai ser minha parceira — Bond dissera a Jordaan com um sorriso. — Vai ser um bom disfarce para mim ter uma ajudante inteligente e atraente.

Ela não gostou.

— Em nome da credibilidade, um escritório desses precisa de uma secretária.

— Se você prefere.

— Eu não prefiro — retrucou ela com dureza. — É assim que tem que ser.

Bond tinha previsto a visita dos homens, mas não que Hydt fosse querer ver fotos dos campos da morte, embora devesse. Assim que saiu do escritório da Green Way, telefonou para Jordaan e disse-lhe que encontrasse fotos de valas comuns na África em arquivos militares ou policiais. Foi a coisa mais fácil, tristemente, e ela já havia baixado mais de dez quando ele retornou.

— Você pode manter algumas pessoas aqui por um dia ou dois? — perguntou Bond. — Em caso de Dunne voltar.

— Posso ceder um oficial — disse ela. — Sargento Mbalula, você fica por enquanto.

— Sim, capitão.

— Vou instruir um patrulheiro sobre a situação e ele o substituirá — falou ela, voltando-se para Bond. — Você acha que Dunne volta?

— Não, mas é possível. O chefe é Hydt, mas ele se distrai. Dunne é mais focado e desconfiado. Na minha opinião, isso o torna mais perigoso.

— Comandante — disse Nkosi abrindo uma maleta surrada e tirando um envelope grosso. — Isso chegou para o senhor no quartel-general.

Bond abriu-o. Dentro, havia 10 mil *rands* em notas usadas, um passaporte sul-africano falso, cartões de crédito e um de débito, tudo em nome de Eugene J. Theron. A Seção I havia feito seus truques mais uma vez.

Havia também um bilhete: *Reserva para estadia em aberto no hotel Table Mountain, quarto com vista para o mar.*

Bond pôs tudo no bolso.

— Agora, o Lodge Club, onde vou encontrar Hydt essa noite. Como é?

— Caro demais para mim — comentou Nkosi.

— É um restaurante e local para eventos — respondeu Jordaan. — Também nunca estive lá. Era um clube de caça particular exclusivo para homens brancos, mas, depois da eleição de 1994, quando o Congresso Nacional Africano chegou ao poder, os donos preferiram fechar o clube e vender o prédio a abrir a filiação. A diretoria não tinha nada contra admitir negros ou mestiços, mas não queriam mulheres. Tenho certeza de que vocês não têm clubes assim em casa, James, têm?

Ele não quis admitir que havia de fato esse tipo de estabelecimento no Reino Unido.

— No meu clube favorito de Londres, o que se vê é pura democracia. Qualquer um pode se tornar membro... e perder dinheiro nas mesas de jogo. Como eu. Com alguma frequência, poderia dizer.

Nkosi riu.

— Se você for alguma vez a Londres, vai ser um prazer mostrá-lo a você — acrescentou ele a Jordaan.

Ela pareceu encarar aquilo como outra forma descarada de flerte porque ignorou, com toda frieza, o comentário.

— Vou levá-lo até seu hotel — disse o alto primeiro-sargento com uma expressão séria. — Acho que devo deixar o departamento de polícia da África do Sul e ver se o senhor me consegue um emprego na Inglaterra, comandante.

Para se trabalhar no GDU ou no MI6, era preciso ser cidadão britânico ou filho de britânicos, pelo menos; ser um cidadão possuidor de laços substanciais com o Reino Unido. Havia também a necessidade de ser residente.

— Depois de meu grande trabalho de disfarce — falou Nkosi, mexendo o braço em volta da sala —, sei agora que sou um verdadeiro ator. Vou para Londres trabalhar no West End. É lá que ficam os teatros famosos, correto?

— Sim — respondeu Bond, embora não fosse a um voluntariamente fazia anos.

O jovem disse:

— Tenho certeza de que vou ser um sucesso. Gosto de Shakespeare. David Mamet é muito bom também. Sem dúvida.

Bond pensou que, trabalhando com uma chefe como Bheka Jordaan, Nkosi não tinha muita chance de exercitar seu senso de humor.

O hotel ficava perto da baía da Mesa, num bairro chique da Cidade do Cabo, Green Point. Era uma construção antiga de seis andares no estilo clássico do Cabo que não conseguia disfarçar bem suas raízes coloniais — e nem tentava; era possível vê-las claramente no paisagismo meticuloso, feito, então, por vários trabalhadores diligentes; nos lembretes delicados, mas firmes, escritos em placas, sobre o modo de vestir-se no salão de jantar; no branco imaculado dos uniformes dos funcionários sérios e sempre presentes; e na mobília de ratã da espaçosa varanda que dava para a baía.

Outro sinal foi a pergunta se o Sr. Theron gostaria de um mordomo particular para sua chegada. Ele declinou educadamente.

O hotel Table Mountain — chamado em todos os lugares como “TM”, em letras espirais, do chão de mármore aos guardanapos timbrados — era exatamente o lugar onde um empresário próspero de Durban ficaria, fosse um vendedor de computadores, ou um mercenário com 10 mil corpos para esconder.

Após registrar-se, Bond dirigiu-se para o elevador, mas alguma coisa atraiu-lhe o olhar. Entrou numa loja e comprou espuma de barbear, que não precisava. Depois, voltou à recepção e serviu-se de

suco de frutas de cortesia que estava num grande recipiente de vidro cercado por um arranjo de jacarandá-roxo, com rosas vermelhas e brancas.

Não tinha certeza, mas alguém poderia estar espionando-o. Quando se virara de forma abrupta para pegar o suco, uma sombra desapareceu de modo igualmente abrupto.

Onde há muitas oportunidades, aparecem muitos espiões...

Bond aguardou por um momento, mas a aparição não retornou.

Naturalmente, a vida de espião gerava as sementes da paranoia, e, às vezes, um transeunte é apenas um transeunte; um olhar curioso não significa nada mais do que uma mente curiosa. Além do mais, não há como se proteger de todos os riscos da profissão; se alguém quer muito que você morra, vai acabar conseguindo te matar. Bond tirou o perseguidor da cabeça e tomou o elevador até o primeiro andar, onde o acesso aos quartos era feito por um balcão aberto que dava para o saguão. Entrou no seu, fechou a porta e trancou-a.

Jogou a mala em cima de uma das camas, foi até a janela e puxou as cortinas. Guardou tudo o que o identificava como James Bond num grande envelope de fibra de carbono com um fecho eletrônico na aba, e selou-o. Com o ombro, inclinou uma cômoda e empurrou o pacote para baixo dela. Poderia ser encontrado e roubado, sem dúvida, mas qualquer tentativa de abri-lo sem a impressão de seu polegar no fecho enviaria automaticamente uma mensagem criptografada para a Seção C, do GDU, e Bill Tanner lhe mandaria uma mensagem de texto para alertá-lo de que seu disfarce estava comprometido.

Ele ligou para o serviço de quarto e pediu um sanduíche e uma cerveja escura Gilroy. Depois, foi tomar uma ducha. Quando já havia

vestido um par de calças cinza e camisa polo preta, a comida estava na porta. Passou um pente no cabelo úmido, verificou pelo olho mágico e deixou o garçom entrar.

A bandeja foi colocada sobre uma mesa pequena, e a conta, assinada por *E.J. Theron* — com a letra de Bond; essa era uma coisa que nunca se devia falsificar, por maior que fosse o disfarce. O garçom pôs a gorjeta no bolso com gratidão evidente. Quando voltou à porta, a fim de abri-la para que o jovem saísse e para passar de novo a corrente, examinou automaticamente o balcão e o saguão abaixo.

Depois, fechou-a bem.

Que azar!

Olhando com pena para o sanduíche — e com mais pena ainda para a cerveja —, colocou os sapatos e abriu a mala. Encaixou o silenciador Gemtech no cano da Walther e, embora tivesse feito a mesma coisa havia pouco no quartel de polícia, puxou alguns milímetros para trás o ferrolho da pistola para ter certeza de que havia munição.

Dobrou a edição daquele dia do *Cape Times* e enfiou a arma dentro. Depois, colocou tudo sobre a bandeja, entre o sanduíche e a cerveja. Ergueu-a com uma das mãos acima do ombro e saiu do quarto, ocultando o rosto. Não estava vestindo uniforme de garçom, mas movia-se com rapidez de cabeça baixa, de forma que poderia ser confundido por um observador casual como um membro atarefado da equipe de funcionários.

No final do corredor, passou pela porta de incêndio que levava à escada, pôs a bandeja no chão e pegou o jornal com o conteúdo letal. Depois, desceu um lance sem fazer barulho até o andar térreo.

Olhando por uma abertura na porta de vaivém, discerniu seu alvo, que estava sentado numa poltrona, na sombra de um canto remoto do salão, quase invisível. De costas para Bond, movia os olhos do jornal para o saguão e até o balcão do primeiro andar. Aparentemente, não tinha notado a escapada de James, que avaliava distâncias e ângulos, o local, o número de hóspedes, funcionários e seguranças.

Ele esperou enquanto um carregador passava com um carrinho cheio de malas, um garçom levava uma bandeja contendo um bule de café de prata para outro hóspede, do outro lado do salão, e um grupo de turistas japoneses saía *en masse* pela porta, levando com eles a atenção de seu alvo.

Bond pensou friamente: agora.

Saiu da escada e caminhou rápido em direção às costas de uma cadeira, sobre a qual o topo da cabeça do alvo podia ser visto. Deu a volta e sentou-se na poltrona em frente, sorrindo como se acabasse de encontrar um velho amigo. Mantinha o dedo encostado no gatilho da Walther, que o cabo Menzies ajustara para disparar à pressão de uma pluma.

O rosto vermelho e sardento ergueu-se. Os olhos do homem esbugalharam-se de surpresa por ter sido enganado. De reconhecimento também. O olhar dizia que não, não era coincidência. Ele *estava* espionando Bond.

Era o mesmo homem que James tinha visto no aeroporto de manhã, e que tomara, a princípio, pelo capitão Jordaan.

— Imagine, encontrá-lo aqui! — disse Bond, animadamente, a fim de desfazer as suspeitas de qualquer um que estivesse observando o encontro.

Levantou o jornal enrolado, de forma que a boca do silenciador focasse o peito largo.

Porém, curiosamente, a surpresa nos olhos verdes pálidos foi substituída não por medo ou desespero, mas por uma expressão risonha.

— Ah, Sr. ... Theron, não é? É isso que somos no momento? — O sotaque era de Manchester.

Ele ergueu as palmas grossas, viradas para fora.

Bond inclinou a cabeça para um lado.

— Essa munição é quase subsônica. Com esse silenciador, você vai estar morto e eu vou ter ido embora muito antes que alguém perceba o que aconteceu.

— Ah, mas você não quer me matar. Pegaria muito mal.

Bond já tinha ouvido vários monólogos em momentos como aquele, quando tinha o oponente sob sua mira. Em geral, os *bons mots* eram para ganhar tempo ou distrair, enquanto o alvo preparava-se para um ataque desesperado. James sabia como ignorar o que o homem estava dizendo e observar suas mãos e o movimento corporal.

Mesmo assim, não dava para descartar as palavras seguintes que saíram dos lábios frouxos:

— Afinal de contas, o que diria M se soubesse que você atirou num dos melhores agentes da coroa? E num cenário *tão* lindo!

Seu nome, confirmado pelo escaneamento da íris e das digitais feito pelo aplicativo, era Gregory Lamb — o homem do MI6 na Cidade do Cabo. Aquele que Bill Tanner dissera para evitar.

Estavam no quarto de Bond *sans* cerveja e sanduíche; para sua consternação, a bandeja contendo o almoço já fora retirada da escada por algum eficiente empregado do hotel quando ele e Lamb retornaram ao primeiro andar.

— Você poderia ter morrido — resmungou Bond.

— Eu não estava correndo nenhum perigo real. O seu grupo não concede esses dois zeros a nenhum atirador alucinado... Calma, calma, meu amigo, não fique irritado. Sabemos do que o Grupo de Desenvolvimento Ultramarino é *realmente* capaz.

— Como você soube que eu estava na cidade?

— Juntei as coisas, só isso. Fiquei sabendo de algumas ações e entrei em contato com amigos em Lambeth.

Uma das desvantagens de se ter que usar a 6 ou a Inteligência de Defesa para informações era que mais pessoas sabiam sobre as suas atividades do que o desejável.

— Por que você simplesmente não me contatou pelos canais seguros? — repreendeu Bond.

— Eu ia, mas, no momento exato em que cheguei aqui, vi alguém de olho em você.

Bond prestou mais atenção.

— Um homem magro de casaco azul? Brinco de ouro?

— Bem, não vi nenhum brinco. Meus olhos já não são mais os mesmos. Mas você acertou no resto. Ficou rodando por aí um tempo e depois desapareceu, como a neblina em volta da montanha da Mesa quando o sol sai.

Bond não estava com cabeça para descrições de folhetos de viagens. Que falta de sorte! O homem que matou Yusuf Nasad, e quase fez o mesmo com Felix Leiter, havia descoberto que estava ali. Provavelmente era a criatura de quem Jordaan lhe falara, que tinha entrado no país àquela manhã, vinda de Abu Dhabi, com um passaporte britânico falso.

Quem seria ele?

— Você tirou alguma foto? — perguntou Bond.

— Não. O homem era mais rápido do que uma pulga.

— Viu mais alguma coisa sobre ele: tipo de celular, possíveis armas, veículo?

— Nada. Sumiu. Que nem uma pulga — respondeu ele, encolhendo os ombros largos, que James imaginava serem tão sardentos e vermelhos quanto o rosto.

— Você estava no aeroporto quando cheguei. Por que se afastou?

— Vi a capitã Jordaan. Ela nunca foi com a minha cara, por alguma razão. Talvez ache que sou o grande caçador branco que

está aqui para roubar de volta o seu país. Ela me repreendeu feio alguns meses atrás.

— Meu chefe de gabinete disse que você estava na Eritreia — disse Bond.

— E estava mesmo. Lá e do outro lado da fronteira, no Sudão, semana passada. Parece que eles estão decididos a guerrear, então, fui até lá para garantir que meu pessoal sobrevivesse à troca de chumbo grosso. Resolvi isso e soube da operação do GDU. — Seus olhos ficaram embaçados. — Fiquei surpreso de ninguém ter me falado nada sobre isso.

— Todo mundo achava que você estivesse envolvido em alguma operação muito séria. Delicada — disse Bond, de maneira perspicaz.

— Ah — falou Lamb, parecendo acreditar. — De qualquer jeito, achei que seria melhor correr até aqui para ajudar. Esta cidade é enganosa. Parece organizada, limpa e turística, mas tem muita coisa por trás. Não gosto de me vangloriar, meu amigo, mas você precisa de alguém como eu para se esconder sob a superfície e lhe dizer o que está acontecendo de fato. Eu tenho *conexões*. Você conhece algum outro agente da 6 que tenha conseguido dinheiro do governo local, de fundos para desenvolvimento, para financiar os seus disfarces? Dei um bom lucro à coroa ano passado.

— Tudo foi para os cofres do Tesouro, não?

Lamb deu de ombros.

— Tenho que desempenhar um papel, não? Para o mundo, sou um empresário de sucesso. Se você não explora o seu disfarce de todas as formas, bem, começa a entrar areia no negócio e, quando você vê, tem uma pérola enorme gritando, “Ei, eu sou espião!”... Você se importa se atacarmos esse seu minibar?

Bond fez um gesto naquela direção.

— Vá em frente.

Lamb pegou uma miniatura de gim Bombay Sapphire e depois outra. Despejou-as num copo.

— Não tem gelo, não é? Que pena. Mas tudo bem — completou ele, misturando a bebida com um pouco de tônica.

— E qual é o seu disfarce?

— Em geral, consigo cartas-partidas para navios de carga. Uma ideia brilhante, se é que posso dizer isso eu mesmo. Me dá a chance de ter relações amigáveis com a bandidagem do cais. Também mexo um pouquinho com exploração de ouro, alumínio, construção de estradas e infraestrutura.

— E ainda arranja tempo de ser espião?

— E dos bons, meu amigo!

Por alguma razão, Lamb começou a contar a Bond sua história. Era cidadão britânico, como a mãe, enquanto o pai era sul-africano. Chegara ali com os pais e decidiu que gostava do lugar mais do que a vida em Manchester. Após um treinamento em Fort Monckton, pediu para ser enviado de volta. A Estação Z era a única para a qual já tinha trabalhado... e a única de que gostava. Passava a maior parte do tempo em Cabo Ocidental, mas viajava com frequência pela África executando suas operações de agente secreto.

Quando notou que Bond não estava ouvindo, deu um grande gole no drinque e disse:

— Em quê você está trabalhando exatamente? Alguma coisa relacionada a esse Severan Hydt? Esse é um nome com muito poder e influência. E o Incidente. Adoro isso. Soa muito como algo da DI 55, daqueles pesquisadores excêntricos do governo que procuraram OVNIIs nas Midlands.

Exasperado, Bond observou:

— Já trabalhei na DI. A Divisão 55 lidava com mísseis ou aviões que invadiam o espaço aéreo britânico, e não OVNIIs.

— Ah, sim, sim. Claro que era... essa *seria* a versão que eles davam para o público, não?

Bond estava a ponto de botá-lo para fora. No entanto, poderia valer a pena sondá-lo.

— Então, você ficou sabendo do Incidente Vinte? Faz alguma ideia de que relação possa ter com a África do Sul?

— Recebi informações — admitiu Lamb —, mas não prestei muita atenção, já que a interceptação dizia que o ataque iria ser em solo britânico.

James lembrou-lhe das palavras exatas, que não revelavam qualquer lugar, mas diziam apenas que interesses britânicos seriam “afetados de forma adversa”.

— Pode ser em qualquer lugar, então. Não pensei nisso.

Ou não leu com muito cuidado.

— E agora o ciclone veio baixar no meu quintal. Incrível como o destino pode atacar, não?

O aplicativo no celular de Bond, que tinha verificado a identidade de Lamb, indicara também o nível do acesso que ele tinha a informações secretas de segurança nacional, que era mais alto do que James imaginava. Sentia-se, então, mais ou menos confortável para falar sobre o plano Geena, Hydt e Dunne. Perguntou de novo:

— Você consegue fazer alguma ligação com a Cidade do Cabo? Milhares de pessoas em risco, interesses britânicos ameaçados, o plano estabelecido no escritório de Severan?

Com os olhos no copo, Lamb disse, pensativo:

— A verdade é que não sei que tipo de ataque aqui se encaixaria nesse cardápio. Temos muitos expatriados e turistas britânicos,

muitos interesses empresariais com conexões em Londres. Mas matar essa gente toda de um golpe só? Seria preciso uma guerra civil. E não vejo isso acontecendo na África do Sul. Temos nossos problemas aqui, não há como negar: gente do Zimbábue procurando asilo, inquietação nos sindicatos, corrupção, AIDS... mas ainda somos o país mais estável do continente.

Dessa vez, o homem havia fornecido a Bond um insight, embora superficial. Isso reforçava a sua ideia de que, enquanto se apertavam botões na África do Sul, as mortes de sexta-feira poderiam muito bem ocorrer em outro país.

O homem já tinha acabado quase todo seu gim.

— Você não está bebendo?

Quando Bond não respondeu, acrescentou:

— Temos saudade dos velhos tempos, não, meu amigo?

James não sabia que velhos tempos eram aqueles e chegou à conclusão de que provavelmente não tinha nenhuma saudade, e que detestava a expressão "meu amigo".

— Você disse que não se dá bem com Bheka Jordaan.

Lamb soltou um resmungo.

— O que sabe sobre ela?

— Que é muito boa em seu trabalho, tenho de admitir. Ela foi a oficial que investigou a Agência Nacional de Inteligência Sul-Africana pelas escutas ilegais instaladas nos telefones de políticos daqui — disse Lamb, sorrindo com ironia. — Não que isso não aconteça no *nosso* país, não é?

Bond lembrou-se que Bill Tanner havia preferido usar um agente da polícia à Agência Nacional de Inteligência.

Lamb continuou:

— Entregaram a tarefa a ela na esperança de que se atrapalhasse. Mas não a capitã Jordaan. Ah, não. Isso *nunca* aconteceria. — Seus olhos brilharam de perversidade. — Ela começou a avançar no caso e a cúpula toda ficou assustada. Seu chefe na polícia disse-lhe que perdesse as provas contra os agentes da Inteligência.

— Ela mandou prendê-lo?

— E o chefe *dele* também! — exclamou Lamb, às gargalhadas, tomando o último gole do drinque. — Ela ganhou uma grande comenda.

A Cruz de Ouro por Bravura?

— Ela foi atacada fisicamente durante a investigação?

— Atacada fisicamente?

Ele mencionou a cicatriz no braço.

— Mais ou menos. Depois, foi promovida. Politicamente tinha de acontecer. Você sabe como *isso* funciona. Alguns homens da polícia, que foram passados por cima, não aceitaram a coisa muito bem. Ela recebeu ameaças. Diziam-lhe que mulheres não deviam fazer tarefas de homens, esse tipo de coisa. Alguém pôs um coquetel molotov embaixo da sua viatura. Ela já tinha entrado na delegacia, mas havia um prisioneiro no banco de trás, bêbado e dormindo. Nenhum dos agressores o viu. Ela correu para fora e o salvou, mas se queimou no processo. Nunca descobriram quem fez aquilo. Eles estavam mascarados. Mas todo mundo sabe que eram pessoas que trabalhavam com ela. E talvez ainda trabalhem.

— Meu Deus.

Bond achava agora que entendia a atitude de Jordaan em relação a ele — poderia ser que tivesse interpretado seu olhar de

flerte, no aeroporto, como sendo um sinal, também, de que não levava a sério uma mulher policial.

Explicou então a Lamb seu próximo passo: o encontro com Hydt à noite.

— Ah, o Lodge Club. É bom. Costumava ser exclusivo, mas agora deixam todo mundo entrar... Ei, que olhar é esse? Não quis dizer o que você está pensando. É que tenho má opinião sobre o público em geral. Faço mais negócios com negros e mestiços do que com brancos... Olha o mesmo olhar de novo!

— “Mestiços”? — disse Bond acidamente.

— Isso só quer dizer que há mistura de raça, e é perfeitamente aceito aqui. Ninguém se ofende.

A experiência de James, contudo, era de que as pessoas que usavam termos desse tipo não eram as mesmas que se sentiam ofendidas por eles. Porém, não iria debater política com Gregory Lamb. Ele olhou para o Breitling.

— Obrigado por suas opiniões — disse, sem muito entusiasmo. — Agora tenho trabalho a fazer antes de me encontrar com Hydt.

Jordaan havia-lhe enviado algum material sobre africanos, cultura sul-africana e regiões de conflito onde Gene Theron poderia exercer atividades.

Lamb pôs-se de pé, ficando meio sem jeito.

— Estou pronto para ajudar, a sua disposição. Qualquer coisa que você precisar, mesmo. — Parecia penosamente sincero.

— Obrigado — falou Bond, sentindo uma vontade irresistível e absurda de dar-lhe 20 *rands*.

Antes de sair, Lamb voltou ao minibar e aliviou-o de duas miniaturas de vodka.

— Você não se importa? M tem um orçamento imenso; todo mundo sabe disso.

James levou-o até a porta.

Já vai tarde, pensou ele enquanto a porta se fechava. Percy Osborne-Smith era um encanto se comparado àquele indivíduo.

Bond sentou-se diante da mesa dobrável na suíte do hotel, ligou o computador, conectou-se com a íris e as digitais e examinou as informações que Bheka Jordaan tinha-lhe enviado. Estudava-as quando um e-mail criptografado chegou:

James,

Somente para seus olhos.

Obtive a confirmação de que Cartucho de Aço foi uma importante medida ativa da KGB/SVR para assassinar agentes clandestinos do MI6 e da CIA, e espiões locais, a fim de que a extensão da infiltração russa não fosse conhecida, numa tentativa de promover a *détente* durante a queda da União Soviética e melhorar as relações com o Ocidente.

Os últimos assassinatos seletivos realizados pela Cartucho de Aço ocorreram no fim da década de 1980 ou em princípios da de 1990. Só encontrei um incidente até agora: a vítima era um prestador de serviços particular que trabalhava para o MI6. Disfarce extremo. Nenhum outro detalhe, exceto que o agente da medida ativa fez com que a morte parecesse um acidente. Cartuchos de aço de verdade eram às vezes deixados, nas cenas dos crimes, como advertência para que outros agentes ficassem calados.

Estou continuando a investigação.

Seus outros olhos,

Philly

Bond esticou-se na cadeira, olhando para o teto. E agora, o que faço com *isso?*, perguntou-se.

Leu a mensagem de novo e depois enviou um e-mail curto agradecendo a Philly. Voltou à posição anterior e, no espelho a sua frente, teve um vislumbre de seus olhos, duros e concentrados, como os de um predador.

Refletiu: então, o agente de medidas ativas da KGB matou um prestador de serviços do MI6 em fins da década de 1980, ou em princípios da de 1990.

O pai de James Bond havia morrido naquele período.

Acontecera em dezembro, não muito depois de seu aniversário de 11 anos. Andrew e Monique Bond deixaram o pequeno James com a tia Charmian, em Pett Bottom, Kent, com a promessa de que voltariam com bastante antecedência para as festividades de Natal. Depois, tomaram um voo para a Suíça e foram de carro até Mont Blanc, para esquiar, escalar rochas e gelo, por cinco dias.

As promessas dos pais, todavia, não se cumpriram. Dois dias depois, estavam mortos, tendo caído de uma das impressionantes e belas faces das Aiguilles Rouges, perto de Chamonix.

Lindos penhascos, sim, incríveis... mas não tão perigosos, não onde estavam escalando. Depois de adulto, Bond investigara as circunstâncias do acidente. Tinha descoberto que a encosta da qual haviam caído não exigia técnicas avançadas de alpinismo; na verdade, ninguém jamais se ferira ali, ou muito menos, morrera. No entanto, montanhas são naturalmente volúveis, e Bond tinha levado ao pé da letra a história que o gendarme contara à tia: que seus pais haviam caído porque uma corda roera-se ao mesmo tempo que uma grande pedra cedia.

— *Mademoiselle, je suis désolé de vous dire...*

Na infância, James Bond gostava de viajar com os pais aos países estrangeiros para os quais a firma de Andrew Bond o enviava. Adorava morar em hotéis. Apreciava as cozinhas locais, tão diferentes das dos *pubs* e restaurantes de Inglaterra e Escócia. Ficava cativado por culturas exóticas — as roupas, a música, a língua.

Também gostava de ficar com o pai. A mãe entregava-o a babás e amigos quando surgia algum trabalho *freelance* de fotojornalismo, mas o pai levava-o às vezes a encontros de negócios, em restaurantes ou salões de hotéis. O garoto instalava-se perto, devorando um livro de Tolkien, ou um romance americano de detetives, enquanto o pai conversava com homens que não sorriam, e que se chamavam Sam, Micah ou Juan.

James alegrava-se ao ver-se incluído — que filho não gosta de acompanhar o pai? Porém, sempre havia ficado curioso por que, às vezes, Andrew insistia para que fosse com ele, enquanto outras vezes dizia não com toda firmeza.

Bond nunca pensara sobre isso... até as sessões de treinamento em Fort Monckton.

Foi lá, na aula de operações clandestinas, que um instrutor disse algo que chamou a sua atenção. O homem rechonchudo de óculos da seção de treinamento para espionagem do MI6 disse ao grupo:

— Na maioria das situações clandestinas, não é aconselhável que um agente ou colaborador se case e tenha filhos. Se isso ocorrer, é melhor fazer com que a família seja mantida longe da vida operacional do agente. Contudo, existe um caso em que é vantajoso ter uma vida, entre aspas, “normal”. É quando os agentes operam em disfarce extremo e lidam com as missões mais críticas, nas quais as informações a serem recolhidas são vitais. Nesse tipo de

ocorrência, uma vida familiar é importante para afastar as suspeitas do inimigo de que sejam espiões. Tipicamente, o disfarce oficial é que trabalham para uma companhia ou organização que interessa a agentes inimigos: de infraestrutura, informação, armamentos, aeroespacial ou governamental. São transferidos para locais diferentes em poucos anos e levam a família com eles.

O pai de Bond havia trabalhado para uma importante companhia de armamentos britânica. Fora transferido para várias capitais internacionais. A esposa e o filho sempre o acompanharam.

O instrutor continuara:

— E, em certas circunstâncias, nas situações mais críticas, seja um roçar de ombro ou um encontro face a face, é útil para o agente levar o filho com ele. Nada proclama mais inocência do que ter uma criança consigo. Ao ver isso, o inimigo quase sempre crê que você é o que é. Nenhum pai gostaria de pôr o filho em perigo — disse ele olhando para os agentes sentados à sua frente na sala de aula, seus rostos expressando várias reações diante daquela mensagem sem sentimentos. — O combate ao mal requer, às vezes, uma suspensão dos próprios valores.

Bond havia pensado: seu pai, um espião? Impossível. Absurdo.

Mesmo assim, após ter deixado Fort Monckton, passou um tempo investigando seu passado, mas não encontrou nenhuma prova de vida clandestina. A única evidência era uma série de pagamentos feitos à tia, em benefício dela e de James, além da soma da apólice de seguro dos pais. Foram feitos anualmente, até ele completar 18 anos, por uma firma que devia ter tido alguma ligação com o empregador de Andrew, embora nunca conseguisse descobrir exatamente onde estava sediada, nem a natureza dos pagamentos.

Por fim, convenceu-se de que aquela ideia era uma loucura e esqueceu o assunto.

Até o sinal russo sobre a Cartucho de Aço.

Porque outro aspecto da morte dos pais havia sido muito negligenciado.

No relatório do acidente, que os gendarmes tinham preparado, foi mencionado que um cartucho de aço de rifle calibre 7,62mm fora encontrado próximo ao corpo do pai.

O jovem James recebera-o em meio aos pertences dos pais e, como Andrew tinha sido executivo de uma companhia fabricante de armas, supôs-se que a bala fosse uma amostra de suas mercadorias para seus fregueses.

Na segunda-feira, dois dias antes, após ter lido o relatório russo, Bond entrara nos arquivos on-line da firma do pai. Soube que ela não fabricava munição, nem jamais tinha vendido qualquer arma que usasse calibre 7,62mm.

Aquela era a bala que se via em local de destaque sobre a lareira de seu apartamento em Londres.

Teria algum caçador a deixado acidentalmente cair? Ou teria sido posta ali como advertência?

A referência da KGB à Operação Cartucho de Aço solidificara em Bond o desejo de saber se o pai havia ou não sido agente secreto. Era uma necessidade. Precisava conformar-se com a possibilidade de que o pai mentira para ele. Todos os pais enganam os filhos. Na maioria dos casos, todavia, isso ocorre em nome da conveniência, ou por preguiça e descuido; se *seu* pai mentira, era porque o Ato de Segredos Oficiais o havia obrigado.

Também não precisava saber a verdade para conseguir — como algum psiquiatra de TV poderia sugerir — revisitar a perda da

infância e fazer um luto mais autêntico. Que bobagem.

Não, queria saber a verdade por uma razão muito mais simples, que se adequava a ele como um terno feito sob medida da Saville Road: a pessoa que tinha matado seus pais poderia ainda estar à solta no mundo, aproveitando o sol, fazendo refeições saborosas, ou até conspirando para tirar outras vidas. Se fosse esse o caso, Bond sabia que faria questão de que o assassino dos pais tivesse o mesmo destino que eles; faria isso de forma eficiente e de acordo com sua competência oficial: utilizando-se de quaisquer meios necessários.

Eram quase 17 horas de quarta-feira quando o celular de Bond emitiu o toque reservado para mensagens de emergência. Ele correu do banheiro, onde havia acabado de se banhar, e leu o e-mail criptografado. Era da Central de Comunicações do Governo, e dizia que sua tentativa de pôr uma escuta em Severan Hydt fora parcialmente bem-sucedida. Sem o conhecimento da capitã Bheka Jordaan, o pen drive que James tinha dado a Hydt, e que continha fotos digitais de campos da morte na África, também incluía um pequeno microfone e transmissor. O que lhe faltava em resolução de áudio e vida da bateria era compensado pelo alcance. Um satélite pegava o sinal, amplificava-o e devolvia-o a uma das gigantescas antenas receptoras em Menwith Hill, no belo interior de Yorkshire.

O dispositivo havia transmitido fragmentos de uma conversa entre Hydt e Dunne logo após terem saído do escritório fictício da EJT Serviços, no centro da Cidade do Cabo. As palavras tinham finalmente passado pela fila de decodificação e sido lidas por um analista, que as sinalizara como críticas e enviara a mensagem a Bond.

Ele leu, então, o CX — a informação bruta — e o produto analisado. Parecia que Dunne estava planejando matar um dos funcionários de Hydt, Stephan Dlamini, e a família, porque o empregado tinha visto alguma coisa numa área de segurança da Green Way que não deveria, talvez informações relacionadas ao Geena. O objetivo de Bond era claro: salvá-lo a qualquer preço.

Propósito... reação.

O homem vivia fora da Cidade do Cabo. A morte aconteceria de forma a parecer um ataque de gangue. Seriam usados granadas e coquetéis molotov. E o crime ocorreria na hora do jantar.

Porém, depois disso, a bateria havia acabado e o aparelho parara de transmitir.

Na hora do jantar. A qualquer momento, então.

Bond não tinha conseguido salvar a mulher em Dubai. Não ia deixar essa família morrer agora. Precisava descobrir o que Dlamini ficara sabendo.

Contudo, não podia contatar Bheka Jordaan e contar-lhe sobre o que soubera, por meio de escuta ilegal. Pegou o telefone e ligou para a recepção.

— Pois não, senhor?

— Eu tenho uma pergunta a fazer — disse Bond, com ar casual. — Tive um problema com meu carro hoje e um homem me ajudou no local. Eu não estava com muito dinheiro, mas queria lhe dar alguma coisa pelo inconveniente. Como encontrar seu endereço? Sei o nome e o bairro onde mora, só isso.

— Qual é o bairro?

— Primrose Gardens.

Fez-se um silêncio. Depois, o recepcionista disse:

— É uma favela.

Uma comunidade de posseiros, recordou-se James, segundo o material com informações que Bheka Jordaan havia-lhe passado. Os barracos raramente possuíam endereços postais padrão.

— Eu poderia ir até lá e perguntar se alguém o conhece?

Outra pausa.

— Senhor, não seria muito seguro.

— Não estou preocupado com isso.

— Acho que não seria prático, senhor.

— Por quê?

— A população de Primrose Gardens gira em torno de 50 mil pessoas.

Às 17h30, enquanto caía o anoitecer de outono, Niall Dunne observava Severan Hydt deixar o escritório da Green Way, na Cidade do Cabo, caminhando ereto e com certa elegância até sua limusine.

Os *pés* de Hydt não eram virados para fora, sua *postura* não era curvada, os *braços* não balançavam de um lado para outro. *Olá, vejam só que idiota! Niall é uma girafa tonta!*

Hydt estava indo para casa, onde trocaria de roupa, e, depois, levaria Jessica para o jantar beneficente, no Lodge Club.

Dunne estava de pé no saguão da Green Way diante da janela, o olhar pousado em Hydt enquanto este desaparecia pela rua acompanhado de um segurança da companhia.

Observando-o partir a caminho de casa e da companheira, Dunne sentiu uma pontada.

Não seja tão estupidamente ridículo, disse a si mesmo. Concentre-se na tarefa. Todos os demônios do inferno vão estar à solta na sexta, e será culpa sua se qualquer coisa der errado.

Concentre-se.

Foi o que fez.

Deixou a Green Way, pegou o carro e saiu da Cidade do Cabo rumo a Primrose Gardens. Lá encontraria um segurança da firma e daria sequência ao plano, que repassou mentalmente: momento certo, abordagem, número de granadas, coquetel molotov, fuga.

Reviu o esquema com precisão e paciência, da forma como fazia tudo.

Esse é Niall. Ele é brilhante. É o meu projetista...

Todavia, outros pensamentos surgiram, e seus ombros caídos curvaram-se ainda mais enquanto imaginava o chefe no jantar de gala àquela noite. Sentiu de novo a pontada.

Dunne supunha que as pessoas se perguntassem por que era sozinho, por que não tinha ninguém. Deviam achar que a resposta fosse "porque não tinha sentimentos". Era uma máquina. Não compreendiam que, segundo o conceito da mecânica clássica, havia peças *simples* — como parafusos, alavancas e roldanas — e máquinas *complexas*, como motores, que, por definição, transformavam energia em movimento.

Estava raciocinando logicamente: calorias são transformadas em energia que movem o corpo humano. Então, sim, ele *era* uma máquina. Entretanto, todos eram, cada criatura sobre a terra. Isso não lhe impedia de amar.

Não, a explicação para sua solidão era simplesmente que o objeto desejado, por sua vez, não o desejava.

Que coisa mais mundana, comum.

E muito injusta, estava claro. Deus, aquilo não era justo. Nenhum projetista desenharia uma máquina na qual as duas partes necessárias para criar um movimento harmonioso não funcionassem com perfeição, uma precisando da outra e, por sua vez, satisfazendo

a necessidade recíproca. Porém, aquela era precisamente a situação em que se encontrava: ele e o chefe eram partes desencontradas.

Além disso, pensou com amargura, as leis da atração eram muito mais arriscadas do que as da mecânica. Os relacionamentos eram confusos, perigosos e assolados pelo desperdício, e, enquanto era possível manter um motor funcionando por centenas de milhares de horas, o amor entre os seres humanos, com frequência, começava a ratear e parava logo depois de pegar.

Era traiçoeiro também, muito mais do que uma máquina.

Que besteira!, disse a si mesmo com o que era raiva para Niall Dunne. Esqueça isso tudo. Você tem um trabalho para fazer esta noite. Revisou o plano de novo e, depois, outra vez ainda.

Quando o tráfego diminuiu, pôde dirigir mais rápido para o leste, em direção ao assentamento, passando por ruas escuras, esburacadas e molhadas, como um cais à beira do rio.

Entrou no estacionamento de um shopping center e desligou o motor. Momentos depois, uma van em mau estado parou atrás. Dunne saltou do carro e entrou no outro veículo cumprimentando o segurança, um homem grande que vestia traje militar. Sem dizer qualquer coisa, partiram imediatamente e, em dez minutos, estavam percorrendo as ruas sem nome de Primrose Gardens. Dunne passou para a traseira da van, onde não havia janelas. Ele era um tipo muito diferente ali, por causa da altura, do cabelo. E, mais importante ainda, era branco e chamaria muita atenção numa favela sul-africana depois do anoitecer. Era possível que o traficante de drogas que estava ameaçando a filha de Dlamini fosse branco ou tivesse brancos trabalhando para ele, mas Dunne decidiu que era melhor ficar escondido — pelo menos até a hora de lançar as granadas e o coquetel molotov na janela do barraco.

Passaram ao longo das inúmeras vielas que serviam de ruas na favela, por bandos de crianças correndo, cachorros magros, homens sentados à porta de casa.

— Nada de GPS — disse o segurança grandão, suas primeiras palavras.

Não estava sorrindo, e Dunne ficou sem saber se era uma piada ou não. O homem havia passado duas horas àquela tarde procurando o barraco de Dlamini.

— É aqui.

Eles estacionaram do outro lado da rua. A casa era pequena, de um andar só, como eram todos os barracos de Primrose Gardens, e tinha paredes feitas de tábuas desiguais de compensado e chapas de metal onduladas, pintadas em tons fortes de vermelho, azul e amarelo, como que desafiando a pobreza. Num pátio ao lado, via-se um varal carregado de roupas de uma família cuja faixa etária ia dos 5 ou 6 anos até a idade adulta.

Era um bom local para matar. O barraco ficava em frente a um terreno baldio, de forma que haveria poucas testemunhas. Não que isso importasse — a van não tinha placa, e veículos brancos desse tipo eram tão comuns em Cabo Ocidental quanto gaivotas na Green Way.

Os dois ficaram sentados em silêncio por uns dez minutos, já quase chamando atenção. Então, o segurança disse:

— Lá vem ele.

Stephan Dlamini aproximava-se, caminhando pela rua empoeirada; era um homem alto, magro e de cabelo grisalho, que vestia paletó surrado, camiseta cor de laranja e jeans marrom. Com ele, vinha um de seus filhos. O garoto, que tinha cerca de 11 anos,

carregava uma bola de futebol enlameada e vestia uma camisa de rúgbi do Springboks sem casaco, apesar do frio de outono.

Dlamini e o menino pararam do lado de fora e ficaram chutando a bola um para o outro. Depois, entraram em casa. Dunne fez sinal com a cabeça para o segurança. Os dois colocaram máscaras de esqui. O irlandês examinou o barraco. Era maior do que os outros, mas os explosivos e a bomba incendiária que tinham trazido seriam suficientes. As cortinas das janelas estavam puxadas; o tecido barato brilhava com a luz que vinha de dentro.

Por alguma razão, Dunne viu-se pensando de novo no chefe, no evento daquela noite. Afastou a imagem da cabeça.

Esperou mais cinco minutos para ter certeza de que Dlamini já tivesse usado o banheiro — se é que havia algum no barraco — e que a família estivesse sentada à mesa de jantar.

— Vamos — disse ele.

O segurança balançou a cabeça. Saltaram da van, cada um segurando uma granada poderosa recheada com grânulos de cobre mortais. A rua estava deserta.

Sete membros de uma família, refletia Dunne.

— Agora — sussurrou ele.

Puxaram os pinos das granadas e lançaram uma em cada janela. Nos cinco segundos de silêncio que se seguiram, Dunne pegou o coquetel molotov — uma lata com gasolina e um pequeno detonador — e aprontou-o. Quando explosões ensurdecedoras sacudiram o chão, estilhaçando o que havia sobrado dos vidros, ele atirou a bomba incendiária pela janela. Depois, os dois homens entraram correndo na van. O segurança ligou o motor e saiu em disparada.

Em exatamente cinco segundos, chamas começaram a sair pelas janelas de forma espetacular. Um jato de fogo vindo da chaminé

subiu direto para o céu por uns 5 metros, o que fez Dunne lembrar das exibições de fogos de artifício que tanto apreciava quando era garoto em Belfast.

— *Hayi! Hayi!*

O lamento da mulher tomou conta da noite enquanto contemplava o barraco em chamas, seu lar, as lágrimas turvando-lhe o olhar.

Ela e os cinco filhos espremiavam-se uns contra os outros atrás do inferno. A porta de trás estava aberta e proporcionava uma visão dolorosa das chamas, que destruíam todas as posses da família. Ela tentou correr para dentro e salvar o que conseguisse, mas o marido, Stephan Dlamini, segurou-a com força, falando-lhe numa língua que James Bond tomou por *xhosa*.

Uma grande multidão começou a juntar-se e foi criada uma brigada informal de bombeiros que passava baldes de água entre si, numa tentativa fútil de extinguir as chamas incontroláveis.

— Temos que ir embora — disse Bond para o homem alto atrás de si, próximo a uma van da polícia sem identificação.

— Com certeza — disse Kwalene Nkosi.

Bond queria tirar a família da favela antes que Dunne soubesse que ainda estava viva.

Nkosi, porém, tinha outra preocupação. O primeiro-sargento estivera de olho na multidão, que crescia e contemplava o homem branco; o olhar deles não era amigável.

— Mostre seu distintivo — disse-lhe Bond.

Os olhos de Nkosi se esbugalharam.

— Não, não, comandante, não é uma boa ideia. Vamos embora. Agora.

Eles conduziram Stephan Dlamini e a família até a van. Bond entrou com eles e Nkosi sentou atrás da direção, ligando o motor e levando-os para longe noite adentro.

Deixaram para trás a multidão raivosa, confusa, e as chamas altas... mas nenhum ferido.

Após saber que Dlamini seria alvo de Dunne e que vivia virtualmente anônimo numa grande favela, Bond tentara descobrir uma forma de localizá-lo. A Central de Comunicações do Governo e o MI6 não conseguiram encontrar nenhum celular em seu nome, ou qualquer registro pessoal no censo sul-africano, ou em cadastros de sindicatos. Ele tentara a sorte, ligando para Kwalene Nkosi.

— Vou lhe contar uma coisa, primeiro-sargento, e espero poder confiar que vai guardá-la para si. *Ninguém* pode saber.

Fizera-se silêncio. Depois, o jovem disse com cautela:

— Vá em frente.

Bond explicou o problema, inclusive o fato de que a escuta havia sido ilegal.

— Seu sinal não está bom, comandante. Não escutei essa última parte.

James sorria.

— Mas temos que descobrir onde esse Stephan Dlamini vive. Agora.

Nkosi suspirara.

— Vai ser difícil. Primrose Gardens é grande. Mas tenho uma ideia.

Os motoristas das vans de transporte sabiam mais sobre favelas e *lokasies* do que o próprio governo. O primeiro-sargento começaria ligando para eles. Bond e ele se encontraram e dirigiram-se rapidamente para Primrose Gardens, e Nkosi continuou a busca pelo barraco da família pelo celular. Um pouco antes das 18h, os dois continuavam vasculhando a favela quando um motorista de táxi informou que sabia onde Dlamini morava e deu-lhes o endereço.

Ao se aproximarem, viram outra van na frente da casa e um rosto branco espiando pela janela.

— Dunne — disse Nkosi.

Ele e Bond deram a volta e estacionaram atrás do barraco. Entraram pela porta dos fundos, o que deixou a família em pânico, mas Nkosi explicara-lhes, na própria língua, que tinham vindo para salvá-los. Tinham de sair imediatamente. Stephan Dlamini ainda não estava em casa, mas chegaria em breve.

Minutos depois, ele abria a porta e entrava com o filho, e Bond, sabendo que o ataque era iminente, não tivera outra escolha senão sacar a arma e forçá-los a sair pela porta dos fundos. Nkosi tinha acabado de explicar a intenção de James e o perigo que corriam quando as granadas explodiram, seguidas pelo coquetel molotov.

Agora estavam todos na N1 deslocando-se para oeste. Dlamini pegou a mão de Bond e apertou-a. Depois, se inclinou em direção ao assento da frente e abraçou-o. Seus olhos estavam cheios de lágrimas. A mulher encolhia-se com os filhos na traseira, examinando o forasteiro com desconfiança enquanto este lhe contava quem estava por trás do ataque.

Por fim, após ouvir a história, Dlamini perguntou consternado:

— Sr. Hydt? Mas como pode? Ele é o melhor patrão do mundo. Nos trata tão bem... Muito bem. Não estou entendendo isso.

Bond explicou. Parecia que Dlamini tinha ficado sabendo de alguma coisa sobre certas atividades ilegais em que Hydt e Dunne estavam envolvidos.

Seus olhos brilharam.

— Sei do que o senhor está falando — disse, balançando a cabeça.

Contou a Bond que trabalhava na limpeza da usina da Green Way, ao norte da cidade. Naquela manhã, tinha encontrado a porta da sala de Pesquisa e Desenvolvimento aberta por causa de umas entregas. Havia dois funcionários nos fundos. Dlamini vira uma cesta de papel cheia. Aquele lixo era removido por outras pessoas, mas ele decidiu esvaziá-la mesmo assim.

— Eu só estava tentando fazer bem meu trabalho — disse, sacudindo a cabeça. — Entrei e comecei a esvaziar o cesto quando um dos funcionários me viu e começou a gritar comigo. Perguntava o que eu tinha visto e o que estava olhando. Respondi que nada. Ele me mandou sair.

— E você viu alguma coisa que pudesse aborrecê-los?

— Acho que não. No computador ao lado da cesta tinha uma mensagem, um e-mail, eu acho. Estava escrito "Sérvia" em inglês. Mas não dei muita atenção.

— Só isso?

— Só.

Sérvia...

Então, alguns dos segredos do Geena jaziam atrás da porta da sala de Pesquisa e Desenvolvimento.

Bond disse a Nkosi:

— Temos que tirar a família de circulação. Se eu der dinheiro a eles, existe algum hotel em que possam ficar até o fim de semana?

— Posso encontrar um lugar para eles.

James entregou-lhes 1.500 *rands*. O homem esbugalhou os olhos diante da quantia. Nkosi explicou a Dlamini que teria que ficar escondido por um curto tempo.

— E diga a eles que liguem para outros membros da família e amigos próximos, dizendo que estão bem, mas que precisam ficar fora de circulação por uns dias. Você tem como plantar na mídia uma história sobre a morte deles?

— Acho que sim — disse o primeiro-sargento, de modo hesitante. — Mas estou pensando se... — e sua voz diminuiu.

— Vamos manter isso entre nós dois. A capitã Jordaan não precisa saber.

— Com certeza. Assim é melhor.

Quando a visão gloriosa da Cidade do Cabo surgiu diante deles, Bond olhou para o relógio. Era hora da segunda missão da noite — que demandaria que ele empregasse uma série de conhecimentos sobre espionagem muito diferente de esquivar-se de granadas e coquetéis molotov, embora suspeitasse que a tarefa não fosse ser menos desafiadora.

Bond não ficou impressionado com o Lodge Club.

Talvez no passado, quando era um enclave de caçadores vestindo culotes munidos com argolas para pendurar munição de rifles de caça, tivesse sido mais chique, mas a atmosfera agora era a de uma casa de festas que abrigava várias recepções de casamento ao mesmo tempo.

Bond não tinha sequer certeza se a cabeça de búfalo africano, que o contemplava com um olhar hostil perto da porta da frente, era verdadeira ou tinha sido feita na China.

Ele deu o nome Gene Theron a uma das jovens atraentes postadas na entrada. Era loura, voluptuosa e usava um vestido vermelho justo com decote ousado. A outra recepcionista era de origem zulu ou *xhosa*, mas de estatura e trajes semelhantes. Bond desconfiou que o diretor daquela instituição beneficente sabia como seduzir, de forma tática, uma concentração de doadores predominantemente masculina.

Ele acrescentou:

— Convidado do Sr. Hydt.

— Ah, sim — disse a mulher de cabelos dourados deixando-o entrar num salão pouco iluminado, por onde circulavam cerca de cinquenta pessoas.

Champanhe, vinho e refrigerantes estavam sendo oferecidos, e Bond optou pelo primeiro.

Havia seguido a sugestão de Hydt para roupa, e o mercenário de Durban vestia calça cinza-clara, paletó esportivo preto e uma camisa azul-clara sem gravata.

Segurando sua *flute* de champanhe, Bond examinou o salão luxuoso. O grupo por trás do evento era a Organização Internacional Contra a Fome, sediada na Cidade do Cabo. Retratos sobre cavaletes mostravam trabalhadores distribuindo sacolas grandes para beneficiários felizes, na maior parte, mulheres; aviões Hércules sendo descarregados; e barcos repletos de sacas de arroz ou trigo. Não havia fotos de crianças famintas e macilentas. Via-se um compromisso com o bom gosto por todos os lados. Era preciso que os possíveis doadores se sentissem incomodados mas não muito. Bond achava que, no universo do altruísmo, era necessário navegar com o mesmo cuidado que na política de Whitehall.

De alto-falantes no teto, vinham as harmonias vocais do Ladysmith Black Mambazo e as canções inspiradoras da cantora Verity, da Cidade do Cabo, que proporcionavam uma trilha sonora cativante para a noite.

O evento era um leilão silencioso — mesas estavam repletas com todo o tipo de artigos doados por patrocinadores do grupo: uma bola de futebol assinada por jogadores da Bafana Bafana, a seleção nacional da África do Sul; um barco para observação de baleias; uma casa para fins de semana em Stellenbosch; uma escultura zulu; um par de brincos de diamante e muito mais. Os convidados

circulavam e escreviam seus lances para cada item numa folha de papel; quem tivesse oferecido a quantia mais alta arremataria o item quando o leilão acabasse. Severan Hydt havia doado um jantar para quatro, no valor de 8 mil *rands* — cerca de 700 libras, calculou Bond — num restaurante de alto luxo.

O vinho era oferecido com generosidade e garçons circulavam com bandejas de prata que continham canapés elaborados.

Dez minutos após Bond ter chegado, Hydt apareceu de braço dado com a acompanhante. Não havia sinal de Niall Dunne. Ele cumprimentou Severan, que vestia um terno azul-marinho bem cortado, provavelmente americano, se os ombros caídos não mentiam. A mulher — o nome, lembrava ele, era Jessica Barnes — trajava um vestido preto básico e usava muitas joias, todas de diamantes e platina. As meias eram totalmente brancas. Não se via nela nenhum traço de cor; não usava sequer batom. Bond seguiu com a impressão que tivera dela antes: como era doentio seu aspecto, apesar da silhueta e do rosto atraentes. Toda aquela austeridade a envelhecia de modo considerável, dando-lhe uma aparência fantasmagórica. Bond ficou curioso; todas as outras mulheres ali, da idade de Jessica, haviam claramente passado horas enfeitando-se.

— Ah, Theron — gritou Hydt, dirigindo-se até ele e soltando-se de Jessica, que o seguiu.

Enquanto apertava a mão de Severan, a mulher contemplava-o com um sorriso reservado. Virou-se para ela. A espionagem requer um esforço constante, muitas vezes exaustivo. É necessário manter uma expressão de leve curiosidade quando se encontra alguém com quem se está familiarizado apenas por observação à distância. Já se perderam vidas por causa de um simples deslize como dizer:

— Ah, que bom ver você novamente — quando, na verdade, nunca se viu a pessoa face a face.

Bond manteve um olhar neutro enquanto Hydt apresentava-a:

— Esta é Jessica — disse ele, virando-se depois para a acompanhante. — Gene Theron. Estamos fazendo negócios.

A mulher balançou a cabeça e, embora não desviasse o olhar dele, apertou-lhe a mão de forma hesitante.

Era um sinal de insegurança, concluiu James. Outra indicação disso era a bolsa, que mantinha pendurada no ombro e imprensada entre o braço e as costelas.

Seguiu-se uma conversa trivial, com Bond recitando trechos das lições de Jordaan sobre o país e tomando o cuidado de ser preciso, imaginando que Jessica poderia, mais tarde, comentar a conversa com Hydt. Em voz baixa, disse que o governo sul-africano devia se preocupar com coisas mais importantes do que rebatizar Pretória de Tshwane. Estava feliz pela situação dos sindicatos estar acalmándose. Sim, gostava da vida na costa leste. As praias perto de sua casa em Durban eram muito boas, especialmente agora que haviam sido colocadas redes contra tubarões, embora nunca houvesse tido problemas com eles, que, vez por outra, arrancavam pedaços das pessoas. Depois, falaram sobre a fauna local. Jessica visitara recentemente mais uma vez a famosa reserva de caça Kruger e vira dois elefantes adolescentes arrancando árvores e arbustos do solo. Aquilo lhe trouxera lembranças das gangues de Sommerville, Massachusetts, a norte de Boston — jovens vandalizando parques públicos. Ah, sim, bem que ele achara que seu sotaque era americano.

— Já esteve lá, Sr. Theron?

— Me chame de Gene, por favor — disse Bond vasculhando mentalmente a biografia escrita por Bheka Jordaan e a Seção I para ele. — Não. Mas espero ir algum dia.

Bond olhou para Hydt. Sua linguagem corporal havia mudado; estava demonstrando sinais de impaciência. Um olhar para Jessica sugeriu que ela deveria deixá-los. James pensou na violência sofrida por Bheka Jordaan nas mãos dos colegas. Essa apenas diferia no grau. Momentos depois, a mulher pediu licença para “retocar a maquiagem”, expressão que ele não escutava fazia anos. Achou irônico que ela usasse aquele termo, considerando que provavelmente não iria fazer aquilo.

Quando ficaram sozinhos, Hydt disse-lhe:

— Andei pensando mais sobre a sua proposta, e gostaria de aceitá-la.

— Bom.

Uma atraente jovem africâner serviu-lhes mais champanhe. Bond falou:

— *Dankie* — e disse a si mesmo para não exagerar na representação.

Ele e Hydt retiraram-se para um canto da sala; Severan acenou e apertou as mãos de pessoas no caminho. Quando ficaram sozinhos, sob uma cabeça empalhada de gazela ou antílope, ele bombardeou Bond com perguntas sobre o número de valas, a extensão do terreno, em que países encontravam-se, e se as autoridades estavam perto de descobrir alguns daqueles campos da morte. Enquanto ia improvisando respostas, Bond ficava ao mesmo tempo impressionado com a minúcia do homem. Parecia que tinha passado a tarde toda pensando no projeto. James teve o cuidado de

memorizar o que dizia a Hydt e comprometeu-se interiormente a escrevê-lo mais tarde, de forma a manter a coerência no futuro.

Após 15 minutos, Bond disse:

— Agora, há coisas que eu gostaria de saber. Primeiro, suas instalações aqui. Gostaria de conhecê-las.

— Acho que deve.

Quando ele não sugeriu uma hora, Bond propôs:

— Que tal amanhã?

— Vai ser difícil, por causa do meu grande projeto de sexta-feira.

James assentiu.

— Alguns dos meus clientes estão ansiosos para começar. Você é minha primeira escolha, mas se houver atraso, vou ter que...

— Não, não. Por favor. Amanhã está bem.

Justamente quando Bond ia começar a sondar mais, as luzes diminuíram e uma mulher subiu num estrado próximo ao local onde os dois homens conversavam.

— Boa noite — disse ela, a voz baixa eivada de sotaque sul-africano. — Sejam todos bem-vindos. Obrigado por terem vindo a nosso evento.

Era a diretora-executiva da organização, e Bond achou graça em seu nome: Felicity Willing.

Não era, na opinião dele, uma garota de capa de revista tão linda quanto Philly Maidenstone. Mesmo assim, o rosto era intenso, impactante. Maquiado com perfeição, revelava uma qualidade felina. Os olhos eram verde-escuros, como folhas de final do verão ao sol, e o cabelo era louro escuro, muito puxado para trás e preso, o que acentuava os ângulos do nariz e do queixo. Usava um vestido de noite justo azul-marinho decotado na frente e mais ainda nas costas. Os sapatos prateados eram de tiras finas e saltos instáveis. Pérolas

ligeiramente rosadas adornavam-lhe o pescoço e ela usava um anel, também de pérola, no dedo indicador da mão direita. As unhas eram curtas e sem esmalte de cor.

Ela examinou o público com um olhar penetrante, quase desafiador, e disse:

— Quero avisar a todos vocês que... — a tensão aumentou na audiência — na universidade eu era conhecida como *Felicity Wilful**, um nome apropriado, como vocês vão descobrir mais tarde, quando eu fizer a coleta. Aconselho a todos, para a própria segurança de vocês, que mantenham os talões de cheque à mão — e um sorriso substituiu a expressão feroz.

Quando as gargalhadas diminuíram, Felicity começou a falar sobre o problema da fome:

— A África tem que importar 25 por cento dos alimentos que consome (...). Enquanto a população disparou, as colheitas hoje continuam no mesmo nível de 1980 (...). Em lugares como a República Centro-Africana, quase um terço das famílias não dispõem de alimentação regular (...). Na África, a deficiência de iodo é a causa número um dos problemas cerebrais; a deficiência de vitamina A é a causa número um dos casos de cegueira (...). Quase 300 milhões de pessoas na África não comem o suficiente. Esse número é igual a toda a população dos Estados Unidos...

A África, naturalmente, não é o único lugar que precisa de ajuda alimentar, continuou ela, e sua organização estava atacando aquela praga em todas as frentes. Graças à generosidade de doadores, inclusive muitos presentes ali, o grupo havia recentemente expandido suas atividades, de instituição de caridade puramente africana para internacional, abrindo escritórios em Jacarta, Porto Príncipe e Mumbai, com outros em vista.

E, acrescentou ela, o maior carregamento de milho, sorgo, leite em pó e outros alimentos altamente nutritivos que já foi enviado a África estava para chegar na Cidade do Cabo para ser distribuído por todo o continente.

Felicity agradeceu os aplausos. Depois, o sorriso desapareceu e ela contemplou a multidão com olhos penetrantes e, mais uma vez, falou em voz baixa, quase ameaçadora, sobre a necessidade de tornar os países mais pobres independentes das “agrópolis” ocidentais. Protestou contra a abordagem prevalente na América e na Europa para acabar com a fome: megafazendas pertencentes a estrangeiros, que forçam caminho em nações do Terceiro Mundo e expulsam agricultores locais — as pessoas que sabiam como conseguir as melhores colheitas na terra. Essas empresas estavam usando a África e outras nações como laboratórios, a fim de testar métodos e produtos não experimentados ainda, como fertilizantes sintéticos e sementes geneticamente modificadas.

— A grande maioria dos agronegócios internacionais só se importa com lucros, e não em aliviar o sofrimento das pessoas. Isso simplesmente não é aceitável.

Por fim, após terminar seu ataque, Felicity sorriu e apontou os doadores, Hydt entre eles. Ele respondeu aos aplausos com um aceno. Estava sorrindo também, mas o que sussurrou a Bond contava uma história diferente:

— Se você quer ser adulado, é só dar dinheiro. Quanto mais desesperados eles estão, mais adoram você. — Ele claramente não queria estar ali.

Felicity desceu do estrado para circular enquanto os convidados continuavam a fazer seus lances silenciosos.

Bond disse a Hydt:

— Não sei se você tem planos, mas eu estava pensando que poderíamos sair para jantar. Posso convidar?

— Lamento muito, Theron, mas tenho de encontrar um sócio que acaba de chegar na cidade para aquele projeto que mencionei.

Geena... James também queria muito encontrar aquele homem, quem quer que fosse.

— Eu adoraria levar todos, seu sócio também.

— Essa não é a melhor noite, acho — disse Hydt, de forma ausente, pegando o iPhone e procurando mensagens ou chamadas perdidas.

Ele levantou a cabeça e viu Jessica sozinha, constrangida, em frente a uma mesa sobre a qual estavam sendo oferecidas peças para o leilão. Quando olhou para Hydt, ele fez um sinal impaciente para que se aproximasse.

Bond estava tentando pensar numa outra forma de fazer um convite, mas decidiu recuar antes que Hydt ficasse desconfiado. Sedução na espionagem é como no amor; funciona melhor quando se consegue fazer o objeto de desejo se aproximar. Nada arruína mais rápido os esforços de alguém do que a perseguição desesperada.

— Amanhã, então — disse James, aparentemente distraído e olhando para o próprio telefone.

— Sim. Ótimo — disse Hydt, levantando a cabeça e chamando.
— Felicity!

Com um sorriso, a diretora-executiva da instituição de caridade despediu-se de um homem gordo e calvo num smoking empoeirado que apertava a sua mão por mais tempo do que a cortesia ditava. Ela juntou-se a Hydt, Jessica e Bond.

— Severan, Jessica — disse ela, roçando as faces de ambos.

— E um sócio, Gene Theron. Ele é de Durban. Está na cidade por alguns dias.

Felicity apertou a mão de Bond. Ele fez perguntas óbvias sobre a organização e o carregamento de alimentos que estava por chegar, na esperança de que Hydt mudasse de ideia acerca do jantar.

Entretanto, o homem olhou outra vez para o iPhone e disse:

— Acho que está na hora de ir.

— Severan — disse Felicity —, acho que meus comentários não expressaram toda a minha gratidão. Você nos apresentou a doadores importantes. Não sei como te agradecer.

Bond tomou nota daquilo. Então, ela sabia o nome de alguns dos parceiros de Hydt. Perguntou-se como explorar da melhor forma essa conexão.

Hydt retrucou:

— Fico encantado em ajudar. Tive sorte na vida. Quero compartilhar isso. — E voltando-se para Bond: — Até amanhã, Theron. Por volta do meio-dia, se for conveniente. Vista roupa e sapato velhos.

Ele tocou na barba encaracolada com um dedo indicador, cuja unha refletiu um raio de luz amarelada.

— Você vai fazer um giro pelo inferno.

Após Hydt e Jessica terem partido, Bond virou-se para Felicity Willing.

— Aquelas estatísticas são preocupantes. Tenho interesse em ajudar — disse ele mais perto, sentindo seu perfume, uma fragrância almiscarada.

— Tem interesse? — perguntou ela.

James balançou a cabeça.

Felicity mantinha o sorriso no rosto, mas seus olhos diziam outra coisa.

— Bem, Sr. Theron, para cada doador que realmente faz um cheque, dois dizem que estão “interessados”, mas nunca doam um *rand*. Prefiro que as pessoas me digam na cara que não querem dar nada. Porque aí posso continuar com meu negócio. Me perdoe se estou sendo indelicada, mas estou travando uma guerra aqui.

— E você não faz prisioneiros?

— Não — disse ela, sorrindo sinceramente então. — Não faço.

Felicity Wilful...

— Então, faço questão de ajudar — disse Bond perguntando-se o que a Seção A diria, em Londres, quando encontrasse uma doação na sua conta de despesas. — Não tenho certeza se posso me igualar ao nível de generosidade de Severan.

— Um *rand* doado significa um *rand* a mais para a solução do problema — replicou ela.

Ele fez uma pausa perspicaz por um momento e depois disse:

— Acabo de ter uma ideia: Severan e Jessica não podiam sair para jantar, e estou sozinho na cidade. Você gostaria de me acompanhar depois do leilão?

Felicity considerou o convite.

— Não vejo por que não. Você parece ter o corpo razoavelmente em forma — e afastou-se, como uma leoa que se prepara para dar o bote num rebanho de gazelas.

Nota

* Obstinada. (*N. do T.*)

Quando acabou o evento, que arrecadou o equivalente a 30 mil libras — incluindo uma modesta doação no cartão de crédito de Gene Theron —, Bond e Felicity Willing caminharam até o estacionamento atrás do Lodge Club.

Aproximaram-se de uma van espaçosa ao lado da qual estavam dúzias de caixas de papelão grandes. Ela puxou a saia do vestido para cima, agachou-se feito um estivador no cais, pegou uma e meteu-a no veículo pela porta lateral.

A referência a sua boa forma física tornou-se, de repente, clara.

— Me deixa ajudar — disse ele.

— Nós dois podemos fazer isso.

Juntos, começaram a pôr no carro as pesadas caixas, que cheiravam a comida.

— Sobras — falou Bond.

— Você não achou muito irônico que estivéssemos servindo canapés para gourmets numa campanha que pretende arrecadar fundos para os famintos? — perguntou Felicity.

— Achei sim.

— Se eu tivesse oferecido biscoito de lata e queijo processado, eles devorariam tudo. Mas como era comida sofisticada, porque extorqui alguns restaurantes três estrelas para que a doassem, ninguém ousou comer mais do que uma ou duas porções. Eu queria garantir que sobrasse bastante coisa.

— Aonde vamos entregar esse excesso?

— Num banco de comida aqui perto. É um ponto de distribuição com o qual a minha instituição trabalha.

Quando terminaram de carregar as caixas, os dois entraram na van. Felicity sentou no banco do motorista e tirou os sapatos para dirigir descalça. Eles saíram na noite, sacolejando sobre o asfalto irregular enquanto ela castigava a embreagem e a caixa de marchas.

Em 15 minutos, estavam no Banco Central de Alimentos da Cidade do Cabo. Recolocando os sapatos, Felicity abriu a porta lateral e, juntos, descarregaram os lagostins, bolinhos de caranguejo e frango à jamaicana que os empregados levaram para o interior de um galpão.

Quando a van ficou vazia, Felicity fez um gesto para um homem grande que vestia calça cáqui e camiseta. Parecia imune ao frio de maio. Ele hesitou e, então, se aproximou olhando para Bond com curiosidade. Depois disse:

— Sim, Srta. Willing? Obrigado, Srta. Willing. Muita comida boa para todo mundo esta noite. A senhora viu dentro do galpão? Está cheio.

Ela ignorou as perguntas, que, para Bond, soaram como conversa para distrair.

— Joso, semana passada desapareceu um carregamento. Cinquenta quilos. Quem pegou?

— Não fiquei sabendo de nada...

— Não perguntei se você ficou sabendo, mas quem levou.

O rosto dele era uma máscara, mas acabou desabando:

— Por que está perguntando para mim, Srta. Willing? Eu não fiz nada.

— Joso, você sabe quantas pessoas podem se alimentar com 50 quilos de arroz?

— Eu...

— Me diga. Quantas pessoas?

Ele alçou-se acima dela, mas Felicity permaneceu impassível. Bond perguntou-se se era *àquilo* que se referia quando fez a avaliação sobre a boa forma física dele. Entretanto, seus olhos revelavam que, para ela, James sequer encontrava-se presente. A coisa era entre Felicity e um transgressor que havia roubado comida daqueles que se comprometera a proteger, e ela era inteiramente capaz de lidar com ele sozinha. Seus olhos faziam-no lembrar de si mesmo quando confrontava um inimigo.

— Quantas pessoas? — repetiu Felicity.

Sem mais recursos, ele passou para o zulu ou *xhosa*.

— Não — corrigiu ela. — Alimenta mais do que isso, muito mais.

— Foi um acidente — protestou o homem. — Esqueci de fechar a porta. Era tarde. Eu estava trabalhando...

— Não foi acidente nenhum. Alguém viu você destrancar a porta antes de sair. Quem está com o arroz?

— Não, não, a senhora tem que acreditar em mim.

— Quem? — insistiu ela, com frieza.

Ele se deu por vencido.

— Um homem dos Planos*. De uma gangue. Ah, por favor, Srta. Willing, se a senhora contar à polícia, ele vai descobrir que fui eu. Vai saber que eu lhe contei. Vai vir atrás de mim e da minha família.

Ela apertou as mandíbulas, e Bond não conseguia tirar a impressão que tivera de antes, de um felino prestes a atacar. Não havia simpatia em sua voz quando disse:

— Não vou contar à polícia. Dessa vez, não. Mas você vai dizer ao diretor o que fez. E ele vai decidir se o mantém aqui ou não.

— Esse é meu único emprego — protestou ele. — Tenho família. É meu único emprego.

— Que você não teve nenhum escrúpulo em arriscar — retrucou ela. — Agora, vá contar ao reverendo Van Groot. E se ele mantiver você e acontecer outro roubo, *eu* vou contar à polícia.

— Não vai acontecer de novo, Srta. Willing — disse ele virando-se e desaparecendo no interior.

Bond ficou impressionado pela forma fria, eficiente, com que ela resolveu o incidente. Notou também que aquilo a tornava ainda mais atraente.

Ela surpreendeu seu olhar e seu rosto suavizou-se.

— A guerra que estou travando? Às vezes não se tem muita certeza de quem é o inimigo. Ele pode estar até do seu lado.

Como sei disso, pensou Bond.

Eles retornaram à van. Felicity abaixou-se para tirar de novo os sapatos, mas Bond disse rápido:

— Eu dirijo. Poupe você de desamarrar as tiras.

Felicity riu. Os dois entraram no veículo e ele deu partida.

— Jantar? — perguntou ela.

Bond quase se sentiu culpado depois de tudo o que ouvira sobre a fome.

— Se você ainda está a fim.

— Com toda certeza.

Enquanto prosseguiam, ele perguntou:

— Ele ia realmente morrer se você fosse à polícia?

— A polícia ia rir da ideia de investigar 50 quilos de arroz roubado. Mas os Planos do Cabo *são* perigosos, isso é verdade, e se alguém lá achar que Joso cometeu traição, provavelmente ele seria morto. Vamos esperar que tenha aprendido a lição — e a voz ficou fria de novo quando acrescentou: — A leniência pode fazer aliados. E pode se tornar uma serpente também.

Felicity guiou-o de volta a Green Point. Como o restaurante que ela havia sugerido ficava perto do hotel Table Mountain, ele deixou a van lá e os dois foram caminhando. Várias vezes, notou Bond, Felicity olhava para trás, com o rosto alerta, os ombros tensos. A rua estava deserta. O que a ameaçava?

Ela relaxou quando se viu no salão da frente do restaurante, que era decorado com tapeçarias e ornamentos em madeira escura e metal. As janelas grandes davam para a água, que dançava com as luzes. Grande parte da iluminação no interior vinha de centenas de velas de cor creme. Quando foram levados até a mesa, Bond reparou que o vestido justo brilhava na luz e parecia mudar de cor a cada passo, de azul-marinho a anil e celeste. Sua pele cintilava.

O garçom a cumprimentou pelo nome, depois sorriu para Bond. Ela pediu um Cosmopolitan e ele, com vontade de tomar um coquetel, pediu o mesmo drinque que havia bebido com Philly Maidenstone.

— Um uísque Crown Royal, duplo, com gelo. Meia dose de Triple Sec, duas gotas de Angostura. Um pouco de casca de laranja, e não uma fatia da fruta.

Quando o garçom se afastou, Felicity disse:

— Nunca tinha ouvido falar nesse coquetel antes.

— É invenção minha.

— Você deu algum nome?

Bond sorriu para si, lembrando-se que o garçom do Antoine's, em Londres, também se admirara do drinque.

— Ainda não.

Tivera uma inspiração numa conversa com M alguns dias antes.

— Mas acho que vou dar agora. Vou chamar de Carte Blanche. Em sua homenagem.

— Por quê? — perguntou ela, enrugando a testa estreita.

— Porque se os seus doadores beberem dele o suficiente, vão lhe dar liberdade total para tirar o dinheiro deles.

Felicity riu e apertou seu braço, depois pegou o cardápio.

Sentado mais perto agora, Bond podia ver como tinha sido habilidosa ao se maquiar, acentuando os olhos felinos e os ângulos das faces e da mandíbula. Um pensamento ocorreu-lhe: Philly Maidenstone talvez fosse mais atraente no sentido clássico, mas era uma beleza passiva. A de Felicity era mais agressiva, impetuosa.

Ele reclinou-se pela comparação, pegou o cardápio e pôs-se a estudá-lo. Examinando a extensa lista de pratos, soube que o restaurante, Celsius, era famoso pela grelha especial, que alcançava 950 graus centígrados.

Felicity disse:

— Peça para nós dois. Qualquer coisa de entrada, mas eu preciso de uma carne como prato principal. Não há nada como a carne grelhada do Celsius. Meu Deus, Gene, você não é vegetariano, é?

— Difícil.

Quando o garçom voltou, Bond pediu sardinhas frescas grelhadas e, depois, um grande bife de costela para dois. Perguntou se o chef poderia grelhar sem retirar o osso — o que na América se chamava "corte de cowboy".

O garçom mencionou que as carnes costumavam ser servidas com molhos exóticos: Chimichurri Argentino, Café Indonésio, Pimenta em Grão de Madagascar, Madeira Português ou Anticucho Peruano. Porém, Bond recusou todos. Achava que as carnes já tinham sabor próprio suficiente e deviam ser comidas apenas com sal e pimenta.

Felicity fez sinal de que concordava.

Depois, ele escolheu uma garrafa de vinho tinto sul-africano, um Rustenberg Peter Barlow Cabernet 2005, que chegou logo e era tão bom quanto ele havia esperado. Os dois brindaram e beberam.

O garçom trouxe a entrada e eles a comeram. Bond, privado do almoço por causa de Gregory Lamb, estava faminto.

— Como você ganha a vida, Gene? Severan não disse.

— Trabalho com segurança.

— Ah.

O clima esfriou ligeiramente. Felicity era uma mulher de negócios experiente e viajada, e reconheceu o eufemismo. Provavelmente pensaria que ele estava envolvido de alguma forma com os vários conflitos na África. A guerra, ela tinha dito, era uma das causas principais da praga da fome.

Ele disse:

— Tenho firmas que instalam sistemas de segurança e fornecem guardas.

Ela pareceu crer que aquilo fosse, pelo menos em parte, verdadeiro.

— Nasci na África do Sul e estou morando aqui faz quatro ou cinco anos. Vi tudo mudar. O crime já não é um problema tão grande quanto costumava ser, mas as equipes de segurança ainda são necessárias. Temos várias na organização. Precisamos delas.

Nosso trabalho como instituição de caridade não nos isenta de riscos. — E acrescentou, sombriamente: — Gosto de distribuir comida. Mas não tolero que a roubem de mim.

Para que não fizesse mais perguntas sobre ele, Bond perguntou sobre sua vida.

Havia crescido no interior de Cabo Ocidental, e era filha única de ingleses; o pai era executivo de uma empresa de mineração. A família tinha voltado para Londres quando ela tinha 13 anos. Era uma forasteira no colégio interno, confessou.

— Poderia ter me encaixado um pouco melhor se ficasse de boca fechada sobre como desentranhar gazelas, especialmente no refeitório.

Depois, fora para a London Business School e estagiara num importante banco de investimentos, no qual se saíra “relativamente bem”; sua modéstia desinteressada sugeria que fizera um excelente trabalho.

Contudo, o trabalho mostrara-se, por fim, insatisfatório.

— Era fácil demais para mim, Gene. Não havia desafios. Eu precisava de algo mais instigante. Bem, quatro ou cinco anos atrás, decidi reavaliar minha vida. Tirei um mês de férias e passei um tempo aqui. Vi o quanto a fome era disseminada. E resolvi fazer alguma coisa sobre isso. Todos me disseram para eu não me preocupar, que era impossível mudar isso. Foi como agitar um pano vermelho na frente de um touro.

— Felicity Wilful.

Ela sorriu.

— E aqui estou eu, intimidando doadores para que nos deem dinheiro e atacando as megafazendas americanas e europeias.

— Agrópolis. Palavra engenhosa.

— Fui eu que inventei — disse ela, e depois explodiu: — Eles estão destruindo o continente. Não vou deixá-los ficar impunes.

A discussão séria foi abreviada quando o garçom apareceu com a carne chiando num prato de ferro. Estava tostada por fora e suculenta dentro. Eles comeram em silêncio durante um tempo. A certa altura, ele cortou um pedaço crocante do bife, mas tomou um gole de vinho antes de colocá-lo na boca. Quando voltou ao prato, o naco de carne tinha desaparecido e Felicity o mastigava com um ar travesso.

— Desculpe. Eu costumo ir atrás das coisas que me atraem.

Bond riu.

— Muito esperta, roubando coisas debaixo do nariz de um especialista em segurança.

Ele fez um sinal ao *sommelier*, e uma segunda garrafa de cabernet apareceu. James levou a conversa para Severan Hydt.

Ficou decepcionado quando descobriu que ela não parecia saber muita coisa sobre o homem que pudesse ser útil a sua missão. Felicity mencionou nomes de alguns de seus parceiros comerciais que haviam doado dinheiro à instituição, e ele memorizou-os. Não tinha conhecido Niall Dunne, mas sabia que Hydt possuía um assistente brilhante que executava todo tipo de magia técnica. Levantou uma sobrancelha e disse:

— Já entendi: é você que ele usa.

— Perdão?

— Para fazer a segurança nas instalações da Green Way, ao norte da cidade. Nunca estive no lugar, mas um dos meus assistentes recolheu uma doação dele lá. É um lugar cheio de detectores de metal e escâneres. Você não pode entrar no local nem com um clipe para papel, muito menos com celular. Tem que deixar

tudo na porta. Como naqueles velhos filmes de faroeste americanos, você deixa as armas do lado fora antes de entrar no bar.

— Ele contratou não sei quem para isso. Eu faço outras coisas.

A informação preocupou Bond; ele pretendia entrar no prédio da Green Way com muito mais do que um clipe para papel e um telefone celular, apesar do desdém de Bheka Jordaan pela espionagem ilegal. Teria que considerar as implicações disso.

A refeição terminou e eles acabaram com a garrafa de vinho. Eram os últimos fregueses do restaurante. Bond pediu a conta e pagou.

— Minha segunda doação — disse ele.

Eles dirigiram-se para a entrada, onde ele pegou o casaco de caxemira preto dela e colocou-o sobre seus ombros. Foram caminhando pela calçada, e o salto estreito dos sapatos dela fazia barulho no concreto. Mais uma vez, ela examinou a rua. Depois, relaxando, deu o braço a ele, apertando-o com força. Bond podia sentir-lhe o perfume e, vez por outra, a pressão de um dos seios contra o seu braço.

Aproximaram-se do hotel, e Bond pescou a chave da van no bolso. Felicity diminuiu o passo. O céu noturno estava claro sobre eles, incrustado de estrelas sem fim.

— Uma noite muito agradável — disse ela. — E obrigado pela ajuda na entrega das sobras. Você está mais em forma do que eu imaginava.

Bond pegou-se perguntando:

— Mais um copo de vinho?

Os olhos verdes estavam olhando os seus.

— *Você* gostaria de mais um?

— Sim — disse ele, com firmeza.

Em dez minutos, estavam no quarto de Bond no hotel Table Mountain, sentados no sofá, que haviam virado e empurrado para perto da janela, com copos de um Stellenbosch pinotage nas mãos.

Olhavam para as luzes que piscavam na baía em tons de amarelo e branco desmaiado, como insetos inofensivos pairando em expectativa.

Talvez para dizer algo, talvez não, Felicity voltou-se para ele, que se inclinou para a frente, pousando os lábios suavemente contra os seus.

Depois, recuou um pouco, avaliando sua reação, mas moveu-se de novo para a frente, beijando-a mais uma vez, com mais força, deixando-se perder naquele contato, no sabor, no calor. Soprando-lhe as bochechas, Felicity envolveu os braços nos ombros de Bond e juntou seus lábios aos dele. Depois, ela beijou-lhe o pescoço, e, de forma provocante, mordeu a base, no ponto em que se encaixava em seus ombros firmes. A língua deslizou pela cicatriz que ia até a parte superior do braço.

Os dedos de Bond subiram-lhe pelo pescoço até os cabelos, e ele puxou-a mais para perto. Estava inebriado com o almíscar pungente de seu perfume.

Há no esqui um paralelo para um momento como esse, quando se para no topo de uma descida linda e perigosa. Tem-se a opção de descer ou não. É sempre possível soltar as amarras e descer a montanha andando. No entanto, para Bond, nunca houve essa opção; uma vez na beirada, era impossível não ceder à sedução da gravidade e da velocidade. A única escolha que sobrava era como controlar a aceleração da descida.

A mesma coisa acontecia ali.

James tirou-lhe o vestido, e o frágil tecido azul espalhou-se tranquilamente pelo chão. Felicity reclinou-se, puxando-o para si, até deitarem-se no sofá, ela embaixo dele. Começou, então, a morder-lhe o lábio inferior. Ele segurou seu pescoço mais uma vez e atraiu o rosto dela mais para perto, enquanto as mãos de Felicity descansavam em suas costas, abaixo da cintura, apertando-lhe a carne com força. Ela estremeceu e respirou fundo, e James compreendeu que, por alguma razão, gostava de tocá-lo ali. Ele sabia também que ela queria que suas mãos envolvessem-lhe com força a cintura. É assim que os amantes se comunicam, e ele se lembraria daquele lugar, dos ossos delicados de sua coluna.

De sua parte, Bond encontrou prazer por todo o corpo dela, em todos os aspectos: os lábios famintos; as coxas fortes e impecáveis; os seios encerrados em seda preta apertada; o pescoço delicado e a garganta, de onde saíam gemidos sussurrados; a espessa cabeleira a emoldurar-lhe o rosto com mechas espalhadas por todos os lugares.

Não paravam de se beijar e, de repente, ela afastou-se um pouco e fixou seus olhos vorazes, cujas pálpebras, manchadas por uma leve poeira verde luminosa, baixaram pela metade. Entrega mútua, vitória mútua.

Bond ergueu-a com cuidado. Os lábios encontraram-se mais uma vez, de forma breve, e ele a levou para a cama.

Nota

* The Flats: região plana da Cidade do Cabo que, a partir dos anos 1950, passou a servir de moradia para pessoas que o governo do *apartheid* designava como não brancas. (N. do T.)

Quinta-Feira

O CORREDOR DO DESAPARECIMENTO

Acordou com o susto de um pesadelo que não conseguia lembrar. Curiosamente, o primeiro pensamento de James Bond foi Philly Maidenstone. Sentia — de forma absurda — que havia sido infiel, embora seu contato mais íntimo com ela fora um breve roçar de faces que tinha durado meio segundo.

Rolou na cama. O outro lado estava vazio. Olhou para o relógio. Eram 7h30. Sentia o cheiro do perfume de Felicity nos lençóis e travesseiros.

A noite anterior começara como um exercício para saber mais sobre o inimigo e seu propósito, mas havia se transformado em algo mais. Tinha sentido uma empatia forte por Felicity Willing, uma mulher forte que havia conquistado a cidade e estava, então, direcionando seus recursos para uma batalha mais nobre. Refletiu que, cada um a seu modo, ambos eram cavaleiros errantes.

E queria vê-la de novo.

Entretanto, primeiro tinha de resolver o que era mais importante. Pulou para fora da cama e vestiu um roupão atoalhado. Hesitou por um momento e depois disse a si mesmo: tem que ser feito.

Foi até o laptop na sala da suíte. O computador havia sido modificado pela Seção Q para incorporar uma câmera ativada por sensores de movimento que gravava com pouca luz. Bond ligou a máquina e assistiu às imagens gravadas por ela, que mostravam apenas a porta da frente e a cadeira onde Bond tinha atirado o paletó e as calças que continham sua carteira, passaporte e celular. Por volta de 5h30, segundo o tempo marcado no vídeo, Felicity, vestida, passara por suas roupas, sem demonstrar qualquer interesse por telefone, bolsos ou laptop. Depois, havia feito uma pausa e olhado para trás, na direção da cama. Com um sorriso? James achava que sim, mas não tinha certeza. Ela colocara algo sobre a mesa perto da porta e saíra.

Bond levantou-se e foi até a mesa. Ao lado do abajur, podia ver o cartão dela — tinha escrito a caneta o número do celular embaixo do telefone principal da sua organização. Ele o pôs na carteira.

Escovou os dentes, tomou banho e fez a barba. Depois, vestiu um jeans e uma camisa Lacoste preta larga, escolhida para ocultar a Walther. Rindo sozinho, colocou a pulseira e o relógio chamativos, e o anel com as iniciais EJT.

Verificando as mensagens de texto e os e-mails, encontrou um de Percy Osborne-Smith. O homem continuava fiel aos seus novos modos e enviara um relatório sucinto sobre a investigação na Grã-Bretanha, embora pouco progresso tivesse sido feito. O relatório concluía:

Nossos amigos de Whitehall estão realmente obcecados com o Afeganistão. Acho que isso é melhor para nós, James. Espero dividir com você uma Cruz de São Jorge quando Hydt estiver algemado.

Enquanto tomava café da manhã no quarto, considerava a iminente ida à usina da Green Way, pensando na noite anterior, em tudo que

tinha visto e ouvido, especialmente sobre a segurança super-reforçada. Após terminar, ligou para a Seção Q e pediu para falar com Sanu Hirani. Podia ouvir vozes de criança ao fundo e imaginou que o haviam transferido para o celular do diretor, em casa. Hirani tinha seis filhos. Todos jogavam críquete e a filha mais velha era exímia batedora.

Bond contou-lhe sobre suas necessidades de aparelhos de comunicação e armas. Hirani teve algumas ideias, mas não estava certo se conseguiria encontrar uma solução de forma rápida.

— Qual é seu prazo, James?

— Duas horas.

Seguiu-se uma exalação pensativa ao longo da linha, a mais de 10 mil quilômetros de distância. E, depois:

— Preciso de um intermediário na Cidade do Cabo. Alguém com conhecimento da área e com alto nível de acesso às informações secretas de segurança. Ah, e que seja excelente espião. Você conhece alguém que se encaixe nesse papel?

— Acho que sim.

Às 10h30, Bond, num blusão cinza, dirigiu-se ao quartel-general da polícia e foi levado até a Divisão de Combate ao Crime e Investigação.

— Bom dia, comandante — disse Kwalene Nkosi, sorrindo.

— Primeiro-sargento — cumprimentou Bond, e os olhares dos dois encontraram-se de forma conspiradora.

— Viu as notícias dessa manhã? — perguntou Nkosi, batendo no *Cape Times*. — História trágica. Família morta em ataque com bomba incendiária no assentamento popular de Primrose Gardens ontem à noite — ele fingiu franzir a testa.

— Que coisa terrível — disse Bond, pensando que, apesar de suas ambições em West End, Nkosi não era um ator muito bom.

— Sem dúvida.

Ele olhou para a sala de Bekha Jordaan, e ela acenou para que ele entrasse.

— Bom dia — cumprimentou James, observando um par de tênis muito gastos em um canto. Não os tinha visto no dia anterior.

— Você sempre corre?

— De vez em quando. É importante estar em forma no meu trabalho.

Quando estava em Londres, Bond passava pelo menos uma hora por dia exercitando-se e correndo, usava a academia do GDU e fazia caminhadas pelo Regent's Park.

— Eu também gosto. Talvez, se o tempo permitir, você possa me mostrar algumas trilhas de corrida. Deve haver algumas lindas na cidade.

— O hotel com certeza deve ter um mapa — disse ela, descartando a ideia. — O encontro no Lodge Club foi um sucesso?

Bond fez-lhe um resumo do que havia acontecido no evento.

Jordaan, então perguntou-lhe:

— E depois? A Srta. Willing se revelou... útil para você?

Bond levantou uma sobrancelha.

— Pensei que você não acreditasse em espionagem ilegítima.

— Ter certeza de que alguém está seguro em calçadas e vias públicas não é ilegal. O primeiro-sargento Nkosi falou a você sobre o circuito fechado de câmeras de TV no centro da cidade.

— Bem, em resposta a sua pergunta, sim, ela me *foi* útil. Me deu umas informações sobre o alto grau de segurança na Green Way — acrescentou ele, com frieza. — Foi sorte que ela tenha me dito isso.

Ninguém mais parece ter conhecimento desse fato. Se não fosse ela, minha ida até lá hoje poderia ser desastrosa.

— Que sorte, então — comentou Jordaan.

Bond deu a ela os nomes dos três doadores que Felicity havia mencionado na noite anterior — os homens que Hydt apresentara-lhe.

Jordaan sabia que dois deles eram bem-sucedidos empresários legítimos. Nkosi fez uma pesquisa e descobriu que nenhum deles, nem o terceiro, tinha ficha criminal. De qualquer forma, os três encontravam-se fora da cidade. Bond avaliou que não seriam de utilidade imediata.

Ele olhou para a policial.

— Você não gosta de Felicity Willing?

— Você acha que estou com ciúmes? — E seu rosto parecia dizer: isso é exatamente o que um homem acreditaria.

Nkosi virou-se para outro lado. James olhou-o, mas ele não estava oferecendo nenhum apoio à Grã-Bretanha naquela disputa internacional.

— Essa ideia não poderia estar mais longe da minha cabeça. Seus olhos me disseram que você não gosta dela. Por quê?

— Nunca a encontrei. Provavelmente é uma mulher muito boa, mas não gosto do que representa.

— E o que ela representa?

— Uma estrangeira que vem para cá passar a mão na nossa cabeça e distribuir esmolas. É o imperialismo do século XXI. As pessoas costumavam explorar a África em busca de diamantes e escravos. Agora, ela é explorada pela capacidade de aliviar a culpa de ocidentais ricos.

— Me parece — disse Bond calmamente — que ninguém consegue progredir se tem fome. Não importa de onde vem a comida, não é?

— A caridade enfraquece. As próprias pessoas é que têm de lutar para sair da opressão e da pobreza. Podemos fazer isso sozinhos. Talvez demore mais, mas conseguiremos.

— Vocês não veem problemas quando a Grã-Bretanha ou os Estados Unidos impõem embargo de armas sobre senhores da guerra. A fome é tão perigosa quanto os lança-granadas e as minas terrestres. Por que não iríamos ajudar a acabar com ela também?

— É diferente, óbvio.

— Não vejo por quê — disse ele friamente. — Além disso, Felicity pode estar mais do lado de vocês do que imaginam. Ela conquistou inimigos entre as grandes corporações da Europa, América e Ásia, e acha que elas estão se metendo nas questões africanas, e que mais coisas podem ficar sob responsabilidade das pessoas daqui.

Lembrou-se da inquietação dela durante a curta caminhada até o restaurante na noite anterior.

— Na minha opinião, ela está se pondo em risco quando diz essas coisas. Se é que isso lhe interessa.

Contudo, Jordaan claramente não tinha nenhum interesse naquilo. Como aquela mulher conseguia ser *irritante*...

Bond olhou para seu enorme relógio Breitling.

— Daqui a pouco estará na hora de ir para a Green Way. Preciso de um carro. Alguém pode alugar um em nome de Theron?

Nkosi balançou a cabeça com entusiasmo.

— Sem dúvida. O senhor gosta de dirigir, comandante.

— Gosto — disse Bond. — Como você soube?

— No caminho de volta do aeroporto ontem, o senhor olhou com certo interesse para um Maserati, uma moto Guzzi e um Mustang americano com direção à esquerda.

— Você sabe observar as coisas, primeiro-sargento.

— Tendo. Aquele Ford era, de fato, uma máquina muito boa. Um dia vou ter um Jaguar. É meu objetivo.

De repente, uma voz alta cumprimentou a todos do corredor:

— Olá, olá!

Bond não se surpreendeu que fosse Gregory Lamb. O agente do MI6 entrou na sala acenando. Era óbvio que Bheka Jordaan não gostava dele, como Lamb havia admitido no dia anterior, embora ele e Nkosi parecessem se dar bem. Os dois tiveram uma breve conversa sobre uma partida de futebol recente.

Lançando um olhar cauteloso a Jordaan, o agente, grandão e sardento, virou-se para Bond.

— Vim atrás de você, meu amigo. Recebi uma mensagem de Vauxhall Cross para te ajudar.

Lamb era o intermediário que James tinha mencionado com relutância a Hirani naquela manhã. Não conseguira pensar em ninguém mais para usar com tão pouca antecedência, mas, pelo menos, o homem era abalizado.

— Entrei logo na briga, não tomei nem café da manhã, meu amigo, quero que você saiba. Conversei com aquele cara da Seção Q do seu escritório. Ele é sempre animado assim de manhã tão cedo?

— Na verdade, é.

— Conversei com ele. Estou tendo uns problemas com a navegação dos meus navios fretados. Piratas têm interferido nos sinais. O que aconteceu com os tapa-olhos e as pernas de pau, hein? Bem, esse tal de Hirani disse que existem dispositivos para

interferir com quem interfere. Mas ele não quis me mandar nenhum. Resumindo, tem alguma chance de você pedir o dispositivo para mim?

— Você sabe que a nossa unidade não existe oficialmente, Lamb.

— Somos todos parte do mesmo time — disse ele com indignação. — Estou esperando um navio grande daqui a um ou dois dias. Enorme.

Auxiliar a lucrativa carreira de disfarce de Lamb era a última coisa na cabeça de Bond naquele momento. Ele perguntou com severidade:

— E sua missão de hoje?

— Ah, sim — disse ele, entregando a James a bolsa preta que estava carregando como se contivesse as joias da Coroa. — Devo dizer com toda a modéstia que a manhã foi um sucesso total. Absolutamente brilhante. Corri daqui para ali. Tive que dar gorjetas altas. Você vai me reembolsar, não é?

— Vamos resolver isso, tenho certeza — respondeu Bond abrindo a bolsa e olhando o conteúdo.

Examinou de perto um item. Era um pequeno tubo de plástico com um rótulo que dizia: "A-Liv. Para Problemas de Congestão Causados pela Asma".

Hirani era um gênio.

— Um inalador. O senhor tem problemas de pulmão? — perguntou Nkosi. — Meu irmão também. Ele é minerador de ouro.

— Não exatamente — disse Bond, guardando o tubo juntamente com as outras coisas que Lamb havia-lhe entregue.

Nkosi atendeu a uma chamada. Ao desligar, disse:

— Tenho um belo carro para o senhor, comandante. Um Subaru. Com tração nas quatro rodas.

Um Subaru, pensou James, cético. Uma caminhonete de subúrbio. No entanto, Nkosi estava radiante. Então, falou educadamente:

— Obrigado, primeiro-sargento. Não vejo a hora de dirigi-lo.

— A quilometragem por litro é muito boa — comentou Nkosi com entusiasmo.

— Tenho certeza de que é — falou, saindo pela porta.

Gregory Lamb deteve-o.

— Bond — disse, em voz baixa —, às vezes não tenho certeza de que os poderes que estão em Londres me levam muito a sério. Exagerei um pouco ontem sobre a Cidade do Cabo, quero dizer. A verdade é que a pior coisa que acontece aqui é um senhor da guerra do Congo vir se banhar em nossas águas termais. Ou um cara do Hamas em trânsito, no aeroporto. Quero te agradecer por me incluir, meu amigo. Eu...

Bond interrompeu-o:

— Não há de quê, Lamb. Mas escute: vamos supor que eu seja seu amigo. Você não precisa então ficar repetindo isso o tempo todo. Que tal?

— É justo, cara... muito justo — respondeu ele, abrindo um sorriso no rosto gordo.

Bond saiu pela porta pensando: próxima parada, inferno.

James Bond gostou da piadinha de Kwalene Nkosi.

Sim, o carro que conseguira para o agente era um japonês importado e pequeno. Não se tratava, contudo, de nenhum sedã espaçoso para famílias, mas de um Subaru Impreza WRX modelo STI azul metálico, que continha um motor turbinado de 305 cavalos, seis marchas e um aerofólio alto. O garboso carrinho se sentiria muito mais em casa numa pista de rally do que no estacionamento de um supermercado, e, acomodando-se no assento do motorista, Bond não conseguiu conter-se. Deixou duas marcas de pneu ao acelerar pela Buitenkant Street em direção à autoestrada.

Pela próxima meia hora, seguiu para o norte da Cidade do Cabo orientado por um sistema de navegação por satélite, e, por fim, guiou o pequeno e firme Subaru para fora da N7, dirigindo-se para leste ao longo de uma estrada cada vez mais deserta. Passou por uma pedreira que parecia não ter fundo e, depois, adentrou uma região feia, de morros baixos, uns verdes e outros marrons, todos de matiz outonal. Grupos esporádicos de árvores quebravam a monotonia.

O céu de maio estava nublado e o ar, úmido, mas, da estrada, erguia-se uma poeira levantada pelos caminhões da Green Way, que levavam detritos na direção em que Bond estava indo. Além dos caminhões de lixo tradicionais, havia outros, muito maiores, pintados com o nome Green Way e o inconfundível logo que continha a folha — ou punhal — verde. Adesivos nas laterais indicavam que vinham de companhias de toda a África do Sul. Bond ficou surpreso ao ver que um deles era de uma firma de Pretória, a capital administrativa do país, a muitos quilômetros de distância — por que Hydt incorria na despesa de trazer aquele lixo para a Cidade do Cabo, quando poderia abrir uma usina de reciclagem onde fosse necessário?

Bond diminuiu a marcha e passou por uma série de caminhões em velocidade. Estava gostando muito daquele veículo versátil. Teria que contar a Philly Maidenstone sobre ele.

Passou por uma grande placa preta e branca à beira da estrada que dizia:

Gevaar!!!

Perigo!!!

Privaat-eienskap

Propriedade Particular

Já estava distante da N7 havia muitos quilômetros quando a estrada dividiu-se, com os caminhões seguindo à direita. Bond pegou a bifurcação da esquerda, no qual havia outra placa, em formato de seta:

Korporatieve Kantoor
Escritório Central

Dirigindo em velocidade através de um grupo denso de árvores — eram altas, mas pareciam ter sido plantadas havia pouco tempo —, chegou a uma elevação, disparou sobre ela, ignorando o limite de 40 quilômetros por hora indicado por placas, e freou bruscamente quando vislumbrou a Green Way International. A parada rápida não se deveu a uma obstrução ou curva fechada, mas à visão perturbadora diante de si.

Seus olhos foram tomados por uma extensão infinita da usina de lixo, que desaparecia numa neblina de fumaça e poeira ao longe. O fogo cor de laranja, proveniente de alguma operação de queima, podia ser visto a pelo menos 1 quilômetro de distância.

Era um inferno, de fato.

A sua frente, depois de um estacionamento lotado, via-se o prédio da sede, sinistro, também, a sua maneira. Embora não fosse grande, a estrutura era rígida e imponentemente lúgubre. O bunker de concreto sem pintura de um andar apenas e tinha poucas e pequenas janelas — vedadas, parecia. A área toda era circundada por duas cercas de metal de 3 metros, ambas encimadas por perversos arames farpados que brilhavam até na luz embaçada daquele dia. Entre as barreiras, havia uma separação de 10 metros, o que fez Bond lembrar-se de um perímetro semelhante: a zona onde se atirava para matar que cercava a prisão norte-coreana da qual resgatara, com sucesso, um agente local do MI6 no ano anterior.

Bond fez uma careta à visão das cercas. Um de seus planos estava arruinado. Sabia, pelo que Felicity havia-lhe contado, que

haveria detectores de metal, escâneres e, muito provavelmente, alguma cerca de segurança imponente. No entanto, tinha imaginado uma barreira única. Planejara passar pela cerca alguns dos equipamentos fornecidos por Hirani — um aparelho de comunicação em miniatura e uma arma, tudo à prova de intempéries — ocultando-os na grama ou em arbustos, do outro lado, para recuperá-los depois que entrasse. Porém, aquilo não ia funcionar com duas cercas a grande distância uma da outra.

Quando seguiu em frente de novo, viu que a entrada era bloqueada por um grosso portão de metal, no alto do qual havia uma placa:

REDUZA, REUTILIZE, RECICLE

O lema da Green Way assustou Bond. Não as palavras em si, mas sua configuração: um crescente de sombrias letras negras em metal. Aquilo o fez lembrar-se da placa sobre a entrada do campo de concentração nazista de Auschwitz, que continha a afirmação horrivelmente irônica de que o trabalho libertaria os prisioneiros: ARBEIT MACHT FREI.

Bond estacionou. Saltou com a Walther e o celular para verificar o grau de eficiência da segurança. Trazia também no bolso o inalador para asma que Hirani fornecera; sob o banco da frente do automóvel, havia ocultado os outros itens entregues por Lamb naquela manhã: a arma e o aparelho de comunicação.

Aproximou-se da primeira guarita na cerca exterior. Um homem grande de uniforme cumprimentou-o com um reservado aceno de cabeça. Bond deu seu nome falso. O guarda fez uma ligação e, momentos depois, um camarada igualmente grande e austero de terno escuro apareceu e disse:

— Por aqui, Sr. Theron, por favor.

Bond seguiu-o pela terra de ninguém entre as duas cercas. Entraram numa sala onde três guardas armados estavam sentados assistindo a uma partida de futebol. Eles puseram-se imediatamente de pé.

O segurança virou-se para Bond.

— Sr. Theron, temos regras muito estritas aqui. Sr. Hydt e os seus associados fazem a maior parte do trabalho de pesquisa e desenvolvimento para as suas companhias nesta instalação. Precisamos guardar nossos segredos profissionais com cuidado. Não permitimos a entrada de ninguém com celular ou rádio de qualquer tipo. Nada de câmeras ou pagers também. O senhor tem que deixá-los aqui.

Bond estava olhando para a grande estante dividida em cubículos, como aqueles para guardar chaves nos hotéis antigos. Havia centenas de receptáculos, e a maioria deles tinha telefones dentro. O guarda observou:

— A norma se aplica a todos os nossos funcionários também.

Bond lembrou que René Mathis havia-lhe contado a mesma coisa sobre as instalações de Hydt em Londres — que não havia como entrar ou sair com nenhum SIGINT da companhia.

— Bem, imagino que vocês tenham linhas fixas que eu possa usar. Tenho que checar minhas mensagens.

— Temos algumas, mas todas passam por uma mesa telefônica central no departamento de segurança. Um guarda pode fazer a ligação, mas o senhor não vai ter nenhuma privacidade. A maior parte dos visitantes espera até sair. O mesmo acontece com os e-mails e acesso à internet. Se desejar manter alguma coisa de metal consigo, temos que passar pelo raio X.

— Devo dizer que estou armado.

— Sim — disse o guarda, como se muitas pessoas que visitavam a Green Way estivessem também. — Naturalmente...

— Vou ter que entregar minha arma?

— Sim, senhor.

Bond agradeceu em silêncio a Felicity Willing por informá-lo sobre a segurança de Hydt. Se não fosse isso, teria sido pego com um aparelho de vídeo típico da Seção Q, ou, ainda, uma câmera numa caneta ou botão do paletó, o que teria destruído sua credibilidade... e, provavelmente, transformaria a visita numa verdadeira luta.

Desempenhando o papel de mercenário durão, escarneceu daquele inconveniente, mas entregou a arma e o telefone, que estava programado para revelar apenas informações sobre sua falsa identidade de Gene Theron, caso alguém tentasse decifrá-lo. Depois, tirou o cinto e o relógio e colocou-os juntamente com as chaves, numa bandeja, a fim de passar pelo raio X.

Atravessou o aparelho rapidamente e seus pertences foram-lhe devolvidos — depois de o guarda verificar que nenhum deles ocultava câmeras, armas ou aparelhos de gravação.

— Espere aqui, por favor, senhor — disse o segurança.

Bond sentou-se no local indicado.

O inalador ainda estava em seu bolso. Se o tivessem revistado, encontrado e desmontado o dispositivo, descobririam que se tratava, na verdade, de uma câmera sensível, construída sem um único componente de metal. Um dos contatos de Sanu Hirani na Cidade do Cabo tinha conseguido encontrá-la ou montá-la naquela manhã. O obturador era de fibra de carvão, assim como as molas que o operavam.

O dispositivo de armazenamento de imagens era muito interessante — único, nos dias de hoje: microfilme antigo, do tipo que os espões usavam durante a Guerra Fria. A câmera possuía uma lente de foco fixo, e Bond podia tirar uma foto pressionando a base e, depois, torcendo-a para passar o filme. Podia tirar trinta fotografias. Em plena era digital, o passado, com suas teias de aranha, oferecia, às vezes, uma vantagem.

Bond procurou alguma placa que indicasse onde ficava a sala de Pesquisa e Desenvolvimento, que sabia, por Stephan Dlamini, conter pelo menos algumas informações sobre o Geena, mas não viu nenhuma. Ficou sentado durante cinco minutos até que Severan Hydt aparecesse, com sua silhueta inconfundível: a estatura elevada, a enorme cabeça emoldurada por cabelo e barba encaracoladas, o terno bem cortado. Assomou na porta e parou.

— Theron — disse, com os olhos negros fixos nos de Bond.

Os dois apertaram as mãos, e James tentou ignorar a sensação grotesca que experimentava quando as longas unhas de Hydt deslizavam sobre sua palma e seu pulso.

— Venha comigo — falou ele, levando-o para o prédio principal, que era bem menos austero do que o exterior sugeria.

Na verdade, o lugar era muito bem decorado, com móveis caros, obras de arte, antiguidades e áreas de trabalho confortáveis para os funcionários. Parecia uma firma mediana típica. A sala da frente estava mobiliada com os obrigatórios sofás e cadeiras, uma mesa com revistas de negócios e um jornal da Cidade do Cabo. Nas paredes, havia retratos de florestas, campos de grãos e flores, riachos e oceanos.

E, por todo o lugar, aquele logo estranho — a folha que parecia uma faca.

Enquanto caminhavam por corredores, Bond estava de olho no Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento. Por fim, em direção à parte de trás do prédio, viu uma placa indicando-o e memorizou a localização.

Entretanto, Hydt virou para outro lado.

— Venha. Vamos fazer o tour de 50 *rands*.

Nos fundos do edifício, entregaram a Bond um capacete grosso verde-escuro. Hydt também colocou um. Eles caminharam até uma porta traseira, na qual James surpreendeu-se ao ver uma segunda guarita de segurança. Curiosamente, os trabalhadores que *entravam* no prédio, vindos do lixão, eram revistados. Hydt e ele saíram para um pátio que dava para dezenas de construções baixas. Caminhões e empilhadeiras moviam-se para dentro e para fora de cada uma delas, como abelhas numa colmeia. Operários com capacetes e uniformes podiam ser vistos por todo lado.

Os galpões, em fileiras ordenadas como alojamentos, fizeram Bond lembrar-se novamente de uma prisão ou campo de concentração.

ARBEIT MACHT FREI...

— Por aqui — gritou Hydt, atravessando uma área repleta de equipamentos para remover terra, caçambas, barris de petróleo e empilhadeiras contendo pacotes de papel e papelão. Um ronco baixo tomava conta do cenário, e o chão parecia tremer, como se imensos fornos subterrâneos estivessem em funcionamento; um contraponto ao grito agudo das gaivotas, que davam voos rasantes para pegar restos de detritos caídos de caminhões que entravam por um portão cerca de 500 metros à esquerda.

— Vou dar a você uma pequena aula sobre o negócio — propôs ele.

— Por favor.

— Existem quatro formas de nos livrarmos dos detritos. Jogá-los em algum lugar afastado, lixões ou aterros sanitários, mas o mar ainda é o mais popular. Você sabia que o Pacífico tem quatro vezes mais plástico do que zooplâncton? O maior lixão do mundo é o Grande Depósito de Lixo do Pacífico, que circula entre o Japão e a América do Norte. É, no mínimo, duas vezes o tamanho do Texas, e pode ser tão grande quanto os Estados Unidos. Ninguém sabe, na verdade. Mas uma coisa é certa: está crescendo.

“A segunda forma é queimar os detritos, o que é muito caro e pode produzir cinzas perigosas. A terceira forma é reciclá-los, que é a especialidade da Green Way. E, por fim, existe a minimização, que significa garantir que menos materiais descartáveis sejam criados e vendidos. Você conhece as garrafas plásticas de água?”

— Claro.

— Elas são muito mais finas agora do que eram antes.

Bond concordou.

— Isso se chama “diminuição de peso”. Fica muito mais fácil de compactar. Geralmente, os produtos em si não são o problema quando se fala em descartar. As embalagens é que são responsáveis pela maior parte do volume. Era fácil lidar com o descarte até nos tornarmos uma sociedade de consumo e começarmos a produzir artigos em massa. Como fazer esses produtos chegarem às mãos das pessoas? Num recipiente de polietireno, numa caixa de papelão e, depois, meu Deus, coloque tudo numa sacola de plástico para poder levar para casa. Ah, e se for presente, vamos embrulhar em papel colorido com fitas! O Natal é um festival absoluto do descarte.

Do alto de sua estatura, olhando de cima para o império que havia criado, Hydt continuou:

— A maioria das usinas de lixo ocupa entre 20 e 30 hectares. Essa aqui tem quarenta. Tenho mais três na África do Sul e dezenas de estações de transferência, para onde os lixeiros, nesses caminhões que se vê na rua, trazem todo o descarte a fim de compactar e levar para as usinas de tratamento. Fui o primeiro a instalar estações de transferência nas favelas sul-africanas. Em seis meses, a área ficou de sessenta a setenta vezes mais limpa. As sacolas plásticas costumavam ser chamadas de “flor símbolo da África do Sul”. Isso acabou. Resolvi o problema.

— Vi caminhões trazendo lixo de Pretória e Porto Elizabeth para cá. Por que de tão longe?

— Material especial — limitou-se a dizer Hydt.

Seriam essas substâncias particularmente perigosas?, perguntou-se Bond.

Seu anfitrião continuou:

— Mas você tem que usar o vocabulário da maneira certa, Theron. Chamamos o descarte molhado de “lixo”, como restos de comida, por exemplo. “Entulho” significa materiais secos, como papelão, poeira e latas. O que os lixeiros recolhem em frente a casas e escritórios é chamado de “resíduos sólidos municipais”, ou simplesmente “restos” ou “detritos”. “C e D” são as sobras de construções e demolições. O lixo institucional, comercial e industrial é o “ICI”. O termo mais inclusivo é “lixo”, mas eu prefiro “descarte”.

Ele apontou para a esquerda, nos fundos da usina.

— Tudo aquilo que não é reciclável vai para lá, o aterro sanitário, onde é enterrado em camadas com um forro plástico para que as bactérias e a poluição não vazem para o chão. Você pode notar o local se olhar para os pássaros.

Bond seguiu seu olhar na direção dos voos rasantes das gaivotas.

— Chamamos o aterro sanitário de “Corredor do Desaparecimento”.

Hydt levou Bond até a porta de um prédio comprido. Ao contrário dos outros galpões de trabalho, esse possuía portas imponentes que estavam fechadas. James olhou pelas janelas. Operários desmontavam computadores, discos rígidos, TVs, rádios, pagers, telefones celulares e impressoras. Havia latões transbordando de baterias, lâmpadas, circuitos impressos, fios e chips. Aqueles trabalhadores usavam roupas mais blindadas do que os outros — respiradores, luvas pesadas, óculos de proteção ou máscaras faciais.

— É o nosso Departamento de Descarte Eletrônico. Chamamos essa área de “Corredor do Silício”. O lixo eletrônico é responsável por mais de dez por cento das substâncias mortais na terra, como os metais pesados e o lítio das baterias. Tomemos computadores e celulares, por exemplo. Eles têm uma expectativa de vida de dois ou três anos no máximo. Depois, as pessoas simplesmente os jogam fora. Você já leu alguma vez, no manual que vem nos laptops e telefones, a seção de advertência chamada “Descarte de forma apropriada”?

— Na verdade, não.

— Claro que não. Ninguém lê. Mas os computadores e os celulares são o lixo mais mortal sobre a terra. Na China, eles os enterram ou os queimam. Estão matando a população ao fazer isso. Estou dando início a uma nova operação para resolver essa situação, separando os componentes de computador das firmas dos meus clientes e, depois, descartando-os da maneira adequada — disse ele

sorrindo. — Em poucos anos, essa vai ser minha operação mais lucrativa.

Bond lembrou-se do aparelho do qual havia assistido à demonstração na fábrica de Al-Fulan, próximo ao compactador que tirara a vida de Yusuf Nasad.

Hydt apontou com uma unha longa e amarela.

— E atrás desse prédio fica o Departamento de Recuperação de Materiais Perigosos. Trata-se de um dos nossos serviços que dá mais dinheiro. Tratamos tudo: tinta, óleo de motor, arsênico, polônio.

— Polônio? — admirou-se Bond, dando um sorriso divertido.

Aquele era o material radioativo que fora usado para matar o espião russo Alexander Litvinenko, um expatriado em Londres, alguns anos antes. Era uma das substâncias mais tóxicas do mundo.

— E é simplesmente jogado fora? Isso deveria ser ilegal.

— Ah, mas essa é a questão sobre o descarte, Theron. As pessoas jogam fora uma inocente máquina antiestática... que por um acaso contém polônio. Mas ninguém sabe.

Ele conduziu Bond por um estacionamento no qual estavam alguns caminhões, cada um com cerca de 6 metros de comprimento. Na lateral, via-se o nome da companhia e o logo, juntamente com as palavras *Serviço de Destruição Segura de Documentos*.

Hydt seguiu o olhar de Bond e disse:

— Outra de nossas especialidades. Alugamos máquinas para rasgar papel de companhias e escritórios do governo, mas empresas menores preferem nos contratar para que façamos isso por elas. Você sabia que quando os estudantes iranianos tomaram a embaixada americana, na década de 1970, conseguiram juntar documentos secretos da CIA que tinham sido rasgados? Descobriram

a identidade da maioria dos agentes secretos de lá. Os tecelões locais fizeram o trabalho.

Todo mundo na comunidade da inteligência sabia disso, mas Bond fingiu surpresa.

— Na Green Way, rasgamos os documentos de acordo com o padrão industrial do Instituto Alemão de Padronização, de nível seis. Basicamente, as nossas máquinas transformam os documentos em pó. Até as instalações de governo mais secretas nos contratam.

Ele levou Bond, então, até o maior prédio da usina, de três andares e 180 metros de comprimento. Uma fila contínua de caminhões entrava por uma porta e saía por outra.

— A instalação principal de reciclagem. Chamamos essa área de “Corredor da Ressurreição”.

Eles entraram. Três grandes máquinas estavam sendo alimentadas com um fluxo constante de papel, papelão, garrafas de plástico, poliestireno, lascas de metal, madeira e centenas de outros materiais.

— Os separadores — gritou Hydt.

O barulho era ensurdecador. Do outro lado, os itens separados estavam sendo colocados em caminhões para transporte futuro — latas, vidro, plástico, papel e outros materiais.

— A reciclagem é um negócio curioso — berrou Hydt. — Só poucos produtos, metal e vidro, na maior parte, podem ser reciclados indefinidamente. O resto se acaba depois de um tempo e tem que ser queimado, ou vai para os aterros sanitários. O alumínio é o único reciclável sempre lucrativo. A maioria dos produtos é muito mais barata, limpa e fácil de fazer a partir de matéria-prima do que de matéria reciclada. Os caminhões extras, para transportar materiais recicláveis, e o processo de reciclagem em si aumentam a

poluição provocada pelos combustíveis fósseis. E a remanufatura usa *mais* energia do que a produção inicial, o que exaure os recursos — disse ele rindo. — Mas é politicamente correto reciclar... assim dizem as pessoas.

Bond seguiu seu guia para fora e viu Niall Dunne aproximando-se com suas longas pernas, o andar desajeitado e os pés virados para fora. A franja loura pairava acima dos olhos azuis imóveis como pedras. Pondo de lado a lembrança do tratamento cruel dado por Dunne aos homens na Sérvia e o assassinato da assistente de Al-Fulan em Dubai, Bond sorriu amigavelmente e apertou sua grande mão.

— Theron — disse Dunne, cumprimentando-o, embora a expressão no rosto não fosse exatamente de boas-vindas.

Ele olhou para Hydt.

— Está na hora de ir — falou de modo impaciente.

Severan sinalizou a Bond para que entrasse num Range Rover estacionado ali perto, o que ele fez, sentando-se no banco do carona. Sentia que os dois homens encontravam-se num estado de grande expectativa, como se tivessem elaborado algum plano que estivesse para ser revelado. Seu sexto sentido disse-lhe que talvez algo poderia ter dado errado. Teriam descoberto sua identidade? Teria deixado escapar algo?

Quando os dois homens entraram no carro, com o sério Dunne ocupando o assento do motorista, Bond refletiu que, se havia um local para se descartar um corpo clandestinamente, era aquele.

O Corredor do Desaparecimento...

O Range Rover seguiu na direção leste ao longo de uma ampla rua suja, passando por caminhões bojudos que ostentavam rodas com imensos suportes e carregavam fardos e contêineres com lixo. Depois, contornou um buraco enorme de pelo menos 25 metros de profundidade.

Bond olhou para baixo. Os caminhões descarregavam enquanto escavadeiras compactavam os detritos contra um dos lados do aterro sanitário. O fundo da cratera encontrava-se forrado com placas grossas e escuras. Hydt estava certo quanto às gaiotas. Centenas delas podiam ser vistas em todo canto. A quantidade, os gritos, a atividade frenética, tudo aquilo começou a perturbar James, que sentiu um arrepio percorrer-lhe o corpo.

Enquanto prosseguiam, Hydt apontou para as chamas que Bond tinha visto antes. Ali, mais perto, elas eram como esferas gigantes de fogo — e Bond podia sentir seu calor.

— O aterro produz metano — disse ele. — Fazemos perfurações e o extraímos a fim de mover os geradores. Mas tem sempre gás demais, e precisamos queimar um pouco. Se não fizermos isso, toda

a área do aterro pode explodir. Isso aconteceu na América não faz muito tempo. Centenas de pessoas ficaram feridas.

Após 15 minutos, passaram por uma densa fileira de árvores e um portão. Bond soltou uma gargalhada involuntária. A desolação dos depósitos de lixo havia desaparecido. Um cenário extraordinariamente belo cercava-os agora: árvores, flores, formações rochosas, trilhas, lagos e floresta. A área, ajardinada com todo cuidado, estendia-se por quilômetros.

— Chamamos isso aqui de Campos Elísios. O paraíso... depois de nossa visita ao inferno. E, no entanto, é um aterro sanitário também. Debaixo de nós tem quase 30 metros de detritos. Recuperamos o terreno. Daqui a um ano, mais ou menos, vou abri-lo para o público. Será meu presente aos sul-africanos. Matéria em decomposição ressuscitada sob a forma de beleza.

Bond não era exatamente um amante da botânica — sua reação costumeira à Exibição de Flores, em Chelsea, era uma grande irritação diante dos problemas de tráfego que ela causava nos arredores de sua casa — mas tinha de admitir que aqueles jardins eram impressionantes. Surpreendeu-se contemplando as raízes de algumas árvores.

Hydt percebeu.

— Você as acha um pouco estranhas?

Eram tubos de metal pintados para se assemelharem a raízes.

— Esses canos transportam o metano gerado aqui embaixo para ser queimado ou para fornecer a energia à usina.

Bond imaginou que aquele detalhe havia sido criado pelo astro da engenharia de Hydt.

Eles avançaram até um aglomerado de árvores e estacionaram. Uma garça azul, ave nacional da África do Sul, encontrava-se

regiamente imóvel num lago próximo, equilibrada com perfeição apenas numa perna.

— Venha, Theron. Vamos falar de negócios.

Por que ali?, perguntava-se Bond enquanto seguia Hydt por uma trilha ao longo da qual pequenas placas identificavam as plantas. Mais uma vez, pensava consigo mesmo se os dois homens teriam planos para ele, enquanto procurava, inutilmente, possíveis armas e rotas de fuga.

Hydt deteve-se e olhou para trás. Bond fez o mesmo — e sentiu uma ponta de alarme. Dunne aproximava-se carregando um rifle.

Exteriormente, James permaneceu calmo.

Mantenha o disfarce até a morte... Diziam os palestrantes em Fort Monckton aos alunos.

— Você sabe atirar com uma arma grande? — perguntou Dunne, exibindo o rifle de caça, que tinha um cabo preto de plástico, ou fibra de carbono, pente e cano de aço escovado.

— Sim, sei.

Bond havia sido capitão da equipe de tiro, em Fettes, e vencera competições de pequeno e grande calibre. Tinha ganho a Medalha da Rainha por excelência no tiro, quando fazia parte das tropas de reserva na Marinha Real — a única medalha de tiro que pode ser usada com uniforme. Ele olhou para o que Dunne segurava.

— Uma Winchester 270.

— Arma boa, você não concorda?

— É boa. Prefiro esse calibre ao 30-06. As balas são projetadas em uma trajetória mais retilínea.

Hydt perguntou:

— Você caça, Theron?

— Nunca tive muita oportunidade.

Severan riu.

— Eu também não caço... a não ser uma certa espécie — disse, desarmando o sorriso. — Dunne e eu estivemos discutindo você.

— Ah, é? — perguntou Bond em tom indiferente.

— Decidimos que você pode ser um acréscimo valioso em *outros* projetos em que estamos trabalhando. Mas precisamos de uma prova de fé.

— Dinheiro? — inquiriu ele, blefando; achava que estava começando a entender o propósito do inimigo ali, e precisava de tempo para reagir.

— Não — respondeu Hydt, em voz baixa, inclinando a enorme cabeça na direção de Bond. — Não é isso que estou querendo.

Dunne deu um passo à frente, com o Winchester encostado no quadril e o cano para cima.

— Ok, podem trazê-lo.

Dois funcionários, com uniforme de seguranças, trouxeram um homem magro, vestindo camiseta e calças cáqui surradas, de trás de um aglomerado denso de jacarandás. O rosto do homem era uma máscara de terror.

Hydt olhou-o com desprezo e disse a Bond:

— Esse homem invadiu nossa propriedade e estava tentando roubar celulares do setor de lixo eletrônico. Quando foi abordado, puxou uma arma e atirou num guarda. Só que errou o tiro e foi dominado. Chequei os antecedentes dele e descobri que é prisioneiro condenado. Está na prisão por estupro e assassinato. Poderia entregá-lo às autoridades, mas a aparição dele aqui hoje me deu, e a você, uma oportunidade.

— Do que está falando?

— Você está recebendo a chance de matar sua primeira caça. Se atirar nesse homem...

— Não! — gritou o prisioneiro.

— Se o matar, esse é o pagamento de que preciso. Vamos continuar com seu projeto e vou contratar você para me ajudar em outros. Se preferir não matá-lo, o que vou entender perfeitamente, Dunne vai levar você até o portão da frente e jamais nos veremos outra vez. E, por mais tentadora que seja sua proposta de limpar os campos da morte, vou ser obrigado a declinar.

— Matar um homem a sangue frio?

— A decisão é sua. Não atire. Vá embora — disse, num tom mais duro.

Entretanto, aquela era uma oportunidade e tanto de penetrar no santuário interior de Severan Hydt! Bond poderia ficar sabendo de tudo sobre o Geena. Tiraria uma vida para salvar milhares de outras.

E quantas pessoas mais iriam morrer se, como parecia provável, o evento de sexta-feira fosse o primeiro de outros projetos daquela natureza?

Ele fitou o rosto escuro do criminoso, olhos esbugalhados, mãos trêmulas.

Depois, olhou para Dunne. Deu um passo à frente e pegou o rifle.

— Não, por favor! — gritou o homem.

Os guardas puseram-no de joelhos e se afastaram.

O prisioneiro olhou para Bond, que percebeu pela primeira vez que, nos pelotões de fuzilamento, a venda não era em benefício do condenado, mas dos *executores*, para que não tivessem de olhar nos olhos da vítima.

— Por favor, não, senhor! — gritou ele.

— Tem uma bala na câmara — disse Dunne. — Está destravado.

Teriam eles colocado um cartucho vazio só para testá-lo? Ou Dunne não teria carregado o rifle? O ladrão claramente não estava usando colete à prova de balas sob a camiseta fina. Bond levantou a arma, que era de mira aberta, e não telescópica. Avaliou a posição do ladrão, que estava a cerca de 10 metros de distância, e apontou. O homem levantou as mãos para cobrir o rosto.

— Não! Por favor!

— Quer chegar mais perto? — perguntou Hydt.

— Não. Mas não quero que ele sofra — respondeu Bond distraidamente. — O rifle dispara para o alto ou para baixo a essa distância?

— Não sei dizer — respondeu Dunne.

Bond mirou à direita, para uma folha que estava mais ou menos à mesma distância do prisioneiro. Apertou o gatilho. Ouviu-se um estalo e um buraco apareceu no centro da folha, exatamente onde havia mirado. Bond mexeu na trava, retirando o cartucho usado e colocando outro. Ainda hesitava.

— É para hoje ou para amanhã, Theron? — sussurrou Hydt.

Bond levantou a arma, mirando fixo na vítima.

Fez uma pausa; depois, puxou o gatilho. Outro estalo seco, e uma mancha vermelha apareceu no meio da camiseta do homem enquanto ele caía para trás, no chão empoeirado.

— Então — perguntou James com rispidez, abrindo a trava do rifle e atirando-o para Dunne —, estão satisfeitos?

O irlandês pegou a arma com facilidade nas mãos grandes e permaneceu impassível como sempre. Nada disse.

Hydt, contudo, parecia satisfeito.

— Bom. Agora vamos para o escritório tomar um drinque para celebrar nossa parceria... e para que me desculpe com você.

— Por me obrigar a matar um homem?

— Não, por tê-lo feito crer que tinha matado um homem.

— O quê?

— William!

O homem em quem Bond havia atirado levantou-se com um largo sorriso no rosto.

James virou-se para Hydt.

— Eu...

— Balas de cera — disse Dunne. — A polícia as usa em treinamentos e os diretores de cinema, nas cenas de ação.

— Foi tudo um teste?

— Que nosso amigo Niall aqui inventou. Foi uma boa ideia e você passou.

— Você acha que sou um garoto de escola? Vá pro inferno — disse Bond, virando-se e caminhando em direção ao portão do jardim.

— Espere, espere — gritava Hydt, andando atrás dele, com a testa franzida. — Somos gente de negócios. É isso o que fazemos. Temos de estar seguros com relação a tudo.

Bond soltou uma obscenidade e continuou pela trilha, abrindo e fechando os punhos.

Hydt disse, insistindo:

— Você pode ir, mas saiba, por favor, Theron, que está deixando para trás não só minha pessoa, mas um milhão de dólares, que vão ser seus amanhã se ficar. E vai ter muito mais.

Bond parou. Ele deu meia-volta.

— Vamos voltar para o escritório e conversar, sejamos profissionais.

Bond olhou para o homem em que havia atirado, que ainda estava sorrindo alegremente. Então, perguntou a Hydt:

— Um milhão?

Severan fez que sim.

— Em sua conta amanhã.

Bond permaneceu onde estava por alguns instantes, contemplando o jardim, que era, de fato, magnífico. Caminhou de volta para onde estava Hydt, lançando um olhar frio a Niall Dunne, que descarregava o rifle e limpava-o cuidadosamente, acariciando as peças de metal.

Bond, desempenhando o papel de ofendido, tentava manter um olhar indignado no rosto.

E era tudo ficção, porque havia percebido que as balas eram de cera. Ninguém que já tenha disparado uma arma com uma carga normal, de pólvora e bala de chumbo, se enganaria com munição de cera, que produz muito menos recuo do que a munição de verdade — dar um cartucho vazio para um soldado num pelotão de fuzilamento é absurdo: ele sabe muito bem que a bala não é real no minuto em que atira. Momentos antes, Bond tivera uma pista quando o “ladrão” cobriu os olhos. Pessoas que estão prestes a serem fuziladas não protegem nada com as mãos. Portanto, tinha refletido Bond, ele está com medo de ficar cego, e não de morrer. Aquilo sugeria que os cartuchos estavam vazios ou eram de cera.

Atirara na folha para avaliar o recuo, e soube, por sua brandura, que se tratava de munição não letal.

Bond achava que o homem iria ganhar um adicional de periculosidade pelo esforço. Hydt parecia tomar conta dos empregados, apesar do que se pudesse dizer sobre ele. Isso foi confirmado naquela ocasião. Severan tirou da carteira uns *rands* e deu-os ao homem, que caminhou até Bond e sacudiu-lhe a mão.

— Ei, o senhor é um bom atirador! Me acertou num lugar abençoado. Veja, bem aqui! — disse ele, batendo no peito. — Teve um homem que me acertou lá embaixo, o senhor sabe onde. Que miserável! Aquilo doeu por muitos dias. E a minha mulher reclamou muito.

Dentro do Range Rover mais uma vez, os três dirigiram-se em silêncio de volta à usina; o lindo jardim deu lugar ao angustiante Corredor da Desaparição, à cacofonia das gaivotas, à fumaça.

Geena...

Dunne estacionou em frente ao prédio principal, acenou com a cabeça para Bond e disse a Hydt:

— Nossos colaboradores? Vou esperar os voos. Vão chegar por volta das 19 horas. Vou deixá-los instalados e depois volto.

Então, Dunne e Hydt iriam trabalhar à noite. Seria aquilo um bom ou um mau sinal com relação a qualquer expedição de reconhecimento na Green Way? Uma coisa era clara: ele tinha de entrar no Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento agora.

Dunne afastou-se enquanto Severan e James prosseguiram em direção ao prédio.

— Você vai fazer um tour comigo por aqui? — perguntou Bond.
— É mais quente... e não tem muitas gaivotas.

Hydt riu.

— Não há muito o que ver. Vamos direto para meu escritório.

Ele não poupou, no entanto, o novo sócio dos procedimentos de segurança na guarita da porta dos fundos — mas os guardas não detectaram o inalador mais uma vez. Quando entraram no corredor principal, Bond observou de novo a placa Pesquisa e Desenvolvimento. Ele baixou a voz:

— Eu não me importaria de fazer um tour até o toalete.

— É por ali — apontou Hydt, enquanto pegava o celular para fazer uma ligação. Bond caminhou rapidamente pelo corredor. Entrou no banheiro vazio dos homens, pegou um punhado grande de toalhas de papel e jogou-as em um dos vasos. Quando deu a descarga, o papel entupiu o cano. Foi até a porta e olhou na direção do local onde Hydt o esperava. Estava de cabeça baixa, concentrado na chamada. Não havia circuito fechado de TV, Bond observou, e distanciou-se de Hydt, já planejando uma explicação.

Ah, um dos cubículos estava ocupado e o outro entupido, então, fui procurar outro banheiro. Não quis incomodar você, que estava no telefone.

Negabilidade plausível...

Bond lembrou-se de onde vira a placa ao entrar. Correu, então, por um corredor deserto.

PESQUISA E DESENVOLVIMENTO. ÁREA RESTRITA

A porta metálica de segurança era operada por um teclado numérico e por um leitor de cartões que servia de chave.

Vamos lá, ele estimulava um cúmplice que de nada suspeitava dentro da sala — alguém tinha que estar pensando em dar uma ida até o toailete ou pegar um café na cantina.

Porém, ninguém cooperava. A porta permanecia trancada e Bond chegou à conclusão de que teria que voltar até Hydt. Deu meia-volta e caminhou rápido pelo corredor mais uma vez. Felizmente, Severan ainda estava ao celular. Ele levantou os olhos quando James já tinha passado da porta do banheiro; em sua cabeça, o novo sócio acabava de sair de lá.

Desligando o telefone, disse:

— Vamos por aqui, Theron.

Ele levou Bond por um corredor até uma sala grande que parecia servir de escritório e casa. Uma vasta mesa estava colocada diante de uma janela panorâmica de onde se via seu império desolador. Um quarto, curiosamente, podia ser visto de um lado. Bond notou que a cama não estava feita. Hydt desviou-o para longe dali e fechou a porta, indicando-lhe um sofá em frente a uma mesa de centro, num canto.

— Um drinque?

— Uísque. Scotch. Puro.

— Auchentoshan?

Bond conhecia a destilaria, nos arredores de Glasgow.

— Ótimo. Com um pouco de água.

Hydt derramou uma quantidade generosa no copo, acrescentou a água e entregou-lhe. Serviu-se de um cálice de Constantia sul-africano. Bond já havia provado aquele vinho doce como mel, que era uma versão recentemente revivida da bebida favorita de Napoleão. O imperador deposto mandara trazer centenas de galões para Santa Helena, onde passou os últimos anos do exílio. Tomara-o, inclusive, em seu leito de morte.

O recinto sombrio estava repleto de antiguidades. Mary Goodnight estava sempre contando, empolgada, sobre as pechinchas que tinha encontrado no mercado da Portobello Road, em Londres, mas nenhuma das peças no escritório de Hydt seria vendida a preços altos naquele mercado; eram arranhadas, gastas, tortas. Velhas fotografias, pinturas e baixos-relevos pendiam das paredes. Placas de pedra mostravam imagens desvanecidas de deusas e deuses gregos e romanos, mas Bond não sabia dizer quem poderiam ser.

Hydt sentou-se e eles tocaram os copos um no outro. Severan contemplou com amor as paredes.

— A maior parte disso tudo veio de prédios que minhas firmas demoliram. Para mim, são como relíquias de corpos de santos. O que também me interessa, por acaso. Tenho várias, embora seja um fato de que ninguém em Roma tenha conhecimento — disse ele, acariciando o cálice de vinho. — Tudo o que é velho ou descartado me traz conforto. Não sei dizer a você por quê. E nem me importa saber. Eu acho, Theron, que a maioria das pessoas desperdiça tempo demais se perguntando por que são como são. Aceite sua natureza e a satisfaça. Adoro o declínio, a putrefação... as coisas que os outros evitam.

Ele fez uma pausa e depois perguntou:

— Você gostaria de saber como comecei nesse ramo de negócios? É uma história informativa.

— Sim, por favor.

— Eu tive dificuldades na juventude. Ah, quem não teve, não é mesmo? Fui obrigado a começar a trabalhar jovem. Aconteceu de ser numa firma de coleta de lixo. Fui lixeiro em Londres. Um dia, meus colegas e eu estávamos tomando chá, fazendo uma pausa, quando o motorista apontou para um apartamento na rua e disse: “É ali que mora um daqueles caras da turma de Clerkenwell”.

Clerkenwell, talvez o maior e mais bem-sucedido sindicato do crime da história britânica. Já estava, então, bastante desmantelado, mas, por vinte anos, seus membros dominaram com brutalidade a área em torno de Islington. Dizia-se que tinham sido responsáveis por 25 assassinatos.

Hydt continuou, os olhos negros brilhando:

— Fiquei intrigado. Depois do chá, continuamos nosso trabalho, mas, sem que os outros soubessem, escondi o lixo *daquele* apartamento. Voltei lá à noite e peguei o saco, levei para casa, e examinei-o. Fiz isso durante semanas. Examinava cada carta, lata, recibo, embalagem de preservativo. A maioria era inútil. Mas encontrei uma coisa que era interessante. Um papel com um endereço na zona leste de Londres. “Aqui” era tudo o que dizia. Mas eu tinha uma ideia do que queria dizer. Naquela época, eu complementava a minha renda usando um detector de metais. Você sabe sobre isso? São pessoas que caminham pela praia, em Brighton ou Eastbourne, e acham moedas, anéis etc. na areia, depois que os turistas vão para casa. Eu tinha um bom detector e, então, no fim de semana seguinte, fui até o endereço mencionado no papel. Como

esperava, era um terreno baldio — continuou Hydt, animado, divertindo-se. — Levei dez minutos para encontrar a arma enterrada. Comprei um kit de impressões digitais. Embora não fosse nenhum perito, parecia que as impressões na arma e no papel eram compatíveis. Eu não sabia exatamente para que a arma tinha sido usada, mas...

— Mas por que enterrar se não tivesse sido usada para assassinar alguém?

— Precisamente. Fui ver o homem de Clerkenwell. Disse a ele que o meu advogado estava com a arma e o papel. Claro que não tinha advogado nenhum, mas blefei bem. Falei que se não ligasse em uma hora, ele iria levar tudo para a Scotland Yard. Era uma jogada? Óbvio, mas calculada. O homem ficou branco e me perguntou na hora o que eu queria. Mencionei uma quantia. Ele pagou em espécie. Eu estava prestes a abrir minha própria companhia pequena de coleta, que acabou se tornando a Green Way.

— Isso dá um sentido completamente novo à palavra “reciclagem”, não?

— É verdade — falou Hydt, parecendo gostar do comentário.

Ele tomou outro gole de vinho e olhou pela janela em direção ao terreno, as esferas de chamas ardendo ao longe.

— Você sabia que existem três coisas feitas pelo homem que podem ser vistas do espaço? A Grande Muralha da China, as pirâmides... e o antigo aterro sanitário de Fresh Kills, em Nova Jersey.

Bond não sabia.

— Para mim, o lixo é mais do que um negócio — continuou Hydt. — É uma janela para nossa sociedade... e nossas almas. — Ele

inclinou-se para a frente na cadeira. — Podemos *adquirir* coisas na vida sem que tivéssemos a intenção, por meio de presente, por descuido, herança, destino, por erro, cobiça, preguiça, mas, quando descartamos algo, o fazemos quase sempre com uma intenção fria.

Ele sorveu lentamente o vinho.

— Theron, você sabe o que é entropia?

— Não, não sei.

— Entropia — disse Hydt batendo as unhas umas contra as outras — é a verdade essencial da natureza. É a tendência em direção ao declínio e à desordem, na física, na sociedade, na arte, nas criaturas vivas... em tudo. É o caminho para a anarquia — sorriu ele. — Isso soa pessimista, mas não é. É a coisa mais maravilhosa do mundo. Ninguém pode se enganar se abraçar a verdade. E essa é a verdade.

Seus olhos pousaram sobre um baixo-relevo.

— Eu mudei meu nome, sabia?

— Não — disse Bond, pensando: Maarten Holt.

— Mudei porque meu sobrenome era do meu pai, e meu primeiro nome foi ele quem escolheu. Eu não queria ter mais qualquer ligação com ele — falou com um sorriso frio. — Com essa infância que mencionei. Escolhi “Hydt” porque lembrava o lado obscuro do protagonista em *O médico e o monstro*, livro que tinha lido na escola e gostado. Acredito que todos nós temos um lado público e um lado obscuro. O livro confirmou isso.

— E “Severan”? Não é comum.

— Você não acharia isso se tivesse vivido em Roma nos séculos II e III.

— Não?

— Estudei história e arqueologia na universidade. Quando se menciona a Roma Antiga, Theron, o que pensa a maioria das pessoas? Na dinastia Júlio-Claudiana. Augusto, Tibério, Calígula, Cláudio e Nero. Elas pensam assim se leram *Eu, Claudius imperador*, ou se viram Derek Jacobi, em grande atuação, na BBC. Mas toda essa dinastia durou um tempo pateticamente curto, pouco mais de cem anos. Sim, sim, *mare nostrum*, guarda pretoriana, filmes estrelados por Russell Crowe... tudo muito decadente e dramático. “Meu Deus, Calígula, essa é sua *irmã!*” Mas, para mim, a verdade de Roma foi revelada muito mais tarde, por uma dinastia diferente, a dos imperadores severianos, fundada muitos anos depois de Nero se matar. Eles governaram durante a *decadência* do império. O reinado deles culmina no que os historiadores chamam de período da “Anarquia Militar”.

— Entropia — disse Bond.

— *Exatamente* — sorriu Hydt, enlevado. — Vi uma estátua de Sétimo Severo e achei que parecia um pouco com ele. Então, peguei seu nome de família.

E fixando os olhos em Bond:

— Está se sentindo desconfortável, Theron? Não se preocupe. Você não assinou um contrato com o capitão Ahab. Não sou louco.

Bond riu.

— Não estava achando que fosse. Honestamente. Estava pensando no milhão de dólares que você mencionou.

— Claro — disse ele, estudando Bond atentamente. — Amanhã, o primeiro de uma série de projetos em que estou envolvido vai se tornar realidade. Meus sócios principais vão estar aqui. Você vai vir também. Aí, vai entender o que estamos para realizar.

— Por um milhão, o que você quer que eu faça? — perguntou ele, franzindo o cenho. — Que mate alguém com balas *de verdade*?

Hydt acariciou mais uma vez a barba. Parecia de fato um imperador romano.

— Você não vai precisar fazer nada amanhã. Esse projeto já está terminado. Só assistiremos aos resultados. E comemoraremos, espero. Vamos chamar seu milhão de bônus por você ter fechado conosco. Depois disso, você vai ficar muito ocupado.

Bond forçou um sorriso.

— Fico satisfeito de ser incluído.

O celular de Hydt tocou. Ele olhou para a tela e levantou-se, afastando-se. Bond achou que alguma dificuldade havia surgido. Hydt não parecia contrariado, mas sua imobilidade indicava que não estava feliz. Desligou.

— Me desculpe. Um problema em Paris. Inspetores. Sindicatos. É um assunto da Green Way, nada a ver com o projeto de amanhã.

Bond não queria deixar o homem desconfiado; portanto, mudou de assunto:

— Ok. A que horas você vai precisar de mim?

— Dez horas.

Lembrando-se da interceptação original que a Central de Comunicações do Governo havia decodificado, e das pistas encontradas em March quanto à hora do ataque, Bond entendeu que teria cerca de 12 horas para descobrir o que era o Geena e impedi-lo.

Uma figura apareceu na porta. Era Jessica Barnes. Estava vestindo o que parecia ser seu traje típico — saia preta e camisa branca simples. Bond nunca havia gostado de mulheres que usavam

maquiagem em excesso, mas perguntou-se de novo por que ela não usava sequer um mínimo.

— Jessica, esse é Gene Theron — disse Hydt, de forma distraída. Esquecera-se de que os dois já haviam se encontrado na noite anterior.

A mulher nada comentou.

Bond apertou-lhe a mão. Ela devolveu o cumprimento com um aceno tímido de cabeça. Depois, disse a Hydt:

— As provas do anúncio não chegaram. Só vão estar aqui amanhã.

— Você pode revisá-las quando chegarem, certo?

— Sim, mas não há nada mais a fazer aqui. Estava pensando em voltar para a Cidade do Cabo.

— Surgiu uma coisa. Ainda vou ficar aqui por algumas horas, talvez mais. Você pode esperar... — falou ele, voltando os olhos para a porta atrás da qual Bond tinha visto a cama.

Ela hesitou.

— Tudo bem — disse, soltando um suspiro.

Bond ofereceu:

— Estou voltando para a cidade. Posso lhe levar se quiser.

— Mesmo? Não é incômodo? — Sua pergunta, no entanto, não foi dirigida a James, mas a Hydt.

O homem estava mexendo no celular e levantou a cabeça.

— Muita gentileza sua, Theron. Até amanhã.

Eles apertaram-se as mãos.

— *Totsiens* — retrucou Bond, usando a palavra africâner para despedida, que tinha aprendido por cortesia da Escola de Línguas Capitã Bheka Jordaan.

— Que horas você vai para casa, Severan? — perguntou Jessica.

— A hora que eu chegar — respondeu ele, distraidamente, apertando o número de alguém no celular.

Cinco minutos depois, Jessica e Bond estavam na guarita de segurança da frente, na qual passou mais uma vez pelo detector de metais. Contudo, antes que lhe devolvessem a arma e o celular, um guarda veio até ele e disse:

— O que é aquilo, senhor? Vi uma coisa no seu bolso.

O inalador. Como tinha conseguido observar o pequeno volume embaixo do blusão?

— Não é nada.

— Deixe-me ver, por favor.

— Não estou roubando nada de um lixão — revidou Bond, com sarcasmo — se é isso que está pensando.

Com paciência, o homem disse:

— Nossas regras são muito claras, senhor. Ou me deixa ver o que é, ou vou ter de chamar Sr. Dunne ou Sr. Hydt.

Mantenha o disfarce até a morte...

Com mão firme, Bond pegou o tubo de plástico preto e mostrou:

— É um remédio.

— É mesmo? — perguntou o homem, pegando o aparelho e examinando-o.

A lente da câmera estava recolhida, mas, para James, parecia óbvia. O guarda já ia devolvê-la, quando mudou de ideia. Puxou a tampa, expôs a válvula do spray e colocou o polegar sobre ela.

Bond olhou para sua Walther, que estava pousada em um dos escaninhos da estante. Estava a 3 metros de distância e separada dele por dois outros guardas, ambos armados.

O homem apertou a válvula... espalhando um fino jato de álcool desnaturalizado no ar, perto do rosto.

Sanu Hirani, é claro, havia criado o brinquedo de forma premeditada. A válvula de spray era verdadeira, mesmo que a substância química no interior não fosse; a câmara ficava na parte de *baixo* da base. O cheiro de álcool era forte. O guarda enrugou o nariz e seus olhos estavam lacrimejando quando devolveu o dispositivo.

— Obrigado, senhor. Espero que não precise tomar esse remédio sempre. Parece bem desagradável.

Sem responder, Bond enfiou o inalador no bolso, recebendo de volta a arma e o telefone.

Ele dirigiu-se para a porta da frente, que se abria para a terra de ninguém entre as duas cercas. Já estava quase do lado de fora quando uma sirene começou a tocar muito alto e luzes piscaram.

Bond já estava prestes a se virar e a dar início a um tiroteio visando os alvos prioritários.

Todavia, o instinto disse-lhe para se conter.

Foi uma coisa boa que o fizesse. Os guardas nem sequer estavam olhando para ele. Tinham voltado a assistir à TV.

Ele olhou em volta de modo casual. O alarme havia disparado porque Jessica, isenta dos procedimentos de segurança, passara pelo detector de metais com a bolsa e as joias. Um guarda puxou, distraído, uma alavanca para reiniciar o sistema.

Com a frequência cardíaca de volta ao normal, Bond, acompanhado de Jessica, continuou andando em direção à saída, passando pela guarita de segurança seguinte até chegar ao estacionamento repleto de folhas secas retorcidas, que bailavam ao vento. Bond abriu a porta do carona para ela, se sentou no banco do motorista e ligou o motor do Subaru. Seguiram, então, pela estrada empoeirada, em direção a N7, em meio aos onipresentes caminhões da Green Way.

Ele perguntou:

— Estou curioso: como vocês dois se conheceram?

— Quer realmente saber?

— Me conte.

— Eu participava de concursos de beleza quando era jovem.

— É mesmo? Nunca conheci alguém assim — sorriu ele.

— Não me saía muito mal. Cheguei a participar do Miss América uma vez. Mas o que realmente... — disse ela, corando. — Não, bobagem.

— Continue, por favor.

— Bem, uma vez eu estava competindo em Nova York, no Waldorf Astoria. O concurso ainda não tinha começado, e várias de nós estavam no saguão. Jackie Kennedy me viu, veio até mim e disse que me achava muito bonita — falou Jessica enchendo-se de orgulho, de uma forma que ele nunca vira antes em seu rosto. — Esse foi um dos pontos altos da minha vida. Ela era um ídolo na minha infância. — O sorriso modificou-se. — Você quer realmente ouvir essa história?

— Fui eu que pedi.

— Bem, só dá para ir até aí no mundo dos concursos, é claro. Depois que terminei todo o circuito, fiz uns comerciais e trabalhei em tele vendas. Depois, esses trabalhos também acabaram. Alguns anos após tudo isso, minha mãe morreu. Eu era muito ligada a ela, e passei por uma época difícil. Consegui um emprego de recepcionista num restaurante de Nova York. Severan estava fazendo negócios por lá e aparecia no restaurante para se encontrar com clientes. Começamos a conversar. Era um homem muito fascinante. Adorava história e viajava o mundo todo. Falávamos sobre mil coisas diferentes.

“Tínhamos uma ligação forte. Era muito... reconfortante. Nos concursos, eu costumava brincar que a vida não está dentro de nós,

está na nossa maquiagem. É tudo o que as pessoas veem. Maquiagem e roupas. Severan viu algo mais profundo em mim, acho. Ficamos amigos logo. Pediu meu telefone e vivia me ligando. Bem, eu não era burra. Já estava com 57 anos, não tinha família e tinha muito pouco dinheiro. E ali estava um homem belo... e *vital*.”

Bond perguntou-se se isso significava o que estava pensando.

O navegador por satélite indicou-lhe que saísse da rodovia. Entrou com cuidado em outra estrada congestionada. As vans estavam por todos os lugares. Reboques ficavam estacionados nos cruzamentos, aparentemente para serem os primeiros a chegar à cena de qualquer acidente. Pessoas vendiam bebidas no acostamento; comércios improvisados operavam na parte de trás de caminhões e vans, e vários faziam bons negócios vendendo baterias e consertando alternadores. Por que aquela doença atacava os veículos sul-africanos em particular?

Agora que havia quebrado o gelo, Bond perguntou casualmente sobre o encontro do dia seguinte, mas ela respondeu que não sabia nada sobre isso, e ele acreditou. De forma frustrante para James, parecia que Hydt mantinha-a desinformada sobre o Geena e as outras atividades ilegais em que ele, Dunne, ou a companhia encontravam-se envolvidas.

Estavam a cinco minutos de seu local de destino, informava o navegador por satélite, quando Bond disse:

— Tenho que ser honesto. É muito estranho.

— O quê?

— A forma como ele se cerca disso tudo.

— Isso tudo, o quê? — perguntou Jessica, olhando-o atentamente.

— Decadência, destruição.

— Bem, é o negócio dele.

— Não estou falando do trabalho dele na Green Way. Isso eu entendo. Estou me referindo ao interesse *pessoal* dele pelo que é velho, usado... descartado.

Jessica nada disse por um momento. Apontou à frente para uma grande residência particular de madeira cercada por uma imponente cerca de pedra.

— É aqui a casa. É que...

Sua voz engasgou e ela começou a chorar.

Bond parou o carro junto ao meio-fio.

— Jessica, qual é o problema?

— Eu... — disse ela, respirando rápido.

— Você está bem? — perguntou ele abaixando-se para mexer na alavanca de ajuste do banco e puxando-o para trás, a fim de que pudesse virar-se para encará-la.

— Não é nada, nada. Que vergonha.

Bond pegou sua bolsa e enfiou a mão dentro dela para procurar um lenço de papel. Encontrou um e entregou-o a ela.

— Obrigada — disse Jessica, tentando falar, mas, depois, se entregou aos soluços.

Quando se acalmou, virou o espelho retrovisor em sua direção.

— Ele não me deixa usar maquiagem. Pelo menos não tenho nenhum rímel para derreter e me deixar com cara de palhaça.

— Não deixa você... Como assim?

Seus lábios engoliram a confissão.

— Nada — murmurou Jessica.

— Foi alguma coisa que eu disse? Sinto muito se a ofendi. Só estava tentando jogar conversa fora.

— Não, não, você não fez nada, Gene.

— Me diga o que está errado — falou ele, com os olhos fixos nela.

Ela hesitou um instante.

— Eu não fui franca com você. Representei bem, mas é tudo fachada. Não temos qualquer ligação. Nunca tivemos. Ele só me quer... — disse ela, levantando a mão. — Ah, por favor, não queira ouvir isso.

Bond tocou seu braço.

— Por favor, sou responsável de alguma forma. Estava dizendo bobagem. Me sinto um idiota. Me conte.

— Sim, ele ama o antigo... o usado, descartado. *Eu*.

— Meu Deus, não. Eu não quis dizer...

— Sei que não. Mas é para *isso* que ele me quer. Porque eu também faço parte da decadência. Sou seu laboratório de estudos sobre tudo o que murcha, envelhece, se decompõe.

“É isso que sou para ele. Mal fala comigo. Não faço quase ideia do que se passa na sua cabeça, e ele não tem o menor interesse em descobrir quem eu sou. Me dá cartões de crédito, me leva a lugares caros, não deixa me faltar nada. Em troca... me observa envelhecer. Eu o pego olhando para mim, para uma ruga nova aqui, uma marca da idade ali. É por isso que não posso usar maquiagem. Ele deixa a luz acesa quando... você entende o que estou querendo dizer. Isso é tão humilhante para mim. Ele sabe disso também. Porque a humilhação é outra forma de decadência.”

Ela sorriu com amargura, tocando os olhos com o lenço de papel.

— E a ironia, Gene? A maldita ironia? É que quando eu era jovem, eu vivia para os concursos de beleza. Ninguém se importava com quem eu era interiormente: os juízes, as colegas que competiam comigo... nem minha mãe. Agora, estou velha, e Severan

não se importa também com quem sou por dentro. Tem horas em que odeio estar com ele. Mas o que posso fazer? Sou impotente.

Bond aplicou um pouco mais de pressão em seu braço.

— Isso não é verdade. Você não é nem um pouco impotente. Envelhecer é força. Experiência, bom senso, discernimento, é conhecer os próprios recursos. A juventude é só erro e impulso. Creia em mim. Sei disso muito bem.

— Mas o que eu poderia fazer sem ele? Para aonde iria?

— Para qualquer lugar. Poderia fazer o que quisesse. Você é inteligente. Deve ter algum dinheiro.

— Um pouco. Mas a questão não é o dinheiro. É encontrar alguém na minha idade.

— Por que você precisa de alguém?

— Essas são palavras de um jovem.

— E *essas* são palavras de alguém que acredita no que lhe dizem, e não no que pensa por si mesma.

Jessica deu um leve sorriso.

— *Touché*, Gene — disse ela, dando um tapinha em sua mão. — Você foi muito delicado e eu ainda não acredito que me abri para um completo estranho. Por favor, tenho que entrar. Ele vai ligar para saber se já cheguei — acrescentou, apontando para a casa.

Bond adiantou o carro e estacionou em frente ao portão sob o olhar observador de um segurança — que frustrou seu plano de entrar na casa e ver que segredos havia lá.

Jessica segurou a mão dele entre as suas e saltou.

— Vejo você amanhã? — perguntou ele. — Na usina?

Um leve sorriso.

— Sim. Vou estar lá. Minha coleira é muito curta — disse ela, virando-se e passando rapidamente pelo portão aberto.

No carro, Bond engatou a primeira e saiu cantando pneu; Jessica Barnes desapareceu no mesmo instante de seus pensamentos. Sua atenção estava concentrada agora em seu próximo destino, e no que o aguardaria lá.

Inimigo ou amigo?

Na profissão que escolhera, James havia aprendido que essas duas categorias não eram mutuamente excludentes.

Durante toda a manhã e toda a tarde de quinta-feira falou-se sobre ameaças.

Ameaças dos norte-coreanos, dos talibãs, da al-Qaeda, dos chechenos, da Jihad islâmica, do leste da Malásia, do Sudão, da Indonésia. Houve uma discussão breve sobre os iranianos e, apesar da retórica surreal que saía de seu palácio presidencial, ninguém os levava muito a sério. M quase que lamentava pelo pobre regime de Teerã. A Pérsia já fora um império grandioso.

Ameaças.

Contudo, o verdadeiro ataque, pensava ele com ironia, estava ocorrendo naquele momento, durante o intervalo para o chá, na conferência de segurança. M desligou a chamada de Moneypenny e recostou-se tensamente em sua cadeira na velha sala de estar dourada de um prédio em Richmond Terrace, entre Whitehall e o aterro de Victoria. Era uma dessas construções apagadas, sem nada de notável e de idade indeterminada, na qual o trabalho duro de governar o país era realizado.

O ataque iminente envolvia dois ministros que faziam parte do Comitê Misto de Inteligência. Suas cabeças acabavam de aparecer

na porta, lado a lado, e os rostos, de óculos, vasculharam a sala até descobrirem o alvo. Depois que uma imagem do programa de televisão *Dois Ronnies* entrava em sua cabeça, M não conseguia mais tirá-la de lá. Quando deram um passo à frente, no entanto, não havia nada de cômico em suas expressões.

— Miles — cumprimentou o mais velho.

“Sir Andrew” antecedia o sobrenome do homem, e aquelas duas palavras estavam em perfeita sintonia com o rosto distinto e a juba prateada.

O outro, Bixton, inclinou a cabeça, cuja abóbada carnuda refletiu a luz do lustre empoeirado. Estava respirando com dificuldade. Na verdade, os dois estavam.

M não lhes disse que se sentassem, mas, mesmo assim, eles o fizeram, no sofá eduardiano em frente à bandeja do chá. Ele estava ansioso para tirar um charuto da caixa e mastigá-lo, mas decidiu conter-se.

— Vamos direto ao ponto — disse Sir Andrew.

— Sabemos que você tem que voltar à conferência de segurança — comentou Bixton.

— Acabamos de conversar com o ministro das Relações Exteriores. Ele está na Câmara neste momento.

Isso explicava a respiração difícil. Não poderiam ter vindo de carro da Câmara dos Comuns, já que Whitehall, da Horse Guards Avenue até depois da King Charles Street, havia sido lacrado como um submarino prestes a submergir, para que a conferência de segurança acontecesse, digamos, com segurança.

— Incidente Vinte — perguntou M.

— Exatamente — respondeu Bixton. — Estamos tentando rastrear o diretor-geral da 6 também, mas essa maldita

conferência...

Ele era novo no Comitê Misto de Inteligência, e pareceu de repente dar-se conta de que talvez não devesse repreender tão bruscamente aqueles que o pagavam.

— ... é uma maldita interrupção — resmungou M, completando.

Ele não tinha problemas em relação a meter o malho em ninguém ou coisa alguma, quando a situação pedia.

Sir Andrew resolveu assumir a direção da conversa.

— A Inteligência de Defesa e a Central de Comunicações do Governo estão informando sobre um aumento de SIGINT no Afeganistão nas últimas seis horas.

— O consenso geral é de que isso tem alguma coisa a ver com o Incidente Vinte.

M perguntou:

— Alguma coisa específica relacionada a Hydt, Noah, ou milhares de mortes? Niall Dunne? Bases do Exército em March? Explosivos improvisados? Engenheiros em Dubai? Usinas de lixo e reciclagem na Cidade do Cabo? — perguntou M, lendo todos os sinais codificados que passavam por sua mesa ou que chegavam pelo telefone celular.

— Não sabemos — respondeu Bixton. — A Rosca ainda não decifrou o código.

O quartel-general da Central de Comunicações do Governo, em Cheltenham, fora construído de forma circular, semelhante a uma rosca.

— Os pacotes de criptografia são absolutamente novos, o que travou todo o trabalho.

— O SIGINT é cíclico por lá — murmurou M, distraído.

Ele estava no MI6 havia muito tempo, e ganhara reputação por sua habilidade sem paralelo no garimpo de informações e, mais importante ainda, por *transformá-las* em algo útil.

— É verdade — concordou Sir Andrew. — Mas é muita coincidência que todas essas ligações, todos esses e-mails tenham surgido justamente agora, um dia antes do Incidente Vinte, você não acha?

Não necessariamente.

Ele continuou:

— E ninguém ainda descobriu *nada* de específico que ligue Hydt à ameaça.

“Ninguém” queria dizer “007”.

M olhou para o relógio que tinha sido do filho, um soldado do Regimento Real de Fuzileiros. A conferência de segurança estava marcada para recomeçar dentro de meia hora. Ele sentia-se exausto e sexta-feira, o dia seguinte, seria uma sessão ainda mais longa, que culminaria num jantar tedioso, seguido de um discurso do ministro do Interior.

Sir Andrew notou o olhar nada sutil para o surrado relógio.

— Resumindo, Miles, o Comitê Misto de Inteligência é de opinião que a presença desse tal de Severan Hydt na África do Sul é algo só para desviar a atenção. Talvez esteja envolvido na situação, mas não é um dos protagonistas do Incidente Vinte. O pessoal da 5 e da 6 acha que os verdadeiros atores estão no Afeganistão, e que é lá que o ataque vai acontecer: contra militares, trabalhadores humanitários, empreiteiros.

Estava claro que isso era o que eles *diriam*, independentemente do que *pensassem*. A aventura em Cabul havia custado bilhões de libras e vidas demais; quanto mais males se descobrissem por lá que

justificassem a incursão, melhor. M estivera consciente disso desde o início da operação Incidente Vinte.

— Quanto a Bond...

— Ele é bom, sabemos disso — interrompeu Bixton, olhando para os biscoitos de chocolate que M havia pedido que não viessem com o chá, mas que tinham sido trazidos mesmo assim.

Sir Andrew franziu a testa.

— Pena que não tenha descoberto muita coisa — continuou Bixton. — A menos que haja detalhes que não tenham circulado ainda.

Observando os dois homens com a mesma frieza, M não dizia nada.

Sir Andrew disse:

— Bond é uma estrela, é claro. Portanto, a ideia é que seria bom para todos se ele fosse para Cabul o mais rápido possível. Essa noite, se você conseguir fazer isso. Coloque-o numa zona de conflito junto com outros vinte rapazes de primeira linha da 6. Vamos recorrer à CIA também. Não nos importamos de dividir a glória.

E a culpa, pensou M, caso errassem.

Bixton disse:

— Faz sentido. Bond já esteve lotado no Afeganistão.

M disse:

— Supõe-se que o Incidente Vinte ocorra amanhã. Ele vai levar a noite toda para chegar até Cabul. Como vai conseguir impedir que alguma coisa aconteça?

— A ideia é... — dizendo isso, Sir Andrew, de repente, se calou, pois, como imaginou M, percebeu que havia repetido seu irritante bordão. — Não temos certeza de que nada *possa* ser impedido.

O silêncio espalhou-se de forma desagradável, como uma maré poluída com lixo hospitalar.

— A nossa abordagem seria mandar seu homem e os outros encabeçarem uma equipe de análise *post-mortem*, que tente descobrir com certeza quem esteve por trás disso e elabore uma proposta de reação. Bond pode até chefiar a coisa.

M sabia, naturalmente, o que estava acontecendo ali: os Dois Ronnies estavam oferecendo uma saída honrosa ao GDU. A organização podia ser bem-sucedida 95 por cento do tempo, mas se errasse uma única vez e provocasse alguma perda grande, era possível que os funcionários chegassem no escritório segunda-feira de manhã e descobrissem que toda a sua unidade fora desmembrada ou, pior ainda, transformada num agência de classificação.

E, para começar, o Grupo de Desenvolvimento Ultramarino estava na corda bamba, pois abrigava a Divisão 00, que era objetada por muita gente. Tropeçar no caso do Incidente Vinte seria, de fato, um grande tropeço.

Porém, enviando Bond para o Afeganistão imediatamente, o GDU teria ao menos um participante no jogo, mesmo que ele entrasse em campo um pouco tarde.

M disse sem emoção:

— Sua sugestão foi anotada, senhores. Me deixem fazer algumas ligações.

Bixton ficou radiante. Todavia, Sir Andrew não tinha terminado ainda. Sua persistência, temperada com astúcia, era uma das razões que faziam M crer que audiências futuras com ele poderiam acontecer no número 10 da Downing Street*.

— Bond vai cooperar?

A ameaça implícita na pergunta era que se 007 permanecesse na África do Sul, desafiando as ordens de M, a proteção que Sir Andrew estendia a Bond, M e ao GDU cessaria.

A ironia de dar a um agente como 007 *carte blanche* era que se esperava que ele a aplicasse e agisse da maneira como achasse melhor — o que, às vezes, significava que ele *não* cooperaria com todas as decisões. Não se pode ter tudo ao mesmo tempo, refletiu M.

— Como disse, vou fazer umas ligações.

— Ótimo. É melhor irmos embora.

Quando partiram, M levantou-se e passou pela porta-janela e foi até a sacada, onde observou um oficial da Polícia Metropolitana de Proteção armado com uma metralhadora. Após um exame e um aceno de cabeça à pessoa que aparecera na sacada, o homem voltou a olhar para a rua abaixo dele, a quase 10 metros de altura.

— Tudo tranquilo? — perguntou M.

— Sim, senhor.

M caminhou até o outro lado da sacada e acendeu um charuto, tragando profundamente a fumaça. As ruas estavam estranhamente silenciosas. As barricadas não eram apenas aquelas cercas tubulares de metal que se vê do lado de fora do parlamento; eram blocos de cimento de 1 metro de altura, sólidos o bastante para deter um carro em velocidade. As calçadas eram patrulhadas por guardas armados, e M notou vários atiradores nos telhados dos prédios próximos. Contemplou distraidamente Richmond Terrace, na direção do aterro de Victoria.

Pegou o celular e ligou para Money Penny.

Um toque apenas e ela atendeu:

— Pois não, senhor?

— Preciso falar com o chefe de gabinete.

— Ele deu um pulo na cantina. Vou passar a ligação.

Enquanto esperava, M olhou para baixo e deu uma gargalhada rouca. No cruzamento perto da barricada havia um caminhão grande e alguns homens arrastando latões para lá e para cá. Eram empregados da firma de Severan Hydt, a Green Way International. Percebeu que estivera a observá-los durante os últimos minutos, mas sem notá-los. Haviam estado invisíveis.

— Aqui é Tanner, senhor.

Os lixeiros logo desapareceram do pensamento de M, que tirou o charuto de entre os dentes e disse calmamente:

— Bill, preciso falar com você sobre 007.

Nota

* Endereço do Gabinete do primeiro-ministro britânico. (*N. do T.*)

Orientado pelo navegador por satélite, Bond seguia pelo centro da Cidade do Cabo passando por lojas e residências. Viu-se numa área de casas pequenas muito coloridas, azuis, rosas, vermelhas e amarelas, situadas sob Signal Hill. As ruas estreitas eram, na maior parte, pavimentadas com paralelepípedos. Lembravam-lhe certos vilarejos no Caribe, com a diferença de que, ali, desenhos árabes decoravam muitas das casas. Passou por uma mesquita silenciosa.

Eram 18h30 de uma quinta-feira fria, e ele estava a caminho da casa de Bheka Jordaan.

Amigo ou inimigo...

Após percorrer uma série de ruas esburacadas, estacionou. Ela esperava-o na porta e saudou-o com um aceno de cabeça, sem sorrir. Estava sem a roupa de trabalho, vestia jeans azul e um casaco de lã vermelho-escuro. Os cabelos negros e brilhantes estavam soltos, e ele sentiu um cheiro bom de lilás do xampu dela.

— Essa área é interessante — disse James. — Agradável.

— Se chama Bo-Kaap. Costumava ser muito pobre e de predominância muçulmana, com muitos imigrantes malaios. Me mudei para cá com... com alguém, anos atrás. O lugar era mais

pobre naquela época. Agora, está se tornando muito chique. Antes, só havia bicicletas estacionadas do lado de fora. Agora, há Toyotas, mas, em breve, vão ser Mercedes. Não gosto disso. Preferia que fosse como antes. Mas é minha casa. Além do mais, minhas irmãs e eu revezamos para ter Ugogo morando conosco, e elas moram perto, de maneira que é conveniente.

— Ugogo? — perguntou Bond.

— Quer dizer “avó”. É a mãe de nossa mãe. Meus pais vivem em Pietermaritzburg, em KwaZulu-Natal, a leste daqui.

Bond lembrou-se do mapa antigo no escritório dela.

— Então, tomamos conta de Ugogo. Esse é o costume zulu.

Ela não o convidou a entrar; portanto, ele fez-lhe um relato da ida à Green Way da própria varanda.

— É preciso revelar o filme que está aqui dentro — disse Bond, entregando-lhe o inalador. — É de 8 milímetros e de ASA 1.200. Você pode providenciar isso?

— Eu? Por que não seu colega do MI6? — perguntou ela, com acidez.

Bond não sentiu qualquer necessidade de defender Lamb.

— Confio nele, mas Gregory bebeu 200 *rands* do meu minibar. Eu gostaria que alguém de cabeça mais sóbria tomasse conta disso. A revelação pode ser complicada.

— Eu cuido disso.

— Ótimo. Alguns sócios de Hydt vão chegar à cidade esta noite. Vai haver um encontro na usina da Green Way amanhã de manhã — falou ele, pensando no que Dunne havia dito. — Eles chegarão por volta de 19 horas. Tem como descobrir o nome deles?

— Você sabe as companhias aéreas?

— Não, mas Dunne vai esperá-los.

— Vamos pôr alguém no aeroporto. Kwalene é bom para essas coisas. Ele gosta de brincar, mas é muito bom.

Com certeza. É discreto, também, pensava Bond.

Uma voz de mulher chamou do lado de dentro.

Jordaan virou a cabeça.

— *Ize balulekile.*

Outras palavras em zulu foram trocadas.

O rosto de Jordaan parecia impassível.

— Quer entrar? Assim, Ugogo vai ver que você não pertence a nenhuma gangue. Disse a ela que não era ninguém. Mas está preocupada.

— Ninguém?

Bond seguiu-a até o interior do pequeno apartamento arrumado e graciosamente mobiliado. Gravuras, tapeçarias e fotos decoravam as paredes.

A velha que havia falado com Jordaan estava sentada diante de uma grande mesa de jantar posta para duas pessoas. A refeição já tinha sido concluída. Parecia muito frágil. Bond reconheceu-a como a mulher que aparecia em muitos dos retratos no escritório de Jordaan. Usava um vestido solto laranja e marrom e calçava chinelos. O cabelo grisalho era curto. Ela começou a se levantar.

— Não, por favor — disse Bond.

Ela pôs-se de pé mesmo assim e, encurvada, adiantou-se, arrastando os pés, para apertar sua mão de modo firme e seco.

— Você é o inglês de quem Bheka falou. Não me parece muito mal.

Jordaan fuzilou-a com o olhar.

A velha apresentou-se:

— Sou Mbali.

— James.

— Vou descansar. Bheka, sirva um pouco de comida para ele. Está muito magro.

— Não, tenho que ir.

— Você está com fome. Vi como olhou para o *bobotie*. Está mais gostoso ainda do que parece.

Bond sorriu. Havia, *de fato*, olhado para a panela sobre o fogão.

— Minha neta é muito boa cozinheira. Você vai gostar. E beba um pouco de cerveja zulu. Já experimentou?

— Tomei Birkenhead e Gilroy.

— Não, a cerveja zulu é a melhor — disse Mbali, lançando um olhar à neta. — Dê a ele um pouco de cerveja e de comida também. Faça um prato de *bobotie*. E ponha molho *sambal*.

Ela olhou para Bond de forma crítica.

— Você gosta de comida temperada?

— Sim, gosto.

— Bom.

Exasperada, Jordaan disse:

— Ugogo, ele disse que tem que ir.

— Disse por sua causa. Dê a ele um pouco de cerveja e comida. Veja como está magro!

— Francamente, Ugogo.

— Essa é minha neta. Só faz o que lhe dá na cabeça.

A velha pegou uma caneca de cerveja de cerâmica e caminhou para o quarto. A porta fechou-se.

— Ela está bem? — perguntou Bond.

— Câncer.

— Lamento.

— Está se saindo melhor do que o esperado. Tem 97 anos.

Bond ficou surpreso.

— Eu diria que estava em seus 70 e tantos.

Como se temerosa do silêncio que pudesse gerar uma necessidade de conversa, Jordaan foi até um velho aparelho de CD e colocou um disco. A voz baixa de mulher acompanhada por um ritmo de hip-hop saiu dos alto-falantes. Bond viu a capa do álbum: Thandiswa Mazwai.

— Sente — disse Jordaan apontando para a mesa.

— Não, estou bem assim.

— O que você quer dizer com “não, estou bem assim”?

— Que você não precisa me alimentar.

Jordaan falou rapidamente:

— Se Ugogo souber que não ofereci cerveja a você nem um pouco de *bobotie*, não vai gostar.

Ela pegou um pote de barro com tampa de palha e serviu um líquido espumoso e rosado num copo.

— Essa é a cerveja zulu?

— É.

— Feita em casa?

— Cerveja zulu é sempre feita em casa. Leva três dias para ficar pronta e se bebe enquanto ainda está fermentando.

Bond deu um gole. Era amarga e, no entanto, adocicada. Parecia ter pouco álcool.

Jordaan serviu-lhe, então, um prato de *bobotie* e colocou por cima um molho avermelhado. Parecia um bolo de batata com carne, só que com ovos no lugar de batatas, mas era melhor do que qualquer bolo de batata que ele já tivesse comido na Inglaterra. O molho grosso era saboroso e temperado, de fato.

— Você não vai comer? — perguntou Bond, indicando com a cabeça uma cadeira vazia. Jordaan estava de pé, encostada contra a pia, os braços cruzados sobre o peito volumoso.

— Acabei de comer — falou ela, com precisão, permanecendo onde estava.

Amigo ou inimigo...

Ele terminou a refeição.

— Tenho que dizer que você é muito prendada. Uma policial inteligente que também sabe fazer cerveja e — indicando a panela com a cabeça — um *bobotie* maravilhoso. Não sei se estou pronunciando certo.

Ela não deu resposta. Será que a insultava a cada observação que fazia?

Bond conteve a irritação e viu-se contemplando as muitas fotografias da família nas paredes e sobre a lareira.

— Sua avó deve ter visto uma boa parte da história acontecer.

Olhando com carinho para a porta do quarto, ela disse:

— Ugogo é a África do Sul. Seu tio foi ferido na batalha de Kambula, lutando contra os britânicos, meses depois daquela outra batalha que mencionei para você, Isandlwana. Ela nasceu poucos anos depois de a União da África do Sul ter sido criada, com a junção das províncias de Cabo e Natal. Foi forçada a sair de onde morava na época do Ato de Terras Nativas do *apartheid*, na década de 1950. E foi ferida num protesto em 1960.

— O que aconteceu?

— O Massacre de Sharpeville. Ela estava entre os que protestavam contra o *dompas**. Na época do *apartheid*, as pessoas eram legalmente classificadas como brancas, negras, mestiças ou indianas.

Bond recordou-se dos comentários de Gregory Lamb.

— Os negros tinham de carregar um livro de passe, assinado pelo empregador, que lhes dava permissão para estarem numa área branca. Era humilhante, horrível. Houve um protesto pacífico, mas a polícia atirou nos manifestantes. Quase setenta pessoas morreram. Ugogo levou um tiro na perna. É por isso que manca.

Jordaan hesitou e, por fim, serviu-se de um pouco de cerveja.

— Ugogo foi quem deu meu nome. Quer dizer, ela falou para os meus pais como deviam me chamar, e eles concordaram. Em geral, todo mundo faz o que Ugogo diz.

— “Bheka” — repetiu Bond.

— Em zulu significa “alguém que toma conta dos outros”.

— Uma protetora. Então, você estava destinada a ser policial — disse ele, apreciando a música.

— Ugogo é a velha África do Sul. Eu sou a nova. Uma mistura de zulu com africâner. Dizem que somos um país arco-íris, sim, mas, se você olhar para um arco-íris, vai ver cores diferentes, todas separadas. Precisamos nos tornar como eu, todas juntas. Ainda vai demorar muito até que isso aconteça. Mas um dia vai — falou ela olhando friamente para Bond. — Então, vamos poder gostar das pessoas pelo que realmente são. Não por causa da cor da pele.

James devolveu o olhar com tranquilidade e disse:

— Obrigado pela comida e pela bebida. Tenho que ir.

Ela caminhou com ele até a porta. Bond saiu.

Foi quando teve o primeiro vislumbre claro do homem que o havia perseguido desde Dubai, o do paletó azul e brinco de ouro, que tinha matado Yusuf Nasad e quase acabado com Felix Leiter.

Estava de pé do outro lado da rua, à sombra de um prédio antigo decorado com pergaminhos e mosaicos árabes.

— Quem é? — perguntou Jordaan.

— Um inimigo.

O homem estava com um celular, mas não em meio a uma ligação; estava tirando uma foto de Bond com Jordaan — prova de que James estava trabalhando com a polícia.

Ele disse numa voz brusca:

— Pegue sua arma e fique lá dentro com sua avó.

Atravessou a rua rápido enquanto o homem fugia por um beco estreito, que levava em direção a Signal Hill, sob a noite que caía.

Nota

* Passes que davam direito a alguns negros e mestiços sul-africanos de circularem pelas "áreas brancas" da África do Sul. *(N. do T.)*

O homem tinha uma vantagem de 10 metros, mas Bond começou a diminuir a distância enquanto corriam pelo beco. Gatos irritados e cachorros magros fugiam; uma criança de traços malaios arredondados saiu por uma porta, no caminho de James, e foi imediatamente puxada de volta pelas mãos dos pais.

Ele estava a quase 5 metros do inimigo quando seu instinto operacional falou mais alto. Bond percebeu que o homem poderia ter preparado uma armadilha para ajudá-lo em sua fuga. Olhou para baixo. Sim! Havia colocado um fio de arame atravessando o beco, a 30 centímetros do chão, quase invisível na escuridão. O homem sabia onde estava — uma lasca de cerâmica marcava o local —, e o transpusera sem problemas. Bond não pôde deter-se a tempo, mas conseguiu preparar-se para a queda.

Inclinou os ombros para a frente e, aproveitando a velocidade, deu uma cambalhota e aterrissou no chão. A queda foi dura e deixou-o tonto por um instante, e ele se amaldiçoou por ter deixado o homem escapar.

Só que o homem não estava fugindo.

O arame não fora planejado para interromper a perseguição, tinha o objetivo de deixar Bond vulnerável.

Em segundos, o inimigo estava sobre ele exalando cheiro de cerveja, fumaça de cigarro, falta de higiene corporal e já arrancando a Walther de James do coldre. Bond pôs-se de pé e agarrou o braço direito do homem, torcendo-lhe o pulso até que a arma caísse no chão. O agressor chutou-a, jogando-a para longe de seu alcance. Arfando, continuava a segurar o braço direito do inimigo enquanto desviava-se dos golpes que este desferia com o outro punho.

Olhou para trás, perguntando-se se Bheka Jordaan havia ignorado seu conselho e o seguido, trazendo a própria arma. Todavia, o beco vazio dizia-lhe que não.

Então, o agressor recuou um pouco para lhe dar um golpe com a testa. Enquanto Bond esquivava-se para evitá-lo, o homem distanciou-se, dando uma cambalhota para trás, como um ginasta. Foi uma finta brilhante. James recordou-se das palavras de Felix Leiter.

Cara, o desgraçado sabe alguns golpezinhos de artes marciais...

Depois, de pé, encarou o inimigo, que exibia pose de lutador e tinha uma faca na mão, a lâmina para baixo e a ponta para fora. A mão esquerda, aberta e com a palma virada em direção ao chão, pairava ameaçadora, pronta para agarrar a roupa de Bond e puxá-lo, a fim de esfaqueá-lo até a morte.

Apoiado nos calcanhares, James girou.

Desde a época em Fettes, em Edimburgo, havia praticado vários tipos de luta corpo a corpo, mas o GDU ensinava a seus agentes um estilo raro de combate sem arma, copiado de um velho (ou nem tanto) inimigo — os russos. Uma antiga arte marcial dos cossacos,

chamada *systema*, fora atualizada pela Spetsnaz, a Seção de Forças Especiais da organização de inteligência militar russa, chamada GRU.

Os praticantes da *systema* raramente usavam os punhos. Palmas abertas, cotovelos e joelhos eram as armas principais. O objetivo, no entanto, era atingir o adversário o mínimo possível: devia cansá-lo e, depois, agarrá-lo com um golpe de ombro, punho, braço ou tornozelo. Os melhores lutadores nunca entravam em contato com o oponente... até o momento final, quando o atacante, exausto, já está praticamente sem defesa. Depois, o ganhador jogava-o no chão e colocava o joelho sobre o peito ou a garganta.

Fazendo instintivamente a coreografia da *systema*, Bond esquivava-se do adversário.

Desviar-se, desviar-se, desviar-se... Usar a força do inimigo contra ele mesmo.

Bond se saía bem, mas, por duas vezes, a lâmina passou a centímetros de seu rosto.

O homem aproximou-se rápido, balançando as mãos enormes e testando James, que deu um passo para o lado, avaliando as vantagens do inimigo (era muito musculoso e experiente em combate corpo a corpo, e estava psicologicamente preparado para matar) e as fraquezas (o álcool e o cigarro pareciam estar cobrando seu preço).

O homem começou a ficar frustrado com a defesa de Bond. Segurou a faca para um ataque e começou a acercar-se, quase desesperado. Sorria de maneira diabólica e suave, apesar do ar frio.

Oferecendo um alvo vulnerável, a parte de baixo de suas costas, Bond aproximou-se da Walther. Entretanto, o movimento era uma finta. Antes mesmo de o homem atacar, girou, afastou a lâmina com o antebraço e deu um golpe violento com a palma da mão em

formato de concha no ouvido esquerdo do adversário. A pressão da pancada provocaria uma lesão, se não estourasse seu tímpano. O adversário urrou de dor enfurecido, e atacou de qualquer jeito. Bond levantou e afastou com facilidade o braço com que segurava a faca; depois, deu um passo à frente, agarrando-lhe o pulso com as duas mãos e flexionando-o para trás usando toda a força, até a faca cair no chão. Avaliou o vigor do inimigo e sua determinação insana. Tomou uma decisão... torceu o pulso ainda mais, até quebrá-lo.

O homem gritou, caiu de joelhos e depois se sentou com o rosto pálido. A cabeça pendeu para um lado, e Bond chutou a faca para longe. Depois, revistou-o cuidadosamente, tirando uma pequena pistola automática de seu bolso, junto com um rolo de fita adesiva. Uma pistola? Por que não atirou em mim?, perguntou-se James.

Colocou a arma no bolso e pegou sua Walther. Agarrou o telefone do homem — para quem teria enviado a foto dele com Jordaan? Se tivesse sido só para Dunne, conseguiria Bond encontrar e incapacitar o irlandês antes que contasse tudo a Hydt?

Examinou as chamadas feitas e as mensagens de texto enviadas. Felizmente, não tinha mandado nada. Estivera apenas fazendo um vídeo de Bond.

Qual seria a razão daquilo?

E logo veio a resposta.

— *Jebi ti!* — cuspiu o adversário.

A obscenidade em língua balcânica explicava tudo.

James examinou os documentos do homem e confirmou que trabalhava para o JSO, grupo paramilitar sérvio. Seu nome era Nicholas Rathko.

Estava agora gemendo e segurando o braço.

— Você deixou meu irmão morrer! Abandonado! Ele era seu parceiro naquela missão. *Nunca* se abandona um parceiro.

O irmão de Rathko tinha sido o mais jovem dos agentes da BIA que estivera com Bond na noite de domingo, perto de Novi Sad.

Meu irmão, ele fuma o tempo todo quando está em alguma operação. Aqui na Sérvia, isso é mais normal do que não fumar...

Bond soube, então, como o homem o havia encontrado em Dubai. A fim de garantir a cooperação da BIA na Sérvia, o GDU e a 6 tinham revelado ao pessoal mais graduado da segurança, em Belgrado, seu nome verdadeiro e a natureza da missão. Após o irmão ter morrido, Rathko e os camaradas do JSO teriam organizado uma operação em grande escala, para encontrar Bond, usando contatos da Otan e da 6. Ficaram sabendo que ia para Dubai. Ele se deu conta, então, de que havia sido *Rathko*, e não Osborne-Smith, quem estivera fazendo aquela sondagem sutil, no MI6, sobre seus planos, no começo da semana. Entre seus documentos, Bond encontrou uma autorização para embarcar num voo de Belgrado a Dubai em um jato militar, o que explicava como conseguira chegar mais cedo ao emirado. Um mercenário local, revelaram os papéis, tinha colocado um carro impossível de rastrear — o Toyota preto — à disposição do agente do JSO.

Com que propósito?

Provavelmente, não para prender e render. Rathko devia estar planejando fazer um vídeo de Bond confessando ou desculpando-se — ou até mesmo para registrar sua tortura e morte.

— Você se chama Nicholas ou Nick? — perguntou James agachando-se.

— *Yebie se* — foi a única resposta.

— Escute. Lamento que seu irmão tenha perdido a vida. Mas ele não tinha nada que estar na BIA. Era relaxado e não cumpria ordens. Ele foi a razão pela qual perdemos nosso alvo.

— Ele era jovem.

— Isso não é desculpa. Não seria desculpa para mim e não foi para você, quando estava com os Tigres de Arkan.

— Era só um garoto — disse ele, com lágrimas nos olhos, fossem elas de dor, por causa do pulso quebrado, ou de tristeza pela morte do irmão. Bond não soube dizer.

James olhou a sua volta e viu Bheka Jordaan, juntamente com alguns policiais, correndo na direção deles. Abaixou-se, pegou a faca do homem e cortou a armadilha de arame.

Depois, virou-se para ele e disse:

— Vamos levar você até um médico.

Então, ouviu uma voz de mulher gritar com força:

— Pare!

Ele olhou para Bheka Jordaan:

— Está tudo bem. Peguei as armas dele.

Depois, percebeu que a pistola de Bheka estava apontada para ele, que franziu o cenho e ergueu-se.

— Saia de perto dele! — gritou ela.

Dois policiais colocaram-se entre Bond e Rathko. Um deles hesitou e, então, retirou com cuidado a faca de sua mão.

— Ele é um agente da inteligência sérvia. Estava tentando me matar. Foi quem liquidou o espião da CIA em Dubai outro dia.

— Isso não significa que você possa cortar sua garganta — disse ela, os olhos escuros apertados de raiva.

— Do que você está falando?

— Você está em meu país. Vai obedecer a lei!

Os outros policiais olhavam-no fixamente, observou Bond, alguns com ódio.

Ele virou-se para Jordaan e afastou-se, fazendo um gesto para que o seguisse.

Ela acompanhou-o e, quando não podiam ser ouvidos, Bheka continuou, com dureza:

— Você já o tinha vencido. Ele estava no chão, não era uma ameaça. Por que ia matá-lo?

— Eu não ia — respondeu ele.

— Não acredito. Você disse para eu ficar dentro de casa com minha avó. Não pediu que chamasse meus agentes porque não queria testemunhas enquanto torturava e matava esse homem.

— Achei que você ia ligar pedindo reforços. Não queria que você deixasse sua avó sem ninguém, no caso de ele não estar agindo sozinho.

Mas Jordaan não estava ouvindo. Furiosa, disse:

— Você chega aqui, no nosso país, com esses seus dois zeros. Ah, sei exatamente o que você faz!

Por fim, Bond entendeu a origem daquele ódio por ele. Não tinha nada a ver com nenhuma tentativa de flerte, nem com o fato de que representava o macho opressivo. Ela desprezava sua indiferença desavergonhada pela lei: as missões de Nível 1 — assassinatos — do GDU.

Ele deu um passo à frente e disse num murmúrio, mal conseguindo controlar a raiva:

— Em uns poucos casos, quando não houve outra forma de proteger meu país, sim, já tirei vidas. E só se recebia ordens para fazer isso. Não mato porque quero. Não gosto disso. Faço para

salvar pessoas que merecem ser salvas. Pode chamar isso de pecado, mas é um pecado necessário.

— Não tinha necessidade de matá-lo — retrucou ela.

— Mas eu não ia.

— A faca... eu vi...

— Ele colocou uma armadilha. Um arame — disse ele apontando. — Cortei-o para que ninguém caísse. Quanto a ele — fez um gesto com a cabeça na direção do sérvio —, eu estava justamente dizendo que vamos levá-lo a um médico. Pergunte a ele. Raramente levo alguém até o hospital quando pretendo matá-lo — acrescentou James virando-se e abrindo caminho entre dois policiais que faziam barreira.

Com o olhar, desafiou-os a tentar detê-lo. Sem olhar para trás, gritou:

— Vou precisar desse filme revelado o mais rápido possível. E da identidade de todos os que vão para a usina de Hydt amanhã — e distanciou-se deles, deslocando-se pelo beco.

Logo, estava dentro do Subaru e passava pelas casas coloridas de Bo-Kaap, dirigindo muito mais rápido do que era seguro por aquelas ruas tortuosas e pitorescas.

Um restaurante especializado em cozinha local chamou a atenção de James Bond, que ainda estava irritado por causa da desavença com Bheka Jordaan, e ele chegou à conclusão de que precisava de uma bebida forte.

Havia apreciado o ensopado na casa de Jordaan, mas a porção fora muito pequena, como se servida com o propósito de que o jantar acabasse rápido e o convidado partisse logo. Bond pediu, então, uma refeição substancial: *sosaties* — carne grelhada no espeto — com arroz amarelo e espinafre *marog* (educadamente declinou a oferta para experimentar uma especialidade da casa, minhocas *mopane*). Bebeu dois martinis com vodca enquanto comia e, depois, voltou ao hotel Table Mountain.

Tomou uma ducha, secou-se e vestiu-se. Ouviu uma batida na porta. Um mensageiro entregou um envelope grande. Apesar de tudo, Jordaan não havia deixado que sua opinião pessoal, de que ele era um frio assassino em série, interferisse no trabalho. Dentro, encontrou as fotos em preto e branco que tirara com a câmara-inalador. Algumas estavam tremidas e outras não tinham pego o alvo, mas havia conseguido uma série nítida do que lhe interessava

mais: a porta do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Green Way, o alarme e os mecanismos da tranca. Jordaan também fora profissional o bastante para providenciar um pen drive com as fotos escaneadas, de forma que sua raiva diminuiu um pouco. Ele as passou para o laptop, criptografou-as e as enviou para Sanu Hirani com uma série de instruções.

Trinta segundos depois de ter apertado o botão “enviar”, recebeu a resposta:

Nunca dormimos.

Ele sorriu e digitou uma mensagem de agradecimento.

Minutos depois, atendeu uma ligação de Bill Tanner, de Londres.

— Já ia ligar para você — disse Bond.

— James... — a voz de Tanner era séria.

Havia algum problema.

— Vá em frente.

— Estamos com uma pequena dificuldade aqui. Whitehall chegou à conclusão de que o Incidente Vinte não tem muita ligação com a África do Sul.

— O quê?

— Açam que Hydt está fazendo uma manobra para desviar nossa atenção. As mortes do Incidente Vinte vão acontecer no Afeganistão, com o pessoal da ajuda humanitária ou empreiteiros, pensam eles. O Comitê de Inteligência votou a favor de tirar você da África do Sul e te enviar para Cabul, já que, com toda franqueza, você não descobriu nada de muito concreto aí.

O coração de Bond martelava.

— Bill, estou convencido de que a chave do...

— Calma — interrompeu Tanner. — Só estou te dizendo o que eles iam fazer. Mas M fincou o pé e insistiu que você ficasse. A coisa foi parar em Trafalgar, com estardalhaço. Fomos todos até o ministro do Exterior e expusemos o caso. Fala-se que o primeiro-ministro estaria envolvido, mas não tenho como confirmar isso. Seja como for, M ganhou. Você fica aí. E acho que vai gostar de saber que houve uma testemunha de defesa... que te apoiou.

— Quem?

— Seu novo amigo, Percy.

— Osborne-Smith? — Bond quase soltou uma gargalhada.

— Disse que se você tinha uma pista, deveria ter permissão para segui-la.

— Jura? Vou convidar ele para uma cerveja quando tudo isso acabar. Você também.

— Bem, nem tudo está indo tão cor-de-rosa quanto parece — disse Tanner, em tom sombrio. — O velho pôs a reputação do GDU em jogo para manter você aí. E *sua* reputação também. Caso se confirme que Hydt é só um chamariz para desviar a atenção, isso vai ter repercussões, e sérias.

Estaria o futuro do GDU dependendo de seu sucesso?

Política, refletiu Bond, com cinismo.

— Tenho certeza de que Hydt está por trás disso.

— E M é da mesma opinião — comentou Tanner, perguntando-lhe quais seriam seus próximos passos.

— Vou para a usina de Hydt amanhã de manhã. Dependendo do que descobrir, tenho de agir rápido, e a comunicação pode ser um problema. Se não encontrar nada até o final da tarde, vou pedir a Bheka Jordaan que dê uma batida no local, interrogue Hydt e Dunne e descubra o que está planejado para amanhã à noite.

— Ok, James. Me mantenha informado. Vou passar essas informações para M. Ele vai ficar naquela conferência de segurança o dia todo.

— Boa noite, Bill. E agradeça a ele por mim.

Após desligarem, serviu-se de uma dose generosa de Crown Royal num copo de cristal, acrescentou dois cubos de gelo e desligou as luzes. Abriu a cortina. Sentou no sofá e pôs-se a contemplar os pontos de luz na enseada. Um imenso transatlântico de bandeira britânica aproximava-se do porto.

O telefone tocou e Bond olhou para a tela.

— Philly — atendeu ele, tomando outro gole do perfumado uísque.

— Você está jantando?

— Aqui já passou da hora do coquetel.

— Você é o homem do meu coração.

Enquanto ela dizia isso, seus olhos pousaram, por acaso, na cama que havia dividido com Felicity Willing na noite anterior.

Philly prosseguiu:

— Não sei se você quer mais detalhes da operação Cartucho de Aço...

Ele sentou-se ereto.

— Sim, por favor. O que você descobriu?

— Uma coisa interessante, acho. Parece que o objetivo da operação não era matar *qualquer* um dos nossos agentes ou operadores. Os russos estavam matando *seus* agentes duplos dentro do MI6 e da CIA.

Bond sentiu alguma coisa detonando dentro de si e pousou o copo.

— Com a queda da União Soviética, o Kremlin quis solidificar seus laços com o Ocidente. Teria sido politicamente desconfortável se os seus duplos fossem descobertos. Então, os agentes ativos da KGB mataram os duplos mais bem-sucedidos na 6, na CIA, e fizeram essas mortes parecerem acidentes. Mas deixavam um cartucho de metal na cena como advertência para que os outros ficassem calados. É tudo o que sei até agora.

Meu Deus, pensou Bond. Seu pai... tinha sido um agente duplo — um *traidor*?

— Você ainda está aí?

— Sim, só um pouquinho distraído pelo que está acontecendo aqui. Ótimo trabalho, Philly. Vou estar incomunicável amanhã a maior parte do dia, mas me envie uma mensagem de texto ou e-mail contando o que descobriu.

— Está bem. Se cuida, James. Estou preocupada.

Eles desligaram.

Bond levantou o frio copo de cristal molhado pela condensação e pressionou-o contra a testa. Então, repassou mentalmente a história da família, tentando encontrar pistas sobre Andrew Bond que pudessem esclarecer aquela teoria apavorante. Sempre havia amado o pai, um colecionador de selos e fotografias de automóveis. Tivera vários carros, mas sentia mais prazer em consertá-los e limpá-los que em dirigi-los em alta velocidade.

Quando ficou mais velho, perguntou à tia sobre ele. Charmian pensou por um instante e disse:

— Era um homem bom, é claro. Sólido, confiável. Uma rocha. Mas quieto. Andrew nunca chamava atenção.

Qualidades dos melhores agentes secretos de inteligência.

Teria sido agente duplo dos russos?

Outro pensamento doloroso: a duplicidade do pai — se a história fosse verdadeira — havia também resultado na morte da esposa dele, a mãe de James.

Não só os russos, mas a traição do pai, tinham deixado o jovem Bond órfão.

Ele estremeceu quando o telefone vibrou com uma nova mensagem de texto.

Tarde da noite. Preparando carregamentos de comida. Acabo de sair do escritório.
Interessado em companhia?
Felicity.

James hesitou por um momento e digitou: Sim.

Dez minutos depois, após colocar a Walther debaixo da cama sob uma toalha, ouviu uma batida suave. Abriu a porta e Felicity Willing entrou. Qualquer dúvida acerca de se continuariam de onde tinham parado à noite passada desfez-se quando ela enlaçou-o com os braços e beijou-o com ardor. Bond sentiu seu perfume irradiando-se de trás da orelha, e ela tinha sabor de menta.

— Estou horrível — disse Felicity, rindo.

Vestia uma camisa de algodão azul enfiada para dentro de um jeans de grife amassado e empoeirado.

— Não quero saber disso — falou ele, beijando-a outra vez.

— Você estava sentado no escuro, Gene — disse ela.

E, pela primeira vez naquela missão, Bond sentiu que havia posto em perigo seu disfarce de africâner.

— Gosto dessa vista.

Eles soltaram-se e, na luz escassa que vinha de fora, James examinou seu rosto e achou-o tão sensual quanto na noite anterior, mas ela estava visivelmente cansada. Ele imaginou que a logística de

organizar o maior carregamento de comida a chegar no continente africano devia ser hercúlea, no mínimo.

— Tome — disse ela tirando uma garrafa de vinho da bolsa pendurada no ombro.

Um Three Cape Ladies vintage, um tinto de Muldersvlei, no Cabo. Bond conhecia sua reputação. Tirou a rolha e serviu. Os dois sentaram-se no sofá e beberam.

— Maravilhoso — disse ele.

Ela tirou as botas. James passou o braço em volta de seus ombros e tentou deixar de lado os pensamentos sobre o pai.

Felicity acomodou-se e descansou a cabeça no corpo dele. No horizonte, havia mais navios do que na noite anterior.

— Nossos navios com comida. Olhe para eles — falou ela. — Se ouve tanta coisa ruim sobre as pessoas, mas essa não é a verdade completa. Tem muita gente boa por aí. Nem sempre se pode contar com isso. Nunca é garantido, mas pelo menos...

Bond interrompeu-a:

— Pelo menos tem alguém... *interessado* em ajudar.

Ela riu.

— Você quase me fez derramar o vinho, Gene. Poderia ter destruído minha camisa.

— Eu tenho uma solução.

— Parar de beber o vinho? — perguntou ela, brincando. — Mas está tão bom.

— Outra, melhor — retrucou ele, beijando-a e começando lentamente a desabotoar a camisa.

Uma hora depois, eles estavam na cama de lado, Bond por trás de Felicity. Seu braço enlaçava-a e a mão cobria-lhe um seio. Ela

mantinha os dedos entrelaçados nos dele.

Ao contrário da noite anterior, no entanto, James estava totalmente desperto depois do ato.

Sua mente trabalhava de modo febril, passando por todos os tópicos possíveis. Quanto do futuro do GDU dependia dele exatamente? Que segredos havia no Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Green Way? Qual era o objetivo preciso de Hydt com o Geena, e como poderia ele contra-atacar da forma certa?

Propósito... reação.

E seu pai?

— Você está pensando em alguma coisa séria — perguntou Felicity, sonolenta.

— Por que você acha?

— As mulheres sabem.

— Estou pensando em como você é linda.

Ela levou a mão dele até o rosto e mordeu-lhe um dedo carinhosamente.

— A primeira mentira que você me conta.

— Meu trabalho — falou ele.

— Então, perdoo você. Comigo é a mesma coisa. Coordenar a ajuda no porto, pagar os honorários dos pilotos, tratar do aluguel dos navios e dos caminhões, os sindicatos.

A voz dela assumiu o tom que ele já ouvira antes quando disse:

— E, depois, *sua* especialidade. Já tivemos duas tentativas de arrombamento no porto. E nenhuma comida foi descarregada ainda. Estranho — ela ficou em silêncio por um instante e disse: — Gene?

Bond sabia que algo importante estava por vir. Ficou mais alerta e receptivo. A intimidade dos corpos vem no mesmo pacote que a

da mente e a do espírito, e não se deve buscar a primeira quando não se deseja a outra.

— Sim?

Ela disse de forma neutra:

— Tenho a impressão de que seu trabalho envolve mais coisas do que você me contou. Não, não diga nada. Não sei como você se sente, mas se acontecer de a gente continuar se vendo, se... — a voz dela diminuiu.

— Continue — sussurrou James.

— Se acontecer de nos vermos de novo, você acha que poderia mudar só um pouquinho? Quero dizer, se você realmente vai a lugares obscuros, poderia me prometer que não irá para os... piores?

Ele sentiu a tensão que a percorria.

— Ah, não sei mais o que estou dizendo. Esquece, Gene.

Embora estivesse falando aquilo para um perito em segurança e soldado mercenário de Durban, de certa forma também dizia aquilo a ele, James Bond, agente da Divisão 00.

Ironicamente, interpretou o reconhecimento de Felicity de que poderia conviver com um certo grau de perversidade de Theron como indicação de que ela poderia aceitar James Bond como ele era.

E murmurou:

— Acho que isso é bastante possível.

Ela beijou-lhe a mão.

— Não diga mais nada. Era tudo o que eu queria escutar. Tive uma ideia. Não sei quais são os seus planos para este fim de semana...

Nem eu, pensou Bond com azedume.

— Mas já vamos ter terminado os carregamentos de comida amanhã à noite. Conheço uma pousada em Franschhoek. Você já esteve nessa região?

— Não.

— É o lugar mais bonito do Cabo Ocidental. Uma região vinícola. O restaurante tem uma estrela do *Guia Michelin* e o deque mais romântico do mundo, que tem vista para as montanhas. Quer ir até lá comigo no sábado?

— Adoraria — respondeu ele, beijando-lhe os cabelos.

— Mesmo?

A combatente durona, que parecia tão à vontade lutando contra os agropólios mundiais, soava agora vulnerável e insegura.

— Mesmo.

Em cinco minutos, ela estava dormindo.

Bond, todavia, permaneceu desperto olhando para as luzes da enseada. Seus pensamentos não estavam mais na possível traição do pai, nem na promessa feita a Felicity Willing, de considerar fazer uma mudança em sua natureza suspeita, nem na expectativa dos momentos que poderiam passar juntos no fim de semana. Não, James Bond estava concentrado numa coisa apenas: nos rostos indistintos daqueles, em algum lugar deste mundo, cujas vidas — apesar da crença de Whitehall — sabia que só ele poderia salvar.

Sexta-Feira

GEENA

Às 8h40, Bond estacionou seu Subaru empoeirado e enlameado, no quartel-general da polícia da Cidade do Cabo. Desligou o motor, saltou e entrou no prédio, onde encontrou Bheka Jordaan, Gregory Lamb e Kwalene Nkosi na sala da capitã.

Cumprimentou todos com um aceno de cabeça. Lamb respondeu com um olhar que revelava intriga, e Nkosi, com um sorriso radiante.

Jordaan disse:

— Com relação aos sócios recém-chegados de Hydt, já os identificamos.

Ela virou o laptop e clicou na apresentação de slides. As primeiras fotos mostravam um homem grande com um rosto redondo cor de ébano. Vestia uma camisa chamativa, dourada e prateada, óculos escuros de grife e calças marrons largas.

— Charles Mathebula. Um diamante negro de Joburg.

Lamb explicou:

— Pertence à nova classe rica da África do Sul. Alguns deles ficam ricos da noite para o dia de formas não muito transparentes, se é que você me entende.

— E outros — acrescentou Jordaan de forma gélida — ficam ricos porque trabalharam muito. Mathebula é dono de negócios que parecem ser legítimos. Navegação e transporte. Esteve quase envolvido num caso de venda de armas alguns anos atrás, é verdade, mas não se descobriram provas de nenhum ato ilícito.

Um clique e outra foto apareceu.

— Esse é David Huang.

Era magro e sorria para a câmara.

— A filha postou esta foto na sua página do Facebook. Garota burra... mas isso é bom para nós.

— Mafioso conhecido?

Nkosi qualificou:

— *Suspeito* de ser mafioso. Cingapura. Lavagem de dinheiro. Possivelmente, tráfico humano.

Outro rosto apareceu. Jordaan deu um tapinha na tela do computador.

— O alemão Hans Eberhard. Chegou na quarta-feira. Tem interesses em mineração, diamantes, basicamente. Para uso industrial, mas um pouco para joias também.

Um belo homem louro fora flagrado na foto saindo do aeroporto. Vestia um terno claro, bem cortado, e camisa sem gravata.

— É suspeito de vários crimes, mas, tecnicamente, está limpo.

Bond estudou as fotos.

Eberhard.

Huang.

Mathebula.

Memorizou os nomes.

Franzindo a cenho, Jordaan disse:

— Não entendo por que Hydt precisa de parceiros. Ele tem dinheiro o suficiente para financiar o Geena sozinho, me parece.

Bond já tinha pensado naquilo.

— Por duas razões, provavelmente. O Geena deve ser caro. Ele precisa de dinheiro de fora para, no caso de uma auditoria, não ter que explicar nenhum passivo nos seus livros de contabilidade. Mas o mais importante é que não tem ficha criminal nem participa de nenhuma rede. Seja o que for o Geena, ele precisa dos contatos que pessoas como esses três podem oferecer.

— Sim — concedeu Jordaan. — Faz sentido.

Bond olhou para Lamb.

— Sanu Hirani, da Seção Q, me mandou uma mensagem de texto hoje de manhã dizendo que você tinha uma coisa para mim.

— Ah, sim, desculpe — disse o agente da 6, entregando-lhe um envelope.

Bond olhou o conteúdo e depois o colocou no bolso.

— Vou para a usina agora. Quando estiver lá dentro, vou tentar descobrir o que é o Incidente Vinte, quem corre perigo e onde. Mando dizer alguma coisa assim que puder. Mas precisamos de um plano B.

Se não tivessem nenhuma notícia dele até as 16 horas, Jordaan devia dar ordens para que agentes táticos invadissem a usina, detivessem Hydt, Dunne e os parceiros, e apreendessem o conteúdo do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento.

— Isso vai nos dar, ou a vocês, se eu não estiver mais no jogo, cinco ou seis horas para interrogá-los e descobrir o que é o Incidente Vinte.

— Uma invasão? — perguntou Jordaan, franzindo a testa. — Não posso fazer isso.

— Por que não?

— Já disse a você. A menos que eu tenha um mínimo de certeza de que algum crime está sendo cometido na Green Way, ou um mandado judicial, não há nada que eu possa fazer.

Que mulher!

— Não se trata aqui de preservar os direitos dele para um julgamento imparcial. Trata-se de salvar milhares de pessoas, muitas delas sul-africanas, possivelmente.

— Não posso fazer nada sem uma autorização, e não temos qualquer prova para apresentar a um tribunal a fim de conseguir uma. Não temos nenhuma justificativa para agir.

— Se eu não aparecer até às 16 horas, podem chegar à conclusão de que ele me matou.

— É óbvio que espero que isso não aconteça, comandante, mas a sua ausência não seria necessariamente um motivo.

— Já disse a você, ele quer abrir a sepultura de vítimas de massacres e transformá-las em material de construção. Do que mais você precisa?

— Da evidência de algum crime sendo cometido na usina — disse ela, comprimindo as mandíbulas; os olhos negros eram como granito.

Estava claro que não ia ceder.

Bond disse com rispidez:

— Então, vamos rezar a Deus para que eu encontre a resposta. Pelo bem de alguns milhares de inocentes — retrucou ele, cumprimentando Nkosi e Lamb, e ignorando Jordaan, enquanto deixava a sala.

Desceu até o carro, sentou no banco do motorista e ligou o motor.

— James, espere! — Virando-se, viu Bheka Jordaan caminhando em sua direção. — Espere, por favor.

Bond pensou em sair em velocidade, mas, em vez disso baixou o vidro da janela.

— Ontem — disse ela, inclinando-se para perto dele —, o sérvio.

— Sim?

— Falei com ele, que me contou o que você disse, que ia levá-lo até um médico.

Bond balançou a cabeça.

Após recuperar o fôlego, a policial acrescentou:

— Eu estava tirando conclusões precipitadas. Às vezes... faço isso. Julgo primeiro. Tento não fazer, mas é difícil para mim. Queria me desculpar.

— Desculpas aceitas — falou ele.

— Quanto a uma invasão da Green Way, você tem que entender. Na época do *apartheid*, a antiga polícia e o seu Departamento de Investigação Criminal faziam coisas terríveis, de maneira que todo mundo está de olho em *nós*, na nova polícia, para ter certeza de que não fazemos a mesma coisa. Invasões ilegais, prisões arbitrárias e interrogatórios... era isso que o regime antigo fazia. Não podemos repetir a mesma coisa. Temos de ser *melhores* do que as pessoas que nos precederam — disse ela, o rosto tenso de determinação. — Vou lutar lado a lado com você se a lei permitir, mas, sem motivo, sem mandado, não tem nada que eu possa fazer. Sinto muito.

Grande parte do treinamento dos agentes da Divisão 00 do GDU era psicológico, e fazia parte dessa instrução árdua instilar em suas cabeças a crença de que eram diferentes, de que tinham permissão — não precisavam *pedir* — para operar fora da lei. Uma ordem de projeto de Nível 1, autorizando assassinatos, era, para James Bond,

apenas outro aspecto de seu trabalho, a mesma coisa que tirar fotos de instalações secretas ou plantar informações falsas na imprensa.

Como M havia colocado, Bond precisava ter *carte blanche* para fazer o que fosse necessário para cumprir sua missão.

Protegemos o Reino... por quaisquer meios necessários.

Isso era parte da essência de Bond — na verdade, não tinha como fazer seu trabalho sem essa condição —, e precisava lembrar-se continuamente de que Bheka Jordaan, e os outros trabalhadores policiais do mundo, estavam cem por cento certos ao respeitarem a lei. O estranho era *e/e*.

Sem rancor, disse:

— Eu entendo, capitã. E aconteça o que acontecer, foi uma experiência ótima trabalhar com você.

A resposta dela foi um sorriso ligeiro, mas, segundo o julgamento de Bond, sincero — era a primeira vez que aquela expressão havia empolgado o belo rosto dela em sua presença.

Bond entrou derrapando com o Subaru no estacionamento do lado de fora da fortaleza da Green Way International e parou.

Viam-se várias limusines enfileiradas perto do portão.

REDUZA, REUTILIZE, RECICLE

Pessoas andavam de um lado para outro. Bond reconheceu o empresário alemão Hans Eberhard, que usava terno bege e sapatos brancos. Conversava com Niall Dunne, que estava imóvel como um peixe betta. A brisa despenteava sua franja loura. Eberhard estava terminando de fumar um cigarro. Talvez Hydt não permitisse que ninguém fumasse dentro da usina, o que parecia irônico; o ar do lado de fora estava cheio de neblina e vapores da casa de força e do metano que era queimado.

Bond acenou para Dunne, que retribuiu com um aceno neutro de cabeça e continuou a conversar com o alemão. Depois, tirou o telefone da cintura e leu uma mensagem de texto ou e-mail. Murmurou algo para Eberhard e afastou-se para fazer uma ligação. Com o pretexto de usar o próprio celular, Bond carregou o aplicativo de escuta e levou o aparelho até o ouvido, enquanto baixava o vidro

da janela do carona e mirava-o na direção do irlandês. Olhou para a frente e disse algo para si mesmo, de maneira que Dunne não percebesse que o microfone estava apontado em sua direção.

A conversa do irlandês era unilateral, mas Bond ouviu-o dizer:

— ... do lado de fora com Hans. Ele queria fumar... Eu sei.

Provavelmente estava falando com Hydt.

Dunne continuou:

— Estamos no horário. Acabei de receber um e-mail. O caminhão saiu de March para York. Deve estar chegando lá a qualquer momento. O dispositivo já está carregado.

Então, aquele era o Incidente Vinte! O ataque ocorreria em York.

— O alvo está confirmado. A detonação está programada para as 10h30, horário de lá.

Desanimado, Bond anotou a hora do ataque. Todos haviam achado que seria às 22h30, mas sempre que Dunne se referia às horas, usava o relógio de 24 horas. Se fosse 22h30, teria dito “vinte e duas e trinta”.

Dunne olhou para o carro de Bond e disse ao telefone:

— Theron está aqui... Ok, então.

Desligou e disse a Eberhard que a reunião começaria em breve. Depois, se virou para Bond. Parecia impaciente.

James chamou um número. Por favor, murmurou em silêncio. Responda.

Depois ouviu:

— Osborne-Smith.

Graças a Deus.

— Percy. Aqui é James Bond. Escute com atenção. Só tenho sessenta segundos. Consegui a resposta para o Incidente Vinte.

Você vai ter que agir rápido. Mobilize uma equipe. Use gente da SOCA, da 5, da polícia local. A bomba está em York.

— York?

— O pessoal de Hydt está levando o aparelho num caminhão de March para York. Vai ser detonado hoje de manhã, mais tarde. Não sei onde vão colocar. Talvez em algum evento esportivo. Havia aquela referência a “curso”, então busque alguma pista de corridas. Ou algum lugar onde haja uma multidão grande. Verifique todos os circuitos fechados de TV, dentro e ao redor de March, pegue o número da placa do maior número de caminhões que você puder. Depois, compare-os com as placas de qualquer caminhão chegando a York por agora. Você precisa...

— Espere aí, Bond — disse Osborne-Smith friamente. — Não tem nada a ver com March ou Yorkshire.

Bond notou o uso de seu último nome e o tom imperioso da voz de Osborne-Smith.

— Do que você está falando?

Dunne fez um gesto para ele. James acenou com a cabeça, tentando sorrir amigavelmente.

— Você sabia que as empresas de Hydt recuperam materiais perigosos?

— Sim, sei. Mas...

— Lembra que falei a você que ele estava cavando túneis para um sistema sofisticado de coleta de lixo por baixo de Londres, inclusive em torno de Whitehall? — disse Osborne-Smith, soando como um advogado diante de uma testemunha.

Bond suava.

— Mas não é disso que se trata.

Dunne estava tornando-se cada vez mais impaciente, os olhos fixos em Bond.

— Lamento discordar — falou Osborne-Smith de forma afetada. — Um dos túneis não fica longe da reunião de segurança que está acontecendo hoje em Richmond Terrace. Seu chefe, o meu, a CIA, a 6, o Comitê Misto de Inteligência, um verdadeiro *quem é quem* do mundo da segurança. Hydt ia despejar alguma coisa nociva que essas suas operações com materiais perigosos tinham recuperado. Mataria todos. O pessoal dele tem estado empurrando latas para dentro e fora de túneis e prédios, perto de Whitehall, nos últimos dias. Ninguém pensou em dar uma verificada no que estavam fazendo.

Bond disse com toda calma:

— Percy, não é isso que está acontecendo. Ele não vai usar o pessoal da Green Way diretamente no ataque. Seria óbvio demais. Estaria se implicando.

— Como você explica, então, nossa pequena descoberta nos túneis? Radiação.

— Quanto? — perguntou Bond, sem rodeios.

Uma pausa. Osborne-Smith respondeu com seu ciciar petulante:

— Mais ou menos 4 milirens.

— Isso não é *nada*, Percy.

Todos os agentes da Seção O eram bem versados em estatísticas de exposição nuclear.

— Todo ser humano no mundo é atingido por 60 milirens de raios cósmicos por ano. Acrescenta um raio-X ou dois, e você tem 200. Uma bomba suja deixa mais traços do que 4.

Ignorando-o, Osborne-Smith disse, num tom brilhante:

— Agora, com relação a York, você entendeu mal. Deve ser o *pub* Duke of York ou o teatro, em Londres. Pode ser uma área de estacionamento. Vamos checar. Por falar nisso, cancelei a conferência sobre segurança e removi todos para locais seguros. Bond, tenho pensado no que move Hydt desde que soube que ele morava em Canning Town e que você me contou sobre a obsessão dele por cadáveres de mil anos. Ele vibra com a putrefação, com cidades desmoronando.

Dunne, naquele momento, caminhava vagarosamente na direção do Subaru.

Bond disse:

— Eu sei, Percy, mas...

— Que jeito melhor de promover a decadência social do que abater o aparato de segurança de metade das potências ocidentais?

— Ótimo. Faça o que você quiser em Londres. Mas forme uma equipe com a SOCA e a 5 para ver o que se passa em York.

— Não temos pessoal para isso. Não posso contar com uma única criatura. Talvez hoje à tarde, mas agora, receio que não. Mas não vai acontecer nada mesmo até a noite.

Bond explicou que o horário da operação havia sido adiantado.

Uma risadinha.

— O seu irlandês prefere o relógio de 24 horas, não? Muito preciso. Não, vamos ficar com meu plano.

Foi por isso que Osborne-Smith tinha apoiado a posição de M de manter Bond na África do Sul; não havia de fato acreditado que soubesse de alguma coisa. Quisera apenas roubar a cena. James desligou e começou a fazer uma chamada para Bill Tanner.

Entretanto, Dunne já estava abrindo a porta.

— Vamos, Theron. Você está fazendo seu novo chefe esperar. Você sabe o que tem de fazer. Deixe o telefone e a arma no carro.

— Pensei em deixar lá dentro com seu porteiro sorridente.

Se tudo acabasse em luta, tinha esperanças de conseguir pegar a arma e se comunicar com o mundo exterior.

Porém, Dunne disse:

— Hoje, não.

Bond não discutiu. Guardou o telefone e a arma no porta-luvas, juntou-se a Dunne e trancou o carro com o alarme.

Enquanto passava novamente pelo ritual de segurança na guarita, Bond viu de relance um relógio na parede. Eram quase 8 horas em York. Só tinha duas horas e meia para descobrir onde a bomba havia sido plantada.

O saguão da Green Way estava deserto. Bond supôs que Hydt — ou, mais provavelmente, Dunne — tivesse providenciado para que os funcionários ficassem de folga naquele dia, a fim de que a reunião e a viagem inaugural do projeto Geena pudessem seguir em frente sem interrupção.

Severan Hydt atravessou o salão e cumprimentou Bond efusivamente. Estava de ótimo humor, quase exuberante. Seus olhos escuros brilharam.

— Theron!

Bond apertou-lhe a mão.

— Quero que você faça uma apresentação para meus sócios sobre o projeto dos campos da morte. Vai ser o dinheiro deles também que financiará o plano. Não precisa ser nada formal. Apenas indique no mapa onde ficam as maiores valas comuns, quantos corpos mais ou menos estão em cada uma delas, há quanto tempo permanecem enterrados e quanto você acha que seus clientes estão dispostos a pagar. Ah, por falar nisso, um ou dois dos meus sócios têm uma área de atuação semelhante a sua. Vocês devem se conhecer.

Bond teve um pensamento alarmante, pois aqueles homens poderiam perguntar-se o oposto: por que *nunca* tinham ouvido falar do implacável mercenário Gene Theron, baseado em Durban, que havia semeado o solo africano com tantos corpos.

Enquanto atravessavam o prédio da Green Way, Bond perguntou onde podia trabalhar, na esperança de que Hydt o levasse até o Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento, agora que era um sócio de confiança.

— Temos um escritório para você.

Contudo, o homem passou pelo ansiado departamento e conduziu-o até uma grande sala sem janelas. No interior, havia umas poucas cadeiras, uma prancheta e uma escrivaninha. Alguém havia tido o cuidado de fornecer material de escritório, como bloquinhos de folhas amarelas, marcadores, dezenas de mapas detalhados da África e um interfone, mas nenhum telefone. Folhas de cortiça nas paredes exibiam cópias das fotos dos corpos em decomposição que Bond entregara. Ele perguntou-se onde estariam os originais.

No quarto de Hydt?

O comprador de sucata perguntou com amabilidade:

— Tem tudo o que precisa?

— Está ótimo. Um computador ajudaria.

— Vou arranjar um para editar textos e imprimir. Sem acesso à internet, claro.

— Sem acesso?

— Temos medo de ataques de hackers e também por questões de segurança. Mas, por enquanto, não se preocupe em escrever nada formal. Anotações a mão são o suficiente.

Bond manteve a aparência calma quando observou o relógio. Eram 8h20 em York naquele momento. Ainda tinha mais de duas

horas.

— Bem, é melhor eu começar.

— Vamos estar depois do saguão, na sala de conferências. É só ir até o fim e dobrar à direita. Número novecentos. Junte-se a nós quando quiser, mas esteja lá antes de 12h30. Vai passar algo na televisão que você vai achar interessante.

Dez e meia no horário de York.

Após Hydt ter-se ido, Bond inclinou-se sobre o mapa e desenhou círculos em torno de algumas das áreas que tinha arbitrariamente escolhido como zonas de batalha quando ele e Hydt haviam-se encontrado no Lodge Club. Anotou algumas cifras — significando o número de corpos —, depois dobrou os mapas, pegou os blocos de folha amarela e algumas canetas. Saiu para o corredor, que se encontrava vazio. Orientando-se, voltou até o Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento.

A espionagem dita que a melhor aproximação é sempre a mais simples, mesmo numa operação de entrada em área proibida como aquela.

Com toda propriedade, Bond bateu na porta.

*Sr. Hydt me pediu que pegasse alguns papéis para ele...
Desculpe incomodar, é só um instante...*

Estava preparado para empurrar a pessoa que abrisse a porta e segurar-lhe o pulso ou braço, a fim de dominá-la. Estava preparado também para enfrentar um guarda armado — na verdade, estava esperando um, para que pudesse pegar sua arma.

Contudo, não houve resposta. Aquela equipe tinha aparentemente recebido um dia de folga também.

Bond recorreu ao plano B, que era um pouco menos simples. Na noite anterior, enviara a Sanu Hirani as fotos digitais que havia tirado

da porta de segurança do departamento. O chefe da Seção Q dissera-lhe que a tranca era realmente impossível de arrombar. Levaria horas para violar seu sistema. Ele e a equipe tentariam pensar em outra solução.

Pouco depois, Bond fora informado que Hirani tinha mandado Gregory Lamb obter outra ferramenta de trabalho. Ele a entregaria pela manhã, juntamente com instruções por escrito sobre como abrir a porta. Fora aquilo que o agente do MI6 havia entregue a Bond no escritório de Bheka Jordaan.

James olhou para trás mais uma vez e depois começou a trabalhar. Do bolso interno do paletó, retirou o que Lamb lhe dera: uma linha de pesca de náilon, com resistência de 100 quilos, que não seria percebida pelo detector de metal da Green Way. Bond enfiou uma das extremidades na pequena fenda no alto da porta, e continuou empurrando até que alcançasse o chão, do outro lado. Arrancou um pedaço do papelão da parte de trás do bloco de folhas amarelas, e rasgou-o em forma de J — fazendo um anzol rudimentar. Depois, passou-o pela fenda da parte de baixo até conseguir fisgar a linha de pesca e puxá-la.

Deu um nó de cirurgia tripla na linha para juntar as extremidades. Conseguiu fazer um laço que circundava a porta de alto a baixo. Usando uma caneta, transformou aquilo num imenso torniquete e começou a apertá-lo.

O fio de náilon foi ficando mais esticado... comprimindo a barra de saída do outro lado da porta. Por fim, como Hirani havia dito que “muito provavelmente” aconteceria, a porta abriu-se após um clique, como se algum funcionário, do lado de dentro, tivesse empurrado a barra a fim de sair. Por motivo de segurança, em caso de incêndio,

não poderia haver um teclado numérico para abrir a porta do lado de dentro.

Bond entrou na sala sombria, desfez o torniquete e pôs no bolso as evidências de sua invasão. Fechando a porta até trancá-la, acendeu as luzes, examinou o laboratório, e procurou por telefones, rádios ou armas. Nada. Havia mais de uma dezena de computadores, desk e laptops, mas os três que ligou estavam protegidos por senha. Não perdeu tempo com os outros.

As mesas e pranchetas estavam cobertas com milhares de documentos e pastas de arquivos, e nenhum estava convenientemente classificado como "Geena".

Revirou pilhas de projetos, diagramas técnicos, folhas de especificações e desenhos esquemáticos. Alguns tinham a ver com armas e sistemas de segurança; outros, com veículos. Nenhum respondia às questões vitais sobre quem estava em perigo em York, e onde se encontrava exatamente a bomba.

Depois, enfim, encontrou uma pasta com o nome "Sérvia" e abriu-a, vasculhando os documentos.

Bond ficou paralisado, quase incapaz de crer no que estava vendo.

À sua frente, havia fotografias das mesas do necrotério do antigo hospital do Exército britânico em March. Pousada sobre uma delas, via-se uma arma que teoricamente não existia. O mecanismo explosivo era chamado, de modo informal, de "Cortador". O MI6 e a CIA desconfiavam que o governo sérvio estava desenvolvendo-o, mas agentes locais não tinham encontrado nenhuma prova de que tivesse de fato sido construído. O Cortador era uma arma contrapessoal hiperveloz, que usava explosivos comuns aprimorados

com combustível sólido para foguetes, e que disparava centenas de pequenas lâminas de titânio a cerca de 5 mil quilômetros por hora.

O Cortador era tão terrível que, mesmo havendo apenas rumores de que estaria sendo desenvolvido, já havia sido condenado pela ONU e por organizações de direitos humanos. A Sérvia negava obstinadamente estar construindo um, e ninguém — nem mesmo os traficantes de armas mais bem-informados — jamais vira algo assim.

Como Hydt chegara até ele?

Bond continuou a remexer os arquivos, encontrando elaborados diagramas e projetos de engenharia, e instruções sobre como produzir as lâminas, que formavam os estilhaços da arma, e sobre como programar o sistema de operação, tudo escrito em sérvio com tradução para o inglês.

Essa era a explicação; Hydt havia *construído* a arma. Tinha, de alguma forma, se apoderado daqueles projetos e dado ordens a seus engenheiros para que fabricassem uma daquelas coisas malditas. Os pedaços de titânio que Bond encontrara na base do Exército em Fens eram as aparas das lâminas mortais.

E o trem na Sérvia — isso explicava o mistério do produto químico letal — não tivera nada a ver com a missão de Dunne lá. Provavelmente, ele nem sequer sabia sobre o veneno. O propósito de sua viagem a Novi Sad tinha sido roubar parte do titânio que ia no trem para usá-lo na arma — havia dois vagões com ferro-velho atrás da locomotiva. *Esses* eram seu alvo. A mochila de Dunne não continha armas ou bombas para explodir os tonéis de produtos químicos do vagão três; estava *vazia* quando ele chegara. O irlandês enchera-a com pedaços de titânio e levava-os para March, a fim de construir o Cortador.

Dunne programara o descarrilamento para fazer tudo parecer um acidente, de forma que ninguém percebesse o roubo do metal.

No entanto, como ele e Hydt teriam conseguido o projeto? Os sérvios deviam ter feito tudo o que podiam para manter os planos e as especificações em segredo.

Bond descobriu a resposta um minuto depois, num memorando do engenheiro de Dubai Mahdi al-Fulan, datada do ano anterior:

Severan:

Dei uma olhada em seu pedido para ver se é possível criar um sistema que reconstitua documentos secretos rasgados. Receio que, com os picadores de papel modernos, a resposta seja não. Mas eu proporia o seguinte: posso construir um sistema de olho eletrônico que sirva como dispositivo de segurança, a fim de impedir ferimentos quando alguém tentar tocar o interior de um picador de documentos. Na verdade, ele também faria o papel de escâner ótico de hipervelocidade. Quando os documentos são inseridos no sistema, o escâner lê toda a informação neles antes que sejam picados. Os dados podem ser armazenados num disco rígido de três ou quatro terabytes oculto em algum lugar do picador e transferidos por meio de um celular seguro, ou ligação de satélite, ou até recuperados manualmente, quando os funcionários substituem as lâminas ou limpam as unidades.

Recomendo também que você fabrique e ofereça a seus clientes picadores eficientes, que possam transformar literalmente seus documentos em pó, de forma a inspirar confiança neles para que o contratem para destruir até os materiais mais secretos.

Tenho um projeto para um aparelho semelhante, que vai extrair dados de discos rígidos antes que sejam destruídos. Acho que é possível criar uma máquina que desmanche computadores laptop ou desktop, identifique o disco rígido e o encaminhe a uma estação especial, na qual será temporariamente conectado a um processador dentro da máquina de destruição. Informações confidenciais poderão ser copiadas antes de os drives serem apagados e destruídos.

Ele recordou-se do giro pela Green Way e do entusiasmo de Hydt pelos aparelhos automatizados para destruição de computadores.

Em poucos anos, essa vai ser minha operação mais lucrativa.

Bond continuou a ler. Os escâneres dos picadores de documentos já estavam em uso em todas as cidades onde a Green Way tinha sede, inclusive em instalações militares sérvias ultrassecretas, e em fornecedoras de armas fora de Belgrado.

Outros memorandos detalhavam planos para capturar documentos menos secretos, mas ainda valiosos, usando equipes especiais de coletores da Green Way para recolher o lixo de indivíduos escolhidos, trazê-lo para locais selecionados, e vasculhá-lo em busca de informações pessoais ou confidenciais.

Bond observou o valor daquilo: encontrou cópias de recibos de cartão de crédito, alguns intactos, outros reconstituídos a partir de picadores de papéis mais simples. Uma conta, por exemplo, era de um hotel fora de Pretória. O proprietário do cartão tinha o título de "Honorável". Anotações presas a ela advertiam que o caso extraconjugal do homem se tornaria público, se ele não concordasse com uma lista de exigências que estavam sendo feitas por um adversário político. Portanto, itens como esse seriam os "materiais

especiais” que Bond tinha visto serem mandados para ali nos caminhões da Green Way.

Havia também páginas e mais páginas do que pareciam ser números de telefone, juntamente com muitos outros Algarismos, nomes de usuário, senhas, trechos de e-mails e mensagens de texto. Lixo eletrônico. Estava claro que funcionários no Corredor do Silício examinavam telefones e computadores, extraíndo números seriais eletrônicos de celulares, senhas, informações bancárias, mensagens de texto, gravações de mensagens instantâneas e quem sabia mais o quê?

Todavia, a questão imediata era: onde exatamente o Cortador seria detonado?

Ele vasculhou as anotações mais uma vez. Nenhuma das informações encontradas forneceu-lhe uma pista quanto ao local da bomba em York, que explodiria dali a pouco mais de uma hora. Inclinando-se sobre uma prancheta e contemplando o diagrama do aparelho, suas têmporas latejavam.

Pense, disse a si mesmo com fúria.

Pense...

Por alguns minutos, nada lhe ocorreu. Então, teve uma ideia. O que Severan Hydt estava fazendo? Reunindo informações valiosas a partir de pedaços e fragmentos.

Faça o mesmo, Bond disse a si mesmo. Junte as peças do quebra-cabeça.

E que pedaços tenho?

- *O alvo é York.*
- *Uma mensagem continha as palavras "termo" e "5 milhões de libras".*

- *Hydt quer causar uma destruição em massa para desviar atenção do verdadeiro crime que pretende cometer, da mesma forma que fez com o descarrilamento na Sérvia.*
- *O Cortador estava escondido em algum lugar próximo a March, e acaba de ser conduzido para York.*
- *Ele está sendo pago pelo ataque, e não agindo por ideologia.*
- *Poderia ter usado qualquer arma explosiva, mas se deu ao trabalho árduo de construir um Cortador com indicações militares sérvias, arma não disponível no mercado bélico comum.*
- *Milhares de pessoas morrerão.*
- *A explosão terá um raio de, no mínimo, 30 metros.*
- *O Cortador vai ser detonado num horário específico: 10h30.*
- *O ataque tem algo a ver com um "curso", uma estrada, ou outra rota qualquer.*

Todavia, por mais que organizasse esses pedaços fragmentados, Bond via apenas recortes sem relação.

Bem, continue, fumegou ele com raiva. Concentrou-se mais uma vez em cada fragmento. Pegava-os mentalmente e colocava-os em outro lugar.

Uma possibilidade tornou-se clara: se Hydt e Dunne haviam recriado um Cortador, as equipes forenses, que fazem análises depois de explosões, descobririam as especificações militares e acreditariam que o governo, ou o Exército sérvio, estavam por trás do ataque, já que aquele tipo de arma ainda não se encontrava disponível no mercado negro. Hydt tinha feito aquilo para desviar a atenção dos verdadeiros autores da ideia: ele e quem mais lhe

houvesse pago milhões de libras. Seria uma pista falsa — como o acidente de trem planejado.

Isso significava que existiam *dois* alvos: o alvo aparente teria alguma ligação com a Sérvia e, para o público e a polícia, seria o propósito do ataque. Entretanto, a verdadeira vítima seria alguém pego pela explosão, um suposto espectador. Ninguém jamais saberia que ele ou ela era a pessoa que Hydt e seu cliente queriam ver morta... e *aquela* morte prejudicaria interesses britânicos.

Quem? Algum funcionário do governo em York? Um cientista? E onde ocorreria especificamente o ataque?

Bond brincou com aqueles confetes de informações mais uma vez.

Nada...

Então, em sua cabeça, ouviu um estalo. "Termo" havia ido parar ao lado de "curso".

E se o primeiro não se referisse a uma cláusula de contrato, mas a um semestre acadêmico? E "curso" fosse aquilo mesmo — um curso de estudos?

Isso fazia algum sentido. Uma instituição grande, milhares de estudantes.

Mas onde?

O máximo que Bond conseguia imaginar era uma instituição na qual havia um curso, uma palestra, uma concentração, uma exposição de museu ou algo no gênero, que envolvesse a Sérvia, às 10h30. Isso sugeria uma universidade.

Sua teoria reorganizada sustentava-se?

Não havia mais tempo para especulação. Ele olhou para o relógio digital na parede, que avançou mais um minuto.

Em York, eram 9h40.

Carregando o mapa dos campos da morte, Bond andava casualmente por um corredor.

Um guarda com uma enorme cabeça em forma de bala olhou-o desconfiado. Para sua decepção, estava desarmado e não tinha rádio. Perguntou ao homem como chegar à sala de conferências de Hydt. Ele apontou a direção.

Bond já tinha começado a se afastar quando, de repente, deu meia-volta, como se tivesse se lembrado de algo.

— Ah, preciso falar com Sra. Barnes sobre o almoço. Você sabe onde ela está?

O guarda hesitou e depois apontou para outro corredor.

— A sala dela fica ali. A de porta dupla, à esquerda, número 108. Bata antes de entrar.

Bond seguiu na direção indicada. Em alguns minutos, chegou e olhou para trás. Não havia ninguém no corredor. Bateu na porta.

— Jessica, é Gene. Preciso falar com você.

Houve uma pausa. Ela disse que estaria lá, mas poderia estar sentindo-se mal ou cansada demais para participar, apesar da “coleira curta”.

Depois, um clique de fechadura. A porta abriu-se e ele entrou. Jessica Barnes, sozinha, piscou os olhos, surpresa.

— Gene, algum problema?

Ele fechou a porta e seus olhos pousaram no telefone celular dela, que estava sobre uma mesa.

Ela sentiu imediatamente o que se passava. Os olhos escuros abriram-se mais, ela foi até a mesa, pegou o celular e afastou-se dele.

— Você... — disse, sacudindo a cabeça. — Você é policial. Está atrás dele. Eu devia saber.

— Me escute.

— Ah, agora eu entendo. Ontem, no carro... você estava, como é que os ingleses dizem? Enchendo minha bola? Para me conquistar.

Bond falou:

— Daqui a quarenta e cinco minutos, Severan vai matar um monte de gente.

— Impossível.

— É verdade. Milhares de pessoas estão em perigo. Ele vai explodir uma universidade na Inglaterra.

— Não acredito em você! Ele nunca faria isso — disse, mas a voz não soou muito convincente.

Provavelmente, ela tinha visto fotos demais de Hydt para negar a obsessão do parceiro por morte e decomposição.

Bond disse:

— Ele vende segredos, chantageia e mata pessoas, porque reconstitui o que encontra no lixo delas — disse, dando um passo à frente, com a mão esticada para pegar o telefone. — Por favor.

Ela distanciou-se mais, sacudindo a cabeça. Do outro lado da janela aberta, havia uma poça formada por uma tempestade

recente. Ela pôs o braço para fora e ficou com o celular erguido sobre a água.

— Pare!

Bond obedeceu:

— O tempo está se esgotando. Por favor, me ajude.

Intermináveis segundos passaram-se. Por fim, seus ombros estreitos arquearam-se e ela disse:

— Ele tem um lado negro. Eu costumava pensar que isso envolvia só fotos de... bem, fotos terríveis. Seu amor doentio por putrefação. Mas sempre desconfiei que havia algo mais. Alguma coisa pior. No fundo, ele não quer ser só uma testemunha da destruição. Quer *causá-la*.

Jessica afastou-se da janela e entregou-lhe o telefone.

Bond pegou-o.

— Obrigado.

Naquele momento, a porta abriu-se. O guarda que havia dado informações a ele apareceu.

— O que é isso? Visitantes não podem usar telefone aqui.

Bond disse:

— Estou com uma emergência em casa. Doença na família. Só queria saber notícias. Pedi emprestado o celular da Sra. Barnes e ela teve a bondade de dizer sim.

— É verdade — confirmou Jessica.

— Bem, acho que vou levá-lo.

— Eu acho que não — replicou Bond.

Houve uma longa pausa. O homem lançou-se em direção a James, que jogou o telefone sobre a mesa e ficou numa posição defensiva de *systema*. A luta teve início.

O homem tinha 15 ou 20 quilos a mais do que ele e era muito talentoso. Havia feito boxe tailandês e aikidô. Bond conseguia se defender de seus golpes, mas com muito esforço, e movimentar-se ali era difícil porque a sala, embora espaçosa, era cheia de móveis. A certa altura, o imenso guarda recuou rápido e bateu sem querer em Jessica, que soltou um grito e caiu no chão atordoada.

Durante cerca de sessenta segundos, os dois lutaram furiosamente, e Bond percebeu que os movimentos evasivos de *systema* não seriam o bastante. O adversário era forte e não mostrava sinais de cansaço.

Com os olhos focados e raivosos, o homem calculou ângulo e distância e se adiantou com um chute — ou assim parecia. O movimento não passava de uma finta. Entretanto, James havia previsto aquilo e, quando o gigante girou, ficando de costas, ele deu-lhe uma cotovelada poderosa no rim, golpe que provocava não apenas uma dor excruciante, mas que poderia danificar o órgão para sempre.

Porém, Bond percebeu tarde demais que o guarda havia realizado outra finta; recebera o golpe intencionalmente, de forma que, então, pudesse fazer o que planejava, lançando-se de lado, em direção à mesa, onde estava o telefone. Ele agarrou o Nokia, partiu-o ao meio e jogou os pedaços pela janela. Um deles patinou sobre a superfície da água antes de afundar.

Porém, quando conseguiu endireitar-se de novo, Bond já estava em cima dele, tendo desistido da *systema* e adotado a postura clássica do boxe. Soltou um esquerdo no plexo solar do adversário, que se curvou com o golpe. Depois, recuou o punho direito para fazê-lo voltar à posição original, atingindo um ponto abaixo e atrás do ouvido do guarda. O golpe foi perfeito na mira. O homem tremeu

e caiu inconsciente. Não ficaria, no entanto, fora de combate por muito tempo, mesmo com uma pancada tão sólida quanto aquela. Bond amarrou-o rapidamente com o fio de um abajur e amordaçou-o com os guardanapos do café da manhã, que estavam sobre uma bandeja.

Enquanto fazia isso, virou-se para Jessica, que estava se levantando.

— Você está bem? — perguntou.

— Sim — murmurou ela, sem fôlego, e correu para a janela. — O telefone se foi. O que vamos fazer? Não há outros. Só Severan e Niall têm um. E ele desligou a mesa telefônica hoje, porque os funcionários estão de folga.

Bond disse:

— Vire de costas. Vou amarrar você. Bem apertado. Temos que fazê-los acreditar que não tentou me ajudar.

Ela pôs as mãos para trás e ele amarrou-lhe os pulsos.

— Desculpe. Eu tentei.

— Fique quieta — sussurrou Bond. — Sei que você tentou. Se alguém entrar, diga que não sabe para onde fui. Só se finja de assustada.

— Não vou precisar fingir — disse ela. — Gene...

Ele olhou para Jessica.

— Minha mãe e eu rezávamos antes de cada um dos meus concursos de beleza. Ganhei vários. Devíamos rezar muito bem. Vou fazer isso por você agora.

Bond corria pelo corredor sombrio e passava por fotografias da área recuperada que os operários de Hydt haviam transformado nos Campos Elísios, os belos jardins que cobriam a parte leste do aterro sanitário da Green Way.

Eram 9h55 em York. A explosão ocorreria dali a 35 minutos.

Ele precisava sair da usina imediatamente. Tinha certeza de que havia algum tipo de depósito de armas próximo à guarita de segurança da frente. Era para lá que estava indo então, caminhando com determinação, de cabeça baixa e carregando os mapas e o bloco amarelo. Estava a cerca de 50 metros da entrada, em termos táticos. Viu três homens na guarita de segurança da frente. Haveria guardas na porta de trás também? Possivelmente sim; embora não houvesse funcionários no escritório, Bond tinha visto trabalhadores nas dependências. Três guardas haviam estado lá no dia anterior. Quantos seguranças estariam a postos naquele momento? Teriam todos os visitantes entregue as armas na entrada, ou teriam recebido recomendação para deixá-las nos carros? Talvez...

— Ah, o senhor está aí!

A voz sobressaltou-o. Dois guardas fortes apareceram e caminharam até ele, barrando-lhe o caminho. Os rostos não revelavam qualquer emoção. Bond perguntou-se se teriam descoberto Jessica e o homem que havia amarrado. Aparentemente, não.

— Sr. Theron, Sr. Hydt está lhe procurando. O senhor não estava em seu escritório, então ele nos mandou levá-lo até a sala de conferências.

O menor deles encarou-o com olhos duros como a carapaça de um besouro negro.

Não havia o que fazer, a não ser acompanhá-los. Eles chegaram à sala de conferências alguns minutos depois. O guarda maior bateu na porta. Dunne abriu-a, examinou Bond com expressão neutra e fez sinal para que os homens entrassem. Os três parceiros de Hydt estavam sentados em volta de uma mesa. O segurança grande de terno preto que tinha acompanhado Bond até a usina, no dia anterior, estava perto da porta de braços cruzados.

Hydt falou com o mesmo entusiasmo que havia demonstrado anteriormente:

— Theron! Como você se saiu?

— Muito bem. Mas ainda não terminei tudo. Acho que preciso de mais 15 ou 20 minutos — disse, olhando para a porta.

Todavia, Hydt era como uma criança.

— Sim, sim, mas primeiro deixe-me apresentar-lhe para as pessoas com quem vai trabalhar. Falei a eles sobre você e estão todos ansiosos por conhecê-lo. Tenho cerca de dez investidores no total, mas esses são os três mais importantes.

Enquanto as apresentações eram feitas, Bond especulava se algum dos três ficaria desconfiado por não terem ouvido falar de

Gene Theron. Entretanto, Mathebula, Eberhard e Huang estavam distraídos pelos negócios do dia e, contrariamente ao comentário de Hydt, além de breves acenos de cabeça, eles o ignoraram.

Eram 10h05 em York.

Bond tentou sair, mas Hydt disse:

— Não, fique! — E apontou com a cabeça em direção à TV, que Dunne havia ligado na Sky News, de Londres.

Ele baixou o volume.

— Você vai querer ver isso, nosso primeiro projeto. Deixe eu te dizer o que está acontecendo aqui — falou Hydt, sentando-se e explicando a Bond o que este já sabia: que o Geena era a reconstituição ou o escaneamento de material sigiloso, para venda, extorsão e chantagem.

Bond levantou uma sobrancelha, fingindo estar impressionado. Lançou outro olhar para a saída. Chegou à conclusão de que não poderia correr para a porta; os enormes seguranças de terno preto estavam a centímetros dela.

— Então, veja bem, Theron, não fui completamente honesto com você quando descrevi a operação de picar documentos da Green Way. Mas isso foi antes de fazermos nosso pequeno teste com o rifle Winchester. Peço desculpas.

Bond deu de ombros e mediu as distâncias, calculando a força do inimigo. Suas conclusões não foram muito boas.

Com suas unhas longas e amareladas, Hydt coçou a barba.

— Tenho certeza de que vocês estão curiosos sobre o que vai acontecer hoje. Eu comecei o Geena só para roubar e vender informações confidenciais. Mas, depois, entendi que havia uma utilização mais lucrativa... e, na minha opinião, mais satisfatória para

esses segredos ressuscitados. Podiam ser usados como armas. Para matar, destruir.

“Há alguns meses me encontrei com o diretor de uma indústria farmacêutica para quem eu vinha vendendo segredos industriais reconstituídos, a R e K Produtos Farmacêuticos, de Raleigh, na Carolina do Norte. Ele estava satisfeito com o negócio, mas tinha uma proposta nova para mim, algo um pouco mais radical. Me falou sobre um pesquisador brilhante, professor em York, que estava desenvolvendo uma nova droga contra o câncer. Quando ela chegasse ao mercado, a indústria do meu cliente fecharia as portas. Ele estava disposto a pagar milhões para que esse pesquisador morresse e sua sala fosse destruída. Foi quando a ideia do Geena floresceu para valer.”

Hydt confirmou, então, as outras deduções de Bond — como o uso de um protótipo de uma bomba sérvia, que tinha sido construída a partir de projetos e desenhos reconstituídos que o pessoal de sua subsidiária em Belgrado conseguira juntar. Isso faria parecer que o alvo em questão era outro professor da mesma universidade em York — um homem que havia testemunhado no Tribunal Criminal Internacional da ex-Iugoslávia, e que estava dando um curso sobre história dos Bálcãs na sala ao lado da do pesquisador de câncer. Todos pensariam que o eslavo era o alvo pretendido.

Bond olhou a hora na legenda da parte inferior da tela da TV. Eram 10h15 na Inglaterra.

Tinha de sair naquele momento.

— Brilhante, absolutamente brilhante — disse ele. — Mas me deixe pegar minhas anotações, para que eu possa contar a todos sobre minha ideia.

— Fique e assista à festa — retrucou Hydt, inclinando a cabeça na direção da TV.

Dunne aumentou o volume. Severan disse a Bond:

— A ideia original era detonar o explosivo às 10h30 na Inglaterra, mas como recebemos a confirmação de que as duas aulas estão em andamento, acho que podemos fazer isso agora. Além disso — confessou Hydt —, estou superansioso para ver se a nossa arma funciona.

Antes que Bond pudesse reagir, Hydt já tinha digitado um número em seu telefone.

— Bem, o sinal está funcionando. Vamos ver — disse ele, olhando para a tela.

Em silêncio, todos se viraram para ver a televisão. Um programa gravado sobre a família real estava sendo transmitido. Minutos depois, a tela ficou preta, e surgiu, então, um logo vermelho e preto:

URGENTE

Na tela, apareceu a imagem de uma mulher sul-asiática, elegantemente vestida e sentada na mesa de um estúdio. Sua voz tremia enquanto lia a notícia.

— Estamos interrompendo a programação para anunciar que houve uma explosão em York. Aparentemente um carro-bomba explodiu e destruiu grande parte do prédio de uma universidade, segundo as autoridades. Estamos recebendo informações nesse momento... Sim, o prédio fica no terreno da Yorkshire-Bradford University. Temos notícias de que havia aulas em andamento na hora da explosão e de que as salas mais próximas estariam cheias... Ninguém ainda reivindicou a autoria do atentado.

Bond sibilou por entre os dentes enquanto olhava para a tela. No entanto, os olhos de Severan Hydt brilhavam de triunfo. E todos os presentes aplaudiam com o mesmo entusiasmo com que o fariam se o seu atacante favorito tivesse marcado um gol na Copa do Mundo.

Cinco minutos depois, uma equipe local de reportagem já havia chegado à universidade e estava transmitindo imagens da tragédia para o mundo. O televisor mostrava um prédio semidestruído, fumaça, vidro quebrado, escombros cobrindo o chão, equipes de socorro, e dezenas de carros de polícia e do corpo de bombeiros estacionando. A legenda na parte de baixo da TV dizia: “Explosão de grandes proporções em universidade de York.”

Nos dias de hoje, as pessoas estão habituadas a ver imagens terríveis na televisão. Cenas que são apavorantes para uma testemunha ocular tornam-se diluídas quando observadas em duas dimensões, na mesma tela que transmite programas como *Dr. Who* e propagandas de Ford Mondeos e roupas da M&S.

No entanto, aquela imagem trágica — do prédio em ruínas de uma universidade envolto em fumaça e poeira, com pessoas em volta confusas, impotentes — era algo que ia além das palavras. Teria sido impossível para qualquer um nas salas mais próximas da explosão sobreviver.

Bond somente podia olhar para a tela.

Hydt também, mas ele, naturalmente, parecia embasbacado. Os três sócios conversavam entre si com animação, como seria de se esperar de pessoas que haviam ganho milhões de libras em um milésimo de segundo.

A apresentadora disse, então, que a bomba fora carregada com fragmentos de metal, como lâminas de barbear, disparados numa velocidade de milhares de quilômetros por hora. A explosão fizera em pedaços a maioria dos auditórios de palestras e as salas dos professores, no térreo e no primeiro andar.

Ela anunciou que um jornal da Hungria acabara de encontrar uma carta, deixada em sua recepção, de um grupo de oficiais militares sérvios que reivindicava a autoria. A universidade, dizia a nota, estava “acolhendo e dando ajuda” a um professor descrito como “traidor do povo sérvio e de sua raça”.

Hydt disse:

— Isso foi obra nossa também. Recolhemos papéis timbrados do Exército sérvio numa lata de lixo. É num deles que essa declaração foi impressa — disse ele, olhando para Dunne, e Bond entendeu que o irlandês havia incorporado aquela filigrana ao plano principal.

O homem que pensava em tudo...

Hydt disse:

— Agora precisamos planejar um almoço de comemoração.

Bond olhou mais uma vez para a tela e dirigiu-se para a porta.

Naquele momento, a apresentadora ergueu a cabeça e anunciou:

— Temos novas notícias de York — parecia confusa, pois tocava o ponto no ouvido e escutava. — O chefe de polícia de Yorkshire, Phil Pelham, vai fazer um pronunciamento. Vamos até ele, ao vivo, agora.

A câmera mostrou um homem de meia-idade com ar agitado que vestia uniforme de polícia, mas sem quepe nem casaco, parado em frente a um carro do corpo de bombeiros. Dezenas de microfones estavam sendo empurrados em sua direção. Ele limpou a garganta.

— Por volta das 10h15 dessa manhã, uma bomba explodiu no terreno da Yorkshire-Bradford University. Apesar de os danos materiais terem sido grandes, parece que não houve vítimas, apenas meia dúzia de pessoas com ferimentos leves.

Os três sócios ficaram mudos. Os olhos azuis de Niall Dunne tremeram com uma emoção atípica.

Com o cenho muito franzido, Hydt respirou fundo.

— Cerca de dez minutos antes da explosão, as autoridades receberam informação de que uma bomba tinha sido plantada dentro ou em torno da universidade, em York. Certos fatos adicionais sugeriram que a Yorkshire-Bradford podia ser o alvo, mas, por precaução, todas as instituições educacionais da cidade foram evacuadas de acordo com planos executados por funcionários, como nos ataques de 7 de Julho, em Londres.

“Os ferimentos, aproveito para repetir, foram leves, atingiram, na maior parte, funcionários da universidade que tinham permanecido depois de os estudantes terem saído, para ter certeza de que a evacuação fora completa. Um professor, pesquisador médico que estava fazendo uma palestra no salão mais perto do local onde a bomba explodiu, ficou ligeiramente ferido ao pegar umas pastas em sua sala pouco antes da explosão.

“Recebemos informação de que um grupo sérvio está reivindicando a autoria do atentado, e posso garantir a vocês que a polícia daqui de Yorkshire, a polícia Metropolitana de Londres, e

investigadores do Serviço de Segurança estão dando a esse ataque prioridade máxima...”

Apertando silenciosamente um botão, Hydt desligou a TV.

— Será que alguém do seu pessoal lá — disse Huang, com escárnio — mudou de ideia e deu o alarme?

— Você disse que podíamos confiar em todo mundo! — observou o alemão, friamente, com os olhos fixos em Hydt.

A parceria estava estremecida.

Os olhos de Hydt passaram para Dunne, de cujo rosto a ínfima emoção já havia desaparecido; o irlandês estava concentrado — era um engenheiro que analisava com muita calma uma falha de funcionamento. Enquanto os sócios discutiam acaloradamente entre si, Bond aproveitou a chance para se aproximar da porta.

Estava a meio passo da liberdade quando ela se abriu. Um segurança olhou-o e apontou um dedo.

— Ele. Foi ele.

— O quê? — perguntou Hydt.

— Encontramos Chenzira e a Sra. Barnes amarrados na sala dela. Ele estava inconsciente, mas quando voltou a si, viu esse homem enfiando a mão na bolsa da Sra. Barnes e tirando alguma coisa dela. Um rádio pequeno, parece. Esse homem falou com alguém.

Hydt franziu a testa, tentando entender aquela informação. No entanto, a expressão no rosto de Dunne revelava que já esperava uma traição de Gene Theron. A um olhar do engenheiro, o enorme segurança de terno preto sacou a arma e apontou-a diretamente para o peito de Bond.

Então, o guarda na sala de Jessica despertou mais cedo do que Bond imaginara... e tinha visto o que acontecera após Bond tê-la amarrado: ele havia tirado da bolsa dela os outros itens que Gregory Lamb entregara-lhe, juntamente com o inalador, na manhã do dia anterior.

A razão pela qual Bond fizera a Jessica perguntas tão indelicadas, enquanto estavam estacionados perto de sua casa, era perturbá-la, distraí-la e, mais do que tudo, fazê-la chorar, a fim de que pudesse mexer em sua bolsa para pegar um lenço de papel e... introduzir, num compartimento lateral, os itens que Sanu Hirani havia-lhe fornecido por intermédio de Lamb. Entre eles, encontrava-se um telefone em miniatura, de comunicação via satélite, do tamanho de uma caneta grossa. Como a cerca dupla em torno da Green Way tornava impossível esconder o aparelho na grama, ou entre os arbustos dentro do perímetro da empresa, e já que Bond tinha conhecimento de que Jessica ia voltar naquele dia, decidira escondê-lo em sua bolsa, sabendo que ela passaria pelo detector de metais sem ser incomodada.

— Me dê o rádio — ordenou Hydt.

Bond enfiou a mão no bolso e tirou o dispositivo. Severan examinou-o; depois, deixou-o cair no chão e esmagou-o com o calcanhar.

— Quem é você? Para quem trabalha?

Bond sacudiu a cabeça.

Perdendo a calma, Hydt contemplou os rostos furiosos dos parceiros, que perguntavam com grande irritação sobre as medidas que haviam sido tomadas para proteger suas identidades. Queriam os telefones celulares. Mathebula exigia que lhe entregassem sua arma.

Dunne estudava Bond do mesmo modo como faria com um motor defeituoso. Depois, disse em voz baixa, como se para si mesmo:

— *Você* deve ser aquele homem que estava na Sérvia. E na base do Exército em March.

A testa sob a franja loura enrugou-se.

— Como você fugiu? *Como?* — perguntou, sem parecer querer a resposta; não estava falando com ninguém, mas consigo mesmo. — E a Midlands Reciclagem não estava envolvida. Era só um disfarce para você espionar lá. Depois aqui, os campos da morte...

Sua voz se enfraqueceu. Um olhar que beirava a admiração iluminava-lhe o rosto. Talvez achasse que Bond fosse engenheiro por mérito próprio, um homem que também fazia projetos inteligentes.

Dunne disse a Hydt:

— Ele tem contatos no Reino Unido. É a única explicação para ter conseguido evacuar a universidade a tempo. Trabalha para alguma agência de segurança britânica. Mas estava operando com alguém aqui também. Londres vai ligar para Pretória, mas temos cartas na manga para protelar as coisas por um tempo.

Depois disse a um dos guardas:

— Mande o resto dos trabalhadores para fora da usina. Deixe apenas a segurança. Acione o alarme de derramamento de substância tóxica. Reúna todo mundo no estacionamento. Isso vai criar uma boa confusão, caso a polícia ou a Agência Nacional de Inteligência resolvam nos fazer uma visita.

O guarda dirigiu-se até um interfone e passou as instruções. Um alarme soou e ouviu-se um comunicado em várias línguas no sistema de alto-falantes.

— E ele? — perguntou Huang, indicando Bond com a cabeça.

— Ah — disse Dunne distraidamente, como se fosse algo lógico. — Mate-o e jogue o corpo num dos fornos — acrescentou, olhando para um dos seguranças.

O grandalhão exibia o mesmo ar *blasé* quando deu um passo à frente, apontando com cuidado a pistola Glock.

— Por favor, não! — implorou Bond, levantando as mãos.

Aquele gesto era natural naquelas circunstâncias.

Portanto, o guarda surpreendeu-se com a faca alfa preta que James apontou para seu rosto. Era o item final do pacote ASSISTÊNCIA de Hirani, que estava escondido na bolsa de Jessica.

Bond não havia conseguido ajustar a distância para atirar a faca, coisa na qual não era de fato muito bom; apontara-a mais como uma forma de distrair o segurança, que tentou aparar o golpe com a mão e levou um corte profundo. Antes de se recuperar ou que alguém pudesse reagir, James atacou-o, torceu-lhe o pulso e arrancou-lhe a arma, que disparou em sua grossa coxa, a fim de ter certeza de que estava pronta para ser usada e para incapacitá-lo ainda mais. Enquanto Dunne e o outro guarda armado sacavam suas pistolas e começavam a atirar, Bond fugiu pela porta.

O corredor estava vazio. Batendo a porta atrás de si, correu cerca de 20 metros e protegeu-se, ironicamente, atrás de uma lata verde de reciclagem.

A porta da sala de conferências abriu-se com cautela. O segundo guarda saiu; seus olhos apertados vasculhavam o espaço. Bond não viu razão para matar o jovem; então, acertou-o na altura do cotovelo. Ele caiu no chão, gritando.

James sabia que eles já deviam ter pedido reforços; portanto, levantou-se e continuou a fugir. Enquanto corria, tirou o pente da arma e examinou-o. Restavam dez balas de 9 milímetros, 110 grãos, e revestimento de metal reforçado. Tratava-se de munição leve, com revestimento de cobre, que disparava com precisão e rapidez.

Ele recolocou o pente.

Dez balas.

Sempre conte a munição...

Porém, antes que pudesse ir longe, ouviu um grande estalo próximo da cabeça e o estrondo quase simultâneo de um rifle vindos de um corredor lateral. Viu dois homens vestindo uniformes cáquis de segurança aproximando-se com rifles Bushmaster. Bond atirou duas vezes e errou, mas protegeu-se a tempo de abrir com um chute a porta da sala a seu lado e entrar nela, que estava atulhada de coisas. Não havia ninguém ali dentro. Uma saraivada de projéteis calibre 223 destruiu batente, parede e porta.

Oito tiros restantes.

Os dois guardas pareciam saber o que estavam fazendo — eram ex-soldados do Exército, imaginou. Ensurdecido com os disparos, não conseguia ouvir vozes, mas, nas sombras no corredor, teve a impressão de que outros homens haviam se juntado àqueles, e talvez Dunne estivesse entre eles. Sentiu também que estavam para

fazer uma entrada à força ao mesmo tempo, espalhando-se por todos os lados, à esquerda e à direita, em cima e embaixo. Bond não teria chances contra uma formação daquelas.

As sombras aproximaram-se.

Só um movimento era possível, não muito inteligente ou sutil. James jogou uma cadeira pela janela e pulou atrás dela, esparramando-se no chão quase 2 metros abaixo. Caiu feio — mas sem torcer ou quebrar nenhum membro — e saiu correndo pelo terreno deserto, sem trabalhadores, da Green Way.

Mais uma vez, virou-se na direção dos perseguidores e jogou-se no chão, escondendo-se atrás de uma pá de escavadeira solta parada perto do Corredor da Ressurreição. Apontou a arma para a janela e uma porta próximas.

Oito balas restantes, oito...

Pôs um pouco de pressão no gatilho sensível, aguardando e controlando a respiração o melhor que podia.

Contudo, os guardas não pretendiam cair em uma cilada. A janela quebrada permaneceu vazia. Isso significava que estavam vindo por outras saídas. A intenção era certamente de cercá-lo, o que fizeram — e de forma muito eficiente. Na extremidade sul do prédio, Dunne e dois seguranças correram em busca de proteção atrás de uns caminhões.

Instintivamente, Bond olhou para o outro lado e viu os dois guardas que haviam atirado nele no corredor. Aproximavam-se, vindos do norte. Correram também, procurando abrigo atrás de uma escavadeira verde e amarela.

A pá da escavadeira protegia-o apenas contra ataques vindos da direita, mas os inimigos não estavam atacando daquela direção. Bond rolou para o lado no instante em que um dos homens começou

a atirar — a Bushmaster era uma arma curta, mas assustadoramente precisa. As balas estilhaçantes acertavam o chão e batiam com força contra o braço da pá da escavadeira. Fragmentos escaldantes de chumbo e cobre atingiam Bond.

Com James dominado pelos dois seguranças por um lado, o outro time, comandado por Dunne, aproximou-se, vindo da direção oposta. Bond levantou ligeiramente a cabeça, procurando um alvo. No entanto, antes que pudesse fixar-se em um de seus adversários, eles se moveram, buscando proteção entre as muitas pilhas de lixo, barris de petróleo e máquinas. James examinou de novo o cenário, mas não conseguiu encontrá-los.

De repente, a terra a seu redor começou a explodir quando os dois grupos o pegaram num fogo cruzado; as balas atingiam cada vez mais perto o local onde se encontrava encolhido, uma depressão no terreno. Os homens do lado norte desapareceram atrás de um morro baixo, provavelmente na intenção de escalá-lo para obter uma posição privilegiada para atirar.

Bond tinha de abandonar seu posto imediatamente. Virou-se e começou a rastejar o mais rápido possível sobre a grama e o mato mais para o centro do terreno, sentindo o calafrio da vulnerabilidade absoluta. O morro encontrava-se atrás dele para a esquerda, e sabia que os dois atiradores em breve atingiriam o topo e o teriam sob suas miras.

Tentou imaginar que percurso fariam. Estariam a 5, 4 ou 2 metros do alto? Viu-os subir vagarosamente e, depois, apontar em sua direção.

Agora!, disse a si mesmo.

Porém, esperou mais cinco angustiantes segundos, por precaução. Pareceram-lhe horas. Depois, deitado de costas no chão,

ergueu a pistola acima dos pés.

Um dos guardas estava parado no topo da elevação fazendo pontaria; o parceiro encontrava-se agachado, ao lado.

Bond apertou o gatilho uma vez; depois, mirou e disparou de novo.

O homem que estava de pé levou a mão ao peito e despencou no chão, rolando até a base do morro. A Bushmaster veio deslizando atrás dele. O outro guarda rolava para o lado, escapando com vida.

Seis balas para quatro inimigos.

Quando Dunne e os outros começaram a despejar outra saraivada de balas em sua direção, Bond rolou por entre barris de petróleo até um trecho de mato alto, e estudou os arredores. A única chance de fuga era pela porta da frente, a 30 metros de distância. O caminho para pedestres estava livre. Entretanto, um grande trecho de terreno desprotegido separava-o dele. Dunne e os dois guardas ficariam numa posição boa para atirar, assim como o outro segurança, que ainda estava no topo da elevação. Ele poderia...

Uma rápida saraivada de tiros foi disparada. Bond manteve o rosto colado ao chão poeirento até que se fizesse uma pausa. Examinando o ambiente e a posição dos atiradores, levantou-se rápido e correu até uma árvore anêmica — junto à raiz, havia um pouco de proteção: barris de petróleo, carcaças de máquinas e caixas de engrenagens. Depois, disparou outra vez; mas, a meio caminho do local de destino, parou abruptamente e virou-se. Um dos guardas que estava com Dunne achou que ele iria continuar correndo e decidiu encará-lo, disparando à frente de Bond, para que as balas o encontrassem alguns metros mais adiante. Não lhe ocorreu que estivesse correndo apenas para forçar um adversário a

se mostrar; os dois disparos da 9 milímetros de Bond abateram o segurança. Enquanto os outros se esquivavam, ele continuava a correr em direção à árvore e, depois, até um pequeno monte de lixo. Estava a 15 metros do portão. Uma nova série de tiros, vinda da posição de Dunne, forçou-o a rolar até um trecho de vegetação baixa.

Quatro balas.

Três inimigos.

Poderia chegar ao portão em dez segundos, mas isso significaria cinco de exposição total.

Não tinha muita escolha, porém. Em breve, estaria cercado. Foi quando, então, procurando o inimigo, viu movimento através de uma fresta entre duas pilhas altas de entulho de construção. Próximas ao solo, quase invisíveis em meio a talos de grama, três cabeças encontravam-se muito perto. O guarda que sobrevivera em cima do morro baixo tinha se juntado a Dunne e ao homem que o acompanhava. Eles não notaram que estavam expostos e cochichavam com urgência, como se estivessem planejando uma estratégia.

Os três estavam em sua alça de mira.

Não era, de forma alguma, um tiro impossível, apesar de, com aquelas balas leves e a arma desconhecida, Bond encontrar-se em desvantagem.

Ainda assim, não poderia deixar a oportunidade passar. Tinha de agir naquele momento. A qualquer minuto, eles perceberiam que estavam vulneráveis e correriam em busca de cobertura.

Deitado de bruços, Bond mirou com a pistola quadrada. Em competições de tiro, nunca se sabe quando puxar o gatilho. A precisão advém do controle da respiração e da manutenção de braço

e corpo completamente imóveis, com o visor da arma focado direto no alvo. O dedo do gatilho contrai-se aos poucos até a arma disparar, aparentemente, por vontade própria; os atiradores mais talentosos ficam sempre um pouco surpresos quando ela detona.

Nessas circunstâncias, o segundo e o terceiro tiros teriam que vir mais rápido, isso era claro. Contudo, o primeiro tinha como alvo Dunne, e Bond queria ter certeza de que não falharia.

E não falhou.

Ouviu-se um estalo forte e depois mais dois, em sucessão.

No tiro, como no golfe, geralmente sabe-se o instante em que o projétil sai do controle do atirador, tenha ele mirado bem ou mal. E as balas rápidas e faiscantes acertaram exatamente o alvo, como Bond sabia que iriam.

A não ser pelo fato, percebeu ele depois, para própria consternação, de que não era a precisão que estava em jogo. Atingira o alvo, mas este não se revelou como sendo seus inimigos, mas um pedaço grande de cromo brilhante que um dos homens — o irlandês, logicamente — devia ter encontrado em alguma caçamba perto e erguido num ângulo que refletisse suas imagens, atraindo o fogo de Bond.

Que falta de sorte...

O homem que pensava em tudo...

Na mesma hora, os três separaram-se, como Dunne devia tê-los instruído, e colocaram-se em posição, agora que Bond havia providencialmente revelado sua localização exata.

Dois deles correram para sua direita a fim de defender o portão, e Dunne foi para a esquerda.

Uma bala. A última.

Eles ignoravam o fato de que James estava quase sem munição, mas ficariam sabendo muito em breve.

Tinham-no encurralado; sua única proteção era uma pilha baixa de papelão e livros. Moviam-se num círculo em volta dele; Dunne numa direção; os dois guardas em outra. Logo, estaria mais uma vez no meio de um fogo cruzado, sem cobertura eficaz.

Chegou à conclusão de que a única chance era dar-lhes uma razão para não matá-lo. Iria dizer-lhes que tinha informações que os ajudariam a escapar, ou ofereceria uma grande soma em dinheiro. Qualquer coisa para ganhar tempo.

— Eu me entrego! — gritou erguendo-se, jogando a arma para longe e levantando os braços.

Os dois guardas à direita puseram a cabeça para fora de seus abrigos. Ao verem que estava desarmado, aproximaram-se com cautela, agachados.

— Não se mexa! — gritou um deles. — Mantenha as mãos para o alto.

O cano das armas estava apontado diretamente para ele.

Depois, de algum local próximo, uma voz disse:

— O que vocês estão fazendo? Não precisamos de um prisioneiro. Matem-no. — A entonação era, naturalmente, irlandesa.

Os guardas entreolharam-se e, aparentemente, decidiram dividir a glória de matar o homem que havia arruinado o Geena e eliminado alguns de seus colegas de trabalho.

Os dois ergueram as armas negras à altura do ombro.

Porém, quando Bond estava para mergulhar no chão, numa tentativa desesperada de evitar as balas, ouviu uma colisão atrás de si. Uma van branca atravessara o portão, fazendo voar elos de metal da grade e arames afiados por todos os lados. Depois, o veículo deu uma freada brusca, cantando pneus, e as portas abriram-se. Um homem alto de terno, e que usava colete à prova de balas sob o paletó, saltou e começou a atirar nos dois guardas.

Era Kwalene Nkosi, nervoso e tenso, mas mantendo-se firme.

Os seguranças rebateram o fogo, mas somente para proteger a retirada para a esquerda, mais em direção ao interior das instalações da Green Way. Os dois desapareceram no mato. Bond vislumbrou Dunne, que estava calmamente avaliando a situação: depois, virou-se e correu na mesma direção dos seguranças.

Bond pegou a arma que estivera usando e correu até o veículo da polícia. Bheka Jordaan saltou e pôs-se ao lado de Nkosi, que

olhava a sua volta, procurando mais alvos. Gregory Lamb colocou a cabeça para fora e saiu da van com cautela. Carregava uma grande Colt 45 modelo 1911.

— Resolveu vir para a festa finalmente — disse Bond a ela.

— Achei que não faria mal vir até aqui com mais uns agentes. Enquanto esperávamos aqui perto na estrada, ouvi tiros. Pensei que fosse algum caso de caça ilegal, o que é crime. Foi motivo suficiente para entrar no terreno.

Ela não parecia estar brincando. James perguntou-se se aquilo não seria um discurso preparado para seus superiores. Em caso afirmativo, Bheka precisava, ele achava, trabalhar mais a fluência.

Ela disse:

— Trouxe uma pequena equipe comigo. O sargento Mbalula e outros agentes estão guardando o prédio principal.

Bond comentou:

— Hydt está lá dentro, ou estava. Os três sócios também. Suponho que a essa altura já estejam armados. E têm mais guardas.

Explicou onde o inimigo estava e lhe descreveu rapidamente como era a sede, incluindo a sala de Jessica. Acrescentou que a mulher havia-o ajudado; não seria uma ameaça.

A um sinal da capitã, Nkosi, curvado, correu para o prédio.

Jordaan suspirou.

— Tivemos problemas para conseguir reforços. Hydt é protegido de alguém em Pretória. Mas liguei para um amigo do Recesso, nossa brigada da força especial. Tem uma equipe a caminho. Eles não são muito preocupados com política, procuram qualquer pretexto que surja para lutar. Mas vai levar uns vinte ou trinta minutos para chegarem.

De repente, Gregory Lamb retesou-se. Agachando-se, dirigiu-se rumo a um amontoado de árvores.

— Vou cercá-los.

Cercá-los? Cercar *quem*?

— Espere! — gritou Bond. — Não tem ninguém ali. Vá com Kwalene! Pegue Hydt!

Entretanto, o grandalhão parecia não ter ouvido, pois deslocou-se pelo terreno como um velho búfalo do Cabo e desapareceu no mato. O que estaria fazendo?

Naquele momento, algumas balas atingiram o solo em volta deles. Bond e Jordaan jogaram-se no chão. Ele esqueceu Lamb e procurou um alvo.

A centenas de metros de distância, Dunne e os dois homens haviam se reagrupado e interrompido a retirada para atirar nos perseguidores. Balas atingiram as proximidades da van, mas não causaram danos ou ferimentos. Os três sumiram atrás das pilhas de lixo, nas cercanias do Corredor da Desaparição, enquanto a população de gaivotas diminuía à medida que elas fugiam da troca de fogo.

Bond pulou para o banco do motorista da van. Na parte de trás, ficou feliz ao ver meia dúzia de contêineres grandes de munição. Ligou o motor, e Jordaan correu para o assento do carona.

— Vou com você — disse ela.

— Melhor eu fazer isso sozinho — objetou James, lembrando-se, de repente, da citação, feita por Philly Maidenstone, do verso de Kipling que ele decidira que não era um mau grito de guerra.

Abaixo para Geena ou acima para o Trono, viaja mais rápido quem viaja só...

No entanto, Jordaan pulou para o banco junto ao seu e bateu a porta.

— Eu disse que iria lutar do seu lado se isso fosse legal. Agora é. Então, vamos! Se não, eles vão escapar.

Bond hesitou apenas por um instante; depois, engatou a primeira na van e os dois saíram pelos acessos sujos que cortavam o enorme complexo, passando pelo Corredor do Silício, da Ressurreição, e as casas de força.

Passaram também por detritos, é claro, milhões de toneladas deles: papéis, sacolas de supermercado, pedaços de metal fosco e brilhante, fragmentos de cerâmica e restos de comida sobre os quais o lúgubre dossel de gaiotas frenéticas estava reagrupando-se.

Era difícil dirigir desviando de equipamentos para transportar terra, caçambas e fardos de resíduos que ainda não tinham sido enterrados, mas, pelo menos, o caminho tortuoso não proporcionava a Dunne e aos dois guardas um alvo fácil. Os três homens voltavam-se e disparavam esporadicamente, porém estavam mais concentrados em fugir.

Pelo rádio, Jordaan chamava e relatava onde estavam e a quem perseguiam. A equipe da força especial só chegaria dali a trinta minutos no mínimo, Bond escutou o despachante dizer.

No momento em que Dunne e os dois homens alcançaram a cerca que separava a área suja da recuperada, um deles deu meia-volta e disparou um pente inteiro na direção deles. As balas acertaram a grade frontal e os pneus dianteiros. A van deu um tranco para o lado, fora de controle, e bateu de frente contra uma pilha de fardos de papel. O air bag foi ejetado enquanto Bond e Jordaan estavam atordoados.

Ao ver o inimigo em apuros, Dunne e os guardas começaram a atirar para valer.

Em meio ao som de balas atingindo a carroceria, Bond e Jordaan rolaram para fora do veículo até uma vala.

— Você se feriu? — perguntou ele.

— Não. Eu... Que barulho! — A voz dela tremia, mas os olhos diziam a Bond que estava combatendo o medo com sucesso.

Por baixo da lateral da van, Bond tinha uma boa visão de um dos adversários, e, deitado de bruços, mirou com a automática.

Uma bala.

Ele apertou o gatilho — mas, no instante em que o percutor bateu na cápsula, o homem desviou-se. Quando a bala chegou, já se tinha ido.

Bond pegou uma caixa de munição e rasgou a tampa. Continha apenas balas de calibre 223 para fuzis. A segunda tinha a mesma coisa. Na verdade, todas elas. Não havia munição para pistolas 9 milímetros. Ele suspirou e examinou a van.

— Você tem alguma coisa que dispare com isso? — perguntou ele, fazendo um gesto em direção à quantidade de balas inúteis.

— Nenhum fuzil de assalto. Só tenho isso aqui — respondeu ela, pegando a própria arma. — Toma.

A pistola era uma Colt Python calibre 357 magnum — poderosa, ostentava uma trava de cilindro justa e uma tração maravilhosa. Era uma boa arma. Contudo, era um revólver, e continha apenas seis balas.

Não, corrigiu ele ao verificar. Jordaan era uma proprietária de armas conservadora e mantinha a câmara sob o cão vazia.

— Tem carregador para revólver? Balas soltas?

— Não.

Portanto, tinham cinco balas contra três adversários com armas semiautomáticas.

— Você nunca ouviu falar numa Glock? — murmurou ele, enfiando a pistola vazia na parte de trás da cintura e pesando a Colt na palma da mão.

— Eu investigo crimes — retrucou ela com frieza. — Não tenho muita oportunidade de atirar em pessoas.

No entanto, quando essas raras ocasiões *surgiam*, pensou ele irritado, ter a ferramenta certa ajudava.

— Você volta. Fique protegida.

Ela estava olhando firme em seus olhos, o suor molhava-lhe as têmporas onde a exuberante cabeleira negra começava.

— Se você for atrás deles, vou com você.

— Sem arma, não há nada que possa fazer.

Jordaan olhou para onde Dunne e os outros tinham desaparecido.

— Eles têm várias armas e nós, só uma. Não é justo. Temos que tirar uma deles.

Bem, talvez a capitã Bheka Jordaan tivesse, afinal de contas, senso de humor.

Os dois riram e, em seus olhos implacáveis, Bond viu o reflexo das chamas laranja do metano que queimava. Era uma imagem impressionante.

Agachados, adentraram os Campos Elísios utilizando uma densa variedade de *fynbos*, *watsonias**, capim, jacarandás e prótea-rei como cobertura. Havia também kigelias e baobás novos. Mesmo no fim do outono, as folhas continuavam plenamente coloridas, graças ao clima do Cabo Ocidental. Um bando de galinhas-d'angola

observou-os com alguma irritação e continuou no seu passo desajeitado. A ginga fez Bond lembrar-se de Niall Dunne.

Ele e Jordaan já estavam uns 75 metros no interior do jardim quando o ataque começou. O trio vinha distanciando-se, mas parecia que faziam isso apenas para atrair Bond e a agente policial mais para dentro do parque... e da armadilha. Os homens haviam se separado. Um dos guardas deixou-se cair sobre uma elevação, coberta por uma grama verde macia, protegendo-se e refreando o fogo, enquanto o outro — e possivelmente Dunne, também, embora Bond não pudesse vê-lo — irrompia através dos arbustos na direção deles.

James tinha um bom ângulo dele e o aproveitou, mas o segurança correu em busca de proteção assim que ele disparou. Errou outra vez. Calma, disse a si mesmo.

Quatro balas. Quatro.

Jordaan e Bond arrastaram-se até uma depressão perto de uma pequena área repleta de plantas suculentas e de um lago, que provavelmente serviria de casa para imponentes carpas assim que a primavera chegasse. Levantaram a cabeça e olharam por entre a vegetação buscando alvos. Então, o que pareciam ser milhares de tiros, provavelmente 40 ou 50 mil, caíram como chuva e quase atingiram-nos, esfacelando pedras e levantando água.

Os dois seguranças de roupa cáqui, provavelmente desesperados e frustrados por não conseguirem fugir, tentaram um ataque ousado, atirando em Bond e Jordaan de várias direções. James disparou duas vezes no homem que se aproximava deles vindo da esquerda, e acertou-lhe o rifle e o braço esquerdo. O guarda gritou de dor e deixou cair a arma, que rolou até a base da elevação. Bond viu que, apesar de seu antebraço estar ferido, o homem sacou uma pistola

com a mão direita, com a qual ainda podia atirar. O segundo guarda correu até um local protegido e James atirou rápido, atingindo-o em algum lugar da coxa, mas o ferimento parecia superficial. Ele desapareceu entre os arbustos.

Uma bala. Uma.

Onde estava Dunne?

Escondido atrás deles?

Depois, fez-se silêncio novamente, embora seus ouvidos zumbissem e pudessem escutar as batidas de seus corações. Jordaan tremia. Bond olhou para o Bushmaster, o rifle que o guarda ferido tinha soltado. Estava a cerca de 10 metros de distância.

Analisou com cuidado o cenário a sua volta, a paisagem, as plantas, as árvores.

Observou, então, uma relva alta que balançava ao vento a 50 ou 60 metros de onde estavam; os dois guardas, invisíveis em meio à densa folhagem, estavam se aproximando, e mantinham uma certa distância entre si. Em um ou dois minutos, estariam em cima de Bond e Jordaan. Ele poderia abater um com a última bala, mas o outro levaria vantagem.

— James — sussurrou Jordaan, apertando-lhe o braço. — Vou despistá-los para aquele lado — e apontou para um local plano, coberto de grama curta. — Se você atirar, pode acertar um deles, e o outro vai tentar se proteger. Isso vai te dar uma chance de chegar até o rifle.

— É suicídio — cochichou ele de volta. — Você ficaria completamente exposta.

— Você *tem* que parar com esse flerte incessante, James.

Ele sorriu.

— Escuta. Se alguém for virar herói aqui, serei eu. Vou na direção deles. Quando eu mandar, corra até o Bushmaster — apontou ele para o rifle preto caído na terra. — Você sabe usá-lo?

Ela confirmou.

Os guardas aproximaram-se. Naquele momento, estavam a 30 metros.

Bond murmurou:

— Fique abaixada até eu falar. Se prepare.

Os guardas vinham abrindo caminho cautelosamente através da relva alta. Bond examinou a paisagem de novo, respirou fundo, e, depois, se ergueu com calma, caminhando na direção dos dois; a pistola apontada para baixo a seu lado. Levantou, então, a mão esquerda.

— James, não! — sussurrou Jordaan.

Bond não respondeu. Gritou para os homens:

— Quero falar com vocês. Se me ajudarem a conseguir os nomes das outras pessoas envolvidas, vão receber uma recompensa. Não haverá acusação contra vocês. Estão entendendo?

Os dois guardas, a cerca de dez passos um do outro, pararam. Estavam confusos. Viam que Bond não poderia atingir ambos antes que o outro disparasse sobre ele. Mesmo assim, Bond vinha caminhando devagar em sua direção, calmo, sem levantar a pistola.

— Vocês entenderam? A recompensa é de 50 mil *rands*.

Eles se olharam, balançando a cabeça com um pouco de entusiasmo demais. Bond sabia que não estavam levando a sério sua oferta, queriam atraí-lo mais para perto antes de atirar. Os dois o encararam.

E, enquanto faziam isso, a poderosa arma na mão de Bond disparou uma vez, ainda apontada para baixo, soltando a última bala

no chão. Quando os guardas agacharam-se, atônitos, James correu para a esquerda, colocando uma fileira de árvores entre ele e os seguranças.

Os dois entreolharam-se e, depois, correram para a frente, onde tinham uma visão melhor de Bond, que mergulhou atrás de um morro quando seus Bushmasters começaram a disparar.

Foi então que o mundo inteiro explodiu.

A faísca dos canos dos rifles inflamou o metano que escapava da falsa raiz de árvore que transportava o gás do aterro sanitário, abaixo deles, para as instalações de queima da Green Way. Bond o havia rompido com a última bala.

Os homens desapareceram em meio a um maremoto de chamas, uma nuvem turbulenta. Os guardas e o chão onde pisavam simplesmente sumiram, e o fogo alastrou-se enquanto pássaros em pânico fugiam pelo céu, e árvores e arbustos explodiam em chamas, como se estivessem mergulhadas em algum fluido incendiário.

A 6 metros de distância, Jordaan ergueu-se sem firmeza e partiu em direção ao Bushmaster. Porém, Bond correu para ela, gritando:

— Mudança de planos. Esqueça a arma!

— O que vamos fazer?

Eles foram atirados ao chão quando outra nuvem de chamas, em forma de cogumelo, eclodiu não muito longe. O estrondo foi tão poderoso que Bond teve que colar os lábios contra a farta cabeleira de Jordaan para fazer-se ouvir:

— Acho que seria uma boa ideia ir embora.

Nota

* *Fynbos e watsonia*: plantas nativas da África do Sul. (*N. do T.*)

— Você está cometendo um engano terrível!

O medo deixava a voz de Severan Hydt baixa, mas um estado de espírito muito diferente revelava-se na expressão do rosto longo e barbado: o horror diante da destruição de seu império, tanto no aspecto físico, pelos incêndios vistos à distância, quanto no legal, pela chegada das tropas da força especial e da polícia, nas dependências e no escritório da Green Way.

Não havia nada de arrogante nele naquele momento.

Hydt — algemado —, Jordaan, Nkosi e Bond estavam parados em meio a um aglomerado de escavadeiras e caminhões, na área ao ar livre entre o escritório e o Corredor da Ressurreição. Encontravam-se perto do local onde Bond teria sido morto... se não fosse pela chegada dramática de Bheka Jordaan com objetivo de prender os “caçadores ilegais”.

O sargento Mbalula entregou a Bond sua Walther, pentes extras e o telefone celular, que pegou no Subaru.

— Obrigado, sargento.

Agentes da força especial sul-africana vasculhavam as instalações, procurando mais suspeitos e recolhendo evidências. À

distância, equipes de bombeiros lutavam — e era um verdadeiro combate — para apagar os incêndios causados pelo metano, enquanto parte dos Campos Elísios tornavam-se uma sucursal do inferno.

Aparentemente, os políticos corruptos de Pretória, que Hydt tinha na manga, não eram tão influentes assim. Oficiais graduados entraram em ação com rapidez, mandando-os prender e requisitando apoio total para a operação de Jordaan na Cidade do Cabo. Agentes extras foram enviados para prender funcionários da Green Way em todas as cidades da África do Sul.

Havia também médicos correndo de um lado para outro atendendo os feridos, que eram todos membros da equipe de segurança de Hydt.

Os três sócios, Huang, Eberhard e Mathebula, encontravam-se sob custódia. Não estava claro ainda quais eram seus crimes, mas logo se descobriria. No mínimo, todos tinham contrabandeado armas para dentro do país, o que justificava sua prisão.

Quatro dos guardas sobreviventes encontravam-se detidos, e grande parte das centenas de trabalhadores da Green Way, que havia sido transferida para o estacionamento, estava na mesma situação, aguardando ser interrogada.

Dunne fugira. Agentes da força especial encontraram as marcas de uma motocicleta, que aparentemente havia estado escondida sob uma lona coberta com palha. Era óbvio que o irlandês manteria seu bote salva-vidas a mão.

Severan Hydt insistia:

— Sou inocente! Vocês estão me perseguindo porque sou britânico. E branco. É preconceito.

Jordaan não pôde ignorar aquilo.

— Preconceito? Prendi seis homens negros, quatro brancos e um asiático. Se isso não for um arco-íris, não sei o que é.

A realidade do desastre não parava de atormentá-lo. Seus olhos afastavam-se dos incêndios e começavam a contemplar o restante das instalações. Provavelmente, procurava por Dunne. Estaria perdido sem o engenheiro.

Ele olhou para Bond e depois disse a Jordaan, com a voz entremeada pelo desespero:

— Que tipo de acordo poderíamos fazer? Sou muito rico.

— Que sorte — disse ela. — Suas contas com advogados vão ser bem altas.

— Não estou tentando subornar você.

— Espero que não. Esse é um crime muito sério — retrucou ela, acrescentando, depois, com ar distraído. — Quero saber para onde foi Niall Dunne. Se você me contar, vou dizer à promotoria que me ajudou a encontrá-lo.

— Posso lhe dar o endereço do apartamento dele aqui...

— Já mandei alguns agentes até lá. Me fale de outros lugares aonde ele poderia ir.

— Sim... Tenho certeza de que vou me lembrar de algum lugar.

Bond notou que Gregory Lamb aproximava-se, vindo de um lugar deserto do terreno, carregando sua grande pistola como se nunca tivesse disparado uma arma. Deixou Jordaan e Hydt juntos, entre fileiras de plataformas móveis que continham barris de petróleo vazios, e foi juntar-se a Lamb próximo a uma velha caçamba.

— Ah, Bond — disse o agente da 6, respirando com dificuldade e suando, apesar do ar frio de outono.

O rosto trazia marcas de sujeira, e a manga do paletó estava rasgada.

— Recebeu uma? — perguntou Bond, indicando o corte, causado, assim parecia, por uma bala. O adversário chegara perto; queimaduras de pólvora cercavam o rasgo.

— Não causou nenhum ferimento, felizmente. A não ser no meu terno de gabardine favorito.

Teve sorte. Um centímetro mais para a esquerda e a bala teria estilhaçado o antebraço.

— O que aconteceu com os caras de que você estava atrás? — perguntou Bond. — Não os vi.

— Escaparam, lamento dizer. Se separaram. Eu sabia que eles estavam tentando me cercar por trás, mas saí no encalço de um deles. Foi assim que consegui esse lorde Nelson* — disse ele, tocando a manga. — Mas eles conheciam o terreno, e eu não. Acertei em alguma parte de um deles.

— Quer seguir o rastro de sangue?

Ele piscou os olhos.

— Já segui. Mas a trilha sumiu.

Bond perdeu o interesse pela incursão do aventureiro no meio do mato e afastou-se para fazer uma ligação para Londres. Estava apertando os números quando, a alguns metros de distância, ouviu uma série de estalos fortes, que reconheceu de imediato como balas poderosas em busca de um alvo, seguidos dos estrondos de um rifle disparando à distância.

Bond virou-se, já com a mão indo em direção à Walther, ao mesmo tempo que examinava o terreno. No entanto, não viu nenhum sinal do atirador — apenas da vítima: Bheka Jordaan, com o peito e o rosto transformados numa massa sangrenta, mexia os braços enquanto caía de costas e rolava até uma vala enlameada.

Nota

* Referência a Horatio Nelson, famoso oficial britânico da Marinha Real que, ferido em combate diversas vezes, acabou perdendo um braço e um olho. *(N. do T.)*

— Não! — gritou Bond.

Sua reação foi correr para ajudá-la. Contudo, a quantidade de sangue, osso e tecido que havia visto lhe indicava que ela não poderia ter sobrevivido aos tiros devastadores.

Não...

Bond pensou em Ugogo, no implacável brilho cor de laranja nos olhos de Jordaan quando perceberam os dois guardas nos Campos Elísios, no seu leve sorriso.

Eles têm várias armas e nós, só uma. Não é justo. Temos que tirar uma deles.

— Capitã! — gritou Nkosi de sua posição atrás de uma caçamba perto. Outros agentes policiais começaram a atirar aleatoriamente naquele momento.

— Suspendam o fogo! — berrou Bond. — Nada de atirar às cegas. Guardem o perímetro visível, procurem por canos de armas disparando.

A força especial era mais contida, buscava alvos de locais bem protegidos.

Então, ficou claro que o engenheiro *tinha* um plano de fuga para seu amado chefe. Era *isso* que Hydt estava procurando. Dunne manteria os agentes imobilizados enquanto Severan fugia, provavelmente para onde os outros guardas de segurança esperavam, no arvoredo próximo, com um carro, ou talvez até um helicóptero, escondido no terreno. Hydt ainda não havia começado a correr para a liberdade, todavia; estaria escondido entre as fileiras de plataformas móveis, onde Jordaan estivera interrogando-o. Talvez aguardasse por mais fogo para lhe dar cobertura.

Agachado, Bond começou a abrir caminho. A qualquer minuto, o homem correria para o mato, protegido por Dunne e por outros guardas leais.

E James Bond não iria deixar aquilo acontecer.

Ele ouviu Gregory Lamb sussurrar:

— É seguro?

Entretanto, não podia vê-lo. Percebeu que o homem tinha mergulhado numa caçamba cheia.

Bond precisava mexer-se. Mesmo que isso significasse expor-se à boa mira de Dunne, não deixaria que Hydt escapasse. Assim, Bheka Jordaan não teria morrido em vão.

Com a arma levantada, ele correu até um lugar sombreado entre as altas pilhas de barris de petróleo para pegar Hydt.

E ficou paralisado. Severan Hydt não ia escapar para lugar nenhum. O Comprador de Sucata, rei visionário da putrefação, senhor da entropia, estava caído de costas, com dois ferimentos à bala no peito e um terceiro, na testa. Faltava-lhe um pedaço significativo da parte de trás do crânio.

Bond enfiou a arma na cintura. A sua volta, a força tática começou a aparecer. Um deles disse que o atirador havia deixado

sua posição e desaparecido no mato.

Depois, Bond ouviu um som áspero atrás dele, uma voz de mulher:

— *Sihlama!*

Bond voltou-se e viu Bheka Jordaan rastejando para fora da vala, limpando o rosto e cuspiendo sangue. Ela não estava ferida.

Ou Dunne teria errado o tiro por completo, ou o chefe tinha sido seu verdadeiro alvo. O sangue em Jordaan era de Hydt — havia espirrado nela por ele estar a seu lado.

Bond puxou-a para trás dos barris de petróleo a fim de protegê-la e sentiu o cheiro enjoativo de cobre do sangue.

— Dunne ainda está por aí em algum lugar.

Nkosi gritou:

— Você está bem, capitã?

— Sim, sim — respondeu ela, sem dar muita importância. — E Hydt?

— Está morto — replicou Bond.

— *Masende!* — deixou escapar.

Aquilo provocou um sorriso no rosto de Nkosi.

Jordaan arrancou a camisa — por baixo dela, usava colete à prova de balas sobre uma camiseta de algodão preta — e limpou com ela rosto, pescoço e cabelos.

Uma chamada dos agentes no alto do morro revelou que a área estava limpa. Dunne, por razões óbvias, não teria o menor interesse em ficar; havia realizado o que desejava.

Bond contemplou o corpo mais uma vez. Chegou à conclusão de que o agrupamento estreito dos tiros significava que Hydt havia de fato sido o alvo. Fazia sentido; Dunne precisara matar o homem para garantir que ele não contaria à polícia nada sobre ele. Lembrou-se,

então, de vários olhares que Dunne tinha lançado em direção a Hydt ao longo dos últimos dias, olhares sombrios, sugeriam... o quê? Irritação, ressentimento? Quase ciúme, parecia. Talvez houvesse algo mais por trás do assassinato do Comprador de Sucata, algo pessoal.

Qualquer que fosse a razão, realizara o trabalho com sua competência típica.

Jordaan caminhava apressada para o prédio principal. Dez minutos depois, retornou. Tinha encontrado um chuveiro ou torneira em algum lugar; rosto e cabelos encontravam-se úmidos, mas já não tinham rastros de sangue. Estava furiosa consigo.

— Perdi meu prisioneiro. Devia tê-lo protegido melhor. Nunca pensei...

Um lamento medonho interrompeu-a. Alguém corria em direção a eles.

— Não, não, não...

Jessica Barnes aproximou-se do corpo de Hydt, jogou-se ao chão, e indiferente aos ferimentos pavorosos, abraçou o amante morto.

Bond deu um passo à frente e segurou os ombros estreitos e trêmulos, ajudando-a a erguer-se.

— Não, Jessica. Venha comigo.

Levou-a para trás de uma escavadeira, a fim de protegê-la. Jordaan juntou-se a eles.

— Ele está morto, morto... — falou Jessica, apertando a cabeça contra o ombro de Bond.

Bheka tirou as algemas do cinto.

— Ela tentou me ajudar — James lembrou-a. — Não sabia o que Hydt estava fazendo. Tenho certeza.

Jordaan guardou as algemas.

— Vamos levá-la até a delegacia para tomar seu depoimento. Acho que não precisamos ir mais longe do que isso.

Bond soltou-se de Jessica e tocou-lhe os ombros.

— Obrigado por me ajudar. Sei que foi difícil.

Ela respirou fundo. Depois, mais calma, perguntou:

— Quem fez isso? Quem atirou nele?

— Dunne.

Jessica não pareceu surpresa.

— Nunca gostei dele. Severan era passional, impulsivo. Nunca pensava nas coisas. Niall percebeu isso e seduziu-o com todos aqueles planos e sua inteligência. Nunca o achei confiável. Mas não tinha coragem de dizer — falou ela, fechando os olhos por um momento.

— Você fez um bom trabalho rezando — falou Bond.

— Bom até demais — murmurou Jessica.

Em seu rosto e pescoço, viam-se manchas nítidas do sangue de Hydt. Era a primeira vez, percebeu James, que via alguma cor nela.

Ele olhou-a nos olhos.

— Conheço algumas pessoas que podem ajudá-la quando voltar a Londres. Elas entrarão em contato com você. Vou providenciar isso.

— Obrigada — murmurou Jessica.

Uma policial levou-a.

Bond sobressaltou-se com a voz de um homem que vinha de perto:

— O terreno está livre?

Ele franziu a testa sem conseguir ver quem falava. Depois, entendeu tudo. Gregory Lamb ainda estava na caçamba.

— A área está livre.

O agente deixou o esconderijo.

— Cuidado com o sangue — alertou-o James quando ele quase pisou numa poça.

— Ah, meu Deus — balbuciou ele, dando a impressão de que iria passar mal.

Ignorando-o, Bond disse a Jordaan:

— Preciso saber a extensão do Geena. Você pode mandar seus agentes recolherem todas as pastas e computadores no Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento? E vou precisar da sua unidade de crimes cibernéticos para descobrir as senhas.

— Sim, claro. Vou mandar levar tudo para a central. Você examina isso lá.

Nkosi disse:

— Eu mesmo vou levar, comandante.

Bond agradeceu-lhe. Seu rosto redondo parecia menos irônico e brincalhão do que antes. James imaginou que aquele teria sido seu primeiro combate armado. O incidente o transformaria para sempre, mas, pelo que podia ver, a mudança não diminuiria e sim faria o jovem agente crescer. Nkosi fez sinal para alguns oficiais do serviço forense e levou-os para dentro do prédio.

Bond olhou para Jordaan.

— Posso lhe fazer uma pergunta?

Ela virou-se para ele.

— O que você disse? Quando saiu da vala, você falou alguma coisa.

Com sua tez particular, poderia ou não ter corado.

— Não conte nada a Ugogo.

— Não contarei.

- A primeira palavra foi... Acho que vocês dizem “porcaria”.
- Eu tenho algumas variações para essa palavra. E a outra?
Ela apertou os olhos.
- Essa eu acho que não posso dizer, James.
- Por que não?
- Porque se refere a uma certa parte da anatomia masculina... e não acho prudente encorajar você nesse sentido.

Fim de tarde, o sol começava a mergulhar no noroeste, e James Bond ia do hotel Table Mountain, onde havia tomado banho e trocado de roupa, para o quartel-general da polícia na Cidade do Cabo.

Ao entrar e tomar a direção da sala de Jordaan, notou que vários pares de olhos seguiam-no. As expressões não eram mais de curiosidade, sentiu ele, como fora o caso na primeira visita que tinha feito ali, dias antes, mas de admiração. Talvez a história de seu papel na sabotagem ao plano de Hydt já houvesse circulado — ou a narrativa de como se livrara de dois adversários e explodira um aterro sanitário com uma única bala, feito memorável. O incêndio, Bond ficara sabendo, já tinha sido contido na maior parte — para seu grande alívio. Não gostaria de ficar conhecido como o homem que queimara um bom pedaço da Cidade do Cabo até sua base de arenito.

Bheka recebeu-o na entrada. Havia tomado outro banho para livrar-se dos restos de Severan Hydt. Vestia calças escuras e uma blusa amarela brilhante e alegre, talvez um antídoto contra o horror dos acontecimentos na Green Way.

Ela fez um gesto chamando-o para sua sala. Os dois sentaram-se em cadeiras diante da mesa.

— Dunne conseguiu ir para Moçambique. A segurança do governo viu-o por lá, mas ele se perdeu em alguma área mal-famada de Maputo, que, na verdade, quer dizer a maior parte da cidade. Liguei para alguns colegas da Inteligência Financeira, da Unidade de Investigações Especiais e do Centro de Informação de Risco Bancário em Pretória. Eles verificaram as contas dele com mandado, é claro. Ontem à tarde, 200 mil libras foram transferidas para uma conta na Suíça. Meia hora atrás, ele transferiu de novo a quantia para dezenas de contas on-line anônimas. Ele pode acessá-las de qualquer lugar do mundo, de forma que não temos a menor ideia de para onde pretende ir.

A expressão de desagrado no rosto de Bond assemelhava-se muito à dela.

— Se aparecer em ou deixar Moçambique, o serviço de segurança local vai me informar, mas, até lá, ele está fora de alcance.

Foi então que Nkosi surgiu empurrando um carrinho cheio de caixas — os documentos e laptops do Departamento de Pesquisa e Desenvolvimento da Green Way.

O primeiro-sargento e Bond seguiram Jordaan até uma sala vazia, na qual Nkosi depositou as caixas no chão em volta da mesa. James começou a abrir, mas ela disse logo:

— Não abra. Não vou deixar você destruir provas.

Bheka entregou-lhe, então, luvas de látex azul.

Ele deu um sorriso irônico, mas pegou-as. Jordaan e Nkosi deixaram-no só. Antes de continuar, entretanto, fez uma ligação para Bill Tanner.

— James — disse o chefe de gabinete —, recebemos os sinais. Parece que as portas do inferno se abriram por aí.

Bond riu diante da escolha de palavras e contou, com detalhes, sobre o tiroteio na Green Way, o destino de Hydt e a fuga de Dunne. Falou também acerca do presidente de indústria farmacêutica que havia contratado Severan; Tanner pediria ao FBI, em Washington, que abrisse uma investigação e prendesse o homem.

James disse:

— Preciso de uma equipe de captura para pegar Dunne se conseguirmos descobrir onde ele está. Tem algum agente duplo nosso à mão?

Tanner suspirou.

— Vou ver o que posso fazer, James, mas não tenho muita gente para ceder, não com essa situação no leste do Sudão. Estamos ajudando o Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Commonwealth e os fuzileiros navais a fazer a segurança. Poderia conseguir para você alguma força especial, o Serviço Aéreo ou o Marítimo. Pode ser?

— Ótimo. Vou dar uma olhada em tudo o que recolhemos na sede da empresa de Hydt. Ligo de volta depois que tiver terminado e informado M de tudo.

Eles desligaram e Bond começou a abrir os documentos relativos ao Geena sobre a grande mesa da sala que Jordaan havia-lhe conseguido. Ele hesitou. Depois, sentindo-se ridículo, colocou as luvas azuis. Chegara à conclusão de que, no mínimo, elas forneceria uma história divertida para o amigo Ronnie Vallance, da Yard, o qual sempre dizia que Bond daria um péssimo detetive-inspetor, visto sua preferência por bater ou atirar em criminosos, em vez de juntar provas para vê-los presos.

Folheou os documentos por quase uma hora. Por fim, quando se sentiu suficientemente bem-informado para discutir a situação, telefonou para Londres outra vez.

M disse com uma voz rabugenta:

— Isso aqui está um pesadelo, 007. Aquele idiota da Divisão 3 apertou o botão. Conseguiu fechar Whitehall. Downing Street também. Se existe alguma coisa que pega mal com os tabloides, é uma conferência de segurança internacional ser cancelada por causa de um maldito alerta de segurança.

— Foi infundado?

Bond havia estado convencido de que York seria o local do ataque, mas isso não queria dizer que Londres não estivesse correndo perigo, como dissera a Tanner durante a ligação via satélite feita da sala de Jessica Barnes.

— Nada. A Green Way tinha seu lado legítimo, é claro. Os engenheiros da companhia estavam trabalhando com a polícia para provar que os túneis para remoção de lixo em torno de Whitehall eram seguros. Nenhuma radiação perigosa, nenhum explosivo, nada de Guy Fawkes. Houve um pico no tráfego de SIGINT afegão, mas porque nós e a CIA chegamos ao local segunda-feira passada. E todo mundo estava se perguntando o que estávamos fazendo lá.

— E Osborne-Smith?

— Insignificante.

Bond não sabia se a palavra referia-se ao homem propriamente ou se significava que seu destino não valia a pena ser discutido.

— E o que está acontecendo, 007? Quero detalhes.

Bond falou primeiro sobre a morte de Hydt e a prisão dos três parceiros principais. Descreveu também a fuga de Dunne e seu plano para executar a ordem de projeto Nível 2 de domingo, que

ainda era válida, para a rendição do irlandês quando o encontrassem.

Depois, detalhou o Geena — o roubo e a reconstituição de informações confidenciais feitos por Hydt —, a chantagem e a extorsão, acrescentando as cidades onde a maior parte dos esforços de Hydt havia ocorrido.

— Londres, Moscou, Paris, Tóquio, Nova York e Mumbai, e existem instalações menores em Belgrado, Washington, Taipei e Sydney.

Houve um momento de silêncio, e Bond pôs-se a imaginar M mastigando o charuto enquanto digeriria tudo aquilo.

— Foi muita esperteza juntar isso tudo a partir de lixo.

— Hydt disse que ninguém vê os lixeiros, e é verdade. São invisíveis. Estão em todos os lugares e é como se todo mundo olhasse através deles.

M soltou uma rara risadinha.

— Por acaso estava pensando mais ou menos a mesma coisa ontem. — Depois, ficou sério de novo. — Quais são suas recomendações, 007?

— Eu diria ao nosso pessoal diplomático e à 6 que fechassem todas as instalações da Green Way o mais rápido possível, antes que os culpados comecem a desaparecer; e que congelassem todos os seus bens e rastreassem qualquer entrada de dinheiro. Isso vai nos levar até o resto dos clientes do Geena.

— Hum — disse M com uma voz atipicamente leve. — Acho que *poderíamos*.

Em que estaria pensando o velho?

— Mas acho que não deveríamos ir com muita pressa. Vamos prender os cabeças de todas as filiais sim, mas o que você acha de

colocar alguns agentes duplos nos seus escritórios e manter o Geena em funcionamento por um pouquinho mais de tempo em alguns lugares, 007? Eu adoraria ver o que a GRS Aero Espaço, nos arredores de Moscou, joga fora. E gostaria de saber o que o consulado paquistanês em Mumbai anda picotando. Seria interessante descobrir. Teríamos de pedir alguns favores à imprensa para que não revelassem o que Hydt fazia realmente. Vou pedir ao pessoal da 6 responsável pela desinformação que deixe vaziar que ele estava envolvido com o crime organizado ou algo do gênero. Vamos deixar a coisa meio no ar até alguém entregar o jogo mais cedo ou mais tarde, mas, aí, já teremos feito algumas descobertas valiosas.

Raposa velha. Bond riu sozinho. Então, o GDU ia entrar no negócio da reciclagem.

— Brilhante, senhor.

— Passe todos os detalhes a Bill Tanner, e começaremos daí — disse M, fazendo uma pausa. — Osborne-maldito-Smith conseguiu fazer parar o tráfego em Londres. Levei horas para chegar em casa. Nunca entendi por que eles não conseguiram esticar a M4 até Earl's Court.

A linha caiu.

James Bond pegou o cartão de Felicity Willing e telefonou para seu escritório, a fim de lhe dar a notícia de que um de seus doadores era um criminoso... e tinha morrido numa operação que tinha o objetivo de prendê-lo.

Porém, ela já sabia. Alguns repórteres haviam ido até ela em busca de uma declaração, pelo fato de a Green Way estar fortemente envolvida com a Máfia e a Camorra (e Bond chegou à conclusão de que a grama não crescia sob os pés do pessoal da “desinformação” na 6).

Felicity estava uma fera porque alguns jornalistas insinuaram que ela teria conhecimento de que existia algo de desonesto nele, mas, mesmo assim, recebia satisfeita suas doações.

— Como eles me perguntam uma coisa dessas, Gene? Pelo amor de Deus, Hydt nos dava 50 ou 60 mil por ano, uma contribuição generosa, mas que não se compara ao que muita gente doa. Eu me afastaria de qualquer pessoa na mesma hora em que se descobrisse que ela estava envolvida com alguma coisa ilegal — disse ela suavizando a voz. — Mas você está bem, não?

— Eu nem estava lá quando o local foi invadido. A polícia me telefonou e fez algumas perguntas. Foi tudo. Mas que choque!

— Imagino.

Bond perguntou como iam as entregas. Ela lhe disse que haviam doado mais toneladas do que ela pedira. A distribuição já estava em andamento para dez países diferentes da África subsaariana. Havia comida suficiente para manter centenas de milhares de pessoas alimentadas durante meses.

Bond parabenizou-a e, depois, disse:

— Você não está muito ocupada para irmos a Franschhoek?

— Se você acha que se livrou de nosso fim de semana no campo, Gene, é melhor pensar de novo.

Eles combinaram de se encontrar pela manhã. Bond lembrou-se que precisava encontrar alguém para lavar e polir o Subaru, pelo qual havia passado a sentir algum afeto, apesar da cor chamativa e do aerofólio figurativo no capô.

Após terem desligado, ele permaneceu sentado, saboreando a animação na voz dela e, também, a lembrança dos momentos que tinham passado juntos. Também pensou no futuro.

Se você realmente vai a lugares suspeitos, poderia me prometer que não irá para os... piores?

Sorrindo, sacudiu o cartão; depois, largou-o e colocou mais uma vez as luvas, a fim de continuar vasculhando os documentos e computadores, fazendo anotações sobre os escritórios da Green Way e a operação Geena para M e Bill Tanner. Trabalhou por cerca de uma hora até chegar à conclusão de que era o momento de tomar um drinque.

Espreguiçou-se com prazer.

Depois, parou e abaixou vagarosamente os braços. Nesse momento, sentiu uma espécie de solavanco dentro de si. Já conhecia a sensação. Ela às vezes surgia no mundo da espionagem, aquele grande cenário de subtextos no qual tão poucas coisas são realmente o que parecem. Com frequência, a origem dessa pontada inquietante era a suspeita de que alguma hipótese básica estava errada, talvez de forma desastrosa.

Olhando para suas anotações, viu-se respirando rápido, com os lábios secos. Os batimentos cardíacos aumentaram.

Bond folheou outra vez centenas de documentos; depois, pegou o celular e fez, por e-mail, um pedido de prioridade a Philly Maidenstone. Enquanto aguardava a resposta, levantou e caminhou pela pequena sala, a cabeça inundada de pensamentos que planavam e mergulhavam como gaivotas frenéticas sobre o Corredor da Desaparição na Green Way.

Quando Philly respondeu, ele agarrou o celular e leu a mensagem, sentando-se devagar na desconfortável cadeira.

Uma sombra surgiu sobre Bond. Ele levantou a cabeça e viu Bheka Jordaan de pé a sua frente. Estava dizendo:

— James, trouxe um café para você. Na caneca certa — a qual era decorada com os rostos sorridentes dos jogadores da Bafana Bafana, em uniforme completo.

Quando ele não disse nada e nem pegou o café, ela pousou-o sobre a mesa.

— James?

Bond sabia que seu rosto traía o temor que o assolava. Após um momento, murmurou:

— Acho que entendi errado.

— Do que você está falando?

— De tudo. Do Geena, do Incidente Vinte.

— Fala para mim.

Bond sentou-se ereto.

— A informação original que recebemos dizia que alguém chamado Noah estava envolvido no evento de hoje, que resultaria em todas aquelas mortes.

— Sim — disse ela, sentando-se a seu lado —, Severan Hydt.

Bond sacudiu a cabeça e indicou com a mão as caixas de documentos da Green Way.

— Já vasculhei quase todas as folhas de papel, todos os celulares e computadores. Não existe uma única referência a Noah em lugar nenhum. E em todos os meus encontros com Hydt e Dunne, nunca houve uma referência ao nome. Se *fosse* seu apelido, por que não aparece em algum lugar? Me ocorreu uma ideia e entrei em contato com uma colega do MI6. Ela conhece muito bem computadores. Você entende de metadados?

Jordaan respondeu:

— São informações embutidas em arquivos de computador. Condenamos por corrupção um ministro graças a eles.

Ele apontou para o telefone.

— Minha colega viu a meia dúzia de referências na internet que encontramos, que mencionavam o fato do apelido de Hydt ser Noah. Os metadados de todas elas mostraram que foram escritas e postadas esta semana.

— Da mesma forma que *nós* postamos os dados sobre Gene Theron para criar seu disfarce.

— Exatamente. O verdadeiro Noah fez isso para nos manter focados em Hydt. O Incidente Vinte, as milhares de mortes, não tinham *nada* a ver com a bomba em York. Geena e o Incidente Vinte

são dois planos completamente diferentes. Outra coisa vai acontecer. E em breve, esta noite. É o que o e-mail original dizia. Essas pessoas, sejam lá quem forem, ainda estão em perigo.

Apesar do sucesso na Green Way, ele estava mais uma vez de volta às questões vitais: quem era o inimigo e qual era seu objetivo?

Enquanto não conseguisse responder a essas perguntas, não poderia formular uma resposta.

No entanto, precisava fazê-lo. E tinha pouco tempo.

confirmar incidente de sexta à noite, dia 20, estimativa inicial de perdas de vidas em torno de milhares...

— James?

Fragmentos de fatos, lembranças e teorias redemoinhavam em sua cabeça. Mais uma vez, como havia feito nas entranhas do Departamento de Pesquisa, na Green Way, começou a unir todos os fragmentos de informação que possuía, tentando juntar o projeto picotado do Incidente Vinte. Levantou-se e, mãos cruzadas nas costas, inclinou-se para a frente, olhando para os papéis e as anotações que cobriam a mesa.

Jordaan ficara em silêncio.

Finalmente, ele murmurou:

— Gregory Lamb.

Ela franziu a testa:

— O que tem ele?

Bond não respondeu de imediato. Sentou-se de novo.

— Vou precisar de sua ajuda.

— Claro.

— Qual o problema, Gene? Você disse que era urgente.

Estavam sozinhos no escritório de Felicity Willing, na instituição de caridade no centro da Cidade do Cabo, não muito longe do clube onde se haviam conhecido no leilão de quarta-feira à noite. Bond interrompera uma reunião que envolvia mais de uma dezena de homens e mulheres trabalhadores humanitários especializados em entrega de comida, e pedira para vê-la a sós. Ele fechou a porta.

— Espero que você possa me ajudar. Não tenho muita gente em quem possa confiar aqui na Cidade do Cabo.

— Claro.

Os dois sentaram-se no sofá barato. De jeans preto e blusa branca, Felicity chegou mais perto de Bond. Seus joelhos tocaram-se. Ela parecia mais cansada ainda do que no dia anterior. James lembrou-se de que tinha ido embora de seu quarto antes do amanhecer.

— Primeiro tenho que confessar uma coisa para você. E, bem, isso pode afetar nossos planos com relação a Franschhoek. Pode afetar muitos planos.

Franzindo o cenho, ela balançou a cabeça.

— E tenho de pedir a você que não conte isso para ninguém. É muito importante.

Seus olhos penetrantes perscrutaram-lhe o rosto.

— Ok. Mas fale, por favor. Você está me deixando nervosa.

— Não sou quem eu disse que era. De vez em quando, faço uns trabalhos para o governo britânico.

— Você é... espião? — perguntou ela num sussurro.

Ele riu.

— Não, nada tão importante assim. O nome é "analista de segurança e integridade". No geral, é bem chato.

— Mas você está do lado dos mocinhos?

— É, pode-se dizer isso.

Felicity colocou a cabeça no ombro dele:

— Quando você falou que era consultor de segurança, na África isso significa, em geral, ser mercenário. Você disse que não, mas não acreditei muito.

— Era um disfarce para investigar Hydt.

O rosto dela encheu-se de alívio.

— E eu pedindo para você mudar um pouco. Agora... você muda 180 graus. Simplesmente não é quem eu pensava.

Bond disse com ironia:

— Quantas vezes um homem faz isso?

Ela sorriu de modo breve.

— Isso quer dizer... que você não é Gene? E que não é de Durban?

— Não. Moro em Londres — e, descartando o ligeiro sotaque africâner, estendeu a mão. — Meu nome é James. Prazer em conhecê-la, Srta. Willing. Você vai me botar para fora?

Ela hesitou por um momento apenas; depois, passou os braços em volta dele, rindo e recostando-se no sofá.

— Mas você disse que precisava de minha ajuda.

— Não envolveria você se houvesse outro jeito, mas não tenho tempo. Milhares de vidas estão em jogo.

— Meu Deus! E o que eu posso fazer?

— Você sabe alguma coisa sobre Gregory Lamb?

— Lamb? — perguntou Felicity juntando as sobrancelhas. — Ele se apresenta como um grande gastador. Então, eu o abordei algumas vezes em busca de doações. Ele sempre dizia que ia nos dar alguma coisa, mas nunca deu. É um homem muito estranho. Bronco. — Ela riu. — Quis dizer bronco, e não bôer, um africâner.

— Tenho de dizer a você que ele é um pouquinho mais do que isso.

— Circulam rumores de que está trabalhando para alguém. Embora eu não consiga imaginar ninguém o levando a sério como espião.

— Acho que é uma farsa. Ele se faz de idiota para deixar as pessoas à vontade em torno dele, para que não suspeitem que é capaz de jogar pesado. Bem, você tem andado pelo porto nesses últimos dias, certo?

— Sim, um bocado.

— Você ouviu alguma coisa sobre um frete grande que ele está preparando para essa noite?

— Ouvi, mas não sei de nenhum detalhe.

Bond ficou em silêncio por um momento, e, depois, disse:

— Você já ouviu alguém se referir a Lamb como Noah?

Felicity pensou um pouco:

— Não tenho certeza, mas... espera, sim, acho que sim. Um apelido que alguém deu a ele certa vez. Por causa do negócio com navios. Mas o que você quis dizer com “milhares de vidas estão em jogo”?

— Não tenho certeza absoluta do que ele tem em mente. Minha hipótese é a de que ele vai usar um navio de carga para afundar um transatlântico britânico.

— Meu Deus, não! Mas por que ele faria isso?

— Com Lamb, só pode ser por causa de dinheiro. Deve ter sido contratado por islâmicos, senhores da guerra ou piratas. Vou saber mais em breve. Colocamos um grampo no telefone dele. Ele está para se encontrar com alguém daqui a uma hora, mais ou menos, num hotel deserto ao sul da cidade, o Sixth Apostle Inn. Vou até lá para descobrir o que ele está tramando.

Felicity disse:

— Mas... James, por que você tem que ir? Por que não chama a polícia e manda prendê-lo?

Bond hesitou.

— Não posso envolver a polícia nisso.

— Por causa de seu trabalho — perguntou ela, naturalmente — como “analista de segurança”?

Ele fez uma pausa antes de responder:

— É.

— Entendo — disse Felicity Willing balançando a cabeça.

Depois, inclinou-se para a frente rápido e beijou-lhe os lábios.

— Em resposta a sua pergunta, o que você fizer, James, o que você for fazer, nada disso vai afetar nem um pouco nossos planos com relação a Franschhoek. Ou quaisquer outros projetos nossos, no que me diz respeito.

Em maio, o sol se põe na Cidade do Cabo por volta das 17h30. À medida que Bond dirigia-se mais para o sul, pela Victoria Road, o cenário ia ficando surreal, banhado pela luz gloriosa do crepúsculo. Depois, veio o anoitecer, com nuvens tingidas de púrpura sobre o turbulento Atlântico.

Ele havia deixado para trás a montanha da Mesa e a Cabeça do Leão, e agora dirigia paralelamente à formação rochosa e escarpada da cadeia de montanhas dos Doze Apóstolos, que estava à sua esquerda e era coberta de grama, *fynbos* e trechos de prótea. Grupos de desafiadores pinheiros brotavam de lugares improváveis.

Meia hora depois de sair do escritório de Felicity Willing, vislumbrou a entrada para o Sixth Apostle Inn à esquerda. Duas placas marcavam o caminho: uma com o nome do lugar, cuja tinta já estava desbotada e descascando e, abaixo, uma mais brilhante e nova, que advertia sobre uma obra em andamento, e na qual se lia que a entrada era proibida.

Bond apagou os faróis do Subaru e prosseguiu vagarosamente pela longa e tortuosa estrada esmagando o cascalho sob os pneus.

Ela levava em direção à face imponente da cordilheira dos Doze Apóstolos, que se elevava a 30 metros ou mais atrás do prédio.

À sua frente, viu o hotel, que estava deteriorado e precisava desesperadamente da prometida restauração, embora ainda desse para imaginar que, um dia, devia ter sido o lugar para se passar as férias, ou viver um romance com a amante de Londres ou Hong Kong. A estrutura espaçosa, de um andar apenas, erguia-se em meio a extensos e decadentes jardins que precisavam ser podados.

Bond foi até os fundos e entrou no estacionamento coberto de mato. Ocultou o Subaru atrás de uns arbustos e da relva alta, saltou e olhou na direção do trailer sem luzes usado pelos operários da obra. Apontou a lanterna para lá. Não havia sinais de ocupação. Depois, sacando a Walther, caminhou para o hotel.

A porta da frente não estava trancada. Ele entrou no prédio, que cheirava a mofo, cimento fresco e tinta. Na extremidade da recepção, não havia balcão no local de atendimento. À direita, viu salas de estar e uma biblioteca; à esquerda, um grande salão de café da manhã e uma antessala com porta-janelas que dava para o norte e proporcionava uma vista dos jardins e dos Doze Apóstolos, que mal se podiam ver na luz do entardecer. No interior dessa sala, os operários tinham deixado suas furadeiras de bancada, serras de mesa e várias outras ferramentas, todas presas com correntes e cadeados. Atrás dessa área, havia um corredor que levava à cozinha. Bond observou interruptores de luzes em cima e embaixo, mas deixou o local escuro.

Patras de animais pequenos deslizavam sob as tábuas do assoalho e nas paredes.

Bond sentou-se num canto da sala de café da manhã sobre uma mala de ferramentas. Não podia fazer nada além de esperar o

inimigo aparecer.

Pensou no tenente-coronel Bill Tanner, que lhe tinha dito logo depois que entrara para o GDU:

— Ouça, 007, uma grande parte de seu trabalho vai envolver espera. Tomara que você seja um homem paciente...

E não o era. Contudo, se a missão exigia aguardar, assim o fazia.

Mais rápido do que ele esperava, um fragmento de luz iluminou a parede, e ele foi até uma das janelas da frente para ver o que era. Um carro vinha na direção do hotel e parou sobre a vegetação rasteira, próximo à entrada principal.

Alguém saiu do veículo. Bond apertou os olhos para ver melhor. Era Felicity Willing, segurando o ventre.

Ele pôs a arma no coldre e saiu pela porta, correndo em sua direção.

— Felicity!

Ela tentou dar um passo, mas caiu sobre o cascalho.

— James, me ajude! Eu estou... Me ajude! Estou ferida.

Ao se aproximar, viu uma mancha vermelha na frente de sua blusa. Os dedos também estavam ensanguentados. Ele ficou de joelhos e segurou-a.

— O que aconteceu?

— Fui até... Fui conferir um carregamento no porto. Tinha um homem lá — ofegou ela. — Ele puxou a arma e atirou em mim! Não disse nada. Só atirou e correu. Voltei para o carro e vim até aqui. Você tem que me ajudar.

— A polícia? Por que você não...

— Ele *era* policial, James.

— *O quê?*

— Vi a insígnia no cinto dele.

Bond ergueu-a, carregou-a até a sala de café da manhã, e colocou-a gentilmente sobre pedaços de lona empilhados contra a parede.

— Vou procurar uma bandagem — murmurou ele.

Depois, disse irritado:

— Isso é culpa minha. Eu devia ter entendido. *Você* é o alvo do Incidente Vinte. Lamb não está atrás de nenhum transatlântico, mas dos navios com comida. Ele deve ter sido contratado por uma dessas firmas de agronegócios da América e da Europa de que você estava me falando para te matar e destruir os alimentos. Deve ter pago alguém da polícia para ajudá-lo.

— Não me deixe morrer!

— Você vai ficar bem. Vou conseguir umas bandagens e ligar para Bheka. Podemos confiar nela.

Ele dirigiu-se para a cozinha.

— Não — disse Felicity com uma voz estranhamente calma e firme.

Bond parou e virou-se.

— Jogue fora o celular, James.

Os olhos verdes e penetrantes estavam focados nele como os de um predador. Ela tinha nas mãos a arma dele, a Walther PPS.

Bond levou a mão ao coldre, de onde Felicity havia subtraído a arma enquanto ele a carregava para dentro.

— O telefone — repetiu ela. — Não toque na tela. Segure-o de lado e jogue-o no canto da sala.

Ele seguiu suas instruções.

— Eu lamento — disse ela. — Lamento muito.

E James Bond acreditava que, em algum canto de seu coração, ela realmente lamentava.

— O que é isso? — perguntou James, apontando para sua blusa.

Era sangue de verdade, estava claro. Dela. Felicity ainda sentia a dor nas costas da mão, nas quais tinha furado uma veia com um alfinete. Havia sangrado o suficiente para manchar a blusa e dar uma aparência confiável de ferimento à bala.

Ela não respondeu. Entretanto, os olhos do agente perceberam a mão machucada, o que significava que havia deduzido a verdade.

— Não tinha policial nenhum no porto.

— Eu menti, não? Sente. No chão.

Depois que ele sentou, Felicity verificou a carga da Walther e deixou-a pronta para disparar.

— Sei que você é treinado para desarmar pessoas. Já matei antes e isso não tem qualquer efeito sobre mim. Não é essencial que você *fique vivo*, então vou adorar atirar em você se fizer algum movimento.

Porém, sua voz quase travou na palavra “adorar”. Qual é o seu problema?, perguntou-se ela, com raiva.

— Coloque-as — mandou Felicity, jogando um par de algemas na direção do colo dele.

Ele pegou-as. Bons reflexos, Felicity observou. Ela recuou cerca de 1 metro.

Sentiu um cheiro bom na parte do seu corpo que James tinha agarrado um momento antes. Devia ser só do sabonete ou do xampu do hotel. Ele não era o tipo de homem que usava loção pós-barba.

A raiva de novo. Dane-se ele!

— As algemas — repetiu ela.

Uma hesitação e, depois, Bond colocou-as nos pulsos.

— Então? Me conte tudo.

— Mais apertado.

Ele ajustou o mecanismo. Felicity ficou satisfeita.

— Para quem você trabalha exatamente? — perguntou ela.

— Para uma organização em Londres. Vamos parar por aí. E você trabalha com Lamb?

Ela deu uma risada.

— Com aquele idiota gordo e suado? Não. Seja qual for a razão dele para vir até aqui, não tem nada a ver com o meu projeto desta noite. Provavelmente, é algum empreendimento comercial ridículo que ele tem na cabeça. Talvez comprar esse lugar. Eu menti quando disse a você que ouvi alguém se referindo a ele como Noah.

— Então, o que você está fazendo aqui?

— Estou aqui porque tenho certeza de que você informou a seus chefes em Londres que Lamb é o seu suspeito principal.

Um brilho nos olhos dele confirmou isso.

— O que a capitã Jordaan e seus agentes razoavelmente competentes vão encontrar aqui, amanhã de manhã, será uma luta até a morte. Entre você, o traidor que ia bombardear um transatlântico, Gregory Lamb, e a pessoa que ele vem encontrar.

Você os descobriu e houve um tiroteio. Todos morreram. Haverá algumas lacunas, mas, no todo, a coisa vai passar. Ou, pelo menos, não vai sobrar para mim.

— Deixando você livre para fazer o que quer. Mas eu não entendo. Quem é Noah, afinal de contas?

— Não é quem, James, é o quê. N-O-A-H.

Confusão em seu belo rosto. Depois, o entendimento.

— Meu Deus... seu grupo é a International Organization Against Hunger. IOAH. No jantar para arrecadação de fundos, você disse que havia expandido a organização, tornando-a de alcance internacional. Isso significa que, antes, ela era a National Organization Against Hungry, NOAH.

Ela confirmou.

Franzindo o cenho, Bond refletiu:

— No texto que interceptamos no último fim de semana, “noah” estava digitado com letra minúscula assim como todo o resto da mensagem. Achei que fosse um nome.

— Fomos um pouco descuidados aí. Já faz algum tempo que não se chama NOAH, mas como era o nome original, nós ainda o chamamos assim.

— Nós? Quem mandou a mensagem?

— Niall Dunne. Ele é *meu* sócio, e não de Hydt. Só estava emprestado a ele.

— Seu?

— Já trabalhamos juntos há alguns anos.

— E como você conheceu Hydt?

— Niall e eu trabalhamos com vários senhores da guerra e ditadores da África subsaariana. Nove ou dez meses atrás, Niall ficou sabendo sobre o plano de Hydt, esse Geena, por meio de um deles.

Era totalmente absurdo, mas havia uma boa chance de um retorno decente de investimento. Dei a Dunne 10 milhões de capital para o projeto. Ele disse a Hydt que era de um investidor anônimo. A condição era que Dunne trabalhasse com Hydt para fiscalizar como o dinheiro seria gasto.

— Sim — disse Bond —, ele mencionou outros investidores. Então, Hydt não sabia nada sobre você?

— Nada. E acabou que Severan adorou usar Dunne como planejador tático. O Geena não teria ido tão longe sem ele.

— O homem que pensa em tudo.

— Sim, ele ficava muito orgulhoso quando Hydt o descrevia assim.

James disse:

— Mas havia outra razão para Dunne ficar perto de Hydt, não? Ele era seu bode expiatório, uma forma de desviar a atenção.

— Se alguém desconfiasse de alguma coisa, como você, a ideia era sacrificar Hydt. Fazer que a culpa caísse sobre ele, de modo que ninguém investigasse mais além. Foi por isso que Dunne convenceu Hydt a fazer o bombardeio em York hoje.

— E você sacrificaria 10 milhões de dólares?

— O bom seguro custa caro.

— Sempre me perguntei por que Hydt continuava com esse plano depois de eu ter aparecido na Sérvia e em March. Eu tive o cuidado de apagar meu rastro, mas ele me aceitou com muito mais facilidade aqui, como Gene Theron, do que eu esperava. Foi porque Dunne disse a ele que eu era confiável.

Ela balançou a cabeça.

— Severan sempre ouvia muito Niall Dunne.

— Então, foi Dunne quem plantou na internet a história de o apelido de Hydt ser Noah. E que ele costumava construir os próprios barcos em Bristol.

— Isso mesmo — disse Felicity, sentindo a raiva e o desapontamento aflorarem de novo. — Mas dane-se! Por que você não se deu por satisfeito quando devia, depois da morte de Hydt?

Ele olhou com frieza para ela.

— E o que mais, então? Você ia esperar eu dormir do seu lado... e cortar minha garganta?

Ela retorquiu com rispidez.

— Eu esperava que você fosse quem dizia ser, um mercenário de Durban. Foi por isso que fiquei insistindo à noite passada, perguntando se você podia mudar, te dando uma chance de confessar que era na verdade um assassino. Achei que as coisas poderiam...

Felicity cortou a frase e ficou em silêncio.

— Se ajeitar entre nós dois? — perguntou Bond, apertando os lábios. — Se te interessa, eu pensei nisso também.

Que ironia, refletiu Felicity. Estava extremamente decepcionada com o fato de James ter-se revelado um bom rapaz. Ele devia, por sua vez, estar sentindo o mesmo grau de desapontamento ao descobrir que ela não era quem ele pensava que fosse.

— E o que você vai fazer esta noite então? O que é esse projeto que chamamos de Incidente Vinte? — perguntou Bond, mudando de posição no chão, as algemas tilintando.

Mantendo a arma apontada para ele, Felicity disse:

— Você está a par dos conflitos mundiais?

— Eu escuto a BBC — respondeu ele com secura.

— Quando eu trabalhava em um banco, no centro histórico de Londres, meus clientes às vezes investiam em companhias localizadas em pontos problemáticos do mundo. Fiquei conhecendo essas regiões. O que notei de comum foi que, em cada uma dessas zonas de conflito, a fome era um fator crítico. Os que têm fome se desesperam. Você pode forçá-los a fazer qualquer coisa se prometer comida: a trocar de lado, lutar, matar civis, derrubar ditaduras ou democracias. Qualquer coisa. Me ocorreu, então, que a fome poderia ser usada como arma. Foi isso que me tornei então, uma traficante de armas, vamos por assim dizer.

— Você é uma especuladora da fome.

Bem colocado, pensou Felicity.

Sorrindo com frieza, ela continuou:

— A IOAH controla 32 por cento da ajuda alimentar que entra no país. Em breve, estaremos fazendo o mesmo em vários países, na América Latina, na Índia e no sudeste da Ásia. Se, digamos, algum senhor da guerra da República Centro-Africana quiser assumir o poder e me pagar o que peço, seus soldados e as pessoas que o apoiam receberão toda a comida de que precisam, e os seguidores do adversário não receberão nada.

Bond piscou os olhos, surpreso.

— Sudão. É *isso* que vai acontecer esta noite, guerra no Sudão.

— Exatamente. Estou trabalhando com a autoridade central em Cartum. O presidente não quer que a Aliança do Leste se separe e forme um estado secular. O regime do leste planeja solidificar os laços com o Reino Unido e passar a vender seu petróleo para lá, em vez de para a China. Mas Cartum não tem força suficiente para subjugar o leste sem assistência. Então está me pagando para fornecer alimentos para Eritreia, Uganda e Etiópia. As tropas desses

países vão atacar simultaneamente com as do governo central. A Aliança do Leste não vai ter a menor chance.

— Então, as milhares de mortes na mensagem que interceptamos significam a contagem dos corpos do ataque inicial, esta noite.

— Exatamente. Tive que garantir que haveria uma certa perda de vidas nas tropas da Aliança do Leste. Se o número for superior a 2 mil, eu ganho um bônus.

— O impacto adverso sobre a Grã-Bretanha é que o petróleo vai para Pequim, e não para nós?

Ela confirmou.

— Os chineses ajudaram Cartum a me pagar.

— Quando o ataque começa?

— Daqui a uma hora e meia mais ou menos. Assim que os aviões com alimentos estiverem no ar e os navios, em águas internacionais, a invasão no leste do Sudão começa.

Felicity olhou para seu discreto relógio Baume & Mercier. Imaginava que Gregory Lamb estivesse chegando.

— Agora preciso negociar uma outra coisa: sua cooperação.

Bond riu com frieza.

— Se você não concordar, a sua amiga Bheka Jordaan vai morrer. Simples assim. Tenho muitos amigos em toda a África, com bastante habilidade para matar e loucos para usarem esse talento.

Ela gostou de ver como isso o perturbou. Felicity Willing sempre apreciou descobrir as fraquezas das pessoas.

— O que você quer? — perguntou Bond.

— Que você mande uma mensagem a seus superiores confirmando que Gregory Lamb está por trás de uma tentativa de

bombardear um transatlântico. Que você conseguiu deter o plano e vai se encontrar com ele em breve.

— Você sabe que não posso fazer isso.

— Estamos negociando a vida de sua amiga. Vamos lá, James, seja um herói convincente. Você vai morrer de qualquer jeito.

Ele voltou os olhos para ela e repetiu:

— Eu realmente achei que as coisas podiam dar certo entre nós.

Um arrepio percorreu as costas de Felicity Willing.

Depois, no entanto, os olhos de Bond tornaram-se duros, e ele disse com rispidez:

— Ok, já chega. Temos que agir rápido.

Felicity franziu a testa. Do que ele estava falando?

James acrescentou:

— Tente não usar força letal contra ela... se for possível.

— Ah, Deus, não — murmurou ela.

Surgiu, então, uma enxurrada de luzes — vinda de refletores no teto — e, quando Felicity começou a se virar na direção do som de pés correndo, a Walther foi arrancada de sua mão. Duas pessoas jogaram-na de bruços no chão, e uma delas pôs o joelho em suas costas, puxou-lhe com destreza as mãos para trás e algemou-as.

Felicity escutou uma voz áspera de mulher:

— De acordo com a Seção 35 da Constituição da África do Sul, de 1996, você tem o direito de permanecer em silêncio, e de ser informada que qualquer declaração feita aos agentes que a estão prendendo pode ser usada como prova contra você no tribunal.

— Não! — arquejou Felicity Willing; seu rosto era a máscara da descrença.

Depois, repetiu a palavra com raiva, quase num grito.

James Bond olhou para a mulher pequena, sentada no chão, quase que no mesmo lugar onde ele havia estado um momento antes. Ela berrou:

— Você sabia! Filho da puta, você sabia! Nem por um momento suspeitou de Lamb.

— Menti, não? — disse ele, com frieza, devolvendo-lhe as palavras.

Bheka Jordaan também contemplava a cena sem emoção, avaliando a prisioneira.

Bond esfregou os pulsos, dos quais as algemas já tinham sido retiradas. Gregory Lamb encontrava-se próximo, falando ao celular. Ele e Jordaan tinham chegado antes de James para instalar os microfones e monitorar a conversa, caso Felicity mordesse a isca. Ficaram escondidos no trailer dos operários; o aceno com o facho de sua lanterna, mais cedo, fora só para verificar que estavam invisíveis

e alertá-los de que estava entrando no prédio do hotel. Preferiu não usar transmissões de rádio.

O telefone de Jordaan tocou e ela atendeu. Enquanto escutava, fazia anotações num bloco; depois, disse:

— Meu pessoal deu uma batida no escritório da Srta. Willing. Conseguimos descobrir o local de desembarque de todos os aviões e a rota dos navios que transportam os alimentos.

Gregory Lamb olhou as anotações no bloco e passou as informações pelo telefone. Se o homem não inspirava confiança como agente de inteligência, aparentemente tinha, de fato, seus contatos, e os estava usando naquele momento.

— Vocês não podem fazer isso! — choramingava Felicity. — Vocês não entendem!

Bond e Jordaan ignoravam-na e tinham os olhos fixos em Lamb. Por fim, ele desligou.

— Tem um porta-aviões americano na costa. Já lançaram caças para interceptar os aviões com comida. E helicópteros de ataque, da RAF e sul-africanos, estão a caminho para fazerem os navios voltarem.

James agradeceu ao homem grande e suado por seus esforços. Nunca havia suspeitado de Lamb — cujo comportamento estranho originava-se do fato de que era, essencialmente, um covarde. Ele admitiu que desaparecera durante a ação nas instalações da Green Way para ir se esconder entre os arbustos, embora houvesse preferido não confessar que dera um tiro na própria manga. Contudo, Bond o tinha considerado uma isca perfeita para pôr diante de sua suspeita, Felicity Willing.

Bheka Jordaan atendeu outra ligação.

— O pessoal de apoio vai se atrasar um pouco. Parece que houve um acidente sério na Victoria Road. Mas Kwalene disse que eles devem chegar aqui em vinte ou trinta minutos.

Bond olhou para Felicity. Mesmo então, sentada no chão imundo daquela construção decrepita, ela irradiava provocação, como uma leoa enjaulada, raivosa.

— Como... como você soube? — perguntou ela.

Era possível ouvir o som tranquilizante, embora poderoso, do Atlântico batendo nas pedras, dos pássaros gritando, e da buzina distante de um carro. Aquele lugar não era longe do centro da Cidade do Cabo, mas parecia estar num outro universo.

— Uma série de coisas me fez pensar — respondeu Bond. — A primeira foi o próprio Dunne. Por que a misteriosa transferência de fundos para a conta dele ontem, *antes* do Geena? Isso sugeria que ele tinha outro sócio. E outra interceptação que fizemos sugeriu a mesma coisa, mencionando que, se Hydt saísse de cena, haveria outros parceiros que poderiam dar prosseguimento ao projeto. Para quem isso tinha sido enviado? Uma explicação seria a de que era para alguém muito distante do Geena.

E então lembrei que Dunne tinha viajado pela Índia, pela Indonésia e pelo Caribe. No jantar beneficente, você disse que a sua instituição tinha aberto escritórios em Mumbai, Jacarta e Porto Príncipe. Era coincidência demais. Você e Dunne possuíam conexões em Londres e na Cidade do Cabo, e os dois já tinham presença na África do Sul *antes* de Hydt abrir uma sede da Green Way aqui. E fiz a ligação com o nome NOAH sozinho.”

Quando estava na central de polícia, pegara-se contemplando o cartão. IOAH. De repente, percebeu que só havia uma letra diferente.

— Verifiquei os registros das companhias de Pretória e descobri o nome original do grupo. Então, quando você me disse que tinha ouvido alguém se referir a Lamb como Noah, sabia que estava mentindo. Isso confirmou sua culpa. Mas ainda precisávamos fazer com que nos dissesse o que sabia e o que era o Incidente Vinte — disse ele, olhando-a friamente. — Eu não tinha tempo para fazer um interrogatório agressivo.

Propósito... reação.

Sem saber o objetivo de Felicity, aquele embuste fora a melhor reação que havia conseguido imaginar.

Felicity aproximou-se furtivamente da parede. O movimento foi acompanhado por uma olhada pela janela.

De repente, vários pensamentos juntaram-se na cabeça de Bond: a mudança nos olhos dela, o “acidente” bloqueando a Victoria Road, a genialidade de planejamento de Dunne e a buzina de carro, que havia soado cerca de três minutos antes. Fora um sinal, por certo, e Felicity estava fazendo uma contagem regressiva desde que o som fora ouvido a distância.

— Invasão! — gritou Bond, lançando-se sobre Bheka Jordaan.

Os dois e Lamb jogaram-se no chão enquanto balas destroçavam as janelas, enchendo a sala com fragmentos de confete brilhante.

Bond, Lamb e Jordaan protegeram-se o melhor que puderam, o que não era fácil, porque toda a parede norte da sala ficava exposta. As serras de mesa e o restante dos equipamentos da obra proporcionavam alguma cobertura, mas eram vulneráveis, já que as luzes de trabalho acesas e os refletores no teto davam ao atirador uma visão perfeita dos cômodos.

Felicity abaixou-se mais ainda.

— Quantos homens Dunne tem com ele? — perguntou Bond asperamente a ela, que não respondeu.

Ele mirou perto de sua perna e disparou um tiro ensurdecedor, que lançou estilhaços de madeira no rosto e no peito de Felicity. Ela gritou.

— Por enquanto, só ele — sussurrou rápido. — Mas tem mais gente a caminho. Escute, me deixe ir e...

— Cale a boca!

Então, refletiu Bond, Dunne havia usado parte de seu dinheiro para subornar forças em Moçambique a fim de que mentissem, dizendo que o tinham visto no país, enquanto, na verdade,

permanecera ali para dar apoio a Felicity. E com o propósito de contratar mercenários para tirá-los de lá, se necessário.

Bond olhou em volta da sala de café da manhã e do saguão ao lado. Não havia como se proteger. Mirando com cuidado, atirou nas lâmpadas da área de trabalho, mas os refletores do teto ainda brilhavam e eram numerosos demais para serem destruídos. Eles davam a Dunne uma visão perfeita do interior. Bond ergueu-se e foi recompensado com dois tiros que quase o pegaram de raspão. Não via qualquer alvo. Havia um pouco de luar, mas a claridade que vinha de dentro tornava o lado de fora imperscrutável. Sabia que Dunne estava atirando de uma posição ao alto, provavelmente do alto dos Doze Apóstolos, mas podia estar em qualquer lugar lá em cima.

Alguns momentos se passaram; depois, mais balas atingiram a sala, acertando alguns sacos de cimento. A poeira levantou; Bond e Jordaan tossiram. Ele notou que o ângulo desses tiros tinha sido diferente; Dunne estava procurando uma posição de onde pudesse começar a eliminá-los.

— As luzes — gritou Lamb. — Temos de apagá-las.

O interruptor, no entanto, ficava no corredor que levava à cozinha, e, para se chegar até lá, um deles teria que passar por uma série de portas e janelas de vidro, o que proporcionaria a Dunne um alvo perfeito.

Bond tentou, mas estava na posição mais vulnerável. No momento em que se ergueu, balas cravaram-se imediatamente num pilar e nas ferramentas a seu lado. Ele caiu de volta ao chão.

— Eu vou — disse Bheka Jordaan.

Ela estava calculando a distância até o interruptor, Bond percebeu.

— Sou a que está mais perto. Acho que consigo. Eu já disse a você, James, que era excelente jogadora de rúgbi na faculdade? Me movimentava com muita rapidez.

— Não — disse Bond com firmeza. — É suicídio. Vamos esperar por seus agentes.

— Eles não vão chegar a tempo. Ele vai estar em posição de nos matar a todos daqui a minutos. James, o rúgbi é um jogo maravilhoso. Já jogou? — perguntou ela, rindo. — Não, claro que não. Não consigo ver você num time.

Seu sorriso encontrou o dela.

— Você está mais bem colocada para dar cobertura de fogo — falou Bond. — Essa sua Colt gigante vai assustá-lo. Vou contar até três. Um... dois...

De repente, uma voz gritou:

— Ah, pelo amor de Deus!

Bond olhou para Lamb, que continuou:

— Essas cenas de contagem regressiva de filme são de um clichê pavoroso. Bobagem. Na vida real ninguém conta. A pessoa levanta e vai.

E foi exatamente o que ele fez, erguendo-se e caminhando até o interruptor. Bond e Jordaan miraram em direção à escuridão e dispararam tiros de cobertura. Não faziam ideia de onde estava Dunne, e era provável que suas balas nem sequer se aproximassem dele; e, de fato, elas não impediram o irlandês de disparar uma saraivada, em cheio, quando Lamb estava a 3 metros do interruptor. Os projéteis destruíram a janela a seu lado e acertaram o alvo. Um borrifo do sangue do agente coloriu o chão e a parede. Ele inclinou-se para a frente, caiu e ficou imóvel.

— Não — gritou Jordaan. — Ah, não!

A baixa deve ter dado a Dunne um pouco de confiança, porque os tiros seguintes acertaram mais perto dos alvos. Por fim, Bond teve que abandonar sua posição. Rastejou de volta até onde Jordaan estava agachada, atrás de uma serra de mesa com a lâmina marcada pelos tiros de calibre 223 de Dunne.

James e a policial apertaram-se um contra o outro. As janelas escuras os contemplavam. Não havia mais para onde ir. Uma bala passou pela cabeça de Bond quebrando a barreira do som a centímetros de seu ouvido.

Sentiu, mas não pôde ver, que Dunne estava partindo para a matança.

Felicity disse:

— Posso parar com isso. É só me libertar. Vou ligar para ele. Me deem um telefone.

Um clarão, e Bond empurrou a cabeça de Jordaan para baixo enquanto a parede ao lado deles explodia. A bala chegou a tocar as mechas sobre sua orelha. Ela arfou e apertou-se contra ele, tremendo. O cheiro de cabelo queimado ainda pairava no ar.

Felicity disse:

— Ninguém vai saber que vocês me deixaram ir. Me deem um telefone. Vou ligar para Dunne.

— Ah, vá para o inferno, sua vaca! — disse uma voz do outro lado da sala.

Conseguindo pôr-se de pé, segurando o peito ensanguentado, Lamb caminhou até a parede. Puxou o interruptor para baixo e caiu no chão mais uma vez. O hotel ficou às escuras.

No mesmo instante, Bond ergueu-se e chutou uma das portas laterais, mergulhando na escuridão lá fora para perseguir sua presa.

Pensava: só quatro balas e mais um pente.

Bond corria por entre os arbustos que levavam à base da estepe escarpada, a montanha dos Doze Apóstolos. Corria em zigue-zague enquanto Dunne disparava sobre ele. A lua não estava cheia, mas havia luz suficiente para atirar, apesar de nenhuma das balas atingir mais próximo do que a 1 ou 1,5 metro de distância.

Por fim, o irlandês parou de disparar sobre Bond — devia ter achado que o atingira e que ele havia fugido para buscar ajuda. O objetivo de Dunne não era necessariamente matar suas vítimas, mas apenas mantê-las sob controle enquanto seus parceiros não chegavam. Quando isso aconteceria?

Bond agachou-se contra uma pedra grande. A noite estava agora muito fria, e o vento começara a soprar. Dunne devia encontrar-se a cerca de 30 metros acima dele. Sua posição de tiro era um afloramento rochoso que lhe dava uma visão perfeita do hotel, dos acessos a ele... e do próprio Bond ao luar, se Dunne apenas se inclinasse um pouco mais e olhasse para baixo.

Depois, uma lanterna forte começou a fazer sinais das pedras acima. James virou-se para onde ela apontava. No mar, um barco aproximava-se da praia. Eram os mercenários, claro.

Perguntou-se quantos estariam a bordo e que tipo de armas carregariam. Em dez minutos, a embarcação chegaria em terra, e ele e Bheka Jordaan seriam sobrepujados em número — Dunne devia ter garantido que a Victoria Road permanecesse bloqueada por mais tempo do que isso. Ainda assim, pegou o telefone e mandou uma mensagem de texto para Kwalene Nkosi contando sobre a iminente chegada na praia.

Bond ergueu os olhos para a face da montanha.

Só dois caminhos o levariam até Dunne. À direita, havia uma série de passagens íngremes e lisas — trilhas estreitas para

caminhantes — que conduziam dos fundos do Sixth Apostle Inn até depois do afloramento onde se encontrava Dunne. Se Bond seguisse, todavia, esse caminho, ficaria exposto ao fogo do irlandês ao longo de grande parte do percurso; não havia cobertura.

A outra opção era atacar diretamente o alvo: escalar uma face escarpada e íngreme de 30 metros da rocha em linha vertical.

Ele estudou essa possível rota.

Quase quatro anos depois do dia seguinte à morte dos pais, James Bond, com 15 anos então, decidiu que já era hora de deixar pra trás os pesadelos e temores que sentia quando se deparava com montanhas ou paredes rochosas — até mesmo a impressionante mas inofensiva fundação do castelo de Edimburgo, como vista do estacionamento Castle Terrace. Convenceu, portanto, um professor de Fettes a fundar um clube de alpinismo, que fazia excursões regulares às Highlands para que os membros aprendessem o esporte.

Levou duas semanas, mas o dragão do medo morreu, e Bond acrescentou as escaladas a seu repertório de atividades ao ar livre.

Pôs, então, a Walther no coldre e olhou para cima, reiterando para si as regras básicas: use apenas a força certa para que se consiga um apoio suficiente, nada mais; use as pernas para sustentar o corpo, os braços, para se equilibrar e alternar o peso; mantenha o corpo próximo à face da pedra; use o impulso para chegar ao máximo no ponto morto.

E assim, sem cordas, luvas, ou giz, e calçando sapatos de couro — muito elegantes, mas totalmente inapropriados para uma face úmida de montanha —, Bond deu início à escalada.

Niall Dunne estava descendo a montanha dos Doze Apóstolos pelas trilhas de caminhada que levavam até o hotel. Com a pistola Beretta na mão, tinha o cuidado de permanecer fora da visão do homem que se havia disfarçado tão bem de Gene Theron — o mesmo que, mais ou menos uma hora antes, Felicity contara-lhe ser um agente britânico cujo primeiro nome era James.

Embora não o pudesse ver mais, Dunne tinha divisado o homem, minutos antes, escalando o rochedo íngreme. James mordera a isca e estava atacando o refúgio de Dunne — enquanto ele havia escapado pela porta dos fundos, por assim dizer, e estava, com toda cautela, descendo pelas trilhas. Em cinco minutos, estaria no hotel, enquanto o agente britânico se encontraria ocupado na face do rochedo.

Tudo de acordo com o plano... bem, o plano *revisto*.

Agora não havia mais nada a fazer, a não ser sair do país rápido e para sempre. Porém, não sozinho. Partiria com a pessoa que mais admirava no mundo, que amava e que era a fonte de todas as suas fantasias.

A chefe, Felicity Willing.

Esse é Niall. Ele é brilhante. É meu projetista...

Ela o descrevera assim alguns anos antes. Seu rosto havia-se inundado de prazer ao ouvir aquelas palavras, e carregava-as na memória, assim como uma mecha de cabelo de um ente querido; guardava também a lembrança do primeiro trabalho juntos, quando ela trabalhava num banco de investimentos, no centro histórico de Londres, e o contratara para inspecionar certas instalações de trabalho que um cliente estava emprestando dinheiro para terminar. Dunne tinha reprovado o trabalho malfeito, fazendo com que Felicity e o cliente economizassem milhões. Ela o levara para jantar; ele bebeu muito vinho e começou a falar sobre como a moralidade não tinha lugar na guerra, nos negócios, nem em coisa *alguma*. A bela mulher havia concordado. Meu Deus, pensara ele, aí está alguém que não se importa que meus pés sejam tortos, que eu seja feito de peças trocadas, que não saiba contar piada ou fazer charme para salvar minha vida.

Felicity era sua companheira perfeita no que dizia respeito a desapego. A paixão por ganhar dinheiro era idêntica a sua pela criação de máquinas eficientes.

Haviam terminado o encontro em seu luxuoso apartamento, em Knightsbridge, fazendo amor. Fora, sem sombra de dúvida, a melhor noite de sua vida.

Começaram, então, a trabalhar juntos com mais frequência, passando para ocupações que eram, em suma, um pouco mais lucrativas, e muito menos lícitas, do que ficar com uma porcentagem de um empréstimo, ou crédito rotativo, de uma obra.

Os trabalhos foram ficando mais ousados, misteriosos e lucrativos, mas a outra coisa — entre os dois — tinha mudado... como ele havia o tempo todo imaginado que iria. Ela confessara, por

fim, que não pensava nele *daquele* jeito. A noite que haviam passado juntos, sim, fora maravilhosa, e ela tinha ficado seriamente tentada, mas estava preocupada que isso arruinasse a incrível união intelectual — não, *espiritual* — entre eles. Além disso, já sofrera uma grande mágoa antes. Era um pássaro com uma asa quebrada que não se tinha curado ainda. Poderiam permanecer apenas como parceiros e amigos, por favor? Você pode ser meu projetista...

A história soou um pouco falsa, mas ele preferira acreditar nela, como se faz quando a pessoa amada inventa uma fábula menos dolorosa do que a verdade.

Entretanto, começaram a ter um êxito extraordinário — um desfalque aqui, uma extorsão ali —, e Dunne esperava sua hora, porque acreditava que Felicity voltaria atrás. Fingiu que ele também não pensava mais em romance. Conseguiu manter a obsessão por ela enterrada, oculta e explosiva como um mina terrestre VS-50.

Porém, tudo havia mudado agora. Em breve, estariam juntos.

Niall Dunne acreditava sinceramente nisso.

Porque obteria seu amor salvando-a. Contra todas as previsões, ele a salvaria, levando-a para um lugar seguro em Madagascar, onde criara um enclave para os dois viverem com muito conforto.

Enquanto aproximava-se do hotel, Dunne ia lembrando-se de como James havia fisgado Hydt com o comentário sobre Isandlwana — o massacre zulu do século XIX. Agora, pensava na *segunda* batalha daquele dia de janeiro, a de Rorke's Drift. Lá, uma força de quatro mil zulus atacara um pequeno posto avançado e um hospital defendido por cerca de 130 soldados britânicos. Contra todas as expectativas, os britânicos defenderam o posto e o hospital com sucesso, sofrendo perdas mínimas.

Para Niall Dunne, o mais importante sobre a batalha foi o comandante das tropas britânicas, o tenente John Chard. Pertencia ao corpo dos Engenheiros Reais — era um sapador, como Dunne. Ele bolou um plano de defesa contra forças muito superiores e executou-o de forma brilhante. Acabou ganhando a Cruz da Vitória. Niall Dunne estava agora para receber sua medalha — o coração de Felicity Willing.

Movendo-se lentamente em meio à noite de outono, chegou, por fim, ao hotel, tendo o cuidado de colocar-se fora do ângulo de visão da parede de pedra e do espião britânico.

Considerou o plano. Sabia que o agente gordo estava morto ou agonizando. Lembrava-se do que tinha visto da sala de café da manhã ou jantar, pela mira do rifle, antes de o homem — de forma irritante — ter apagado as luzes. O único outro agente dentro do hotel parecia ser a policial sul-africana. Podia eliminá-la com facilidade — jogaria alguma coisa pela janela a fim de distraí-la e, depois, a mataria e retiraria Felicity dali.

Os dois correriam até a praia para serem resgatados por um helicóptero que os levaria para a liberdade em Madagascar.

Juntos...

Ele moveu-se em silêncio até uma das janelas do Sixth Apostle Inn. Olhando para o interior com cuidado, Dunne viu o agente britânico em quem havia atirado caído no chão. Os olhos estavam abertos, vidrados e sem vida.

Felicity encontrava-se sentada perto dali no chão, com as mãos algemadas para trás e respirando forte.

Dunne ficou abalado diante da visão de seu amor sendo tão maltratado. Sentiu mais revolta, e, dessa vez, ela não passaria.

Depois, ouviu a policial, na cozinha, fazer uma chamada pelo rádio e perguntar sobre o apoio:

— Quanto tempo mais vai demorar? — perguntou irritada.

Vai ter que esperar um pouco, refletiu ele. Seus parceiros tinham derrubado um caminhão grande e o incendiado. A Victoria Road estava completamente bloqueada.

Dunne fez a volta pelos fundos do hotel, entrou no estacionamento — coberto de vegetação, mato e lixo —, e se dirigiu para a porta da cozinha. De arma na mão, abriu-a sem nenhum ruído. Ouviu, pelo rádio, uma conversa sobre carros de bombeiro.

Bom, pensou ele. A policial estava concentrada na chamada do rádio. Iria pegá-la pelas costas.

Caminhou mais para dentro e entrou num corredor estreito que levava à cozinha propriamente. Poderia...

No entanto, o recinto encontrava-se vazio. Sobre o balcão, estava pousado o rádio, do qual saía uma voz que parecia falar ao acaso em meio à estática. Percebeu que se tratava apenas de transmissões rotineiras da central de emergência da polícia sobre incêndios, roubos, queixas de barulho excessivo.

O rádio estava ajustado para o modo de varredura, e não de comunicação.

Por que ela tinha feito aquilo?

Não podia ser uma armadilha para atraí-lo para dentro. James não tinha como saber que ele deixara seu ninho de atirador e agora estava ali. Dunne foi até a janela e levantou a cabeça na direção da face rochosa, onde podia ver o homem subindo vagarosamente.

Seu coração sobressaltou-se. Não... O vulto indistinto encontrava-se no mesmo lugar em que estivera dez minutos antes.

Deu-se conta, então, de que a forma vista antes na pedra poderia não ter sido o espião, mas, talvez, seu paletó pendurado numa pedra e tremulando ao vento.

Não, não...

Então, uma voz de homem disse com um sotaque britânico impecável:

— Largue a arma. Não se vire, senão vai morrer.

Os ombros de Dunne caíram. Permaneceu olhando pela janela para a montanha dos Doze Apóstolos. Depois, deu uma risada curta.

— A lógica me dizia que você iria subir até o ninho do atirador. Eu tinha certeza.

O espião retrucou:

— E a lógica me dizia que você iria blefar e vir até aqui.

Dunne olhou para trás. A policial encontrava-se de pé ao lado do espião. Os dois estavam armados. Podia ver os olhos frios do homem. A agente sul-africana demonstrava a mesma determinação. Pelo corredor, no saguão, também podia vislumbrar Felicity Willing, sua chefe, seu amor, tentando ver o que se passava na cozinha. Ela gritou:

— O que está acontecendo aí? Alguém me responda!

Meu projetista...

O agente britânico disse com rispidez:

— Não vou dizer outra vez. Daqui a cinco segundos vou atirar em seu braço.

Não havia nenhum projeto para aquilo. E, pela primeira vez, a lógica incontestável da engenharia e da ciência mecânica falhou para Niall Dunne. De repente, achou graça, pensando que aquela fora talvez a primeira decisão totalmente irracional que já havia tomado. Contudo, isso significava que não teria êxito?

A fé pura às vezes funcionava, haviam-lhe dito.

Ele fez um movimento rápido para o lado com suas longas pernas, agachou-se, deu um giro e mirou na policial, levantando a pistola.

Quebrando o silêncio, várias armas dispararam com sons similares, mas em tons diferentes, criando harmonias baixas e altas.

As ambulâncias e os carros de polícia estavam chegando. Um helicóptero da Recesso, a força especial, pairava sobre a embarcação que continha os mercenários que tinham vindo resgatar Dunne e Felicity. Refletores brilhantes apontavam para baixo, assim como os canos de dois canhões de 20 milímetros. Um disparo curto sobre a proa foi o bastante para obrigar os ocupantes a se renderem.

Um carro de polícia sem identificação freou em meio a uma nuvem de poeira bem em frente ao hotel. Kwalene Nkosi saltou e cumprimentou Bond com a cabeça. Outros agentes juntaram-se a eles. James reconheceu alguns da invasão às instalações da Green Way, naquele dia mais cedo.

Bheka Jordaan ajudava Felicity Willing a ficar de pé. Ela perguntou:

— Dunne está morto?

Estava. Bond e Jordaan haviam atirado ao mesmo tempo, antes que o cano de sua Beretta pudesse erguer-se até a posição certa. Ele morrera momentos depois; os olhos azuis foram tão indiferentes na morte quanto o tinham sido em vida, embora o último olhar fosse

em direção à sala onde estava Felicity, e não à dupla que havia atirado nele.

— Sim — disse Jordaan. — Lamento.

Falou aquilo com simpatia, tendo aparentemente imaginado uma ligação pessoal, além da profissional, entre os dois.

— *Você* lamenta — retrucou Felicity com cinismo. — De que ele me adianta morto?

Bond entendeu que ela estava sentida não com a perda de um parceiro, mas de um ativo financeiro.

Felicity Wilful...

— Escute aqui. Você não faz ideia de com quem está mexendo — murmurou ela para Jordaan. — Eu sou a Rainha da Assistência Alimentar. Aquela que salva os bebês famintos. Você pode perder sua insígnia agora se tentar me prender. E se *isso* não te impressiona, lembre-se de meus parceiros. Você custou, a algumas pessoas muito perigosas, milhões e milhões de dólares hoje. Minha oferta é a seguinte. Fecho meu negócio aqui e me mudo para outro lugar. Você fica a salvo. Garanto.

“Se não concordar, não vai viver até o final deste mês. Nem você nem a sua família. E não pense que vai me jogar numa prisão secreta em algum lugar. Se houver o menor sinal de que a polícia da África do Sul tratou de forma ilegal um suspeito, a imprensa e os tribunais vão crucificar você.”

— Você não vai ser presa — disse-lhe Bond.

— Ótimo.

— A história que todo mundo vai ouvir é que você está fugindo do país depois de desfalcar o caixa da IOAH em 5 milhões de dólares. Seus parceiros não vão se interessar em se vingar da capitã

Jordaan, nem de qualquer outra pessoa. Vão se interessar em encontrar você... e o dinheiro deles.

Na verdade, ela seria levada para uma área secreta para uma longa "discussão".

— Você não pode fazer isso! — gritou ela enfurecida; os olhos verdes chamejavam.

Nesse momento, uma van preta estacionou na porta. Dois homens uniformizados saltaram e caminharam até Bond. Ele reconheceu, em suas mangas, a divisa do Serviço Especial Marítimo britânico, que mostrava uma espada sobre um lema que sempre apreciara: "Pela Força e Astúcia."

Aquela era a equipe de captura que Bill Tanner havia conseguido.

Um deles saudou:

— Comandante.

O civil Bond balançou a cabeça, retribuindo o cumprimento.

— Esse é o pacote — disse ele, lançando um olhar para Felicity Willing.

— O quê? — gritou a leoa. — Não!

Ele disse aos soldados:

— Estou autorizando vocês a executarem uma ordem de projeto de Nível Dois do GDU datada de domingo passado.

— Sim, senhor. Temos os papéis. Vamos levá-la daqui.

E assim o fizeram, enquanto ela resistia até desaparecer dentro da van preta que partiu pelo acesso de cascalho.

Bond voltou-se para Bheka Jordaan, mas esta caminhava rapidamente para seu carro. Sem olhar para trás, entrou nele, ligou o motor, e partiu.

Ele foi, então, até Kwalene Nkosi e entregou a Beretta de Dunne.

— E tem um rifle lá em cima, primeiro-sargento. É melhor você pegá-lo — disse James, apontando para a área de onde Dunne estivera atirando.

— É verdade. Minha família e eu fazemos caminhadas lá, nos fins de semana. Conheço bem os Apóstolos. Pode deixar que eu pego.

Os olhos de Bond acompanhavam o carro de Jordaan, cuja luz das lanternas traseiras desapareciam.

— Ela foi embora muito rápido. Será que ficou chateada por causa da captura? Nossa embaixada entrou em contato com seu governo. Um juiz de Bloemfontein aprovou o plano.

— Não, não — disse o policial. — Esta noite a capitã Jordaan tem que levar a sua *ugogo* para a casa da irmã. Ela nunca se atrasa, não para a avó.

Nkosi observava Bond enquanto este acompanhava o carro de Jordaan com os olhos. Ele riu:

— Essa mulher é uma coisa, não é?

— E que coisa. Bem, boa noite, primeiro-sargento. Me procure se alguma vez for a Londres.

— Vou sim, comandante Bond. Afinal de contas, acho que não sou um ator muito bom. Mas amo o teatro. Talvez a gente possa ir até o West End e assistir a uma peça.

— Quem sabe.

Seguiu-se o aperto de mãos tradicional, com James segurando forte, mantendo o ritmo certo nos três estágios e, o mais importante, certificando-se de não soltar a mão muito rápido.

James Bond estava sentado do lado de fora do restaurante, num canto do terraço, no hotel Table Mountain.

Aquecedores a gás brilhavam no alto, deixando descer uma cascata de calor. O cheiro do propano era curiosamente convidativo no ar frio da noite.

Ele segurava um pesado copo de cristal que continha um bourbon Baker's com gelo. A bebida tinha o mesmo DNA do Basil Hayden's, mas era de teor alcoólico mais alto; balançou-a a fim de que o gelo diluísse o impacto, embora não tivesse certeza de que queria muita diluição, não depois daquela noite.

Por fim, tomou um gole grande e olhou para as mesas ao lado, todas ocupadas por casais. Mãos acariciavam-se, joelhos tocavam-se, enquanto segredos e promessas eram sussurrados com hálito de vinho. Véus de cabelos sedosos ondulavam quando as mulheres inclinavam a cabeça para ouvir as palavras ternas dos companheiros.

Bond pensou em Franschhoek e em Felicity Willing.

Qual teria sido a agenda de sábado? Teria ela planejado contar a Gene Theron, mercenário cruel, sobre sua carreira como

especuladora da fome e tentado recrutá-lo para que se juntasse a ela?

E, se fosse a mulher que *e/le* acreditara ser a princípio, a salvadora da África, teria ele lhe confessado que era espião do governo britânico?

As especulações, porém, irritavam James Bond — eram uma perda de tempo —, e ele sentiu-se aliviado quando o celular tocou.

— Bill.

— Vou te dar a posição geral, James — disse Tanner. — As tropas dos países em volta do leste do Sudão se retiraram. Cartum emitiu uma declaração dizendo que o Ocidente mais uma vez “interferiu no processo democrático de uma nação soberana, numa tentativa de disseminar o feudalismo na região”.

— Feudalismo? — perguntou Bond, rindo.

— Desconfio que o autor da nota queria dizer “imperialismo”, mas se enganou. Não sei por que Cartum não usa o Google para encontrar um assessor de imprensa decente como todo mundo.

— E os chineses? Ficaram sem petróleo com desconto.

— Não estão em posição de reclamar, já que foram responsáveis, em parte, pelo que teria sido uma guerra muito desagradável. Mas o governo regional da Aliança do Leste está nas nuvens. O governador deixou escapar para o primeiro-ministro que eles estão querendo se separar de Cartum e organizar eleições democráticas ano que vem. Querem também estabelecer laços econômicos duradouros conosco e com os Estados Unidos.

— E eles têm muito petróleo.

Tanner disse:

— Poços que jorram espontaneamente, James. Agora, quase toda a comida que Felicity Willing estava distribuindo está voltando

para a Cidade do Cabo. O Programa Alimentar Mundial vai supervisionar a distribuição. É uma boa organização. Vão mandar a comida para os lugares que precisam dela.

Depois, acrescentou:

— Lamento por Lamb.

— Ele ficou na linha de tiro para nos salvar. Devia receber uma condecoração póstuma por isso.

— Vou dar uma ligada para Vauxhall Cross e contar para eles. Agora, sinto muito, James, mas preciso de você aqui até segunda-feira. Tem alguma coisa acontecendo na Malásia. E tem ligação com Tóquio.

— Combinação estranha.

— É verdade.

— Estarei aí às 9 horas.

— Dez está bom. Você teve uma semana muito agitada.

Eles desligaram e Bond só teve tempo para outro gole de uísque antes de o telefone tocar de novo. Ele olhou para a tela.

No terceiro toque, apertou a tecla para atender.

— Philly.

— James, estava lendo os sinais. Meu Deus, você está bem?

— Sim. Um dia meio complicado, mas parece que resolvemos tudo.

— Você é o rei da modéstia. Então, o Geena e o Incidente Vinte eram coisas completamente diferentes? Eu jamais pensaria. Como você descobriu isso tudo?

— Por correlação e análise, é claro, tem que se pensar nas coisas em três dimensões — respondeu Bond, sério.

Houve uma pausa. Depois, Philly Maidenstone perguntou:

— Você está me enrolando, não é James?

— Imagino que sim.

Ela riu de leve.

— Bem, sei que você está exausto e que precisa de um pouco de descanso, mas encontrei outra peça do quebra-cabeça Cartucho de Aço. Se você estiver interessado...

Relaxe, disse para si mesmo.

No entanto, não conseguiu. Tinha seu pai sido um traidor ou não?

— Consegui descobrir a identidade do agente duplo da KGB dentro da 6, aquele que foi assassinado.

— Entendi — replicou ele, respirando bem devagar. — Quem era ele?

— Espere um segundo... Onde é que foi parar? Estava bem *aqui*. Agonia. Ele tentava permanecer calmo.

Depois, ela disse:

— Achei. O nome falso dele era Robert Witherspoon. Recrutado por um instrutor da KGB quando estava em Cambridge. Foi empurrado na frente de um trem de metrô em Picadilly Circus por um agente ativo da própria KGB em 1988.

Bond fechou os olhos. Andrew Bond não estudara em Cambridge. E ele e a esposa tinham morrido em 1990, numa montanha na França. Seu pai não fora um traidor. Nem espião.

Philly continuou:

— Descobri também que *outro* agente *freelance* do MI6 foi morto como parte da operação Cartucho de Aço, mas não era duplo. Considerado de primeira linha, aparentemente trabalhava na contrainteligência, rastreando duplos na 6 e na KGB.

Bond tentou diluir aquilo na cabeça, como fizera com o uísque no copo, e disse:

— Sabe alguma coisa sobre a morte dele?

— É ultraconfidencial. Mas sei que foi por volta de 1990, em algum lugar da França ou da Itália. Pareceu um acidente também, e um cartucho de aço foi deixado na cena como advertência para outros agentes.

Os lábios de Bond abriram-se num sorriso irônico. Então, o pai talvez tivesse sido espião, mas não traidor. Não de seu país, pelo menos. Contudo, refletiu ele, teria traído a família e o filho? Não era uma imprudência de Andrew levar o pequeno James junto quando ia encontrar-se com agentes inimigos que estava tentando enganar?

— Mas tem uma coisa, James. Você disse “a morte dele”.

— Sim, e daí?

— Ao agente da contrainteligência da 6, que foi morto nos anos 1990, você se referiu como “ele”. Um sinal nos arquivos sugere que esse agente era uma mulher.

Meu Deus, pensou Bond. Não... Sua mãe era uma espiã? Monique Delacroix Bond? Impossível. Todavia, ela trabalhava como fotojornalista *freelancer*, o que era usado com frequência como disfarce não oficial para agentes. E era, de longe, a mais aventureira dos dois; foi quem encorajou o marido a começar a praticar escalada e a esquiar. Bond também se lembrava de sua recusa delicada mas firme a deixar o pequeno James acompanhá-la nos trabalhos fotográficos.

Uma mãe, naturalmente, jamais poria o filho em perigo, quaisquer que fossem as recomendações da profissão.

Bond não conhecia os requisitos de recrutamento da época, mas o fato de ser suíça de nascimento não seria obstáculo para que trabalhasse como espiã *freelancer*.

Havia mais pesquisas a fazer, isso era claro, para confirmar a suspeita. E, se fosse verdade, descobriria quem havia ordenado a morte e quem a executara. Contudo, aquilo era algo que ele devia fazer sozinho. James disse:

— Obrigado, Philly. Acho que isso é tudo o que preciso. Você foi perfeita. Merece uma Ordem do Império Britânico.

— Um vale de compras na Selfridge já está bom... Usaria enquanto eles fazem a semana de Bollywood na praça de alimentação.

Ah, outro exemplo de seus interesses semelhantes.

— Nesse caso, melhor ainda, vou levar você a um restaurante indiano que conheço em Brick Lane. É o melhor de Londres. Eles ainda não estão totalmente regularizados, mas podemos comprar uma garrafa de um daqueles Bordeaux que você falou. Sem ser esse sábado, o próximo, que tal?

Ela fez uma pausa para consultar a agenda, imaginou Bond.

— Está bem, James. Vai ser ótimo.

Tentou visualizá-la: a abundante cabeleira ruiva, os faiscantes olhos verdes-dourados, o ruído que fazia ao cruzar as pernas.

Depois, ela acrescentou:

— Mas você tem que levar uma namorada.

O copo de uísque parou a meio caminho de seus lábios.

— Claro — disse Bond, automaticamente.

— Você e ela, Tim e eu. Vai ser muito divertido.

— Tim. Seu noivo.

— Você deve ter ficado sabendo que passamos por uma fase ruim. Mas ele recusou a chance de um bom emprego no exterior para ficar em Londres.

— Bom rapaz. Caiu em si.

— Não é culpa dele ter considerado a proposta. Eu não sou fácil de conviver. Mas decidimos ver se funciona. Temos uma história juntos. Ah, vamos nos encontrar no sábado. Você e Tim podem conversar sobre carros e motos. Ele conhece muito o assunto. Até mais do que eu.

Ela falava rápido — rápido demais. Ophelia Maidenstone era safa, além de ser inteligente, e tinha plena consciência do que havia acontecido no restaurante segunda-feira passada. Sentira a ligação profunda que existia entre eles e ainda estaria pensando que alguma coisa poderia ter começado... se o passado não tivesse se intrometido.

O passado, refletiu Bond com ironia: a paixão de Severan Hydt. E sua nênese.

Ele disse com sinceridade:

— Fico muito feliz por você, Philly.

— Obrigada, James — replicou ela com uma ponta de emoção na voz.

— Mas escute, não quero ver você passando a vida empurrando carrinhos de bebê por Clapham. Você é a melhor oficial de ligação que já tivemos, e faço questão de usar você em todas as missões que puder.

— Vou estar lá para te ajudar, James. Quando e onde você precisar de mim.

Naquelas circunstâncias, não foi a melhor escolha de palavras, refletiu ele sorrindo para si.

— Tenho que ir, Philly. Ligo para você semana que vem para fazermos a autópsia do Incidente Vinte.

Eles desligaram.

Bond pediu mais um drinque. Quando chegou, bebeu a metade enquanto olhava para a enseada, embora não estivesse vendo muito de sua beleza espetacular. E sua distração nada tinha a ver — ou pouco — com o noivado reatado de Ophelia Maidenstone.

Não, seus pensamentos estavam ocupados com um tema mais básico.

Sua mãe, uma espiã...

De repente, uma voz interrompeu suas reflexões confusas.

— Me atrasei, desculpe.

James Bond virou-se e viu Bheka Jordaan sentada em frente a ele.

— Ugogo está bem?

— Ah, sim, mas ela nos fez assistir, na casa da minha irmã, a uma reprise de *'Sgudi 'Snasy*.

Bond levantou uma sobrancelha.

— Uma série cômica falada em zulu feita alguns anos atrás.

Estava quente sob o aquecedor do terraço, e Jordaan tirou o casaco azul-marinho. A blusa vermelha era de manga curta, e ele podia ver que ela não tinha colocado maquiagem no braço. A cicatriz infligida por seus ex-colegas de trabalho chamava muita atenção. Ele se perguntou por que ela não estava ocultando-a àquela noite.

Jordaan olhou-o cuidadosamente.

— Fiquei surpresa de você ter aceitado meu convite para jantar. Por falar nisso, eu pago.

— Não é preciso.

Franzindo o cenho, ela disse:

— Não quis dizer que fosse.

Bond disse:

— Muito obrigado, então.

— Não tinha certeza se devia convidar você. Fiquei em dúvida por um tempo. Mas não sou uma pessoa que fica em dúvida por muito tempo. Em geral, tomo decisões rápido.

Ela ficou em silêncio e olhou para outro lado.

— Lamento que sua temporada na região dos vinhos não tenha acontecido.

— Bem, levando tudo em consideração, prefiro estar aqui com você do que em Franschhoek.

— Também acho. Sou uma mulher difícil, mas não uma assassina em massa — acrescentou ela sombriamente. — Mas não flerte comigo... Ah, não vá negar! Me lembro muito bem da sua olhada no aeroporto no que dia em que chegou.

— Flerto muito menos do que você pensa. Os psicólogos têm um termo para isso. Projeção. Você projeta seus sentimentos em mim.

— Mas esse comentário já é um flerte!

Bond riu e fez um gesto chamando o *sommelier*, que exibiu uma garrafa de espumante sul-africano, já pedida por ele, para ser trazida quando sua acompanhante chegasse. O homem a abriu.

James experimentou e aprovou com a cabeça. Depois, disse a Bheka Jordaan:

— Você vai gostar. É um Graham Beck Cuvée Clive. Chardonnay e Pinot Noir. Safra de 2003. É de Robertson, no Cabo Ocidental.

Jordaan deu um de seus raros sorrisos.

— E eu tentando ensinar a você coisas sobre a África do Sul, quando parece que já sabe um bocado.

— Esse vinho é tão bom quanto qualquer um de Reims.

— Onde fica isso?

— Na França. É onde o champanhe é feito. Fica a leste de Paris. É um belo lugar. Você gostaria dele.

— Aposto que deve ser lindo, mas, aparentemente, não há razão para ir lá, já que nosso vinho é tão bom quanto.

A lógica era perfeita. Eles brindaram, tocando as taças.

— *Khotso* — disse ela. — Paz.

— *Khotso*.

Eles beberam e ficaram em silêncio por alguns momentos. Ele se sentia surpreendentemente confortável na companhia daquela “mulher difícil”.

Ela pousou a taça.

— Posso fazer uma pergunta?

— Por favor — respondeu Bond.

— Quando Gregory Lamb e eu estávamos no trailer, no Sixth Apostle, gravando sua conversa com Felicity Willing, você disse a ela ter esperado que as coisas dessem certo entre vocês. É verdade?

— Sim.

— Então, lamento. Também não tenho sorte com relacionamentos. Sei como é quando o coração se volta contra nós. Mas somos criaturas resistentes.

— É verdade. Contra tudo e contra todos.

Seus olhos desviaram-se e ela ficou a contemplar a enseada por um tempo.

Bond disse:

— Sabia que foi a minha bala que o matou? Estou falando de Niall Dunne.

Surpresa, ela começou:

— Como você soube que foi...? — Sua voz sumiu.

— ... a primeira vez que você atirou em alguém?

— Sim. Mas como tem certeza de que foi sua bala que o matou?

— Decidi, naquela distância, fazer da cabeça dele o meu vetor de mira. Dunne tinha um ferimento na testa e outro no tronco. A bala da testa foi a minha, fatal. O ferimento de baixo foi o seu, superficial.

— Tem certeza de que o tiro na cabeça foi o seu?

— Tenho.

— Por quê?

— Naquele cenário de tiro, eu não teria errado — disse Bond com simplicidade.

Jordaan ficou em silêncio por um momento. Depois disse:

— Acho que vou ter que acreditar em você. Uma pessoa que usa as expressões “vetor de mira” e “cenário de tiro” deve saber onde suas balas vão parar.

Antes, pensou Bond, ela diria isso com escárnio — uma referência a sua natureza violenta e indiferença descarada pela aplicação da lei —, mas, agora, estava apenas fazendo uma observação.

Eles recostaram-se em suas cadeiras e ficaram conversando durante um tempo sobre a família dela e a sua vida em Londres, as viagens.

A noite envolvia a cidade naquele momento. A noite de outono era agradável, do tipo que agracia aquela parte do hemisfério sul, e a vista era pontuada por luzes fixas, em terra, e flutuantes, nos navios. As estrelas também brilhavam, exceto no vazio negro próximo a eles, no qual a rainha e a princesa das formações montanhosas da Cidade do Cabo bloqueavam o céu: a montanha da Mesa e a Cabeça do Leão.

O melancólico som de uma buzina de navio chegou até eles vindo da enseada.

Bond perguntou-se se sua origem seria de algum daqueles navios que trazia comida.

Ou, talvez, fosse de um barco de passeio trazendo pessoas de volta da prisão-museu, na ilha Robben, localizada ali perto, onde pessoas como Nelson Mandela, Kgalema Motlanthe e Jacob Zuma — que se tornaram todos presidentes da África do Sul — tinham ficado presas por tantos anos difíceis durante o período do apartheid.

Ou, talvez, a buzina fosse de um transatlântico preparando-se para partir para outras escalas, chamando passageiros cansados, carregando sacolas com carne-seca embrulhada em filme de plástico, vinho tinto e panos de prato em preto, verde e amarelo, as cores do Congresso Nacional Africano, juntamente com suas impressões de turistas naquele país complicado.

Bond chamou o garçom, que trouxe cardápios. Quando a policial pegou um deles, seu braço com a cicatriz tocou rapidamente no cotovelo dele. E os dois sorriram, de forma já nem tão breve.

Ainda assim, apesar de estarem se reconciliando naquele momento, James sabia que, quando o jantar acabasse, ele a colocaria num táxi até Bo-Kaap, retornaria a seu quarto e faria as malas para o voo da manhã seguinte, com destino a Londres.

Sabia disso, como diria Kwalene Nkosi, com certeza.

A ideia de uma mulher em perfeita sintonia com ele, com quem pudesse compartilhar todos os segredos — sua vida —, havia seduzido James Bond, e mostrara-se uma ideia reconfortante e encorajadora no passado. No entanto, percebia agora que essa mulher, na verdade *qualquer* mulher, só poderia ter um pequeno papel na realidade peculiar em que vivia. Afinal de contas, era um homem constantemente em movimento, ia de um lugar para o outro, e sua sobrevivência e paz de espírito requeriam que esse

trânsito fosse de uma rapidez implacável, para que pudesse alcançar a presa e ultrapassar o perseguidor.

E, se lembrava bem do poema que Philly Maidenstone havia com tanta elegância citado, viaja mais rápido quem viaja sempre sozinho.

GLOSSÁRIO

5: Referência informal ao MI5, o Serviço de Segurança (ver abaixo).

AIVD: Algemene Inlichtingen- en Veiligheidsdienst. O serviço de segurança holandês, voltado para coleta de informações e combate a ameaças internas não militares.

BIA: Bezbednosno-informativna Agencija. A agência sérvia de inteligência exterior e segurança interna.

CCID: Crime Combating and Investigation Division of the South African Police Service (Divisão de Combate ao Crime e Investigação do Serviço Sul-Africano de Polícia) (ver abaixo): Principal unidade investigativa. É basicamente especializada em crimes sérios, como assassinato, estupro e terrorismo.

CIA: Central Intelligence Agency (Agência Central de Inteligência). Principal organização de coleta de informações e espionagem externa dos Estados Unidos. Ian Fleming teria, supostamente, desempenhado um papel na criação da CIA. Durante a Segunda Guerra Mundial, escreveu um extenso memorando sobre o estabelecimento e a direção de uma organização de espionagem para o general William "Wild Bill" Donovan, chefe do Departamento de Serviços Estratégicos dos Estados Unidos. Donovan foi fundamental para o estabelecimento da sucessora desse departamento, a CIA.

COBRA: Cabinet Office Briefing Room A (Sala de Conferências A do Gabinete de Governo). O comitê de resposta a crises de nível máximo no Reino Unido, geralmente chefiado pelo primeiro-ministro, ou por outro funcionário de alto nível do governo. É composto por indivíduos cuja ocupação diz respeito a alguma ameaça em particular que paire sobre a nação. Embora o nome habitualmente inclua, na mídia, pelo menos, uma menção à Sala de Conferências A, no prédio principal do gabinete de governo, em Whitehall, o comitê pode reunir-se em qualquer outro espaço.

DI: Defence Intelligence (Inteligência de Defesa). O departamento de inteligência militar britânico.

Divisão 3: Órgão de segurança ficcional do governo britânico baseado em Thames House. Vagamente associado ao Serviço de Segurança (ver abaixo), a Divisão 3 dedica-se a missões táticas e operacionais dentro das fronteiras do Reino Unido para investigar e neutralizar ameaças.

FBI: Federal Bureau of Investigation (Departamento Federal de Investigação). Principal agência de segurança doméstica dos Estados Unidos, é responsável por investigar atividades criminosas dentro das fronteiras, e ameaças ao país e a seus cidadãos no exterior.

FO ou FCO: Foreign and Commonwealth Office (Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Commonwealth). Principal agência diplomática e de política exterior do Reino Unido, é chefiada pelo ministro dos Negócios Estrangeiros, membro graduado do gabinete.

FSB: Federal'naya Sluzhba Bezopasnosti Rossiyskoy Federatsii. A agência russa de segurança doméstica. Semelhante ao FBI (ver acima) e ao Serviço de Segurança (ver abaixo). Sua função era anteriormente desempenhada pela KGB (ver abaixo).

GCHQ: Government Communications Headquarters (Quartel-General de Comunicações do Governo). A agência governamental, no Reino Unido, que recolhe e analisa sinais de informações vindos do estrangeiro. Semelhante à NSA (ver abaixo) americana. É chamada também de Rosca por causa da forma do prédio principal, localizado em Cheltenham.

GRU: Glavnoye Razvedyvatel'noye Upravleniye. A organização de inteligência militar russa.

KGB: Komitet Gosudarstvennoy Bezopasnosti. A organização soviética de inteligência estrangeira e segurança doméstica até 1991, quando foi substituída pela SVR (ver abaixo), para a inteligência estrangeira, e pela FSB (ver acima), para a inteligência e a segurança internas.

MI5: O Serviço de Segurança (ver abaixo).

MI6: O Serviço Secreto de Inteligência (ver abaixo).

MoD: Ministério da Defesa. A organização, dentro do Reino Unido, que supervisiona as Forças Armadas.

NIA: Agência Nacional de Inteligência. A agência de segurança doméstica da África do Sul, como o MI5 (ver acima) ou o FBI (ver acima).

NSA: Agência Nacional de Segurança. A agência do governo, nos Estados Unidos, que recolhe e analisa sinais vindos do estrangeiro, e informações correlatas, a partir de telefones celulares, computadores e similares. É a versão americana do GCHQ do Reino Unido (ver acima), com o qual divide instalações na Inglaterra e nos Estados Unidos.

ODG: Overseas Development Group (Grupo de Desenvolvimento Ultramarino). Unidade operacional secreta da segurança britânica que opera em grande parte de forma independente, mas sob controle, em última instância, do FCO (ver acima) do Reino Unido. Seu propósito é identificar e eliminar ameaças ao país por meios extraordinários. A ODG ficcional opera em um prédio de escritórios próximo a Regent's Park, em

Londres. James Bond é um agente da Divisão 00 da Seção O (Operações) do ODG. Seu diretor-geral é conhecido como M.

SAPS: South African Police Service (Serviço Sul-Africano de Polícia). Principal organização policial doméstica da África do Sul. Suas funções vão do patrulhamento urbano a crimes sérios.

SAS: Special Air Service (Serviço Aéreo Especial). A unidade de forças especiais do Exército britânico formada durante a Segunda Guerra Mundial.

SBS: Special Boat Service (Serviço Marítimo Especial). A unidade de forças especiais da Marinha Real formada durante a Segunda Guerra Mundial.

Serviço de Polícia Metropolitana: Força policial que tem jurisdição sobre a Grande Londres (excluindo o centro histórico, que tem sua própria polícia). Chamada informalmente de Met, Scotland Yard ou Yard.

Serviço de Segurança: A agência de segurança doméstica do Reino Unido, responsável por investigar ameaças vindas do estrangeiro e atividades criminosas dentro das fronteiras. Corresponde ao FBI (ver acima) nos Estados Unidos, embora seja basicamente uma organização de vigilância e investigação — ao contrário do FBI, não tem autoridade para fazer prisões. É conhecida informalmente como MI5 ou 5.

SIS: Serviço Secreto de Inteligência. A agência de coleta de informações e espionagem estrangeiras do Reino Unido. Corresponde à CIA dos Estados Unidos. É conhecida informalmente como MI6 ou 6.

SOCA: Agência do Crime Organizado Grave. Organização de cumprimento da lei dentro do Reino Unido responsável por investigar atividades criminosas graves dentro das fronteiras.

Spetznaz: Voyska Spetsialnogo Naznacheniya. Nome geral das forças especiais na comunidade militar e de inteligência russa. É conhecida informalmente como Spetznaz.

SVR: Sluzhba Vneshney Razvedk. A agência russa de coleta de informação e espionagem. Anteriormente, a KGB (ver acima) desempenhava essa função.

AGRADECIMENTOS

Todos os romances são, até certo ponto, esforços colaborativos, e esse, mais do que a maioria. Quero expressar meu profundo reconhecimento pelas pessoas a seguir, por terem tão incansavelmente ajudado a assegurar que esse projeto decolasse e se transformasse neste livro: Sophie Baker, Francesca Best, Felicity Blunt, Jessica Craig, Sarah Fairbairn, Cathy Gleason, Jonathan Karp, Sarah Knight, Victoria Marini, Carolyn Mays, Zoe Pagnamenta, Betsy Robbins, Deborah Schneider, Simon Trewin, Corinne Turner e meus amigos na família Fleming. Agradecimentos especiais à revisora das revisoras, Hazel Orme, e também a Vivienne Schuster, cujo inspirado título agracia o romance.

Por fim, obrigado aos agentes do meu próprio Grupo de Desenvolvimento Ultramarino: Will e Tina Anderson, Jane Davis, Julie Deaver, Jenna Dolan e, naturalmente, Madelyn Warcholik.

E para os leitores achando que o hotel Montanha da Mesa, na Cidade do Cabo, que menciono no livro, soa familiar, é porque sua inspiração é o Cape Grace, hotel também muito agradável, mas não povoado — pelo que eu saiba — por espões.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub pela Distribuidora Record de Serviços de
Imprensa S. A.

Carte Blanche

Sobre o livro

- http://www.record.com.br/livro_sinopse.asp?id_livro=26204

Sobre o autor

- http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=2185

Livros do autor

- http://www.record.com.br/autor_livros.asp?id_autor=2185

Página do livro no Skoob

- <http://www.skoob.com.br/livro/246046-carte-blanche>

Site do autor (em inglês)

- <http://jefferydeaver.com/>

Site do criador do Agente 007, Ian Fleming (em inglês)

- <http://www.ianfleming.com/>

Página do autor na Wikipédia

- http://pt.wikipedia.org/wiki/Jeffrey_Deaver

Twitter do autor

- <http://twitter.com/JefferyDeaver>

Página do autor no Facebook

- <https://www.facebook.com/JefferyDeaver>

Entrevista com o autor

- <http://www.youtube.com/watch?v=8Jyqmc1Ctu4&feature=plcp>

Sumário

[Capa](#)

[Rosto](#)

[Créditos](#)

[Dedicatória](#)

[Nota do autor](#)

[Epígrafe](#)

[Domingo | O DANÚBIO VERMELHO](#)

[1](#)

[2](#)

[3](#)

[4](#)

[5](#)

[Segunda-feira | O COMPRADOR DE SUCATA](#)

[6](#)

[7](#)

[8](#)

[9](#)

[10](#)

[11](#)

[12](#)

[13](#)

[14](#)

[15](#)

[16](#)

[17](#)

[18](#)

[Terça-feira | MORTE NAS AREIAS](#)

[19](#)

[20](#)

[21](#)

[22](#)

23

24

25

26

27

28

29

30

31

Quarta-feira | OS CAMPOS DA MORTE

32

33

34

35

36

37

38

39

40

41

42

43

Quinta-Feira | O CORREDOR DO DESAPARECIMENTO

44

45

46

47

48

49

50

51

52

Sexta-Feira | GEENA

53

54

55

[56](#)

[57](#)

[58](#)

[59](#)

[60](#)

[61](#)

[62](#)

[63](#)

[64](#)

[65](#)

[66](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[Glossário](#)

[Agradecimentos](#)

[Colofão](#)

[Saiba mais](#)